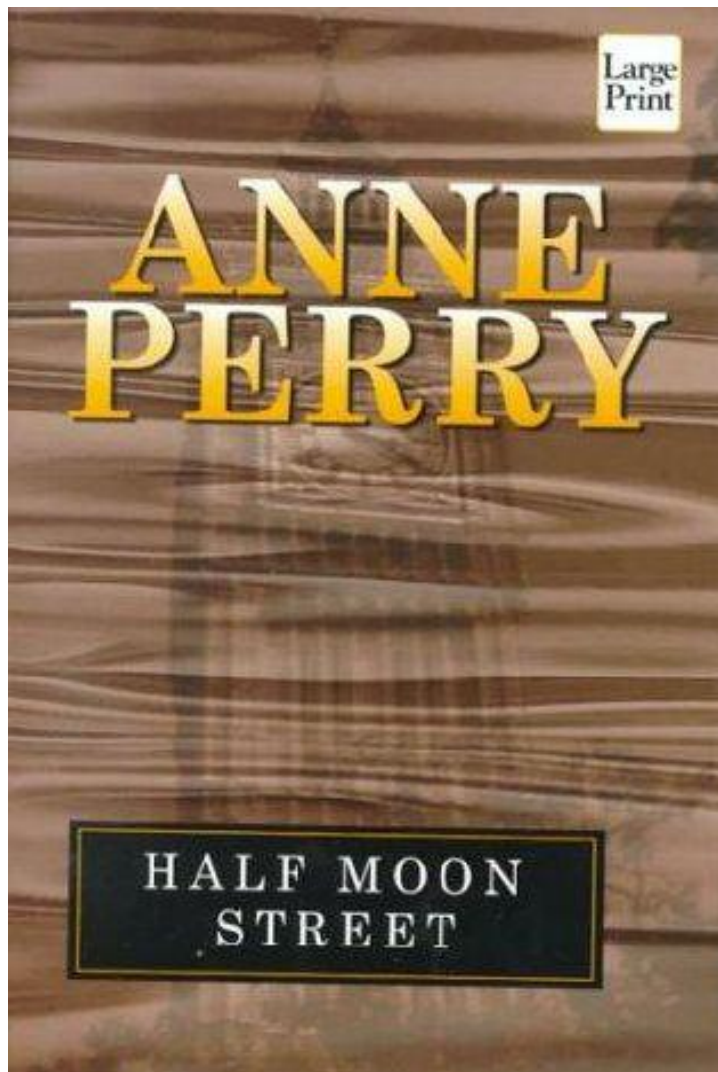




Projeto Revisoras Traduções PRT



Anne Perry
Série Thomas Pitt, Livro 20
Os Escândalos de Half Moon Street

Informações

Autor (a): Anne Perry

Título da Série: Thomas Pitt

Título da Série Traduzido: Thomas Pitt

Livro, Título Traduzido: Livro 20, Os Escândalos de Half Moon Street

Título Original: Half Moon Street

Ano: 1998

Sinopse

O aparecimento de um barco no Tâmesa numa enevoadada madrugada intriga Pitt e a polícia. Um homem com um vestido de veludo está acorrentado num barco. Pitt e seu assistente, Telleman, na busca pela identidade do morto, acabam confrontando a vida boemia e teatral de Londres. Nesta última, uma bela e audaz atriz escandaliza a sociedade com uma peça onde interpreta os anseios de liberdade de uma mulher moderna.

Os progressos e a paixão pela fotografia são temas abordados.

Dedicatória

Para a Carol Ann Lê, em agradecimento.

Sobre a Autora

Anne Perry nasceu no Blackheath, Inglaterra, em 1938. Sua escolarização foi interrompida em várias ocasiões pelas frequentes mudanças de domicílio e sucessivas enfermidades, que a ajudaram a dedicar-se à leitura apaixonadamente. Seu pai trabalhou como astrônomo, matemático e físico nuclear. Ele foi quem a animou a dedicar-se à escrita. Demorou vinte anos para publicar seu primeiro livro.

Durante todo este tempo teve diferentes trabalhos para poder viver e dedicar-se ao que realmente era sua paixão: escrever. Sua primeira novela sobre a série do inspetor Pitt, editada em 1979, foi Crimes de Cater Street, publicada também nesta coleção. Anne Perry se consagrou como consumada especialista na recreação dos claros—escuros, contraste e ambigüidades da sociedade vitoriana. Sua série de novelas protagonizadas pelo inspetor Pitt e sua perspicaz esposa Charlotte é seguida por milhões de leitores em todo mundo.

Créditos

Disponibilização: PRT

Revisão Inicial: Edith Suli

Revisão Final: PDL

Formatação: PDL

Logo / Arte: Projeto Revisoras Traduções e PDL

Capítulo 1

As grinaldas de névoa começavam a elevar-se pouco a pouco da superfície cinza do rio e brilhavam sob os primeiros raios de sol. O arco da ponte Lambeth se curvava sobre o rio, uma silhueta escura recortada contra um céu cor pérola. As barcas que seguiam a corrente para o porto de Londres e os moles, eram invisíveis por culpa da névoa de setembro.

O superintendente Thomas Pitt permanecia imóvel no rebordo molhado do Horseferry Stairs, e olhava o barco que se balançava com suavidade contra o último degrau. Estava amarrado, mas uma hora e meia antes, quando o agente tinha chegado, não o estava. A embarcação em si não interessava ao chefe da delegacia de polícia do Bow Street, a não ser o que jazia nela, uma figura grotesca, como uma tenebrosa paródia do quadro da Ofelia pintado por Millais.

O agente desviou a vista e olhou para Pitt.

— Pensei que devíamos informá-lo, senhor.

Pitt contemplou o cadáver deitado no barco, com os pulsos cruzados e presos com correntes à amurada de madeira, os tornozelos separados, também imobilizados com grilhões. O largo objeto verde parecia um vestido, mas tão rasgado e destroçado que era impossível imaginar sua forma original. Os joelhos estavam separados, a cabeça para trás, imitando o êxtase sexual. Era uma postura feminina, mas o corpo pertencia sem dúvida a um homem. Tinha mais de trinta anos, cabelo loiro, feições nobres e um bigode bem recortado.

— Não sei por que. – apressou-se a responder Pitt, enquanto a água lambia os degraus inferiores, talvez por causa do fluxo produzido por um navio que atravessava as espirais de névoa. – Esta zona não é jurisdição do Bow Street.

O agente se mexeu, inquieto.

— O escândalo, senhor Pitt. Poderia ser muito desagradável, senhor. É melhor que você intervenha desde o começo.

Pitt, cuidando para não escorregar na pedra úmida, continuou descendo. O som melancólico de uma sereia se propagou pela água, e ouviu o grito de advertência de um homem das invisíveis barcas de carga. A resposta se perdeu entre o espesso vapor. Olhou de novo ao homem estendido no barco. Daquele ângulo era impossível saber como

tinha morrido. Não se via ferida aparente, nem arma, e se tinha morrido de um ataque de coração ou uma apoplexia, alguém tinha se encarregado de colocar o cadáver daquela maneira tão grotesca. Hoje, uma família ia sofrer um pesadelo. Talvez a vida não voltasse a ser igual para eles.

— Suponho que enviou alguém para procurar o médico –disse Pitt.

— Sim, senhor. Chegará em alguns momentos, diria eu. –Engoliu a saliva e moveu os pés. – Senhor Pitt... Senhor.

— Sim?

Pitt continuava contemplando barco, que roçava os degraus com sua proa de madeira e se balançava mais, devido à passagem de outra embarcação.

— Não só lhe chamei pela forma em que o encontrei.

Pitt captou algo em sua voz e virou-se para olhá-lo.

— Não?

— Não, senhor. Acredito que sei quem é, e a situação vai se complicar.

Pitt sentiu que o frio do rio lhe impregnava os ossos.

— Ah. Quem acredita que seja, agente?

— Sinto muito, senhor. Acredito que poderia ser um tal monsieur Bonnard, cujo desaparecimento foi denunciado anteontem. Os franceses colocarão o grito no céu se for ele.

— Os franceses? –repetiu Pitt.

— Sim, senhor. Desapareceu de sua embaixada.

— E acredita que é ele?

— Isso parece senhor. Magro, loiro, atraente, bigodinho, um metro setenta e cinco de estatura, um cavalheiro. Excêntrico. Gostava dos ambientes teatrais e boêmios. –Sua voz denotou incompreensão e desagrado. –Mistura-se com os estetas, tal como se fazem chamar...

O ruído de cascos de cavalos e o matraquear de rodas na rua economizaram ao Pitt comentários posteriores. Um momento depois, a figura familiar do médico da polícia, com a cartola um pouco inclinada, desceu pelos degraus, maleta em riste. Olhou o cadáver e arqueou as sobrancelhas.

— Um novo escândalo, Pitt? –perguntou com secura. – Não invejo seu trabalho. Sabe quem é? –Suspirou quando chegou ao último degrau, à só trinta centímetros por cima da água. –Vá, vá. Achava que sabia quase tudo a respeito da natureza humana, mas juro que me desconcerta o que fazem alguns homens para divertir-se.

Passou ao barco com cuidado para não perder o equilíbrio. A embarcação balançou e lhe impulsionou para diante, mas o homem tinha tomado devidas precauções. Ajoelhou-se e começou a examinar o morto.

Pitt estava tremendo, apesar de não fazer muito frio, a não ser umidade. Tinha enviado alguém para procurar seu ajudante, o sargento Tellman, mas ainda não tinha chegado. Voltou à vista para o agente.

— Quem o achou e a que horas?

— Eu mesmo o encontrei, senhor. É meu turno de ronda. Foi por volta das cinco e meia, senhor. É muito provável que estivesse aí a bastante tempo, mas com a escuridão ninguém o percebeu.

— Mas você viu-o, não é verdade? Apesar de estar escuro.

— Mas ouvi o ruído do barco ao golpear os degraus, e desci para ver o que era. Acendi a lanterna, e quase me dá um ataque. Não compreendo aos nobres, asseguro.

— Acredita que é um nobre?

A situação não deixava de divertir a Pitt, apesar de tudo.

O agente enrugou o sobrecenho.

— De onde tiraria um operário essa vestimenta? É de veludo. E observe suas mãos. Não trabalhou com elas nem um só dia de sua vida.

Pitt pensou que as deduções do agente estavam cheias de preconceitos, mas devia ter razão, e era uma boa observação. Disse isso.

— Obrigado, senhor. – respondeu o agente, satisfeito. Aspirava a ser detetive algum dia.

— Será melhor que vá à embaixada francesa e traga alguém que possa identificá-lo – continuou Pitt.

— Quem? Eu, senhor? – O agente ficou estupefato.

Pitt sorriu.

— Sim. Ao fim e ao cabo, você percebeu a semelhança. Mas espere que o médico nos diga algo.

Seguiram uns momentos de silêncio; o barco balançou um pouco e arranhou a pedra.

— Foi golpeado na cabeça com algo muito duro e arredondado, como uma clava ou um pau de macarrão – anunciou o médico. – E duvido que se trate de um acidente. Não morreu amarrado assim, certamente. – Meneou a cabeça. – Sabe Deus se ele vestiu esta roupa ou se alguém o fez por ele. Está bastante destroçada para sugerir uma luta. É muito difícil vestir um cadáver.

Pitt já esperava, mas se sentiu impressionado. Em parte, confiava que fosse um acidente, estúpido e desagradável, mas não um crime. Também desejava com todas as forças que a vítima não fosse o diplomata francês desaparecido.

— Será melhor que lhe dê uma olhada – disse o médico.

Pitt subiu com estupidez ao barco, e à luz do amanhecer, se agachou para examinar o morto com atenção.

Dava a impressão de ter uns trinta e cinco anos, bonito e bem alimentado. Era um pouco fofo, com mais gordura que músculo nas extremidades. Suas mãos eram elegantes e finas. Levava um anel de selo de ouro na mão esquerda. Não percebeu calos nem manchas de tinta, mas havia uma magra cicatriz no indicador da mão esquerda, como se uma faca ou uma folha afiada tivesse escorregado em sua mão. A morte lhe tinha despojado de toda expressão, por isso era difícil julgar seu caráter. O cabelo era espesso e bem cortado. De forma inconsciente, Pitt jogou o cabelo para trás. Sua mão devia medir sete centímetros a mais que a do homem estendido de costas no barco.

Pitt levantou a vista.

— Tenha tato, agente. Limite-se a dizer que encontramos um cadáver, e que agradeceríamos sua ajuda para identificá-lo. É urgente.

— Digo-lhes que foi um assassinato, senhor?

— Não, a menos que se veja obrigado, mas não minta. E pelo amor de Deus, não dê detalhes. Não conseguirá que venha o embaixador, mas procure que se trate de um agregado, não de um funcionário qualquer. Terá que dirigir a situação com diplomacia.

— Sim, senhor. Não acredita que devido ao... vestido e todo isso, deveria ir o sargento Tellman? – perguntou o policial, esperançoso.

Pitt conhecia muito bem a Tellman.

— Não – respondeu.

— Tellman já está aqui, senhor...

— Estupendo. Diga-lhe que desça. Tome um cabriolet¹ para ir à embaixada francesa. Agarre-o! – Lançou-lhe um xelim para que pagasse a viagem.

O agente apanhou-o e lhe agradeceu. Vadiou um momento mais, com a vã esperança de que Pitt trocasse de opinião, e depois partiu a contra gosto.

A névoa continuava levantando-se. Em alguns pontos a água arrojava brilhos prateados, e as formas escuras das barcas já não eram imprecisas, mas definidas,

¹ Cabriolet: termo utilizado para designar um modelo de carruagem que não possui portas.

carregadas com mercadorias com diversos destinos. Rio acima, em Chelsea, as criadas estariam dispondo as mesas para o café da manhã, mordomos e empregadas de cozinha levariam baldes de água para o banho e tirariam as roupas previstas para aquele dia. Rio abaixo, até a ilha dos Cães, estivadores e barqueiros estariam recolhendo, carregando e guiando. Os primeiros mercados do Bishopgate estariam abertos há horas.

Tellman desceu os degraus, com sua longa e magra queixada apertada, o cabelo penteado para trás, o desagrado impresso já em seu rosto.

Pitt se voltou para o cadáver e examinou com mais vagar as roupas que o homem trazia. O vestido verde estava rasgado em diversos lugares. Era impossível dizer se os rasgões eram recentes ou não. O veludo sedoso da blusa estava rasgado dos ombros e seguindo as costuras das mangas. A parte dianteira da frágil saia estava rasgada. Havia várias grinaldas de flores artificiais disseminadas ao redor do cadáver. Uma delas estava colocada sobre seu peito, torcida.

Pitt olhou a algema do pulso direito e a moveu um pouco. Não viu arranhões, nem hematomas na pele. Examinou o outro pulso e depois os tornozelos. Não distinguiu a menor marca.

— Mataram-no antes? – perguntou.

— Ou isso, ou os pôs por vontade própria – respondeu o médico. – Se quiser saber minha opinião, não sei. Eu diria que depois da morte.

— E a roupa?

— Nem ideia. Mas se a pôs, tratou-a com muito pouca consideração.

— A quantas horas acredita que está morto? – Pitt tinha escassas esperanças de obter uma resposta concreta. Portanto, não se sentiu decepcionado.

— Nem ideia, além do que você mesmo tenha podido deduzir. Mataram-no em algum momento desta noite, a julgar pelo *rigor mortis*.

Tinha razão. Pitt tinha chegado à conclusão de que devia ter acontecido depois de escurecer. A névoa não tinha aparecido na noite anterior, e posto que o dia tivesse sido calmo, teria saído gente para passear pela margem ou a sulcar o rio em embarcações de recreio, inclusive depois do crepúsculo, e nesse caso o teriam visto.

— Algum sinal de luta? – perguntou.

— Nenhum. – O médico se endireitou e se voltou para os degraus. – Nada em suas mãos, mas suponho que isso você já observou. Sinto muito, Pitt. Examiná-lo-ei com mais vagar, é claro, mas de momento você tem um feio caso nas mãos, que eu só contribuirei para piorar, imagino. Bom dia.

O homem subiu os degraus até o alto, onde uma pequena multidão de curiosos se congregara.

Tellman olhou para a barcaça, com a incompreensão e o desprezo pintados em seu rosto. Ateu-se um pouco mais a jaqueta.

— É francês? – perguntou, e seu tom sugeriu que isso explicava tudo.

— É possível – respondeu Pitt. – Pobre diabo. Não obstante, o assassino poderia ser tão inglês como você.

A cabeça do Tellman se ergueu com brutalidade e fulminou com o olhar Pitt. Pitt lhe dedicou um sorriso inocente.

Tellman apertou os lábios, voltou-se e olhou rio acima, para os brilhos prateados que salpicavam a água livre de névoa, e às silhuetas das barcaças que se materializavam na lonjura. Ia ser um dia esplêndido.

— Será melhor que vá em busca da polícia fluvial – disse com azedume. – Para saber quanta distância terá percorrido desde que o puseram aí.

— Não sabemos quando aconteceu – respondeu Pitt. – Aqui há muito pouco sangue. Uma ferida na cabeça como esta terá sangrado muito. A menos que utilizassem uma manta ou uma vela da que se desfizeram depois, ou que o matassem em outro lugar e depois o pusessem aqui.

— Vestido desta maneira? – disse com incredulidade Tellman. – Alguma festa, como as que celebram na Chelsea? Algo se... deu errado e se desfizeram dele? Deus nos livre, isto vai ser muito desagradável.

— Com efeito, mas seria uma boa ideia perguntar à polícia fluvial, para nos fazer uma ideia da distância que poderia ter percorrido à deriva da meia-noite, com uma margem de duas horas.

— Sim, senhor – disse Tellman com presteza. Desejava fazê-lo, e sempre seria melhor isso que esperar alguém da embaixada francesa. – Averiguarei tudo que puder.

Partiu com atitude eficiente, subindo de dois em dois a escada, uma temeridade, tendo em conta quão escorregadios estavam os degraus devido à umidade.

Pitt devolveu sua atenção ao barco e o examinou com mais atenção. Estava bastante afundado na água, e até então não se perguntou por que. Descobriu, quando mediu e tocou a madeira, que era muito velha, e que muitas pranchas exteriores estavam podres e filtravam a água. Tinha naufragado contra os degraus, mais que pegar-se a eles. Era evidente que não se tratava de um bote de recreio, como os utilizados no rio. Não tinha sido usado durante muito tempo.

Olhou de novo o corpo, com os pulsos algemados e os tornozelos acorrentados, naquela postura grotesca. Uma paixão incontrolável tinha impulsionado a seu assassino – amor, ódio, terror ou necessidade, — convertendo a disposição do cadáver em algo tão importante como o próprio crime. Tinha que ter suposto um risco tremendo esperar o suficiente para tirar as roupas ao homem, lhe pôr o vestido de seda e veludo rasgado, e acorrentá-lo ao barco naquela postura obscena, para logo empurrar a embarcação à água e molhar-se de passagem. Por que tinha tido alguém tanto trabalho?

A resposta a isso era a chave.

Permaneceu na proa, que balançava um pouco, e procurou manter o equilíbrio apesar do fluxo levantado pela réstia de barcaças que passavam. O assassino tinha-o carregado com o vestido verde, as algemas, os grilhões e as flores artificiais? Ou já os tinha à mão quando o tinha matado? Com o barco não teria carregado, certamente. Teria sido impossível movê-lo durante um trajeto prolongado.

O que também significava que não teria percorrido muitos quilômetros.

O ruído de uma carruagem na margem, o repicar de cascos de cavalo sobre os paralelepípedos, e o som de passos no alto da escada interromperam seus pensamentos.

Passou ao degrau inferior, que agora estava lamacento e livre de água, posto que a maré tinha baixado. Ergueu o olhar e viu um homem impoluto e muito nervoso, cujos sapatos recém lustrados reluziam sob o sol da manhã, com a cabeça encurvada e semblante pálido.

— Bom dia, senhor – disse Pitt, enquanto subia para ele.

— Bom dia – respondeu o homem, sem sotaque. – Gastón Meissonnier – se apresentou, com os olhos cravados no rosto do Pitt para não ver o cadáver do barco.

— Superintendente Pitt. Lamento haver lhe levantado tão cedo, monsieur Meissonnier, mas sua embaixada denunciou o desaparecimento de um de seus diplomatas, e por desgraça encontramos o cadáver de um homem que concorda com a descrição que nos proporcionaram.

Meissonnier olhou para o barco. Seu rosto se crispou e seus lábios se apertaram um pouco.

Pitt esperou.

Os últimos vestígios de névoa estavam se evaporando do rio, e a borda oposta se distinguia com nitidez. O som do tráfico se intensificou com o passar do aterro.

— "Por desgraça" não é a expressão mais feliz, superintendente – disse por fim Meissonnier. – Trata-se de uma circunstância a mais desafortunada.

Pitt se afastou, e o francês desceu com cautela os degraus, até deter-se a meio metro por cima da água. Olhou o cadáver.

— Não é Bonnard – disse. – Temo que não conheça este homem. Não posso lhe ajudar. Sinto muito.

Pitt observou seu rosto e leu nele não só repugnância, mas também certa tensão que sua firme negativa não conseguia apagar. Talvez não estivesse mentindo, mas tampouco estava dizendo toda a verdade.

— Tem certeza, senhor? – perguntou.

Meissonnier virou em redondo para o Pitt.

— Sim, por completo. Parece-se um pouco ao Bonnard, mas não é ele. Tampouco pensava que o fosse, mas queria limpar toda dúvida a respeito. – Respirou fundo. – Lamento que lhes tenham informado mal. Bonnard não desapareceu, está de licença. Um funcionário entusiasta em demasia não leu bem suas instruções e chegou a conclusões equivocadas. Devo averiguar quem é e lhe repreender por suscitar um falso alarme e, pelo visto, lhe fazer perder seu tempo.

Fez uma reverência cortês e se dispôs a dar meia volta.

— Aonde foi de licença monsieur Bonnard, senhor? – perguntou Pitt. Meissonnier se deteve.

— Não tenho nem ideia. Não exigimos tal informação a nossos diplomatas de menor categoria. Talvez tenha amigos na Inglaterra, tenha aproveitado para fazer um pouco de turismo ou retornado a Paris para ver sua família.

— Mas você veio reconhecer o cadáver – respondeu Pitt.

Meissonnier arqueou levemente as sobrancelhas, não o suficiente para indicar sarcasmo, mas o justo para dar a entender que a pergunta era desnecessária.

— Só para me assegurar de que não tinha sofrido um acidente quando se dispunha a iniciar suas férias. Era improvável, mas não impossível. E é claro, desejava ser cortês com a polícia de sua majestade, com quem mantemos as mais cordiais relações e de quem somos convidados.

Era um aviso, educado, mas inequívoco, de seu status de diplomata.

Pitt não pôde menos que render-se à evidência.

— Obrigado, monsieur Meissonnier. Foi muito amável ao vir, e a esta hora. Alegro-me de que não fosse seu compatriota.

Ao menos isso era certo. Quão último Pitt desejava era um escândalo internacional. E se o cadáver fosse o de um diplomata francês seria quase impossível evitá-lo, embora não teria tido outro remédio que tentá-lo.

Meissonnier lhe dedicou uma nova reverência, subiu o resto de degraus e desapareceu. Um momento depois, Pitt ouviu afastar-se sua carruagem.

Chegou a carruagem fúnebre. Pitt observou como tiravam as algemas ao cadáver, subiam-no ao veículo e o levavam para que o médico o examinasse no necrotério.

Tellman retornou com a polícia fluvial, que se expropriou do barco, o qual transportariam até um lugar pouco fundo para que não acabasse de afundar-se.

— Era o franchute? – perguntou Tellman quando Pitt e ele estiveram sós no aterro. O tráfico já fluía em ambas as direções. Ergueu-se um pouco de vento, e levava aromas de sal, barro e peixe, e embora o sol reinasse, o vento era muito frio.

— Disse que não – respondeu Pitt. Tinha fome e ansiava tomar uma xícara de chá bem quente.

Tellman grunhiu.

— O que ia dizer? – comentou. – Se estiver mentindo, podemos demonstrá-lo? Quero dizer que se for francês, e toda a embaixada se apressa a desmenti-o, o que podemos fazer? Não podemos convocar a todos os parisienses para que venham lhe dar uma olhada. – Compôs uma expressão de asco.

Pitt já albergava suas dúvidas. O caso se apresentava cada vez mais desagradável.

— Será difícil descobrir quem o fez – continuou Tellman—, sem saber quem é o morto.

— Bem, é Bonnard ou outra pessoa – disse Pitt com secura. – O melhor será assumir que é outra pessoa e começar a investigar. O barco, no estado em que se encontra, não pôde percorrer mais de três quilômetros rio abaixo...

— Isso disse a polícia fluvial – admitiu Tellman. – Supõem que foi à deriva desde Chelsea. – Enrugou o nariz. – Ainda acredito que é o francês, mas eles não querem dizê-lo.

Pitt não estava disposto a discutir com os preconceitos de Tellman, ao menos de momento. Pessoalmente, preferia que fosse um inglês. Já seria bastante desagradável sem ter que relacionar-se com uma embaixada estrangeira.

— Será melhor que volte com a polícia fluvial e dê uma olhada aos lugares onde teriam podido guardar o barco, a uns dois ou três quilômetros de distância de Chelsea. Procure averiguar se por acaso alguém o viu navegar à deriva...

— Na escuridão? – replicou Tellman. – Com essa névoa? Em qualquer caso, os barcos que tenham passado por aqui rio acima antes do amanhecer já estarão mais à frente do Pool.

— Sei – respondeu Pitt. – Experimente na margem. Talvez alguém saiba onde estava amarrada. É evidente que estava na água há bastante tempo.

— Sim, senhor. Onde o encontrarei?

— No necrotério.

— O médico ainda não estará preparado. Acaba de partir.

— Primeiro irei em casa tomar o café da manhã.

— Ah.

Pitt sorriu.

— Você pode tomar uma xícara de chá naquele posto de rua.

Tellman olhou-o de soslaio e partiu, com as costas rígidas como um fuso e os ombros retos..

Pitt entrou em uma casa silenciosa. Era já pleno dia quando tirou a jaqueta e a pendurou no vestíbulo. Despojou-se das botas e caminhou de meias na cozinha. A lareira quase se apagara. Teria que limpá-la, eliminar as cinzas apagadas e alimentar as últimas brasas. Tinha visto Gracie fazê-lo com suficiente frequência para aprender os truques daquele aparelho em particular, mas uma cozinha sem a presença de uma mulher lhe parecia especialmente muito triste. A senhora Brady vinha toda manhã e se encarregava das tarefas pesadas, lavagem de roupa e a limpeza da casa. Era uma alma bondosa, e muito frequentemente lhe levava um bolo ou uma boa peça de rosbife, mas não compensavam a ausência da família.

Charlotte tinha recebido um convite para ir a Paris em companhia de sua irmã Emily e do marido dela, Jack. Só estariam ausente três semanas, e Pitt tinha pensado que seria mesquinho de sua parte proibir ir ou mostrar-se tão ressentido que empanasse sua sorte. Ao casar-se com um homem tão inferior a ela econômica e socialmente, Charlotte tinha sido a primeira em proclamar que tinha conseguido uma ampla liberdade para misturar-se em toda classe de atividades, impossíveis para mulheres na situação de sua mãe ou sua irmã. Mas o matrimônio também lhe tinha negado muitas coisas, e Pitt era bastante inteligente para compreender que, por mais que tivesse saudades ou teria gostado de levá-la a Paris antes de outros, tinha fortalecido o amor que os unia, ao ter aceitado que fosse

com Emily e Jack. Gracie, a criada que trabalhava para eles há sete anos e meio (de fato, desde que tinha completado os treze anos), era considerada um membro mais da família. Levou as crianças, Jemima e Daniel, à praia para passar duas semanas de férias. Os três não cabiam em si de entusiasmo, enquanto preparavam a bagagem e conversavam sobre tudo o que veriam e fariam. Nunca tinham ido à costa, e para eles era uma aventura extraordinária. Gracie era muito consciente de sua responsabilidade, e estava muito orgulhosa de que a tivessem concedido.

De modo que Pitt não tinha mais companhia que os dois gatos, Archie e Angus, que se haviam enrolado na cesta onde a senhora Brady tinha deixado a roupa limpa.

Pitt tinha crescido em uma propriedade rural, e sua mãe tinha trabalhado durante algum tempo nas cozinhas. Era muito capaz de cuidar-se sem ajuda de ninguém, mas desde seu matrimônio tinha perdido a prática. Sentia falta do consolo das pequenas coisas que Charlotte fazia por ele, mas o pior era a solidão. Não tinha ninguém com quem falar ou rir compartilhando os acontecimentos do dia.

E sentia falta das vozes das crianças, suas gargalhadas, seu bulício, as perguntas incessantes e suas demandas de atenção ou aprovação. Ninguém o interrompia para dizer "Me olhe, papai", "Para que serve isto?", "O que quer dizer isto?", ou a favorita "Por quê?". O lar se transformara em silêncio.

A lareira demorou dez minutos em acender de todo, e se necessitaram outros dez minutos para que o bule fervesse e Pitt pudesse servir-se de uma xícara de chá e uma torrada para tomar o café da manhã. Pensou em fritar um par de arenques defumados, mas logo imaginou o aroma de peixe, o problema de lavar os pratos e a frigideira, e se absteve.

Chegou o primeiro correio do dia: uma fatura do açougueiro. Pitt esperava que fosse uma carta de Charlotte. Talvez fosse muito cedo, mas sua decepção surpreendeu-o. Por sorte, aquela noite ia ao teatro com sua sogra, Caroline Fielding. Depois da morte do pai de Charlotte, Edward Ellison, e depois do período de luto, Caroline tinha se apaixonado por um ator muito mais jovem que ela. Tinha escandalizado à mãe de Edward quando se casou outra vez, e a mortificou com sua felicidade. Também tinha adotado uma forma de vida mais liberal, o que significava outro ponto espinhoso. A velha senhora Ellison se negou a seguir vivendo sob o mesmo teto que Caroline e seu novo marido. Como resultado, viu-se obrigada a transladar-se a casa de Emily, cujo marido, Jack Radley, era membro do Parlamento e muitíssimo mais respeitável que um ator, embora possuísse mais encanto do conveniente e carecia de títulos e linhagem.

Emily suportava com integridade a sua avó quase sempre. De vez em quando replicava sem papas na língua à anciã, a qual então se refugiava em uma raiva glacial, até que se aborrecia e preparava o seguinte ataque.

Entretanto, como Emily e Jack estavam em Paris e tinham aproveitado a oportunidade de sua ausência para renovar a instalação sanitária de sua casa, a avó havia voltado a alojar-se com Caroline. Pitt desejava que aquela noite não se encontrasse bem para lhes acompanhar ao teatro. Gozava de muitos motivos para ser otimista a respeito. O tipo de peças que assistia Caroline nos últimos tempos não eram consideradas convenientes pela velha senhora Ellison, e por mais que lhe picasse a curiosidade, não permitiria que a vissem no teatro.

A última hora da manhã, Pitt foi ao necrotério e escutou o resumo dos escassos achados efetuados pelo legista.

— O que já lhe disse. Golpeado na cabeça com algo redondo e pesado, mais largo que um atizador, mais regular que o ramo de uma árvore.

— Talvez um remo ou uma vara de barco? – perguntou Pitt.

— É possível. – O médico refletiu. – É muito possível. Achou um?

— Ainda não sabemos onde o mataram – protestou Pitt.

— Poderia estar flutuando no rio. – O médico meneou a cabeça. – Pode ser que nunca o encontrem, e se o fizerem, a água já teria eliminado o sangue. Poderá fazer conjecturas, mas não provará nada.

— Quando morreu?

— Entrada da noite, diria eu. – O médico encolheu seus magros ombros. – Estava cinco ou seis horas morto. Quando averiguar quem é poderá determiná-lo com maior exatidão.

— O que sabe dele?

— Entre trinta e trinta e cinco anos, em minha opinião. – O médico meditou uns instantes. – Parecia sadio. Muito limpo. Não tem calos nas palmas e seu corpo não foi exposto ao sol. – umedeceu os lábios. – Não trabalhava com as mãos, certamente. Ou tinha dinheiro próprio ou fazia algum trabalho intelectual. Pode ser que fosse um artista, inclusive um ator. – Olhou ao Pitt de esguelha. – E não o digo devido ao adorno com que lhe acharam. – Suspirou. – Ridículo!

— É possível que se sentasse daquela maneira e depois lhe golpeassem? – perguntou Pitt, embora já soubesse a resposta.

— Não. O golpe lhe alcançou na parte posterior da cabeça. Não podia estar na embarcação, a menos que estivesse sentado, e não estava. Impossível. As algemas eram muito curtas. Tinha muito separados os tornozelos. Não pôde sentar-se dessa forma. Tampouco havia bastante sangue.

— Tem certeza de que não levava o vestido quando o assassinaram? – perguntou Pitt.

— Estou.

— Por quê?

— Porque não há contusões, que teriam aparecido se lhe tivessem imobilizado ou obrigado a vesti-lo– explicou o médico. – Não obstante, há diminutos arranhões, como se alguém lhe tivesse roçado com a unha enquanto tentava lhe passar o vestido pela cabeça e rodeá-lo a seu corpo. É muito difícil vestir a um cadáver, sobre tudo se se tenta fazê-lo sozinho.

— Foi uma só pessoa? – perguntou Pitt.

O médico sorveu ar entre os dentes.

— Tem razão – concedeu. – Deixei-me levar por minhas hipóteses. É que não imagino este tipo de... disparate como fruto de mais de uma pessoa. A obsessão é, em essência, solitária, e isto foi fruto da obsessão, Deus nos livre. Suponho que existem outras explicações, mas terá que as demonstrar para que acredite nisso. Em minha opinião, isto foi obra de um homem só, movido por uma paixão perversa, um amor ou um ódio tão forte que transbordou as barreiras da sensatez, inclusive do instinto de conservação, e não só golpeou e matou ao homem, mas se sentiu impelido a vesti-lo de mulher e abandoná-lo à deriva no rio. – Olhou para Pitt. – Não me ocorre nenhuma razão para isso. E a você?

— Dificultar sua identificação... – disse Pitt com tom pensativo.

— Fofocas! – replicou o médico. – Bastaria lhe tirar a roupa e lhe envolvê-lo em uma manta. Não era necessário que o vestisse como a dama de Shalott, Ofelia ou quem fosse.

— Ofelia não se afogou? – perguntou Pitt.

— De acordo, pois a dama do Shalott era vítima de uma maldição. Satisfeito?

Pitt sorriu.

— Procuro algo humano. Suponho que não poderá me dizer se era francês, não é verdade?

O médico arregalou os olhos.

— Mas bem! O que esperava, "feito na França" na sola de seus sapatos?

Pitt afundou as mãos nos bolsos. Sentia-se ridículo por ter feito essa pergunta.

— Sinais de viagens, enfermidades, intervenções cirúrgicas... Não sei.

O médico meneou a cabeça.

— Nada útil. Uma dentadura excelente, um pequeno arranhão no dedo... só um homem morto, com um vestido verde de mulher e correntes. Sinto muito.

Pitt lhe dirigiu um longo olhar. Depois, agradeceu e partiu.

Pitt foi à embaixada francesa a primeira hora da tarde, depois de ter comido um sanduíche em um pub, acompanhado de uma taça de cidra. Não desejava ver de novo Meissonnier. Só repetiria o que havia dito no Horseferry Stairs, mas Pitt não estava convencido de que o homem encontrado no barco não fora Bonnard. Até o momento, era a única pista com a que contava, e Meissonnier se mostrara muito inquieto. O alívio se desenhava em seu rosto quando viu o cadáver de perto, mas seu nervosismo não tinha desaparecido por completo. Era porque nada apontava em sua direção e podia negar sem problemas que fosse Bonnard?

Como podia Pitt interrogá-lo de novo? Seria como se chamasse de mentiroso Meissonnier, o qual, considerando que era um diplomata estrangeiro (um convidado da Inglaterra, como ele mesmo tinha sublinhado), seria suficiente para provocar um incidente desagradável, do qual Pitt seria responsável direto.

Assim, devia achar outra desculpa para sua visita. Mas qual? Meissonnier tinha negado toda relação com o cadáver. Era inútil insistir. Pitt já estava ante a porta. Devia bater ou seguir seu caminho. Bateu.

Um criado vestido de libré abriu.

— Sim, senhor?

— Boa tarde – disse Pitt e estendeu um cartão ao laçao, sem deixar de falar. – Denunciaram o desaparecimento de um de seus diplomatas, acredito que por engano, segundo monsieur Meissonnier. Entretanto, preciso falar com a pessoa que apresentou a denúncia, pois ela mesma deveria retirá-la...

— Seriamente? Quem foi, senhor? – A expressão do laçao não tinha mudado absolutamente.

— Não sei. – Só tinha pensado na desculpa. Teria que ter perguntado ao agente do Horseferry Stairs, mas então não lhe tinha parecido importante. – O cavalheiro supostamente desaparecido é monsieur Bonnard. Imagino que foi a pessoa que trabalha com ele, ou um amigo.

— Atrever-me-ia a dizer que foi monsieur Villeroche, senhor. Entre. Perguntarei-lhe se pode recebê-lo.

Indicou vários bancos de couro com espaldar duro, para que Pitt se acomodasse a seu gosto.

O laçao retornou ao cabo de poucos minutos.

— Monsieur Villeroche o receberá dentro de um quarto de hora, senhor. Neste momento está ocupado.

Não disse nada mais e deixou que Pitt decidisse se desejava esperar.

Villeroche terminou com seu visitante antes do que tinha calculado e saiu ao vestíbulo em busca de Pitt. Era um homem jovem e atraente, vestido com suma elegância, mas naquele momento parecia transtornado. Olhou em ambas as direções antes de aproximar-se de Pitt.

— Inspetor Pitt? Bem. Tenho que sair para um recado. Importar-se-ia de me acompanhar? Obrigado.

Não deu tempo para Pitt negar e se encaminhou para a porta. Pitt o seguiu.

— É muito amável – disse quando saíram.

Pitt se viu obrigado a andar a bom passo para não atrasar-se, até que dobraram a esquina da rua seguinte, onde Villeroche se deteve com brusquidão.

— Eu... sinto muito. – Abriu as mãos em um gesto de desculpa. – Não desejava falar onde pudessem me ouvir. Este assunto é... delicado. Não é minha intenção causar problemas, mas estou preocupado... – deteve-se, sem saber como continuar.

Pitt não tinha nem ideia se tinha ouvido falar do cadáver do Horseferry Stairs. Os jornais do meio-dia teriam publicado a notícia, mas talvez não tivessem chegado à embaixada.

Villeroche prosseguiu.

— Minhas desculpas, monsieur. Denunciei a sua excelente polícia que meu amigo e colega Henri Bonnard desapareceu... quer dizer, que não está onde deveria. Não vai ao trabalho, não está em seu apartamento. Nenhum de seus amigos o vê há vários dias, e não assistiu a entrevistas, nem acontecimentos sociais onde o esperavam. – Meneou a cabeça. – É muito impróprio dele! Não faz estas coisas. Temo por seu bem-estar.

— Portanto, denunciou seu desaparecimento – concluiu Pitt.– Monsieur Meissonnier nos disse que está de férias. É possível que partisse sem ter a cortesia de informá-lo?

— É possível, é claro – admitiu Villeroche, sem afastar os olhos do Pitt.– Mas não teria faltado a seus deveres. É um homem ambicioso, que tem em grande estima sua carreira... não a poria em perigo por um assunto corriqueiro. Poderia... né...

Era evidente que tentava explicar-se sem dizer mais do que pretendia, e só à angústia impulsionava-o a falar.

— Que classe de homem é? – perguntou Pitt.– Qual é sua aparência? Quais são seus costumes, seus passatempos? Onde vive? A que festas deixou de ir? – Visualizou o cadáver do barco e seu grotesco vestido de veludo verde.– Gosta do teatro?

Villeroche parecia incomodado. Sua vista não se afastava de Pitt, como se desejasse que entendesse sem necessidade de palavras.

— Sim, é muito aficionado a... a... os espetáculos. Talvez nem sempre aos que sua excelência o embaixador teria aprovado. Tampouco é que seja...

Pitt resgatou-o.

— Inteirou-se de que esta manhã encontramos o cadáver de um homem em uma embarcação do rio, no Horseferry Stairs? Responde à descrição do Henri Bonnard. Monsieur Meissonnier teve a amabilidade de reconhecê-lo, e disse que não era ele. Parecia muito seguro. Mas também disse que monsieur Bonnard estava de férias.

Villeroche pareceu muito afetado.

— Não me tinha informado. Sinto muito. Espero... desejo de todo coração que não seja Henri, mas também tenho certeza de que não está de férias. – Seus olhos seguiam cravados no Pitt.– Tinha um convite para assistir a uma obra do Oscar Wilde, e ao jantar de monsieur Wilde com seus amigos depois da função, mas não foi. E ele não faria algo assim sem as mais destiladas desculpas e explicações, capazes de satisfazer o exame de um magistrado, e não falemos de um dramaturgo.

Pitt sentiu um nó no estômago.

— Quereria vir ao necrotério para verificar se esse homem é Bonnard, e assim tranquilizar suas preocupações?

— O necrotério?

— Sim. Será a melhor forma de acalmar sua inquietação.

— Suponho que é... necessário, não é verdade?

— Para mim não. Monsieur Meissonnier disse que Bonnard não desapareceu. Tenho que aceitá-lo. Portanto, não pode ser ele.

- Irei. Demoraremos muito?
- Podemos ir e voltar em cabriolet em menos de uma hora.
- Muito bem. Apressemos-nos.

Villeroche, com o rosto cinzento e alterado, contemplou o rosto do cadáver e disse que não era Henri Bonnard.

— Parece muito com ele. – Tossiu e levou o lenço à boca. – Mas não conheço este homem. Lamento lhe ter feito perder o tempo. Foi muito amável. Rogo-lhe que sob nenhuma circunstância mencione a monsieur Meissonnier, ou a quem for, que estive aqui.

Voltou-se e saiu quase correndo do necrotério. Subiu na carruagem e ordenou que fosse à embaixada, com tanta rapidez que Pitt teve que saltar atrás dele para não ficar abandonado na calçada.

- Onde vive Bonnard? – perguntou enquanto se acomodava no assento.
- No Portman Square – respondeu Villeroche. – Mas não está ali...
- Seja mais preciso – insistiu Pitt. – Diga-me os nomes dos dois ou três amigos ou colegas que o conheçam melhor.

— Segundo piso do número quatorze. Suponho que poderia falar com Charles Renaud ou Jean-Claude Aubusson. Dar-lhe-ei seus endereços. Eles... eles não trabalham na embaixada. Também há vários ingleses, é claro. George Strickland e o senhor Ou"Halloran. – Rebuscou em seu bolso e não achou o que queria.

Pitt estava acostumado a levar consigo todo tipo de coisas, para desespero de seus superiores. Tirou uma corda, uma navalha, lacre, um lápis, três xelins e sete pennies em moedas, dois selos franceses usados que tinha guardado para o Daniel, a fatura de um par de meias, uma nota de aviso de que devia remendar as botas e comprar manteiga, dois bombons de hortelã cobertos de lã e uma pequena caderneta. Ofereceu lápis e papel ao Villeroche, e guardou o resto.

Villeroche escreveu os nomes e os endereços, e quando chegaram à esquina da embaixada, deteve a carruagem, despediu-se, cruzou a rua correndo e entrou no edifício.

Pitt visitou os homens que Villeroche tinha mencionado. Encontrou dois em casa.

— Ah, é um homem excelente – disse Ou"Halloran com um sorriso. – Mas faz mais de uma semana que não o vejo, o que é uma pena. Esperava vê-lo na festa de Wilde no sábado passado de noite, e teria apostado minha camisa que iria ao teatro na segunda-feira. Wilde em pessoa assistiu, e passamos uma noite estupenda. – Deu de ombros. – Embora não me lembro de quase nada.

— Mas Henri Bonnard não estava?

— Isso sim – disse Ou"Halloran. Olhou Pitt com seus vivazes olhos azul.— Disse que é policial? Acontece algo? por que veio perguntar sobre o Bonnard?

— Porque ao menos um de seus amigos acredita que desapareceu – explicou Pitt.

— E enviam a um superintendente em sua busca? – perguntou com ironia Ou"Halloran.

— Não. Esta manhã acharam um cadáver no Tâmis, junto ao Horseferry Stairs. Cabia pensar que podia ser ele, mas dois homens da embaixada francesa o desmentiram.

— Graças a Deus! – exclamou Ou"Halloran.— Será algum pobre diabo. Não acreditará que Bonnard é o responsável? Não posso imaginar isso. É inofensivo. Seus gostos são um pouco excêntricos, mas faz tudo para divertir-se, sem a menor malícia.

— Nem nos passou pela cabeça – lhe assegurou Pitt.

Ou"Halloran se tranqüilizou, mas não pôde dizer nada mais que fosse de utilidade. Pitt lhe agradeceu e partiu.

A outra pessoa que o recebeu foi Charles Renaud.

— Supus que tinha ido a Paris, na verdade – disse surpreso.— Acredito que disse algo a respeito de fazer a bagagem, e mencionou à hora de saída do trem de Dover. Foi de passagem, você sabe? Dava-o por sentado. Temo que eu não estivesse muito interessado. Sinto muito.

Tellman foi sem mais demora à polícia fluvial, não porque gostava, mas sim porque fazer perguntas sobre marés e horas era preferível a tentar arrancar verdades perturbadoras a estrangeiros protegidos pela imunidade diplomática. A causa da morte do homem encontrado no barco era algo que Tellman nem sequer desejava intuir. Tellman tinha sido testemunha em numerosas ocasiões dos aspectos mais sórdidos e trágicos da vida. Tinha crescido rodeado de uma pobreza extrema e conhecia o crime, assim como a necessidade e a maldade que o esporeavam. Mas havia coisas que alguns supostos cavalheiros faziam, sobre tudo os relacionados com o teatro, que nenhuma pessoa decente deveria saber, e muito menos presenciar.

Entre eles se achavam os homens vestidos com vestidos de veludo verde. Tinham educado ao Tellman na crença de que havia duas classes de mulheres: mulheres boas, como as esposas, as mães e as tias, que não expressavam paixões e provavelmente não as albergavam, e mulheres que as experimentavam e as exibiam em público com todo

descaramento. Um homem capaz de vestir-se como estas era algo que escapava a sua compreensão.

Pensar em mulheres, e no amor, trouxe à sua mente Gracie. Sem pretender, imaginou sua carinha rutilante, seus graciosos ombros, a presteza de seus movimentos. Era diminuta (tinham que cortar todos seus vestidos) e muito magra para o gosto dos homens, sem excessivas curvas, apenas uma sugestão. Não achava que poderiam gostar de mulheres assim. Era todo espírito e mente, língua afiada, coragem e engenho.

Tellman não tinha nem ideia do que ela opinava dele. Subiu ao ônibus que corria junto ao aterro e recordou, com uma peculiar e dolorosa sensação de solidão, que seus olhos tinham brilhado quando falava do lacaio irlandês. Tellman não queria pôr nome à dor que o rasgava. Era algo que preferia não reconhecer.

Concentrou-se no que devia perguntar à polícia fluvial a respeito de marés, e de onde teria saído a embarcação para terminar no Horseferry Stairs ao amanhecer.

Comunicou seus achados ao Pitt a última hora da tarde, em sua casa do Keppel Street. Era limpa e acolhedora, mas parecia muito vazia sem mulheres na cozinha ou ocupadas no piso de cima. Não se ouvia bulício infantil. Ninguém cantava. Até sentia falta das advertências do Gracie quando lhe dizia para que tomasse cuidado, que não tropeçasse com nada ou rompesse algo.

O agente se sentou à mesa da cozinha frente a Pitt. Tomou uma xícara de chá, com uma estranha sensação de tolice.

— E bem? – perguntou Pitt.

— Pouca coisa – respondeu Tellman. Não havia bolo caseiro, só uma caixa de bolacha comprada na loja. Não era o mesmo, nem de longe. – A água alcançou seu ponto mais baixo às cinco e três minutos na ponte de Londres, e quanto mais rio acima, mais demora para produzir o fenômeno. Seria às seis e quinze na Battersea.

— E a maré alta?

— Ontem à noite, às onze e quinze na ponte de Londres.

— E uma hora e dez minutos depois na Battersea...

— Não... Essa é a questão: só vinte minutos, às doze menos vinte e cinco.

— E a velocidade de fluxo? Até onde teria podido derivar o barco?

— Essa é outra questão – explicou Tellman. – A maré baixa dura seis horas e três quartos, mais ou menos. A pleamar demora só cinco horas e quarto. Calculam que a

velocidade do barco podia ser, no máximo, de duas milhas e meia por hora, mas por outro lado, em maré baixa há baixios de lama e bancos de areia onde poderia ter encalhado...

— Mas não o fez — indicou Pitt.— Nesse caso não se teria movido até que subisse a água.

— Ou teria sido investida por barcaças que passavam na escuridão, ou por qualquer outra coisa — continuou Tellman.— Poderia ficar retida nos pilotes de uma ponte, para logo escapar e prosseguir... Uma dúzia de possibilidades. A única coisa que podem dizer com segurança é que deve ter vindo de rio acima, porque ninguém carregaria esse peso na contracorrente, e não existe nenhum lugar onde alguém guardaria uma embarcação como essa, um bote de recreio privado, a partir do Horseferry Stairs em direção rio abaixo. Tudo é cidade, moles assim.

Pitt guardou silêncio, enquanto meditava.

— Entendo — disse por fim.— Portanto, nem a hora nem a maré nos servem muito. Poderia ter estado a onze ou doze milhas, no máximo, ou a uma única, ou onde esteja a casa mais próxima à margem da água. Ou ainda mais perto, se alguém tinha amarrado esse bote à plena vista. Será questão de começar a interrogar.

— Seria de ajuda averiguar sua identidade — indicou Tellman.— Ainda acredito que poderia ser esse francês, mas os envergonha reconhecê-lo. Eu repudiaria a um inglês que fizesse isso na França!

Pitt olhou-o com um leve sorriso.

— Localizei a um amigo dele. Pensava que tinha ido ao Dover, caminho de Paris. Eu gostaria de saber se é verdade.

— Cruzar o Canal? — perguntou Tellman com sentimentos desencontrados. Não lhe fazia muita graça viajar ao estrangeiro, mas por outro lado seria uma aventura ir em pacote ou vapor até o Calais, e talvez depois até a própria Paris. Valeria a pena contá-lo ao Gracie!.— Averiguá-lo-ei — disse esperançado.— Se não foi o cadáver, talvez foi seu assassino.

— Se não o for, não existem motivos para supor que esteja relacionado com o caso. Mas tem razão, temos que saber de quem é o cadáver. Não temos nada mais.

Tellman se levantou.

— Irei a Dover, senhor. A empresa naval deveria saber se foi à França ou não. Irei e o averiguarei.

Capítulo 2

O último correio chegou justo depois do partir de Tellman, e Pitt experimentou uma onda de alegria quando reconheceu a letra do Charlotte em um grosso envelope dirigido em seu nome. Não prestou atenção às demais cartas e voltou para a cozinha enquanto abria a missiva de sua esposa e tirava a carta. Sentou-se à mesa e leu:

Meu querido Thomas:

Paris é maravilhosa. Que cidade tão bela! Sinto falta de você, mas estou passando muito bem. Há muitas coisas que ver, escutar e aprender. Até as placas de ruas são de artistas de verdade, e muito diferentes dos de Londres. São encantadoras e dá vontade de colecioná-las.

As ruas, ou melhor dizendo, as alamedas, porque todas são relativamente novas, muito longas e majestosas, estão ladeadas por fileiras de árvores. A luz dança sobre as fontes em todas as direções. "Ou dispersava as prateadas brumas de seus sonhos, para semear o futuro com as sementes do pensamento e contar o passo das horas festivas." Elizabeth Barrett Browning o disse muito melhor.

Jack pensa nos levar ao teatro, mas é difícil saber por onde começar. Há mais de vinte na cidade, conforme nos disseram, e isso não inclui a Ópera, é claro. Eu adoraria ver Sarah Bernhardt, no que fosse. Ouvi que até interpretou Hamlet! Ou ao menos essa é sua intenção.

Nossos anfitriões e anfitriãs são encantadores, e fazem o possível por nos tratar com atenção. Mas sinto falta de minha casa. Neste país não têm nem ideia de preparar um chá decente, e o chocolate a primeira hora da manhã é horrível.

Fala-se muito a respeito de um jovem a quem estão julgando por assassinato. Jura que estava em outro lugar à hora do crime, e poderia demonstrá-lo se a amiga que o acompanhava prestasse declaração. Ninguém acredita nele. Mas o mais interessante é que, segundo ele, estava no Moulin Rouge. É uma famosa sala de baile de má reputação. Perguntei a madame a respeito, mas pareceu escandalizar-se, de modo que não insisti. Jack diz que ali dançam o cancan e que as garotas não levam roupa interior. Um artista muito estranho, chamado Henri do Toulouse-Lautrec, pinta seus maravilhosos pôsteres. Vi

um pela rua ontem. Era bastante vulgar, mas tão cheio de vida que convidava à vista. Experimentei a sensação de que, só olhá-lo, e podia ouvir a música.

Amanhã vamos ver a torre de monsieur Eiffel, que é enorme. Acredito que há um aparelho sanitário para eliminar cheiros acima de tudo, de cujas janelas se goza da melhor vista de Paris. Tomara possa lançar uma olhada delas!

Sinto falta de todos, e me dou conta de que te quero muito, porque não está comigo. Quando voltar a casa serei obediente, devota e encantadora... Ao menos durante uma semana!

*Sua sempre,
CHARLOTTE*

Pitt continuou sentado com a carta na mão, sorridente. Ler aquelas palavras escritas com entusiasmo era quase como ouvir sua voz. Uma vez mais, recordou o acertado que tinha estado ao deixá-la fazer a viagem de bom grado. Eram só três semanas. Cada dia era um suplício, mas haveria um fim. Caiu na conta, sobressaltado, de que o tempo voava, e tinha que preparar-se para ir ao teatro com Caroline. Dobrou a carta e a devolveu ao envelope, que guardou no bolso da jaqueta. Subiu para lavar-se e vestir o único smoking que albergava seu guarda-roupa. Viu-se obrigado a comprá-lo quando foi alojar se, em cumprimento de seu dever, na casa de campo de Emily.

Esforçou-se por adquirir uma aparência bonita e respeitável, com o fim de não envergonhar a sua sogra. Apreciava Caroline, independentemente de sua relação familiar. Admirava sua valentia ao aferrar-se a sua felicidade com o Joshua, apesar dos riscos sociais que comportava. Charlotte fazia o mesmo ao casar-se com ele, e sabia que os custos eram altos.

Inspecionou-se no espelho. A imagem que viu não o satisfazia por completo. Seu rosto era inteligente e pessoal, antes de atraente. Seu cabelo, fizesse o que fizesse, sempre era ingovernável. Um barbeiro teria podido lhe cortar alguns centímetros com resultados positivos, mas o cabelo curto o incomodava e nunca recordava reservar um pouco de tempo para tal mister. O colarinho da camisa era reto, para variar, embora um pouco alto, e seu branco deslumbrante o cegava. Teria que conformar-se com isso.

Caminhou a passo vivo até Bedford Square e pegou uma carruagem até o teatro do Shaftesbury Avenue. As ruas formigavam de pessoas, com o branco e negro dos cavalheiros, as cores vivas das mulheres, a cintilação das jóias. As risadas se misturavam

com o ressoar de cascos de cavalos e o atrito dos arnês, enquanto as carruagens abriam passagem com muita dificuldade. As luzes de gás resplandeciam, e a fachada do teatro exibia enormes pôsteres que anunciavam a função, com o nome da atriz sobre o título da peça. Nenhum dos dois dizia algo a Pitt, mas se sentiu contagiado pelo entusiasmo. Reverberava, como a luz da lua em uma noite gélida.

Todo mundo se apertava para entrar, para ver e ser visto, para chamar às pessoas que conhecia, ocupar os assentos, viver por antecipado o drama.

Pitt achou Caroline e Joshua no vestíbulo. Viram-no antes que ele reparasse em sua presença. Ouviu a voz do Joshua, clara e potente, com a dicção perfeita de um ator.

— Thomas! A sua esquerda, junto à coluna!

Pitt se voltou e viu-o. Joshua Fielding tinha a classe de rosto perfeito para transmitir emoções: feições móveis, olhos escuros de pestanas espessas, uma boca capaz de passar da tragédia ao humor, ou vice-versa. Agora só expressava júbilo por ver um amigo.

A seu lado, Caroline tinha muito bom aspecto. Exibia a mesma cor saudável do Charlotte, o cabelo com toques castanho avermelhados e riscado de cinza, a orgulhosa superioridade da cabeça. O tempo tinha sido bondoso com ela, mas o rastro da dor saltava à vista de quem queria observá-la. A vida tinha sido dura com ela, como Pitt sabia muito bem.

Saudou-os e depois subiram a escada e cruzaram um corredor longo e curvo, até o camarote reservado pelo Joshua. Gozava de uma excelente vista sobre o palco, não impedida pelas cabeças de outros espectadores, e estavam situados em um ângulo amplo que permitia ver tudo, exceto o lado correspondente do palco.

Joshua retirou uma cadeira para Caroline, e depois os dois homens se sentaram.

Pitt lhes contou da carta de Caroline, mas omitiu a parte sobre o julgamento do jovem e a questão de visitar lugares como o Moulin Rouge.

— Espero que não volte com ideias radicais – disse Caroline com um sorriso.

— O mundo está mudando – observou Joshua. – As ideias fluem sem parar. As novas gerações querem da vida coisas diferentes, e esperam alcançar a felicidade de maneiras novas.

Caroline se voltou para ele, perplexa.

— Por que diz isso? No café da manhã também fez comentários extravagantes.

— Pergunto-me se deveria lhe contar algo mais sobre a obra desta noite. Possivelmente sim. É muito... vanguardista.

Em seu rosto havia uma expressão de desculpa que se entrevia entre as sombras das cortinas do camarote e o resplendor dos lustres.

— Não será do senhor Ibsen, verdade? – perguntou Caroline.

Joshua sorriu.

— Não, querida minha, mas é igualmente polêmica. Cecily Antrim não atuaria na obra de um autor desconhecido, a menos que seja radical e defenda pontos de vista que ela compartilha.

Pitt pensou que Caroline parecia vacilante, mas, antes que pudessem abundar no tema, a chegada de pessoas que conheciam num camarote de frente chamou sua atenção. Pitt se reclinou em seu assento e contemplou o colorido e entusiasmo que o rodeavam, o desfile de mulheres elegantes, com a cabeça alta, muito conscientes umas de outras. Não era romance o que as motivava, mas rivalidade. Pensou em Charlotte em Paris, e em quão bem compreenderia os matizes mais sutis, que ele só podia observar. Tentaria descrever-lhe quando retornasse, se conseguisse fazê-la parar de falar e dignar-se a escutar.

As luzes se apagaram e um murmúrio se ergueu do público. Todo mundo se endireitou e olhou o palco.

O pano de fundo se ergueu sobre uma cena doméstica em uma bonita saleta. Havia meia dúzia de pessoas pressentes, mas o foco só iluminava a uma. As demais pareciam vulgares, comparadas com a qualidade quase luminosa daquela mulher. Era muito alta e magra, mas tinha graça, inclusive quando estava imóvel. Seu cabelo loiro captava a luz, e seu bem cinzelado rosto carecia de idade.

Falou, e o drama começou.

Pitt esperava divertir-se, talvez tanto pela obra como pelo evento. Mas não aconteceu assim. Descobriu-se concentrado assim que viu Cecily Antrim. Possuía uma vitalidade emocional que transmitia solidão e uma entristecedora sensação de necessidade, de modo que sofreu por ela. Esqueceu tudo que o rodeava. Agora a única realidade era a saleta do palco e as pessoas que ali representavam sua vida.

O personagem de Cecily Antrim estava casado com um homem de mais idade, reto e cabal, mas incapaz de sentir paixão. Amava-a, dentro de suas limitações, e era leal e possessivo. Vivia pendente dela, e a traição estava além de sua compreensão. Entretanto, estava matando pouco a pouco algo no interior da mulher, que começava a lutar por sua vida.

Havia outro homem, mais jovem, com mais fogo e imaginação, de alma mais sonhadora. Desde o momento em que se conheciam, sua atração mútua era inevitável. A questão não era o que o autor desejava explorar, nem o que subjugava ao público. A questão residia no que ia fazer cada um dos personagens a respeito. O marido, a esposa, o jovem, sua noiva, os pais dela, todos albergavam temores e crenças que governavam suas reações, inibições que deformavam a verdade que, de outra maneira, teriam dito, expectativas forçadas por suas vidas e por sua sociedade. Existia alguma via de escape para a esposa, que não podia pedir o divórcio embora seu marido sim, se houvesse desejado?

Pitt se descobriu reconsiderando suas ideias sobre os homens e as mulheres, o que uns esperavam dos outros, e a felicidade que o matrimônio podia contribuir ou escamotear. Ele tinha esperado paixão e realização, e as tinha encontrado. Havia momentos de solidão, incompreensão e exasperação, é claro, mas em conjunto só podia sentir uma profunda e constante felicidade. Entretanto, quantas pessoas sentiam o mesmo? Teriam direito a esperá-lo?

E o mais urgente e doloroso: tinha um homem direito a esperar que uma mulher suportasse suas carências, como o personagem do palco exigia a sua esposa? O público era muito consciente da solidão da mulher, de que se sentia esmagada pela inépcia do marido, e também o era o jovem amante, mas só compreendia uma parte. A chama que ardia no coração da mulher era muito grande também para ele. No final, podia lhe queimar.

A esposa tinha deveres para com seu marido, deveres físicos nas raras ocasiões que ele o desejava, deveres de obediência, tato, responsabilidade doméstica, assim como a obrigação de comportar-se sempre com discrição e decoro.

Legalmente ele não tinha tais deveres para com ela, mas e do ponto de vista moral? Certamente devia lhe proporcionar um lar, ser sóbrio, decente e lhe procurar satisfações, fossem quais fossem, com idêntica discrição. Mas tinha um dever de paixão física? Ou era indecorosa tal necessidade em uma mulher decente? Não bastava que lhe tivesse dado filhos?

Cecily Antrim, em cada movimento de seu corpo e inflexão de sua voz, demonstrava que não bastava. Agonizava por causa de sua solidão interior, que estava consumindo seu ser. Era uma mulher irracional, muito exigente, egoísta, inclusive indecente? Ou se limitava a verbalizar o que milhões de mulheres sentiam silenciosamente?

Era uma ideia inquietante. Quando o pano de fundo caiu e as luzes se acenderam, Pitt se voltou para Caroline.

Sua sogra estava muito afetada pelo primeiro ato da obra, tanto como Pitt, mas de uma maneira diferente. Não eram as questões do anseio e da lealdade o que a perturbavam mais, ou ao menos não a resposta a elas, a não ser o fato de que deveriam manifestar-se. Tais questões eram muito privadas. Eram os pensamentos que amadureciam em solidão, nos piores momentos de confusão e dúvida.

Nem sequer olhou para Joshua, para não encontrar-se com seus olhos. Tampouco desejava olhar para Pitt. Ao despir seus sentimentos no palco, Cecily Antrim se despojou, em um sentido muito real, da pudica vestimenta de recato e silêncio de todas as mulheres. Caroline não a perdoaria por isso.

— Brilhante! – exclamou em voz baixa Joshua.— Jamais vi a alguém capaz de combinar uma sensibilidade tão delicada com tal capacidade de paixão. Não acha o mesmo?

— É extraordinária – respondeu Caroline com sinceridade. Não duvidava de que se estava referindo à Cecily Antrim. Ninguém em todo o teatro teria duvidado. Confiou em que sua voz não traísse o desconforto que sentia. Joshua não tinha ocultado sua profunda admiração por Cecily. Caroline se perguntou se só era no aspecto profissional.

— Sabia que você adoraria – continuou Joshua.— Possui uma valentia moral quase única. Nada a detém na hora de lutar por seus ideais.

Caroline se obrigou a sorrir e se absteve de perguntar quais eram tais ideais. Depois de ver o primeiro ato, preferia não fazê-lo.

— Tem razão – disse, com tanto entusiasmo como pôde reunir.— Admiro a valentia quase mais que qualquer outra qualidade... exceto a bondade, talvez.

Nesse momento bateram na porta do camarote. Joshua se levantou para abrir. Era um homem entrado nos quarenta, alto e magro, de rosto aprazível e austero. A mulher que o acompanhava era quase formosa, de feições regulares e olhos grandes, afundados e muito azuis. O que a despojava da magia final era, possivelmente, sua seriedade.

Eram os senhores Marchand. Caroline os conhecia há mais de um ano, e desfrutava de sua companhia em muitas ocasiões. Sua visita a alegrou. Era indubitável que deviam sentir o mesmo que ela no referente à obra. Como ela, provavelmente ignoravam seu conteúdo.

Seus primeiros comentários, depois de que apresentassem ao Pitt, demonstraram que estava certo.

— Extraordinária! – disse Ralph Marchand. Evitou os olhos de Caroline, como se ainda não tivesse superado seu embaraço pelo tema e lhe custasse abordá-lo em presença de uma dama.

Joshua ofereceu seu assento à senhora Marchand.

— Uma mulher notável – continuou Marchand, em óbvia referência ao Cecily Antrim.— Sou consciente, é claro, de que só está representando o que o autor escreveu, mas lamento que uma mulher de tanto talento se preste a isto. E a verdade, surpreende-me que o primeiro camareiro tenha autorizado sua representação.

Joshua se apoiou com elegância contra a parede, perto da borda do balcão recoberto de tecido vermelho, com as mãos nos bolsos.

— De fato, surpreender-me-ia que não se sentisse muito compenetrada com o personagem – comentou.— Acredito que ela queria interpretar este papel.

O senhor Marchand pareceu surpreso, e também, pensou Caroline, um pouco decepcionado.

— Seriamente? Oh...

— Eu tampouco compreendo ao primeiro camareiro – disse com tristeza a senhora Marchand, com seus olhos azuis arregalados. – Faltou a seus deveres ao não censurar a obra. Supõe-se que tem que nos proteger. Ao fim e ao cabo, essa é sua função, não?

— É claro, querida – tranqüilizou seu marido.— Ao parecer, não é consciente do dano que produziu sua negligência.

Caroline olhou para Joshua. Conhecia seus pontos de vista sobre a censura, e temia que dissesse algo ofensivo para os Marchand, mas não sabia como impedi-lo sem ofendê-lo, por sua vez.

— É uma decisão difícil – disse vacilante.

— Talvez requeira coragem – replicou a senhora Marchand—, mas se aceita o cargo, temos direito a esperar isso dele.

Caroline compreendeu a que se referia. Conhecia instintivamente suas preocupações, e também estava segura de que Joshua não. Ficou surpreendida pela moderação de sua resposta.

— O amparo é uma espada de fio duplo, senhora Marchand.

Caroline percebeu que seus músculos se retesavam. A senhora Marchand lhe olhou com receio.

— De fio duplo? – perguntou.

— Do que gostaria que a protegessem? – respondeu ele.

O senhor Marchand deslocou seu peso de um pé ao outro.

— Da indecência – respondeu a senhora Marchand em tom firme. Sem dar-se conta, estendeu a mão para seu marido.— Da calculada destruição de nossa forma de vida, da apologia da imoralidade e do egoísmo. De mostrar às pessoas jovens e impressionáveis que o desenfreno é aceitável, inclusive bom. Da exibição em público de sentimentos e práticas que deveriam continuar sendo privadas. Degrada e rebaixa o que deveria ser sagrado...

Caroline estava bastante de acordo com ela. Os Marchand tinham um filho, de uns dezesseis anos. Caroline recordava a suas filhas a essa idade e o muito que se esforçara para guiá-las e protegê-las. Então era menos difícil.

Olhou Joshua, sabendo que não concordaria. Ele nunca tinha tido filhos, e isso significava um mundo de diferença. Não tinha ninguém a quem proteger daquela forma que exigia um compromisso absoluto.

— A abstinência é melhor que o desenfreno? – perguntou Joshua.

A senhora Marchand arqueou suas sobrancelhas escuras.

— É claro. Como pode perguntar isso?

— Acaso não é a abstinência de uma pessoa só a outra cara, a permissão, se o preferir, para o desenfreno de outra? – perguntou e se inclinou para diante.— Pense nesta obra, por exemplo. Quando a esposa negou a si mesma, não estava possibilitando a frustração do marido, sua entrega ao desenfreno?

— Eu... – começou a senhora Marchand. Estava convencida de que tinha razão, mas não sabia como explicá-lo.

Caroline sabia o que queria dizer. O sofrimento do marido era público, o de sua esposa tinha sido privado, uma das muitas coisas das quais as pessoas não falavam.

— Ela é infiel – disse o senhor Marchand a sua mulher. Não ergueu a voz, mas vibrava com um timbre de inconfundível convicção.— A infidelidade nunca pode ser boa. Não deveria retratar-se assim e procurar nossa compaixão. Isso pode confundir às pessoas inseguras. As mulheres podem chegar a pensar que o comportamento dessa esposa é desculpável.

O sorriso seguiu pintado no rosto do Joshua.

— E por outra parte, os homens podem chegar a perguntar-se se suas mulheres têm tanta necessidade de felicidade quanto eles, inclusive se tem direito a obtê-la – disse.— Até pode ser que se dêem conta de que a vida seria muito melhor para ambos se conseguissem compreender que as mulheres não podem ser consideradas uma aquisição

para ser usada quando se deseja, como uma escova ou um pau de macarrão para a lavagem.

O senhor Marchand pareceu confundido.

— Um quê?

— Um pau de macarrão – replicou Joshua.– Uma máquina para extrair a água da roupa.

— Não tenho nem ideia do que quer dizer.

Marchand olhou para Caroline.

Pitt se ocupou da explicação.

— Acredito que o senhor Fielding está dizendo que, o que para uma pessoa pode supor amparo, para outra pode implicar restrição; ou o que a uma sugere liberdade, para outra se traduzirá em libertinagem – explicou.– Se nos negamos a analisar a dor de outra pessoa porque é diferente de nós e nos faz sentir incômodos, ou porque é igual e nos envergonha, não seremos uma sociedade liberal e generosa, e pouco a pouco nos asfixiaremos até morrer.

— Santo céu! – exclamou o senhor Marchand.– É muito radical, senhor.

— Pensava que era bastante conservador – disse Pitt, surpreso.– Eu também considero muito inquietante esta obra.

— Mas acha que deveriam proibi-la? – perguntou Joshua.

Pitt vacilou.

— É um passo muito difícil...

— Subverte a decência e a vida familiar – interrompeu a senhora Marchand, enquanto se inclinava sobre sua saia de tafetá com as mãos enlaçadas.

— Questiona valores – corrigiu Joshua.– Acaso não temos que fazê-lo alguma vez? Isso nos ajuda a amadurecer. Nunca aprenderemos nada nem melhoraremos. Pior ainda, nunca compreenderemos aos outros, e talvez nem sequer a nós mesmos. – Sua expressão era veemente, nos seus sentimentos depois de esquecer sua fingida moderação.– Se fizermos isso, não somos merecedores da nobreza de ser humano, de possuir inteligência, livre-arbítrio e capacidade de raciocínio.

Caroline intuiu a iminente possibilidade de que a discussão se azedasse e perdesse uma amizade.

— É um problema de como se questionam – apressou a dizer.

Joshua a olhou com severidade.

— A imagem que possui o poder de perturbar é a única que possui poder de produzir uma mudança. Amadurecer costuma ser doloroso, mas não amadurecer é começar a morrer.

— Está dizendo que tudo perece cedo ou tarde? – perguntou Marchand. Seu tom era desenvolto, mas a rigidez de suas mãos e seu corpo o desmentiam.— Eu não acredito. Alguns valores são eternos.

Joshua se endireitou.

— É claro – admitiu.— O problema reside em compreendê-los, e isso é o mais difícil. É preciso pôr a prova a verdade frequentemente. Do contrário a ignorância e o mau uso a poluirão. – Sorriu, mas seu olhar era decidido.— É como varrer o pó da casa. Terá que fazê-lo todo dia.

Hope Marchand compôs uma expressão de perplexidade e olhou brevemente para Caroline. Seu marido lhe ofereceu o braço.

— Acredito que é hora de voltar para nossos assentos, querida. Se não, incomodaremos a estes senhores quando a função comece de novo. – voltou-se para Caroline.— Encantado de vê-la outra vez, senhora Fielding. – despediu-se do Joshua e Pitt.— E de conhecê-lo, senhor Pitt. Espero que desfrute da noite.

Quando partiram, Caroline respirou fundo e soltou o ar pouco a pouco.

Joshua lhe dedicou um sorriso de afeto e bom humor, e os temores de Caroline se evaporaram. Desejava lhe advertir que tinha estado a ponto de confundir e ofender a seus amigos, explicar-lhe por que tinham medo, mas se limitou a lhe devolver o sorriso.

As luzes se apagaram e o pano de fundo se levantou para o segundo ato.

Caroline concentrou sua atenção no palco. O drama só podia culminar em tragédia. Cecily Antrim desejava mais paixão do que a sociedade podia tolerar ou compreender. Estava apanhada entre pessoas cada vez mais inquietas e assustadas por ela.

Seu marido não queria divorciar-se dela e, para cúmulo, carecia de justificação para abandonar o lar. Sua desventura era produto de uma causa que não podia explicar a quem não a experimentasse.

Ainda não se tinha suscitado a questão se teria podido comportar-se de outra maneira, mas Caroline o perguntou. Não desejava identificar-se com Cecily Antrim, um ser possuído por emoções ingovernáveis, caprichoso, indiscreto, que despia em demasia seu ser mais íntimo, e ao fazê-lo revelava os pensamentos mais secretos de todas as mulheres.

Caroline estava irritada e morta de calor. Queria desviar a vista, como faz alguém quando irrompe sem querer na privacidade de outra pessoa: não diz nada, e ambas as partes fingem que não aconteceu. Era a única forma de fazer possível a vida civilizada. Há coisas que não se vêem, palavras que não se verbalizam, e se escaparem em um momento acalorado, nunca mais se repetem. Os segredos são necessários.

E ali estava aquela atriz, despojando-se das vestimentas da discrição, despindo sua alma, exibindo a necessidade e a dor, a vulnerabilidade, acima de tudo o mundo pelo preço de uma entrada.

O marido era bem interpretado, mas sua função era ser insultado, provocar ira e impotência, e ao final, como Caroline sabia bem, inspirar compaixão.

A noiva do jovem também inspirava compaixão. Era uma garota comum incapaz de lutar contra uma mulher que a dobrava em idade e cujo ardor arrebatava a seu homem. O público sabia que a batalha estava perdida de antemão.

O irmão da noiva era mais interessante, não tanto como personagem como porque o ator que o encarnava possuía notáveis dotes. Era alto e loiro. Custava calcular sua idade, mas não devia ter mais de vinte e cinco anos. Sua sensibilidade se transmitia ao público embora pronunciasse poucas palavras. Possuía energia interior. Poucos espectadores o esqueceriam depois da função.

Quando terminou o segundo ato, as luzes se acenderam. Caroline não olhou ao Joshua, nem ao Pitt. Não queria saber o que tinham pensado ou sentido sobre a obra, e menos queria que adivinhassem seus sentimentos.

Alguém bateu na porta do camarote e Joshua foi abrir.

Era um dos companheiros do Joshua, um ator ao que Caroline mal conhecia, chamado Charles Leigh. A seu lado se erguia um segundo homem de um estilo muito diferente, mais alto e corpulento. Seu rosto refletia inteligência, e o humor iluminou seus olhos antes que começasse a falar, mas foi a semelhança com seu primeiro marido o que a deixou sem fôlego.

— Eu gostaria de lhes apresentar ao Samuel Ellison, um visitante dos Estados Unidos. O senhor e a senhora Fielding, e... — começou Leigh.

— O senhor Pitt — colaborou Joshua. — É um prazer.

— Encantado, senhor — respondeu Samuel Ellison, ao mesmo tempo em que executava uma reverência quase imperceptível. Olhou aos outros, mas seus olhos se demoraram em Caroline. — Perdoo a intrusão, senhora, mas quando o senhor Leigh me disse que o sobrenome de seu primeiro marido era Ellison, ardi em desejos de conhecê-la.

— Sim? – disse Caroline, insegura. Era ridículo, mas se sentia nervosa, quase alarmada. O homem se parecia tanto ao Edward que deviam ser parentes. Eram da mesma estatura, e suas feições não diferiam muito. O mesmo nariz alongado, olhos azuis, contorno de faces e mandíbula. Não sabia muito bem o que dizer. A peça a tinha desorientado até tal ponto que sua habitual compostura se desvanecera.

O homem sorriu amplamente. Não havia nada de descarado nisso. Só um imbecil se teria ofendido.

— Temo que fui muito franco, senhora – se desculpou.– Confiava que fôssemos parentes. Minha mãe abandonou estas terras pouco antes que eu nascesse, questão de semanas, e me inteirei de que meu pai havia tornado a casar-se.

A semelhança era muito evidente para negá-lo, mas Caroline não tinha nem ideia de que existisse essa pessoa, e muito menos de que seu sogro tivesse estado casado antes de contrair matrimônio com sua sogra. A cabeça lhe deu voltas. Sabia a anciã? Ia esta aparição destruir seu mundo, no caso de Caroline contar?

Um brilho de angústia cruzou a fronte do Joshua. Samuel continuava olhando Caroline.

— Meu pai era Edmund Ellison, do King's Langley, Hertfordshire...

Caroline pigarreou.

— O pai de meu marido – respondeu.– Deviam ser... meio-irmãos. Samuel sorriu.

— Maravilhoso! Vim de Nova Iorque, à maior cidade do mundo, e ao cabo de um mês me topo com você, e no teatro, de entre todos os lugares. – Olhou ao redor.– Quem ousaria dizer que não interveio a mão do destino? Sou incapaz de expressar a felicidade que me embarga por havê-la encontrado, senhora. Espero ter o privilégio de conhecê-la mais a fundo, ao seu devido tempo, e que cheguemos a ser amigos. Frequentemente os parentes podem ser muito aborrecidos, mas não pode qualquer um ter muitos amigos?

Caroline sorriu. Era impossível não deixar-se contagiar por seu entusiasmo. Além disso, as boas maneiras exigiam que respondesse com cortesia.

— Assim o espero, senhor Ellison. Pensa ficar em Londres muito tempo?

— Não tenho planos, senhora. Sou meu próprio amo e faço o que quero, sempre que surgirem oportunidades. De momento estou passando tão bem que me é impossível pensar em partir. – Seus olhos vagaram de novo pela platéia abarrotada.– Experimento a sensação de que todo mundo e suas ideias estão aqui, e de que cedo ou tarde as verei todas.

Caroline sorriu.

— Se fala de propósito no Piccadilly Circus, todo mundo que é alguém passa em algum momento.

— Acredito, mas igualmente me deteriam por vagabundo. Prefiro sair em busca de pessoas do que esperar que venham até mim.

— Vive em Nova Iorque, senhor Ellison? – perguntou Joshua, ao mesmo tempo em que deixava lugar para o Samuel e Leigh. Ofereceu seu assento ao Samuel.

— Vivi em toda classe de lugares – respondeu Samuel, enquanto se sentava e cruzava as pernas.— Nasci em Nova Iorque. Minha mãe desembarcou nessa cidade, e demorou um tempo em estabelecer-se. Como estava sozinha e esperava um filho, não foi fácil para ela. Era uma mulher valente e agradável, e achou amigos que tiveram a generosidade de cuidar dela quando eu nasci.

Caroline tentou imaginá-lo, em vão. Pensou no que sabia a respeito de seu sogro. Por que tinha abandonado a mãe do Samuel? Escavou em sua memória, mas não pôde recordar a menor menção a essa mulher. Estava muito segura de que sua sogra jamais havia dito nenhuma palavra sobre seu marido estar casado com antecedência. Fugiu com outro homem?

Por isso Samuel havia dito, tinha chegado a Nova Iorque sozinha. Ele tinha a abandonado? Edmund Ellison a tinha repudiado por alguma ofensa imperdoável?

— Deve ter sido terrível – admitiu.— Como conseguiu? Não havia ninguém que...?

— Refere-se a parentes? – Samuel parecia divertido. Reclinou-se um pouco na cadeira.— A princípio não, mas muitas pessoas estavam começando uma nova vida a partir de zero, assim não desafiava. E havia oportunidades. Era bonita, e o trabalho não a assustava.

— A que se dedicou? – perguntou Caroline, e na hora corou por sua falta de delicadeza. Talvez fosse um ponto embaraçoso para o homem.— Quero dizer... com um bebê a seu cuidado...

— Oh, eu passava de mão em mão – respondeu ele, risonho.— Aos dois anos já sabia dizer "mamãe" e "tenho fome" em uma dúzia de idiomas diferentes.

— Assombroso – murmurou Joshua.— Terá sido testemunha de acontecimentos notáveis, não?

— É claro que sim – admitiu Samuel.— E acontecimentos históricos. Embora tenha certeza que vocês também. E escutado discussões sobre grandes ideias, e visto um montão de coisas formosas que eu não vi ainda. – Olhou ao redor.— Tem que haver todo tipo de vida nesta cidade, tudo o que um homem possa imaginar. Caminhos a todas as

nações do mundo. Sinto-me como um menino perdido no bosque. E eu que pensava que Nova Iorque estava se sofisticando, depois de todas nossas aventuras.

— Aventuras? – perguntou Caroline, com tanta curiosidade como cortesia.

O homem sorriu.

— Oh, Nova Iorque depois da guerra era outra coisa, senhora. Grande cidade! Então não era um lugar adequado para uma dama, mas agora está bastante civilizada; em comparação com outras épocas, quero dizer. Não obstante, se deseja conhecer autênticos cavalheiros, Boston é a cidade indicada.

— Viajou ao oeste, senhor Ellison? – Pitt falou pela primeira vez.

Samuel olhou-o.

— Estive em algumas... refere-se às terras índias? Poderia contar algumas histórias, mas muitas são tristes. Embora talvez nem todo mundo estivesse de acordo comigo.

— Quem não estaria de acordo com você? – perguntou Joshua.

Uma sombra passou pelo rosto do Samuel.

— A marcha do progresso nem sempre é um espetáculo agradável, senhor, e deixa em sua esteira um montão de cadáveres, às vezes o melhor de uma nação, e seus sonhos pisoteados. É possível que o mais forte ganhe, mas o mais fraco pode ser muito formoso, e seu desaparecimento pode lhe deixar um vazio que nada é capaz de encher.

Caroline olhou para Pitt. As sombras punham de relevo suas feições. Ao escutar Samuel, tinha imaginado alguma espécie de aflição, o que era evidente em sua expressão.

— Fala com muito sentimento, senhor Ellison – disse Joshua em voz baixa. – Faz-nos desejar saber o que lhe comove tanto. Espero que cheguemos a nos conhecer melhor.

Samuel se levantou.

— É muito generoso, senhor Fielding. Tomo a palavra. Mas acredito que chegou o momento de voltar para meu camarote antes que se apaguem as luzes, assim não os incomodarei mais. Além das boas maneiras, é uma peça da qual ninguém deveria perder o final. Acredito que não vi em toda minha vida uma mulher como a protagonista. Poderia acender um fogo só em cravar a vista em madeira seca! – voltou-se para o Caroline. – Encantado de conhecê-la, senhora. Um homem pode escolher seus amigos, mas não a sua família. É uma estranha bênção ter amigos entre os de seu próprio sangue.

Depois de lhes desejar boa noite, Leigh e ele partiram.

Joshua olhou a Caroline.

— É possível?

— Oh, sim! – exclamou ela e se voltou para o Pitt.

Pitt assentiu.

— Sua semelhança com Edward Ellison é notável. Muito para ser casual. – Franziu o sobrecenho. – Conhecia seu sogro e sua esposa anterior?

— Não. Estou assombrada – admitiu Caroline. – Jamais ouvi uma palavra sobre ela. Nem sequer estou segura de que a senhora Ellison esteja inteirada.

Anos de azedas batalhas com a anciã estavam presentes em sua mente, assim como as críticas, as comparações do presente com o passado, sempre em detrimento de Caroline e suas filhas. Não pôde reprimir uma pequena borbulha de satisfação quando se voltou para o palco, preparada para assistir ao desenlace do drama.

Viu-se imersa de novo na tragédia. Cecily Antrim era o veículo de uma paixão tão extrema que era impossível manter-se à margem. Até esqueceu ao Samuel Ellison e suas revelações, porque os sentimentos que se despiam ante ela a prendiam, e sentia a urgência e a dor como se fossem próprias.

Por uma parte, lamentava descobrir sentimentos interiores que preferia não conhecer. Pela outra, considerava uma liberação não ter que escondê-los, e lhe parecia muito assombroso comprovar que não estava sozinha. Outras mulheres experimentavam a mesma ânsia, a mesma desilusão, a mesma sensação de ter adiado seus sonhos, e uma decepção que não sabiam como dominar, só negar.

Era necessário dizer essas coisas? Era indecente exhibir os sentimentos íntimos? Conhecê-los era uma coisa, mas tomar consciência de que outros também os conheciam era algo muito diferente. Era como estar nua em público.

Em geral, quando ia ao teatro com Joshua, olhava-o com o desejo de compartilhar as risadas ou a tragédia com ele. Proporcionava-lhe um grande prazer. Mas essa noite desejava estar sozinha. Tinha medo do que podia ver em seu rosto, ou do que ele veria no seu. Ainda não estava preparada para compartilhar tanta intimidade, e talvez nunca o estivesse. Devia existir certa privacidade até no amor mais profundo, segredos ocultos, algumas coisas que nunca se revelavam. Pertencia ao âmbito do respeito mútuo.

Quando a tragédia concluiu e o pano de fundo caiu, as lágrimas escorriam por suas faces e tinha um nó na garganta. Permaneceu imóvel, com a vista cravada nas dobras do pano de fundo. Os atores, depois de receber a recompensa do público em forma de aplausos e flores, retiraram-se.

— Encontra-se bem? – perguntou Pitt muito perto dela.

Caroline lhe sorriu, piscou, e notou que as lágrimas continuavam fluindo. Alegrou-se de que fosse ele quem fizesse a pergunta, não Joshua. Naquele momento, sentia-se

muito afastada da gente do teatro, dos atores que podiam considerar o espetáculo de um ponto de vista profissional, como pura arte. A obra era muito real para isso, muito enraizada na vida.

— Sim... sim, obrigado, Thomas. Não me passa nada. É que estou... muito emocionada.

Ele sorriu. Não disse nada mais, mas Caroline leu em seus olhos que compreendia os pensamentos que a peça estimulava, as perguntas e as confusões que perdurariam muito depois daquela noite.

— Soberba – sussurrou Joshua, como transfigurado.— Juro que nunca estive melhor! Nem sequer a Bernhardt teria podido superá-la. Temos que ir vê-la em seu camarim. Venham!

Sem esperar resposta, avançou para a porta do camarote, preso de um entusiasmo que evitava as opiniões de outros.

Caroline olhou para Pitt que deu apenas de ombros, sorridente.

Seguiram ao pressuroso Joshua, que lhes guiou através de uma porta com o letreiro de PRIVADO, continuou por um corredor nu, desceu por um lance de escadas iluminado por um só lampião de gás, transpôs outra porta e saiu a um patamar ao qual davam vários camarins, cada um com o nome de alguém. A porta do CECILY ANTRIM estava entreaberta e se ouviam vozes no interior.

Joshua bateu com os dedos e entrou, seguido pelo Caroline e Pitt.

Cecily estava de pé ante os espelhos e uma mesa cheia de maquiagens e pós. Ainda levava o vestido do último ato, e era evidente que não utilizava peruca. Era muito alta para uma mulher (a mesma estatura do Joshua), e magra como um junco, embora de perto se visse que já tinha completado os quarenta, não os trinta de seu personagem na obra. Para Caroline bastou um olhar para cair na conta de que era uma dessas mulheres para as quais a idade é irrelevante. Sua beleza residia em sua figura, seu esplêndido rosto e, sobretudo, em seu fogo interior.

— Querido Joshua! – exclamou ao mesmo tempo em que abria os braços para estreitá-lo.

Joshua a abraçou e beijou em ambas as faces.

— Superou a si mesma! – disse.— Fez-nos sentir cada instante da peça. E agora, não fica outra escolha que pensar...

A mulher retrocedeu, sem retirar os braços de seu pescoço. Seu sorriso era radiante.

— Seriamente? Diz isso a sério? Crê que podemos triunfar?

— É claro — respondeu Joshua.— Quando lhe menti? Se só tivesse estado bem, haveria dito que estava bem... — Compôs uma expressão desdenhosa. — Teria sido esquisitamente impreciso. Quanto a se a obra triunfará ou não... os deuses têm a palavra. — A mulher riu.

— Sinto muito, querido. Não deveria ter duvidado de você, mas me importa muito. Tomara pudéssemos conseguir que as pessoas vissem as coisas do ponto de vista da mulher. — Fez um amplo gesto. — É possível que Freddie consiga a aprovação de seu projeto de lei no Parlamento. Trocar o clima, para depois trocar a lei. Ibsen já obteve milagres. Vamos derrubar nossos esforços nisso. As pessoas compreenderão que as mulheres também têm direito a divorciar-se. Não é maravilhoso viver em uma época em que tais prodígios se farão? Novas batalhas, novas provocações...

— É claro que sim — admitiu Joshua, que não tinha afastado a vista dela. De repente pareceu recordar que não estava só. — Cecily, ainda não apresentei minha esposa Caroline, e a seu genro Thomas Pitt.

Cecily exibiu um sorriso sedutor e aceitou as apresentações. Olhou uns segundos mais ao Pitt que a Caroline. Logo se voltou para o Joshua.

Caroline olhou às demais pessoas que abarrotavam o camarim. Atrás dela estava o homem a quem ela tinha identificado como Freddie. Tinha um rosto enérgico, nariz largo e boca sensual. Parecia divertido.

Sentado em outra cadeira estava o jovem que tinha se destacado na peça. Parecia-se com o Cecily, e Caroline não se surpreendeu quando momentos depois o apresentaram como Orlando Antrim. Deduziu que era o filho de Cecily.

Havia um casal que respondia aos nomes do Harris e Lydia, e o homem que não se afastava de Cecily era lorde Frederick Warriner. Sua presença se explicava em parte pela referência ao projeto de lei apresentado no Parlamento, que pelo visto tinha a intenção de conceder o direito ao divórcio às mulheres.

Joshua e Cecily continuavam falando, e só de vez em quando desviavam a vista para alguém. Talvez não pretendesse excluir a outros, mas seu entusiasmo arrastava-os, e sua análise profissional, os deixava à distância dos simples espectadores.

— Ensaiei a cena de três maneiras diferentes, no mínimo — estava dizendo Cecily.— Poderia tê-la interpretado à beira da histeria, com voz aguda e movimentos espasmódicos. — Demonstrou-o com gestos que, de algum jeito, excluía ao Pitt e Caroline, porque quase lhes roçou com as mãos, como se fossem quadros em uma parede. — Ou da tragédia —

prosseguiu— , como se já soubesse no fundo que era inevitável. Acha que era assim, Joshua? Você o que teria feito?

— Interpretá-la como se fosse inconsciente de tudo – respondeu ele.— Estou certo de que, se o tivesse perguntado ao dramaturgo, haver-lhe-ia dito que era muito impulsiva, que seus sentimentos eram muito sinceros para tomar consciência do que aconteceria à longa.

— Tem razão – disse ela, e se voltou para Orlando.

O jovem sorriu.

— Nem me ocorreria contrariá-los, mãe. Há em jogo algo mais que meu papel.

Olhou-o zombeteiramente e depois levantou as mãos e riu. Voltou-se para o Caroline.

— Gostou da peça... Caroline? Sim, Caroline. O que lhe pareceu?

Seus grandes olhos eram firmes, cinza azulados, de pestanas escuras, capazes de detectar uma mentira imediatamente.

Caroline se sentiu encurralada. Teria preferido não responder, mas todo mundo a estava olhando, incluído Joshua. O que devia dizer? Algo educado e adulator? Devia tentar ser perspicaz, explicar as impressões que lhe tinha produzido a obra? Nem sequer estava segura do que desejava dizer.

Ou devia dizer a verdade, que era uma obra perturbadora que suscitava perguntas que era melhor calar? Que ofendia, que talvez despertasse uma desventura adormecida, a qual era melhor deixar dormir porque não tinha remédio? A peça terminava em tragédia. Era positivo seguir o mesmo caminho na vida? Ninguém podia descer o pano de fundo sobre a tragédia e voltar para casa como se tal coisa. O que esperava Joshua que dissesse? O que queria? Não devia olhá-lo, como se procurasse seu apoio. Tampouco queria ofendê-lo, nem envergonhá-lo. De repente foi consciente do muito que lhe importava estar à altura daquelas pessoas, embora fosse incapaz. Cecily Antrim estava radiante, muito segura do que pensava e sentia. O poder dessa segurança prestava incandescência a sua beleza. Era o principal motivo de que todo o público tivesse ido vê-la.

Cecily riu.

— Querida, tem medo de falar, se por acaso me ofende? Asseguro-lhe que poderei suportá-lo!

Caroline achou as palavras por fim, e sorriu por sua vez.

— Disso tenho certeza, senhorita Antrim, mas não é fácil resumir a peça em poucas palavras, e não acredito que você deseje uma resposta de compromisso. Até nesse caso, a peça não merece...

— Bravo! – disse Orlando do fundo, levantando as mãos em um aplauso silencioso. – Diga-nos sua sincera opinião, senhora Fielding. Nós adoraremos receber uma opinião sincera de alguém alheio à profissão.

Fez-se um silêncio absoluto.

Caroline engoliu a saliva. Todos a estavam olhando. Teve que falar.

— Acredito que suscita muitas perguntas – disse com a boca ressecada. – Possivelmente precisemos saber algumas respostas, mas outras, acredito que não. Há penas que temos que aprender a agüentar, e a ideia de que se sofrem em privado é o que as faz suportáveis.

Cecily arqueou uma sobrancelha.

— Oh, céus. Um coração esmigalhado, Joshua? – O significado era muito claro, embora também o fosse que estava brincando.

Joshua se ruborizou um pouco.

— Espero que não!

Todo mundo riu, exceto Pitt.

Caroline sentiu que seu rosto ardia. Deveria ter podido rir, mas lhe foi impossível. Sentia-se torpe, com falta de sofisticação, consciente de suas mãos e seus pés, como se voltasse a ser uma colegial. Não obstante, era a pessoa de maior idade entre os pressentes. O que estava acontecendo? Três ou quatro anos mais, e teria podido ser a mãe do Cecily Antrim. De fato tinha dezessete anos mais que Joshua. Como estava ao lado de Cecily, era consciente dessa diferença.

Como podia conservar a dignidade sem cair no ridículo e provocar que Joshua se envergonhasse dela? Deviam estar-se perguntando por que demônios tinha decidido casar-se com uma mulher como ela, tão formal, tão pouco imaginativa, uma estranha em seu mundo, incapaz de dar com um comentário engenhoso ou inteligente, e muito menos estar à altura de sua sofisticação e magia.

Estavam esperando. Não devia lhes decepcionar. Carecia de engenho para inventar. Só precisava dizer o que pensava. Olhou Cecily, como se não houvesse ninguém mais no camarim.

— Estou certa de que, como atriz, está acostumada a falar para muitas pessoas e sentir as emoções de mulheres muito diferentes a você. – Disse-o com segurança, mas seu tom deixou uma pergunta no ar.

— Ah! — exclamou Orlando. — É muito intuitiva, senhora Fielding. Impregnou-te, mamãe. Pensa frequentemente nos vulneráveis tanto como nos apaixonados, nos afligidos por dúvidas ou feridas que estariam melhor ocultas? Têm direito à privacidade?

O homem chamado Harris pareceu consternado.

— O que está insinuando, Orlando? Censura? — Pronunciou a palavra com o mesmo tom que teria utilizado para dizer "traição".

— É claro que não! — revolveu-se Cecily. — Isso é absurdo! Orlando odeia a censura tanto como eu. Os dois lutaríamos até o último fôlego pela liberdade de dizer a verdade, de formular perguntas, de sugerir novas ideias ou reafirmar antigas que ninguém quer ouvir. — Meneou a cabeça. — Pelo amor de Deus, Harris, já nos conhece. A blasfêmia de um homem é a religião de outro. Leva-o a seus extremos, e acabaremos voltando a queimar pessoas na pira porque adoram a deuses diferentes do nosso, ou inclusive ao mesmo Deus, mas com palavras diferentes. — Ergueu os ombros exageradamente. — Voltarão à Idade Média e a Inquisição.

— Tem que existir certa censura, senhora — interveio Warriner pela primeira vez. — Não se deveria gritar "Fogo" em um teatro abarrotado, sobre tudo se for mentira. E embora seja verdade, o pânico sempre é negativo. Morre mais pessoas esmagada que abrasada pelas chamas. — Parecia um pouco divertido, mas o sorriso não se estendeu a seus olhos.

O humor de Cecily mudou com brutalidade.

— É claro! — disse com uma gargalhada. — Grita "Fogo" na igreja se quiser, mas nunca no teatro, ao menos enquanto se esteja representando a função.

Todo mundo riu.

Caroline estava olhando ao Joshua.

Foi Pitt quem falou.

— E deveríamos ser precavidos com respeito à calúnia. A menos que sejamos críticos de teatro, é claro...

— Oh! — Cecily respirou fundo e se voltou para ele. — Santo Deus! Não me tinha dado conta de que estava escutando com tanto interesse. Teria que lhe ter prestado mais atenção. Você não é um crítico, não é verdade?

Pitt sorriu.

— Não, senhora. Sou policial.

Os olhos de Cecily se arregalaram.

— Meu deus! Diz isso a sério?

Ele assentiu.

— Que desagradável. Detém pessoas por roubar carteiras ou por brigar em público?

— Temo que quase sempre seja por assassinato – respondeu Pitt com tom mais sério.

Orlando se levantou.

— Possivelmente por isso a senhora Fielding falou de perguntas que não deveríamos fazer, porque não desejamos saber as respostas. – disse no silêncio que seguiu. – A liberdade de expressão tem que incluir a liberdade de não escutar. Não tinha pensado nisto até faz poucos dias. – Caminhou para a porta. – Tenho uma fome feroz. Vou comer algo. Boa noite a todos.

— Boa ideia – se apressou a dizer Cecily, que pela primeira vez parecia ter perdido a compostura. – Janta com champanha para todos?

Joshua recusou em nome de seu grupo, e depois de abundar em suas felicitações, retiraram-se.

Pitt lhes agradeceu uma vez mais e lhes desejou boa noite. Caroline e Joshua voltaram de carruagem para casa, encetados em uma conversa bastante desgastada e educada sobre a obra. Falaram dos personagens, sem mencionar Cecily Antrim. Caroline experimentava uma crescente sensação de ser uma estranha.

Na manhã seguinte, Joshua se foi cedo para ver um dramaturgo, e Caroline tomou o café da manhã a sós. Estava contemplando sua segunda xícara de chá, que tinha deixado esfriar, quando Mariah Ellison entrou com sua bengala. Tinha sido bonita de jovem, mas a idade e o mau humor tinham feito trinca em suas feições, e seus penetrantes olhos eram quase negros quando olhou a Caroline com desaprovação.

— Bem, tem cara de ter perdido seis pennies. – disse com brutalidade. – Parece avinagrada. – Deu uma olhada ao bule. – Está recém feito? Suponho que não.

— Tem toda a razão – replicou Caroline ao mesmo tempo em que erguia a vista.

— Não serve de grande coisa admitir que tenho a razão – disse a anciã enquanto retirava uma cadeira e se sentava frente a ela. – Ponha remédio! A má esposa com expressão avinagrada não agrada a nenhum homem, sobre tudo se ela for mais velha que ele. Já é bastante desagradável o mau humor em pessoas jovens e bonitas. Mas quando deixaram atrás sua melhor época, é intolerável.

Caroline tinha passado toda sua vida adulta mordendo-a língua para ser cortês com sua sogra. Sua grosseria lhe foi insuportável, porque estava muito perto da verdade. Perdeu o controle.

— Obrigado por me transmitir a sabedoria de sua experiência – replicou.— Estou certa de que você sabe muito bem.

A anciã ficou surpreendida. Caroline nunca a tinha enfrentado.

— Suponho que a peça era má – disse com deliberação.

— A peça era muito boa – replicou Caroline.— De fato é brilhante.

A senhora Ellison contemplou a bule com cenho.

— Então por que está sentada ante uma xícara de chá frio e com rosto de poucos amigos? – perguntou. – Suponho que terá algum criado que prepare o chá. Sei que isto não é Ashworth House, mas imagino que o jovem ator com o que escolheu viver tem o suficiente para atender as comodidades básicas.

Caroline se sentia tão irritada e ofendida que disse o primeiro que lhe veio à cabeça.

— Ontem à noite, conheci um cavalheiro interessante e cativante. – Olhou à anciã sem pestanejar. – Dos Estados Unidos. Veio de visita e deseja localizar sua família.

— Tenho que supor que isso é uma resposta? – respondeu a senhora Ellison.

— Se quiser chá, faça soar a campainha e a criada acudirá. Peça o que deseje. Não o expliquei porque pensava que era capaz de fazê-lo por si só. Falei do senhor Ellison porque pensei que gostaria de sabê-lo. Ao fim e ao cabo, está mais relacionado com você que comigo.

A anciã franziu o sobrecenho.

— Perdão?

— O senhor Ellison está mais relacionado com você que comigo – repetiu Caroline.

— Esta... – abriu os olhos de par em par – pessoa... Afirmo ser meu parente? Você já não é uma Ellison. Escolheu converter-se em uma... uma... o que seja.

— Uma Fielding – disse Caroline por enésima vez. A anciã sempre fingia esquecer o sobrenome do Joshua para afundar em sua ferida. – E sim, com efeito, afirma-o. E sua semelhança com Edward é tão notável que acreditei nele imediatamente.

A anciã ficou tensa. Até esqueceu a campainha para chamar à criada.

— Seriamente? Que classe de homem é? Quem afirma ser, exatamente?

Caroline não estava muito segura de se ia desfrutar da revelação. Não tinha feito todo o efeito que esperava. Entretanto, não tinha alternativa que continuar.

— Ao que parece, meu sogro esteve casado antes... antes de conhecer você.

O rosto da anciã seguiu tão imperturbável como uma pedra.

— Samuel é seu filho – terminou Caroline.

— Seriamente? – respondeu a anciã. – Bem... já veremos. Não respondeu a minha pergunta. Que classe de homem é?

— Encantador, inteligente, se expressa muito bem e, a julgar por suas roupas, está bem situado. Resultou-me muito agradável. Espero que nos visite logo. – Respirou fundo.

– De fato, o convidarei a vir.

A senhora Ellison não disse nada, mas pegou a campainha e a agitou com fúria.

Capítulo 3

Pela manhã Pitt chegou cedo a seu escritório de Bow Street. Não gostava de ficar em casa quando estava só, e não tinha recebido a carta de Charlotte no primeiro correio. Assim que tomou o café da manhã e deu de comer aos gatos, abandonou Keppel Street.

Era muito cedo para receber notícias do Tellman, sobre Dover, mas Pitt não esperava que descobrisse nada definitivo. O cadáver disposto de uma maneira tão grotesca no Horseferry Stairs pertencia ao diplomata francês, ou a algum outro desventurado excêntrico propenso a determinados prazeres? Tomara se tratasse deste último. Um escândalo com a embaixada francesa seria muito desagradável e não poderia ser oculto, de modo que estremeceria as relações entre ambos os países.

A força dos sentimentos expressos na peça de ontem à noite o tinha perturbado. O retrato das apetências de uma mulher casada com um homem que não satisfazia suas paixões e sonhos não lhe tinha violentado tanto como a Caroline. Era uma geração mais jovem que ela, e de uma classe social diferente, mais livre para expressar seus sentimentos. Além disso, tinha crescido no campo, mais perto da natureza.

Mesmo assim, ver isso nu em um palco, determinadas emoções lhe tinha inspirado profundos pensamentos e uma nova percepção do que espreita detrás dos rostos mais serenos. Lamentou que Charlotte não estivesse em casa para poder comentar a obra com ela. A solidão da casa era como uma dor interna, e se alegrou de voltar para o caso do cadáver do bote.

No meio da manhã, enquanto examinava informes sobre pessoas desaparecidas, alguém bateu em sua porta e entrou um sargento.

— O que há, Llevem? – perguntou Pitt.

— Apresentou-se uma mulher, senhor, dizendo que seu patrão desapareceu. Faz um par de dias que não aparece por sua casa. Diz que é impróprio dele. Mais ainda, é um cavalheiro muito profissional. Nunca deixa de ir a uma entrevista. Sua reputação depende disso, pois se acotovela com a nobreza e tudo isso. Não pode fazer esperar os lordes e as damas, porque não voltariam a solicitar seus serviços.

— Bem, tome nota, Llevem – disse Pitt, impaciente.— Não podemos fazer grande coisa a respeito. Fale com o inspetor Brown se considerar que é grave.

Llevem não se moveu.

— Não, senhor, essa não é a questão. A questão é que nos deu sua descrição. Coincide com a do pobre diabo encontrado no Horseferry Stairs. Supus que gostaria de falar com ela, e talvez levá-la para ver o morto.

Pitt se reprovou não ter compreendido.

— Sim, Llevem, eu gostaria. Obrigado. Traga-a aqui, por favor.

— Sim, senhor.

— Llevem...

— Senhor?

— Bem feito. Informar-lhe-ei se se tratar dele.

— Obrigado, senhor.

Llevem saiu com um sorriso agradado e fechou a porta muito devagar. Retornou ao cabo de cinco minutos com uma mulher miúda e robusta, com um rosto que refletia angústia. Assim que viu o Pitt começou a falar.

— É você o cavalheiro com o que deveria falar? Já passaram dois dias... ao menos, este é o segundo... recebi mensagens perguntando onde está. — Sacudiu a cabeça. — Mas não tenho a menor ideia. É impróprio dele, durante todos os anos que me ocupo de sua casa nunca permitiu que nada se interpusse em seu trabalho. É muito metuculoso. Sempre ao serviço de seus clientes. Por isso chegou onde está.

— Onde é isso, senhora...? — perguntou Pitt.

— É o que digo. Ninguém sabe onde está! Desaparecido. Por isso vim à polícia. Algo se passou, tão certo quanto agora é de dia.

Pitt tentou de novo.

— Sente-se, por favor, senhora...

— Geddes... sou a senhora Geddes. — sentou-se na cadeira que havia em frente a ele.— Sim. — arrumou as saias. — Faz quase dez anos que faço a limpeza e cuido dele, e conheço seus costumes. Algo lhe aconteceu.

— Como se chama esse homem, senhora Geddes?

— Cathcart. Delbert Cathcart.

— Seria amável de me descrever a senhor Cathcart? Por certo, onde vive?

— Na Battersea. Junto ao rio. Uma casa muito bonita. De todas as que limpo, a melhor. O que tem que ver isso com seu desaparecimento?

— Talvez nada, senhora Geddes. Qual é o aspecto do senhor Cathcart?

— Estatura normal — disse a mulher com gravidade.— Nem muito alto nem muito baixo. Não é gordo. É... — pensou uns momentos — de aspecto bonito. Cabelo loiro e

bigode, fino. Sempre viu muito bem. Suponho que lhe poderia considerar atraente... mas o que vai tirar disto?

— Não estou seguro, senhora Geddes. – Pitt tinha tido que comunicar mortes a pessoas em incontáveis ocasiões, mas nunca lhe era fácil ou agradável. Ao menos, a senhora Geddes não era uma parente. – Temo que ontem pela manhã acharam um homem morto em uma pequena embarcação à beira do rio. Não sabemos quem é, mas se parece muito a sua descrição do senhor Cathcart. Lamento lhe pedir isto, senhora Geddes, mas teria a bondade de identificá-lo, se por acaso o conhecesse?

— Oh! Bem... – Olhou-lhe. – Bem, suponho que será o melhor. Melhor eu que uma dessas damas da alta sociedade que conhece.

— Conhece muitas damas da alta sociedade? – perguntou Pitt. Nem sequer sabia se o homem do barco era Cathcart, mas estava interessado em averiguar tudo que pudesse sobre ele antes que a senhora Geddes visse o cadáver, se por acaso a impressão a impedisse de pensar com coerência.

— É claro! – disse com os olhos arregalados. – É o melhor fotógrafo de Londres.

Pitt não sabia nada de fotografia, salvo o que tinha ouvido em conversas. Alguém se tinha referido a ela como a nova forma de fazer retratos.

— Ignorava-o – admitiu. – Eu gostaria de saber mais coisas sobre ele.

— São muito bonitas. Não vi nunca nada parecido. As pessoas ficam emocionadas com elas.

— Entendo. – Pitt se levantou. – Sinto muito, senhora Geddes, mas a única alternativa é ir ao necrotério para ver se se trata do senhor Cathcart. Confio que não.

Disse-o compadecido da mulher, mas se deu conta de que não era certo. O caso seria mais fácil se se demonstrasse que o cadáver era de um fotógrafo de sociedade inglês, e não de um diplomata francês.

— Sim – disse ela em voz baixa, levantou-se e alisou seu casaco. – Sim, é claro. Acompanho-o.

O necrotério estava bastante perto para ir a pé, e havia tanto ruído na rua que conversar teria sido difícil. Carros de cavalos, ônibus, carretas e carrinhos de mão deERVEJEIROS passavam sem cessar. Os camelôs gritavam, homens e mulheres discutiam, e um mascate ria a gargalhada da brincadeira de um ancião.

Dentro do necrotério era muito diferente. O silêncio e o aroma de umidade caíram sobre eles, e de repente o mundo dos vivos pareceu muito longínquo.

Atravessaram a sala onde os cadáveres estavam armazenados. Apartaram o lençol do homem do Horseferry Stairs.

A senhora Geddes engoliu a saliva.

— Sim — disse com voz estrangulada.— Oh, Meu deus... É o senhor Cathcart, pobre céu.

— Tem certeza?

— Oh, sim, é claro que sim. — Deu meia volta e levou a mão à boca. — O que lhe aconteceu?

Não era necessário lhe falar do vestido de veludo verde, nem das correntes, ao menos de momento.

— Temo que o golpearam na cabeça — respondeu.

Os olhos da mulher se dilataram.

— Quer dizer de propósito? Foi assassinado?

— Sim.

— Por que queria alguém assassinar ao senhor Cathcart? Roubaram-lhe?

— Parece muito improvável. Ocorre-lhe alguém que pudesse brigar com ele?

— Não — respondeu a mulher.— Não era dessa classe. — Mantinha a vista apartada.
— Deve tê-lo feito alguém muito mau.

Pitt indicou ao empregado do necrotério que voltasse a cobrir o corpo.

— Obrigado, senhora Geddes. Estar-lhe-ia muito agradecido se me levasse a casa do finado e me permitisse revistá-la. Pegaremos uma carruagem. — Esperou enquanto a mulher se serenava, e depois saíram à rua. — Encontra-se bem? — perguntou, ao ver seu rosto cinzento. — Quer que paremos para beber algo ou nos sentemos em algum lugar?

— Não, obrigada — respondeu ela com estoicismo.— É muito amável, mas prepararei chá para ambos quando chegarmos à casa. Não tem tempo de sentar-se. Tem que achar quem fez isto e pendurá-los por uma corda.

Pitt não respondeu, mas seguiu a seu lado até que parou a um cabriolet. Perguntou o endereço à mulher e disse-o ao cocheiro. Gostaria de interrogá-la mais a fundo sobre o Cathcart, mas a senhora Geddes ia sentada com as mãos enlaçadas sobre o regaço, os olhos fixos na lonjura, e de vez em quando exalava um leve suspiro. Necessitava de tempo para assimilar o acontecido.

A carruagem cruzou a ponte da Battersea e chegou ao outro lado. Percorreu George Street e se deteve ante uma casa muito bela, cujo longo jardim confinava com a água. Pitt

desceu e ajudou senhora Geddes a sair. Pagou ao cocheiro e encarregou-o que chegasse à delegacia de polícia do bairro para que enviassem um agente.

A senhora Geddes fungou, subiu o longo atalho de acesso enquanto sacudia a cabeça, tirou uma chave do bolso e abriu a porta. Fez isso sem a menor vacilação. Era evidente que se tratava de algo habitual para ela.

O vestíbulo da entrada era longo e luminoso, com uma escada a um lado. Estava muito bem iluminada por uma ampla janela que abrangia a longitude da escada. Em uma parede se viam vários retratos de grupos de pessoas. Meia dúzia de garotos desastrados jogavam na rua. A seu lado, damas da alta sociedade no Ascott, rostos adoráveis debaixo de muitos chapéus.

— Já lhe disse que era bom — disse com tristeza a senhora Geddes.— Pobre homem. Não sei o que tenta descobrir aqui. Pelo que vejo, não falta nada, não roubaram nada. Deveram lhe ter assaltado na rua. Nunca recebia a esse tipo de pessoas!

— A que tipo de pessoas se recebia? — perguntou Pitt enquanto a seguia até a sala de estar, surpreendentemente pequena para uma casa daquelas dimensões. Era muito elegante, com uma mesa e cadeiras Sheraton de madeira reluzente, e um tapete Bokhara que custaria a Pitt um ano de salário.

As janelas davam a um longo jardim cheio de árvores, o qual descia até a água. Um salgueiro conformava uma caverna verde e se refletia como renda na corrente, que mal se movia. Uma pérola estava coberta de rosas, e seus arcos se mostravam brancos através das folhas.

A senhora Geddes o estava olhando.

— Utilizava-o muito. — Suspirou.— As pessoas de seu estilo querem que tomem fotografias em lugares formosos. Sobre tudo as damas. As faz parecer... românticas. Os cavalheiros preferem algo majestoso, como ir vestidos com uniformes. — Seu tom transmitia sua opinião sobre as pessoas que usavam determinada roupa para parecer mais importantes do que eram. — Um indivíduo se retratou disfarçado de Julio César! — Fungou. — O que terá que ver!

— O senhor Cathcart não pôs objeções? — Pitt tentou imaginar a cena.

— Pois claro que não. Ajudou-o em tudo. Era seu trabalho. Tomar fotos de pessoas para que aparecessem tal como querem ver. Tolices, digo eu, mas dá na mesma. Ainda não sei o que veio ver, mas isto é o que há.

Pitt olhou ao redor, sem saber o que perguntar. Tinham matado ao Cathcart na casa? A resposta podia ser muito importante. A casa se achava em um lugar excelente para que

um bote chegasse à deriva até o Horseferry Stairs. Mas o mesmo podia dizer-se de muitas outras casas cuja parte posterior dava ao rio.

— Recebia aqui? – perguntou. – Dava festas?

A mulher olhou-o com incompreensão.

— Ele fazia isso? – repetiu ele, apesar de que o esmero dos aposentos parecia descartar qualquer festa em que se levassem roupas como aquele vestido de veludo verde, sobre tudo depois que a senhora Geddes tivesse limpado e ordenado tudo.

— Não que eu saiba. – A mulher meneou a cabeça, ainda aturdida.

— Alguma vez teve que recolher uma mesa, retirar montões de pratos para lavar?

— Não, ao menos nunca um montão. Apenas o serviço para três ou quatro pessoas. Por que o pergunta, senhor Pitt? Disse que tinha sido assassinado. Isso não costuma ocorrer nas festas. O que quer saber?

Pitt decidiu lhe dizer uma verdade pela metade.

— Ia vestido para uma festa... com um disfarce. Parece improvável que fosse pela rua com essa roupa.

— Seus clientes se vestiam como bobos – replicou a mulher. – Ele nunca! Tinha melhor bom senso que muitos de seus clientes.

A senhora Geddes devia ignorar muitas coisas sobre o senhor Cathcart, mas Pitt não o disse.

— Tem uma embarcação, talvez amarrada ao rio, ao final do jardim? – perguntou.

— Não sei. – A desventura invadiu seu rosto. – Antes disse algo a respeito de um barco. Encontraram-no em um barco?

— Sim. Quando você veio ontem, teve que ordenar algo em especial?

— Nada. A limpeza de costume. Um pouco de lavagem de roupa. O mesmo de sempre... exceto que ele não tinha dormido em sua cama, o que era estranho, mas já tinha acontecido outras vezes. – Apertou os lábios.

Pitt considerou que era um gesto de desaprovação.

— Passava de vez em quando a noite fora? Tinha amantes? – Ao recordar o vestido verde, preferiu não especificar o sexo.

— Bem, não acredito que o assassinasse – disse a senhora Geddes. – Isso não quer dizer que eu aprovasse suas relações! Mas não é má garota. Não é avara, nem muito chamativa, se souber a que me refiro.

— Sabe seu nome?

— Bem, suponho que deverá falar com ela. Chama-se Lily Monderell. Não me pergunte como se soletra, porque não sei.

— Onde acharei à senhorita Monderell?

— Do outro lado da ponte, em Chelsea. Suponho que terá o endereço escrito em algum lugar.

— Eu gostaria que me acompanhasse durante a revista da casa, se por acaso observar algo fora de lugar – pediu Pitt.

— Não sei que espera achar – disse a mulher, ao mesmo tempo em que piscava. De repente, dava a impressão de que a realidade da morte do Cathcart se apropriara dela, agora que a polícia estava inspecionando seus pertences, em sua ausência e sem lhe pedir permissão. – Se houvesse algo estranho, já me teria dado conta.

— Não olhou antes – lhe recordou Pitt. – Começemos por aqui e vamos subindo.

— Está perdendo o tempo. Deveria estar procurando fora. – Moveu a cabeça para um ignoto mais à frente. – Ali achará aos assassinos.

De qualquer modo, guiou-lhe até ao seguinte aposento.

Era uma casa grande e mobiliada com gosto extravagante, como se Cathcart tivesse escolhido cortinados e adornos que lhe serviriam em um futuro para suas fotografias. Entretanto, o conjunto criava um ambiente diferente e formoso. Um gato egípcio, de linhas alongadas e puras, contrastava com um trabalhado ícone russo pintado de vermelho, negro e dourado.

Um quadro de um pré-rafaelista menor, que representava a um cavalheiro em vigília ante um altar, pendia no piso de cima, e sublinhava de forma peculiar a simplicidade de um acerto de folhas em forma de espada. Era muito peculiar, e Pitt captou um definido sentido da personalidade, dos gostos de um homem, de seus sonhos e ideais, talvez algo da vida que lhe tinha moldado. A sensação de vazio era ainda maior que quando tinha contemplado o cadáver no banco do Horseferry Stairs, ou no depósito de cadáveres, quando tinha pensado mais na senhora Geddes e a questão da identificação.

A mulher guiou-o de aposento em aposento, e cada um estava impoluto. Não havia nada fora de lugar, as cadeiras e as mesas não estavam torcidas, almofadões nem cortinas não tinham sido movidos. Tudo estava imaculado. Era impossível acreditar que naquela casa se celebrara um baile de fantasias que teria desembocado nos excessos que insinuava o vestido de veludo verde, e em uma explosão de violência em que dois homens tinham brigado e a pessoa tinha ficado morta.

Ao último aposento subiram mediante um lance de escadas que nascia de um segundo patamar, menor. Estendia-se a todo o longo do último piso, com janelas e clarabóias que proporcionavam uma excelente claridade. Era evidente que se tratava do estúdio onde Cathcart tomava muitas de suas fotografias. Um extremo estava mobiliado com uma excelente saleta privada, um lado dava ao rio, e uma pessoa sentada teria a impressão de que atrás não havia outra coisa que o céu. O extremo mais próximo estava abarrotado como um armazém com montões de objetos das características mais díspares.

— Não subo muito aqui — disse a senhora Geddes.— Limite-se a varrer o chão, dizia ele. Mantenha-o limpo. Não toque em nada.

Pitt contemplou o conglomerado. Sem mover nada, reconheceu um capacete de viking, com seus chifres correspondentes, meia dúzia de peças de uma armadura, incontáveis objetos de veludo de diversas cores, intensos vermelhos e púrpuras, dourados, tons terrosos e creme, pastéis. Havia um leque de penas de avestruz, dois faisões dissecados, um escudo celta redondo com tachões metálicos, algumas espadas, bastões, lanças e elementos de uniformes militares e navais. Era impossível adivinhar o que havia debaixo.

A senhora Geddes respondeu a seus pensamentos:

— Como já disse, alguns gostam de disfarçar-se.

Um exame mais detido do estúdio não revelou nada que pudesse relacionar-se com a morte do Cathcart. Em um amplo roupeiro havia certo número de vestidos, enfeitados com diversos tipos de adornos. Mas como Cathcart fotografava com frequência mulheres, era de se esperar. Também tinha vestidos masculinos de muitos períodos históricos, tão autênticos como imaginários.

Havia quatro câmaras montadas sobre tripés, com panos negros para obscurecer a luz. Pitt nunca tinha visto uma câmara tão de perto, e examinou-as com interesse, procurando não tocá-las. Eram complicadas caixas de metal e madeira com lados de couro vincado, com o propósito de pregá-las atrás e adiante a fim de variar as proporções. Em duas delas se viam acessórios de latão recém polidos.

Também havia abajures de arco no chão. Careciam de fornecimento de gás, mas contavam com grossos cabos.

— Elétricos — disse com orgulho a senhora Geddes.— Alimenta-os sua própria máquina. Chama-se dínamo. Ele dizia que dentro da casa não conseguia a luz adequada para as fotos, exceto no verão.

Pitt contemplou os abajures com interesse. Cada vez estava mais claro que Cathcart teve muito trabalho para converter seu trabalho em uma arte. Não tinha reparado em tempo nem gastos.

— Tudo o fazia ele, é claro — disse a senhora Geddes.— Há uma sala especial no porão, cheia de produtos químicos. Cheira fatal. Mas nunca me deixava entrar aí, para que não me fizesse mal com algo. Se derrama certas coisas, nunca voltará a ser o mesmo.

— Guardava aqui fotografias? — perguntou Pitt, enquanto passeava a vista a seu redor com curiosidade.— Recentes ou atuais?

— Nessas gavetas.

A mulher indicou um amplo armário à esquerda do Pitt.

— Obrigado.

O policial o abriu e estudou as fotos que continha, uma a uma. A primeira era de uma mulher muito atraente vestida com um vestido exótico, com filas de contas ao redor do pescoço. A seus pés havia uma cesta de ráfia belamente trançada, da qual se desenroscava uma serpente de aspecto muito realista. Era uma imagem impressionante, mas nem tanto por sua insinuação do Egito clássico, como parecia a intenção do autor, mas sim pela iluminação do rosto, que revelava todo seu vigor e sensualidade.

Na segunda foto, um jovem posava como São Jorge, embelezado com armadura, espada e capacete. O elmo estava apoiado sobre uma mesa próxima. A luz incidia nos pontos e curvas do peitilho metálico, refletia-se em seus olhos claros e em seu cabelo loiro, ao qual dotava de uma auréola. Não era o retrato de um guerreiro, era mais o de um sonhador que liberava batalhas da alma.

Uma terceira fotografia capturava a vaidade essencial de um rosto, uma quarta a doçura, uma quinta o desenfreno, embora os enfeites da fantasia ou a riqueza ocultavam a verdade a um olho pouco sagaz. Pitt sentia um respeito cada vez maior pelo fotógrafo, e compreendeu que sua habilidade em captar e retratar a natureza humana podia ter ganhado tanto amigos como inimigos.

Fechou a gaveta e se voltou para a senhora Geddes. Nesse momento, ouviu a campainha da porta.

— Será melhor que vá ver quem é — disse a senhora Geddes, olhando-o como pedindo sua permissão.

— Digo que o senhor Cathcart morreu, ou não?

— Não, não o faça ainda, por favor. Suponho que será um agente da delegacia de polícia do bairro. Por simples cortesia, ao menos, tenho que lhes informar do acontecido, e se o assassinato foi aqui, cai em sua jurisdição.

Com sorte, a polícia do bairro insistiria em assumir o caso. Já começava a estar claro que a embaixada francesa não estava implicada, e não era necessário que Pitt seguisse à frente da investigação.

Era um agente, um homem afável, de rosto simples e idade madura, que respondia pelo nome de Buckler. Pitt lhe explicou com brevidade o ocorrido até o momento. Até os detalhes mais acidentados foram necessários, embora convidou a senhora Geddes a sair antes de descrevê-los. Se Buckler ia colaborar, devia saber todos os detalhes importantes.

— Bem, senhor, estou muito surpreso, o asseguro – disse quando Pitt terminou. – O senhor Cathcart era um artista, um pouco excêntrico, sim, mas sempre o consideramos um cavalheiro muito decente. Não era à velho uso, nem freqüentava a igreja, mas era um homem justo, melhor que muitos. É um assunto muito feio, disso não cabe dúvida.

— É claro que sim – admitiu Pitt, que ainda não estava certo de acreditar no que dizia Buckler sobre o Cathcart. – A senhora Geddes me mostrou a casa, e diz que não há nada fora de lugar, nem sinais de outra presença aqui, exceto a da senhorita Lily Monderell, que é a amante do Cathcart, conforme entendi.

— Bem, era um artista – concedeu Buckler. – Era de esperar. – Olhou ao redor.

— Acredita que o mataram aqui? É que não imagino alguém vestido como você diz andando pela rua. Nem sequer de noite! Se foi aqui, teria que colocá-lo no barco e lançá-lo à deriva. Poderia ser qualquer lugar entre o Pool e aqui.

Pitt o conduziu até a porta lateral que dava ao jardim e passaram junto à sala de estar, onde esperava a senhora Geddes.

— Cuidado com esse tapete – lhes advertiu. – O bordo está desfiado e é fácil enredar a bota. Disse várias vezes ao senhor Cathcart que deveria mandar remendá-lo.

Pitt olhou o chão. Estava muito polido e nu.

— Senhora Geddes!

— Sim, senhor?

— Aqui não há nenhum tapete.

— É claro que sim, senhor. – Sua voz lhes chegou com clareza. – Verde sobre fundo vermelho. Como já disse, a borda está desfiada.

— Aqui não, senhora Geddes. No chão não há nada.

Ouviu seus passos e um momento depois apareceu na soleira. Contemplou o chão polido.

— Desapareceu! – exclamou.

— Quando o viu por última vez?

— Bem... deixe-me pensar. – Parecia perplexa. – Sim, um dia antes que o senhor Cathcart... fosse.. bem, no dia antes. Certamente estava, porque insisti em que devia remendar. Dei-lhe o nome de alguém que se dedica a essas coisas. É um sapateiro, mas acerta muita bem qualquer coisa.

— É possível que o senhor Cathcart o levasse?

— Não, senhor. Ele não fazia esse tipo de coisas. Ter-me-ia entregue isso . Imagino que o roubaram, mas não me ocorre por quê.

Tinha a vista fixa enquanto falava, com a testa enrugada, mas não no chão, mas no vaso azul e branco que descansava sobre a jardineira, junto à parede.

— O que acontece, senhora Geddes? – perguntou Pitt.

— Esse vaso não está onde deveria. A cor não é adequada. O senhor Cathcart nunca teria posto um vaso azul e branco aí, porque as cortinas do final são vermelhas. Teria posto o vaso grande vermelho e dourado. É o dobro do tamanho desse. – Meneou a cabeça. – Não sei, senhor Pitt. É estranho que pegassem o vaso grande e pusessem em um lugar que não devia.

— Alguém que desejava ocultar o fato de que algo tinha desaparecido, talvez – aventurou Pitt. – Alguém ignorante de sua boa memória senhora Geddes.

A mulher sorriu.

— Obrigado... – interrompeu-se com brusquidão, com os olhos arregalados. – Quer dizer que o assassinaram aqui? Oh, Meu deus... – Engoliu a saliva. – Oh, Deus...

— É só uma possibilidade – disse Pitt com tom de desculpa.– Talvez devesse ir pôr o bule no fogo... e tomar esse chá que ainda não pôde preparar.

Ajoelhou-se no chão e seguiu com os dedos a borda do assoalho. Não demorou para sentir uma espetada, e recolheu um diminuto fragmento de porcelana. Examinou-o com atenção. Um dos lados estava manchado de um vermelho escuro.

— É isso? – perguntou Buckler, ao mesmo tempo em que se agachava para olhar.

— Sim...

— Deduz que foi assassinado aqui, senhor?

— É provável.

— Não há sangue – indicou Buckler.— Limparam tudo? Nem sequer deixaram uma marca?

— Não, devia estar no tapete desaparecido.

Buckler olhou em redor.

— O que fizeram com ele? Olhou no jardim? No lixo? Suponho que o assassino o levou, embora não entendo por quê. Mas o que importa? Não nos ia revelar sua identidade.

— Não, ainda não olhei no jardim – respondeu Pitt enquanto se levantava.— Se encontrar algo ali, preferiria que me acompanhasse um agente da zona.

Buckler alisou sua jaqueta e suspirou com suavidade.

— De acordo, senhor, ponhamos mãos à obra.

Pitt abriu a porta lateral e saiu. As árvores outonais ainda não tinham perdido suas folhas, mas os castanheiros começavam a tingir-se de dourado. Os ásteres formavam uma massa de púrpuras, azuis e magentas diversas, e os últimos malmequeres ainda se derramavam em todo seu esplendor sobre os lados das bordas. Algumas rosas jogavam brilhos âmbar e rosados, que muito em breve se desvaneceriam, mas possuíam um tom luminoso mais profundo que no verão.

Do outro lado das plantas de folha perene, a luz dançava sobre o rio, e quando Buckler e ele cruzaram o jardim viram a sombra escura no ponto onde o salgueiro formava uma caverna sobre a borda, a uns vinte metros do rio.

Avançaram com lentidão, os olhos cravados no chão em busca de pegadas, o sinal de que alguém tivesse passado há pouco.

— Ali, senhor – disse Buckler entre dentes.— Parece que arrastaram algo. Tudo se vê dobrado. Alguns caules estão quebrados.

Pitt o tinha visto. Algo pesado tinha caído e logo tinha depois puxado.

— Suponho que carregaram com Cathcart até onde puderam, deixaram-no cair aqui e o arrastaram o resto do caminho – disse Pitt.

Adiantou-se e Buckler o seguiu até a margem do rio. As ervas daninhas estavam esmagadas, mas a maré tinha subido e baixado quatro vezes durante os dois últimos dias, e os sinais estavam apagados sob a linha da pleamar. Havia um poste ao qual podia se amarrar um barco.

Pitt contemplou a água, onde ondulantes pontos castanhos refletiam o sol. Pitt demorou uns segundos em distinguir a borda branca de outro fragmento de porcelana, e

logo depois de outro. Foi Buckler quem viu o tapete enrolado meio fundo sob o salgueiro, acariciado pelos ramos. A princípio, tinha-lhe parecido um tronco à deriva.

Como não desejava vadear o rio, nem pedir ao Buckler que o fizesse por ele, Pitt voltou para o abrigo do jardim e pegou um restelo de manga longo. Juntos aproximaram o tapete à borda. Desenrolaram-no e examinaram com atenção, mas tinha passado muito tempo no barro e a água para saber se as manchas eram de sangue.

— Fizeram-no na casa, logo o carregaram até aqui e o puseram na barco — disse Buckler com semblante sombrio.— Quem o fez rompeu também o vaso e puxou os pedaços à água, e levou o tapete devido ao sangue. Possivelmente confiava em que nós pensaríamos que se foi de viagem.

Pitt lhe deu a razão. Quanto mais se demorava uma investigação, mais difícil era. Mas esta prova não respondia à pergunta se o assassinato tinha sido espontâneo ou premeditado; só demonstrava que o assassino tinha tido o suficiente sangue-frio para ocultar seu rastro.

— Deve ser um tipo muito grande — disse Buckler, inseguro— , para carregá-lo até aqui da casa e depois deixá-lo no barco.

— Ou teve ajuda — indicou Pitt, embora não acreditasse. Havia muito sentimento, muita violência e perversidade, para que duas pessoas tivessem colaborado, a menos que ambas tivessem sido afetadas pela mesma loucura. — Já não podemos fazer nada mais. — Pitt dedicou uma última olhada ao jardim e ao rio. A maré tinha subido vários centímetros desde sua chegada. — Será melhor que voltemos para sua delegacia de polícia. Cai em sua jurisdição.

Mas o superintendente Ward não albergava o menor desejo de aceitar o caso, e disse ao Pitt que, como o cadáver tinha sido encontrado no Horseferry Stairs e Pitt já tinha começado a investigar, devia continuar com isso.

— Além disso — recalcou— , Delbert Cathcart era um fotógrafo muito importante. Acotovelava-se frequentemente com a alta sociedade. Poderia dar lugar a um escândalo muito feio. Terá que proceder com a máxima discrição!

Tellman retornou do Dover acalorado e cansado, e depois de tomar uma xícara de chá e um sanduíche na cantina da estação, foi ao Bow Street e informou ao Pitt.

— Nem rastro dele no Dover – disse com uma mescla de alívio por não ter que prender um diplomata francês e decepção por não ter podido viajar a Paris.— Mas esteve ali. Reservou uma passagem para Calais, mas não apareceu. Interroguei-os a fundo, mas não titubearam. Esteja onde estiver, continua na Inglaterra.

Pitt se reclinou em sua poltrona, contemplou o rosto espartano do Tellman e viu angústia.

— O cadáver do barco não era do Bonnard – disse.— É um fotógrafo de sociedade chamado Delbert Cathcart. Vivia em Battersea, justo ao outro lado da ponte de Chelsea, onde tinha uma casa muito bonita que por detrás dava ao rio.

Contou ao Tellman que tinha descoberto o lugar onde Cathcart tinha sido carregado até o barco, o vaso quebrado e o tapete manchado.

Tellman franziu o sobrecenho.

— Então onde está Bonnard? Por que se dirigiu ao Dover e depois desapareceu? Supõe que é quem matou a esse tal... Cathcart?

— Não há motivos para pensar que estejam relacionados – disse Pitt com um sorriso irônico. Conhecia a opinião do Tellman sobre os estrangeiros. – Esta noite iremos ver Lily Monderell.

— Sua amante? – Tellman o disse com desprezo. Albergava uma ira profundamente arraigada contra todo tipo de coisas (privilégios, injustiça, cobiça, atitudes paternalistas ou desdenhosas para ele), mas embora o tivesse negado com veemência, era um homem muito moralista e suas ideias sobre o matrimônio eram muito conservadoras, assim como sobre as mulheres.

— Temos que começar por algum lugar – respondeu Pitt.— Não havia sinais de que alguém tivesse entrado na casa pela força, portanto temos que supor que conhecia seu assassino, e que o deixou entrar. Carecia de motivos para temer uma agressão. A senhora Geddes diz que não tem nem ideia de quem pôde ser. Talvez a senhorita Monderell saiba algo.

— Outros criados? – perguntou Tellman.— Ou a senhora Geddes se ocupa de tudo?

— Pelo visto sim. Comia fora com frequência, e não queria ter criados. Alguém ia esfregar duas vezes à semana, e havia um jardineiro, mas ninguém o conhecia melhor que a senhora Geddes.

— Nesse caso, acredito que o melhor será ir ver sua amante – admitiu Tellman a contra gosto.— Temos tempo de tomar um bom jantar antes?

— Excelente ideia – disse Pitt.

Preferia achar uma hospedaria calorosa e ruidosa e comer com o Tellman, que ir a sua casa do Keppel Street e jantar só. Ver a habitação tão familiar, com seu cobre polido e o aroma de roupa branca e madeira limpa, só podia fazê-lo mais consciente da ausência de Charlotte.

Tellman tinha formado uma imagem de Lily Monderell: o tipo de mulher que um homem levava a cama, mas com a qual não se casava. Seria vulgar e ambiciosa. Teria que ser bonita, ou não triunfaria em seu propósito, sobre tudo com um artista. Sem motivo algum, tinha-a pintado de cabelo loiro e generoso busto, e vestida de maneira chamativa.

Quando Pitt e ele foram conduzidos até sua sala de estar de Chelsea, ficou desconcertado, mas não entendeu por que. Além de ser morena, respondia muito bem à imagem que formara dela. Era muito formosa, de olhos vivazes, boca larga e sensual, e cabelo castanho escuro. Sua figura era esplêndida, e o vestido que usava ressaltava suas formas. Era um pouco ostentoso, mas talvez se devesse ao muito que podia exhibir. Em uma mulher mais magra teria sido mais recatado.

O que lhe desconcertou foi que não a achou desdenhável. Seu rosto era risonho, como a ponto de contar uma piada divertida. Desde o momento em que entraram na confortável saleta, com seus abajures de tela rosa, flertou com o Pitt.

— Sinto muito – disse este depois de lhe dar a notícia da morte do Cathcart, economizando detalhes.

A mulher se sentou no sofá, com uma saia vermelha desdobrada a seu redor. Reclinou-se um pouco ao mesmo tempo em que exibia seu generoso corpo.

— Vá, pobre Delbert – disse, e meneou a cabeça.— Não me ocorre quem quereria fazer algo tão... malvado. – Suspirou. – Tinha inimigos, é claro. É natural quando se é muito bom no que faz, e ele era brilhante. Em certo sentido, ninguém podia lhe tocar.

— Que tipo de inimigos, senhorita Monderell? – perguntou Pitt. – Rivals profissionais?

— Mas não o matariam, querido – respondeu ela com um sorriso.

Tellman percebeu um leve acento do norte. Talvez do Lancashire. Não sabia muito sobre cidades, além de Londres.

Pitt cravou a vista nela.

— Que tipo? – insistiu.

— Viu suas fotos? – Olhou-o sem pestanejar.

— Algumas. Pensei que eram muito boas. Algum de seus clientes não ficou satisfeito?

O sorriso da mulher se alargou e revelou uma dentadura perfeita.

— Bem, atrever-me-ia a dizer que você não conhece seus clientes – respondeu.– Viu a dama vestida de Cleópatra... com a serpente?

Tellman deu um pulo.

— O que pensou ao vê-la? – perguntou a mulher sem deixar de olhar ao Pitt.

Uma sombra de incerteza cruzou o rosto do Pitt.

Tellman estava fascinado. Desejou ter visto as fotografias. Perguntou-se por um momento se a dama do passado ia vestida por completo.

— Venha, querido! O que pensou dela? – repetiu Lily Monderell.– Diga a verdade! O pobre Delbert o merece.

— Pensei que era muito expressiva – respondeu Pitt com apuro.

Lily Monderell jogou a cabeça atrás e lançou uma gargalhada.

Tellman estava emocionado. Seu amante acabava de morrer, tinha recebido a notícia uns minutos antes, e estava rindo! Tentou franzir o sobreceixo para denotar desaprovação, mas não o conseguiu. Aquela mulher irradiava uma calidez que o envolvia, bem a seu pesar.

Olhou-o, e sua alegria se dissipou.

— Não me olhe assim, querido– disse. – Não é agradável estar com alguém que põe esse rosto de amargurado. Gostaria que seguissemos adiante... sobre tudo eu. Eu o conhecia. Você não.

Tellman não soube o que responder. A mulher se parecia com todas as imagens que fizera de mulheres semelhantes, mas internamente era diferente, mais viva, mais inquietante, e isso o confundia.

Mas ela já tinha acabado com o Tellman. Voltou-se para o Pitt, com o interesse e o humor desenhados em seu rosto.

— Expressiva? – perguntou. – Com que cuidado escolhe suas palavras, superintendente. Isso é tudo?

Tellman olhou ao Pitt, espectador ante sua resposta. Suspeitava que Pitt tivesse visto mais coisas na foto do que admitia.

— Adiante! Seja sincero – lhe animou Lily.– Que classe de mulheres?

Meio sorriso iluminou a boca do Pitt.

— Na foto... uma mulher sensual, egoísta – respondeu.– Impetuosa, sem escrúpulos, muito segura de si mesma. Uma amiga duvidosa e uma má inimizada.

Lily assentiu lentamente, com um brilho de satisfação nos olhos.

— Vê-o? Tudo está na foto. A miras uma vez e já a conhece melhor do que ela desejaria – disse com orgulho.– Era um gênio. Podia fazê-lo uma e outra vez. Uma luz aqui ou ali, uma sombra, um detalhe na disposição. Surpreender-lhe-ia saber que às pessoas costumam gostar daquilo que revela seu autêntico caráter. Esquecem que embora uma fotografia se tome em um lugar privado, uma vez revelada pode exhibir-se onde seja.

Pitt se inclinou para diante.

— Que tipo de coisas acrescentava?

Tellman não entendeu o motivo da pergunta.

— Por exemplo, a serpente – começou Lily.– E lembro umas mariposas para uma jovem da alta sociedade. Ela pensou que eram muito bonitas... e estava certa. Também refletiam seu caráter muito bem. — Sorria enquanto falava. — E um espelho, facas, fruta, taças de vinho, animais dissecados, diferentes tipos de flores... todo tipo de coisas. Também influía a disposição das luzes. Um rosto iluminado de baixo não sai igual a iluminado de cima ou de um ângulo.

Pitt refletiu.

— E ganhou inimigos por culpa de sua intuição?

— Se fizer essa pergunta, significa que ignora o alcance da vaidade – respondeu Lily e meneou a cabeça.– Não conhece às pessoas? Supõe-se que é um detetive, não?

— Como acaba de dizer, senhorita Monderell, você conhecia senhor Cathcart e eu não.

— Tem razão, querido, é claro.

De repente se entristeceu, e Tellman ficou estupefato ao ver lágrimas em seus olhos. Não sabia por que, mas se sentiu agradado. Uma pessoa decente lamentava a morte.

Pitt mudou a direção de seu interrogatório com brusquidão.

— Herdou sua riqueza ou ganhou com suas fotografias?

Ela pareceu sobressaltar-se.

— Nunca falava dessas coisas. Era generoso, mas eu não o necessitava por isso.

Disse-o como sem lhe dar importância, mas Tellman pensou que ela desejava que soubessem.

Pitt se olhou as mãos.

— Não dependia dele economicamente? – perguntou. – Eram amantes ou só amigos?

Lily sorriu, meneou a cabeça e as lágrimas escorriam por suas faces.

— Sei a que se refere, mas se equivoca. Fomos amantes. Gostava das mulheres e jamais imaginei que eu era a única... mas comigo era diferente. Nunca foi uma relação profunda, mas nós gostávamos... era divertido, coisa que não abunda. Sentirei falta dele. – secou a face. – Eu gostaria de pensar que foi... rápido, que não sofreu...

— Eu diria que nem sequer se inteirou – respondeu Pitt.

Lily olhou ao Tellman. Este pensou que a mulher temia que Pitt fosse mais amável que sincero.

— Um golpe na parte posterior da cabeça – confirmou. – Deve ter morrido imediatamente.

Seu desejo de consolá-la surpreendeu. Ela representava tudo o que ele detestava, e não se parecia em nada ao Gracie. Gracie era miúda, magra, de grandes olhos, carinha expressiva, e a pessoa mais suscetível do mundo. Era prudente, engenhosa e de uma valentia incrível. De fato, era justamente o contrário do tipo de mulher que sempre lhe tinha atraído e com o que tinha pensado casar-se algum dia. Que gostasse lhe era razoável, como também respeitá-la, mas discordavam, em tantas coisas, coisas importantes como a justiça social e o lugar da pessoa na sociedade, que seria ridículo pensar em algo mais que uma amizade agradável.

Pois claro que era ridículo! Nem sequer gostava de Gracie. Tolerava-a porque trabalhava com o Pitt, nada mais. Se pudesse escolher, nem sequer o teria feito. Mas teria servido chá e massas caseiras ao diabo se Pitt o tivesse pedido e ela pensasse que o ajudaria em um caso.

Pitt ainda estava falando com Lily Monderell, ele fazia pergunta sobre a vida do Delbert Cathcart, sua roupa, suas idas ao teatro, suas festas, o tipo de pessoas com que passava o tempo quando não procurava clientes.

— Claro que ia a festas – disse a jovem. – De todos os tipos, mas o que mais gostava era do teatro. Quase era parte de sua profissão.

— Disfarçava-se?

— Refere-se a bailes de sociedade e todo isso? É provável. Quase toda essa gente o faz. – Enrugou a fronte. – Por quê? O que tem que ver isso com seu assassinato?

— Estava ... disfarçado – respondeu Pitt.

A jovem pareceu surpreendida.

— Não o fazia frequentemente. Preferia ir... normal. Dizia que o que escolhia como disfarce delatava o que era por dentro.

— O que usava... quando o fazia? – perguntou Pitt.

A jovem pensou.

— A única vez que lembro, ia todo de negro, com uma pena e um espelho. Como uma espécie de palhaço. O que levava quando morreu?

Pitt vacilou.

O rosto de Lily se escureceu.

— O que?

Pitt olhou-a.

— Um vestido de veludo verde.

— Um vestido? A que se refere? – Estava desconcertada.

— Um vestido de mulher – colaborou Pitt.

Olhou-o com incredulidade.

— Isso... absurdo! Ele nunca levaria esse tipo de disfarce. Alguém o teve que pôr... depois. – estremeceu e piscou.

— Confiava que você nos diria quem pôde ser – insistiu Pitt.

A voz de Lily soou férrea e aguda:

— Bem, pois não posso! Seus amigos são pitorescos, um pouco loucos, gastam muito em seus prazeres, mas não fazem essas coisas. Pobre Delbert. – Sua vista se cravou na distância, com olhos doloridos. – Ajudá-lo-ia se pudesse, mas não foi nenhum amigo seu. – Olhou Pitt de novo. – Quero que o encontre, senhor Pitt. Delbert não merecia isso. Às vezes se bancava esperto e nem sempre sabia calar suas observações... e isso produz inimigos. Era muito intuitivo, mas não era mau. Gostava de uma boa brincadeira, uma boa festa, e era generoso. Apanhe ao culpado...

— Farei tudo que possa, senhorita Monderell – prometeu Pitt. – Se pudesse me dar uma lista dos amigos do senhor Cathcart, verei se algum deles pode nos ajudar também.

Ela se levantou com um gracioso movimento e se aproximou da escrivaninha, com um frufu de saias e uma onda de perfume, quente e doce, e invadiu Tellman, que se sentiu confundido uma vez mais.

Capítulo 4

Mariah Ellison estava nervosa. Isso a irritava, pois era algo que evitava desde mais anos dos que podia recordar, e já eram muitos. Controlava os acontecimentos, de forma que poucas vezes se achava em desvantagem. Era um dos privilégios da idade.

Tudo era por culpa de Caroline. Quase tudo o que lhe era desagradável era culpa de Caroline. Casar-se com um ator! Sua nora tinha perdido o juízo. Claro que nunca tinha tido muito. Caroline lhe tinha parecido muito sensata quando se casou com o Edward, seu único filho. Pobre Edward. Como lamentaria ver quanto se rebaixou sua viúva: freqüentar pessoas do teatro, e ainda por cima casar-se com um jovem que podia ser seu filho. A morte do Edward devia havê-la desequilibrado. Era a explicação mais caridosa que lhe ocorria. Não era feita de uma massa bastante forte, esse era seu problema. Mariah não se desmoronou quando o pai do Edward tinha morrido, deixando a viúva mais ou menos à mesma idade. Mas era de uma geração diferente a de Caroline, e sua firmeza moral era de aço.

Quem era esse Samuel ao que Caroline tinha convidado a tomar chá com tanta precipitação? Aparentemente lhe tinha escrito uma nota aquela mesma manhã, enviando-a com um mensageiro ao hotel onde se alojava o senhor Ellison durante sua estadia em Londres. A aceitação tinha chegado em pouco tempo. Seria um prazer visitá-las, às três em ponto.

Poderia ser qualquer classe de pessoa! Caroline havia dito que era encantador, mas seu segundo matrimônio bastava para desacreditar sua sensatez. Só Deus sabia o que outras coisas podiam ser causa de sua admiração nos últimos tempos.

Mariah havia trazido sua própria criada, Mabel, quando se mudou do Ashworth House. Era a mínima comodidade que podiam lhe permitir. Portanto, foi Mabel quem a ajudou a colocar seu melhor vestido negro de tarde. Era viúva e, igual à rainha, negara-se a levar roupas que não fossem negras durante os últimos vinte e cinco anos.

Mabel a ajudou aguilhoada por uma contínua cascata de instruções e críticas, das quais fez pouco ou nenhum caso.

— Já está, senhora — disse por fim.— Tem muito bom aspecto. Preparada para reunir-se com quem for.

A anciã grunhiu e se inspecionou no espelho por última vez, endireitou sua gola de renda e avançou para a porta de seu dormitório.

Quem era esse tal Samuel Ellison? Sabia que seu marido tinha estado casado antes, é claro. Nunca o havia dito a Caroline porque esta não precisava sabê-lo, e não era um assunto que Mariah desejasse comentar com ninguém. Ignorava que existisse um filho. Era muito possível que se tratasse de um impostor, mas se na verdade se parecia tanto ao Edward devia ser autêntico. Saberla assim que o visse.

Saiu para o patamar. Era absurdo sentir-se inquieta, embora o homem fosse quem afirmava ser. Em tal caso, seria amável com ele e a tarde passaria voando. Ao fim e ao cabo, era um norte-americano. Ela não era responsável por que fora socialmente indesejável. Podia pedir desculpas, negar todo parentesco e não voltar a convidá-lo.

E se era encantador, interessante e divertido, tanto melhor.

Se era um impostor, chamaria com a campainha ao mordomo para que lhe pusesse de quatro na rua. Não tinha que envergonhar-se. Todo mundo tinha parentes que lhe eram indiferentes. Acontecia nas melhores famílias.

Desceu a escada e entrou na saleta.

Caroline estava olhando pela janela. Assim que a anciã entrou, voltou-se. Caroline era muito bonita para sua idade, quase poderia dizer-se que formosa, mas o brilho de seus olhos e o rubor de suas faces eram impróprios de uma mulher madura. Deveria comportar-se com mais discrição. E esse tom borgonha era muito intenso.

— Vestiu-se com excessiva elegância – criticou a anciã. – Pensará que deve jantar, mas mal são três da tarde.

— Bem, se olhar a você suporá que se defumou – replicou Caroline. – Parece vestida para um funeral.

A anciã ficou rígida.

— Sou viúva. Como você, ou ao menos o foi até que se casou com esse ator. Pensei que, em deferência ao fato de que em teoria esse homem é membro de nossa família e de que seu irmão morreu, poria algo mais em consonância para a ocasião. — sentou-se na melhor poltrona.

Caroline a esquadrinhou.

— Nunca nos disse que meu sogro tinha estado casado antes.

A anciã evitou seus olhos.

— Não era seu problema — disse com frieza. — Era uma mulher de... — Por uma vez, não soube o que dizer. Sombrias lembranças roçaram a periferia de sua mente, mas

não lhes permitiu aproximar-se mais. — Fugiu. — Sua voz soou recriminatória. — Abandonou-o. Fugiu com um aventureiro de pouca classe... — Era uma mentira, mas mais fácil de acreditar e entender. — É claro que não falamos disso. Ninguém o fez. — Isso era certo.

— Edward teria gostado de saber que tinha um meio-irmão — disse Caroline.

— Ninguém sabia — replicou a anciã com voz firme. Isso também era verdade. Não tinha nem ideia de que Alys estivesse grávida. Se houvesse sabido, Edmund não a teria deixado escapar com tanta facilidade. Perder um filho era algo muito diferente.

Mariah relaxou os punhos. Tinha as mãos frias e algo pegajosas devido à tensão. Lembranças de longo tempo esquecidas se agitavam em sua mente, uma dor indefinida, coisas rechaçadas tanto tempo atrás que só eram escuridão, sem matizes, uma dor surda. Por que não chegava alguém e lhe economizava o trabalho de tentar não pensar?

Aí estava. Uma carruagem na rua. Passos no vestíbulo, murmúrio de vozes. Graças a Deus.

A porta se abriu e o mordomo anunciou ao senhor Samuel Ellison. Era alto e corpulento e vestia colete e jaqueta à última moda, mas isso não significava nada para Mariah. Quase ficou sem fôlego quando viu seu rosto. Era tão parecido com seu filho que uma onda de tristeza a embargou. Não era que Edward e ela tivessem sido amigos, ou compartilhado ideias e confidências, a não ser o vínculo de anos de conhecer-se, de lembranças da infância, do fato de que era parte dela. E de repente aparecia este homem, cuja existência desconhecia até aquela mesma manhã, com os mesmos olhos, a mesma forma da cabeça, a mesma maneira de mover-se.

Caroline o apresentou antes que Mariah estivesse preparada.

Ele inclinou a cabeça, sorridente, com uma expressão de interesse quando a olhou no rosto.

— Encantado de conhecê-la, senhora Ellison. Foi muito amável ao me receber com tanta prontidão, mas depois de tanto tempo esperando conhecer minha família inglesa, não podia aguardar nem um dia mais.

— É um prazer, senhor Ellison — respondeu a anciã. Era difícil pronunciar o sobrenome, seu próprio sobrenome, dirigido a um desconhecido. — Espero que sua estadia na Inglaterra seja agradável.

— Já o é — assegurou ele com um sorriso. — E melhora a cada minuto.

A anciã se obrigou a responder com educação, e todos se sentaram para falar de banalidades durante uns minutos. Entretanto, a conversa não demorou para trocar de

rumo. Caroline fazia uma pergunta corriqueira sobre a juventude do Samuel, e ele respondeu com uma vívida descrição de Nova Iorque, onde ao que parecia sua mãe tinha desembarcado depois de cruzar o Atlântico.

— Sozinha? – perguntou Mariah, assombrada. – Como o conseguiu?

Talvez fosse uma pergunta indiscreta. Talvez ele não quisesse respondê-la, e tinha sido formulada com tanta incredulidade como compaixão.

— Oh, havia muita gente nas mesmas circunstâncias – respondeu com desenvoltura Samuel. – Ajudaram-se uns aos outros, tal como contei à senhora Fielding ontem de noite. – Olhou-a com um sorriso. – Minha mãe era uma mulher muito valente, e o trabalho duro nunca a assustou.

Mariah mal ouviu a conversa que seguiu. Sua mente bulia de pensamentos sobre aquela mulher que nunca tinha visto, que tinha sido a primeira esposa do Edmund e fugido sozinha a América, sem um amigo ou aliado no mundo, segundo Samuel, e grávida do filho do Edmund. Por que se tinha partido se não existia um amante? A resposta espreitava como uma escura ameaça justo fora de seu alcance, mas perto... muito perto.

— Você ficou em Nova Iorque? – perguntou Caroline.

— Oh, não – respondeu Samuel com um amplo sorriso. – Quando tinha vinte anos decidi viajar ao oeste, só para jogar uma olhada, compreende?

— E abandonou a sua pobre mãe? – disse com sarcasmo Mariah. Quase lhe proporcionou prazer pensar em Alys só outra vez. Bem merecido.

— Oh, me acredite, senhora, minha mãe era muito capaz de cuidar de si mesma – assegurou ele, enquanto se reclinava na poltrona. – Tinha um pequeno negócio de corte e costura, e empregava a várias garotas. Fez amigos e conheceu muita gente. Sentia falta de mim, suponho, mas não se importou que fizesse a mala e me fosse ao oeste, passando por Pittsburgh e Illinois.

Continuou com maravilhosas descrições das grandes planícies que se estendiam milhares de quilômetros até as ladeiras das Rochosas.

Mariah começou a relaxar. Ao fim e ao cabo, era um homem divertido. Como a maioria dos homens, desfrutava sendo o centro de atenção. Ao contrário da maioria, era dotado para a anedota e tinha um grande senso de humor. Caroline estava sufocada, e mal tinha afastado os olhos dele desde que começara a falar.

O chá foi servido. Não ia tão mal, depois de tudo.

— Mas retornou a Nova Iorque – disse Caroline.

— Voltei para o Leste quando minha mãe adoeceu – respondeu Samuel.

— É claro. — Caroline assentiu. — Quis retornar para cuidá-la. Não voltou a casar-se? Uma curiosa expressão cruzou o rosto dele, uma mescla de compaixão e algo que poderia ser ira.

Mariah sentiu um calafrio de advertência. Não tinha terminado. Quis dizer algo para interromper as indiscretas perguntas de Caroline, mas por uma vez não lhe ocorreu nada que não servisse para piorar as coisas.

— Espero que se recupere — disse Caroline.— Devia ser muito jovem ainda.

— Oh, sim — respondeu Samuel com um sorriso.— Não foi mais que algo passageiro, graças a Deus.

— Deviam querer-se muito — disse Caroline.— Depois de ter sofrido juntos tantos padecimentos...

O rosto de Samuel se suavizou e uma grande ternura transpareceu em seus olhos.

— Com efeito. Embora ardesse em desejos de conhecer minha família inglesa, não teria se arrependido dos Estados Unidos na vida dela. Nunca conheci uma pessoa com mais valentia e força de vontade para seguir seu caminho e ser coerente consigo mesma, custasse o que custasse.

Caroline sorriu com doçura, quase um resplendor, como se as palavras possuíssem um imenso valor para ela.

— Custa — admitiu com o olhar cravado no Samuel.— Às vezes se sente muito insegura, cheia de dúvidas e solidão, e nem sempre é possível voltar sobre seus passos. Às vezes é muito tarde, quando se dá conta do que pagou.

Samuel a olhou com admiração.

— Vejo que o compreende muito bem, senhora Fielding. Acredito que minha mãe teria gostado de si, e você dela. Dá a impressão de que pensam igual.

Mariah ficou rígida. Do que estava falando? Aquela mulher tinha abandonado seu marido e fugido a América. E estava falando como se isso fosse uma espécie de virtude. Quantas coisas sabia? Ela nunca teria podido... nunca poderia... nenhuma mulher o faria! Um pedaço de gelo se formou em seu interior. Antigas lembranças dolorosas vieram a sua mente. Devia fazer algo, agora, antes que fosse muito tarde.

— Suponho que estava ali durante essa desventurada guerra — disse com brusquidão. — Deve ter sido muito desagradável.

— Essa expressão mal o descreve, senhora Ellison — disse Samuel, muito sério.— Toda guerra é espantosa, mas uma guerra entre pessoas da mesma nação, que inclusive

se conhecem mutuamente, possivelmente irmãos, pais e filhos, é o mais terrível. A violência e o ódio engendram uma amargura que não se desvanece.

Mariah Ellison não o entendeu, mas tampouco o desejava.

O homem se deu conta e sua expressão mudou. O componente trágico se esfumou, substituído pela compaixão e um humor irônico. Falou dos acontecimentos tal como ele os tinha percebido.

— Às vezes são as coisas mais idiotas as que lhe fortalecem – disse.— Se você alguma vez tivesse estado morto de medo o compreenderia.

Uma onda de calor subiu em Mariah quando uma lembrança recobrou vida de repente, uma antiga lembrança que tinha enterrado anos antes, seguido de um calafrio que a deixou tremendo como se tivesse engolido gelo. Como se atrevia a fazê-la sentir assim? Como se atrevia a chegar de um nada e conjurar o passado?

Foi Caroline quem rompeu o silêncio e a devolveu a aquela agradável e modesta estadia, com seus móveis velhos e cômodos, a luz da tarde que entrava pelas janelas e banhava o tapete.

— Fala disso com tanta paixão que quase podemos sentir algo do que viveu – disse em voz baixa.

Samuel se voltou para olhá-la e deu a impressão de que ia estender a mão para tocá-la, se não tivesse reparado que teria sido um gesto de excessiva familiaridade.

— O que fez depois da guerra? – perguntou Mariah. Ouviu o tom arrepiado de sua voz, mas não pôde controlar – de algo teve que viver, não? – perguntou-se se tinha se casado, e em caso contrário, por que, mas não desejava retê-lo mais tempo a base de perguntas, e tampouco desejava parecer interessada.

— O que fez sua mãe? – perguntou Caroline, e Mariah teve vontade de lhe dar um pontapé.

O rosto de Samuel se encheu de uma doçura que o mudou. Pela primeira vez, perdeu sua confiança em si mesmo e por um momento pareceu um homem vulnerável, mais consciente de suas necessidades e de que grande parte de sua energia procedia de outra fonte. Mariah quis gostar dele por isso, mas não pôde, porque estava assustada do que ia dizer.

— Minha mãe cuidava de si mesma, senhora – respondeu o homem, e não pôde dissimular seu orgulho. – E também de muitos outros. Possuía toda a coragem do mundo. Não pensava duas vezes na hora de lutar pelo que acreditava, ganhasse ou perdesse. – Ergueu um pouco o queixo. – Ensinou-me tudo o que sei sobre enfrentar um inimigo, com

independência do que sinta e do preço que vai pagar. Em meus piores momentos, pensei que eu gostaria de ser digno dela. Atrever-me-ia a dizer que muitos homens pensam o mesmo.

Mariah sentiu que a desventura espremia suas entranhas, como uma argola de ferro. Maldito fosse por ter vindo! Maldito Caroline por convidá-lo. É fácil falar de valentia e de lutar quando a batalha é honrosa e todo mundo o compreende. Quando não pode morrer vítima de sua própria vergonha!

Do que estava falando? Intuí-a, sabia algo? Contemplou seu rosto atraente e risonho, tão parecido em feições ao de seu filho, mas não conseguiu decifrá-lo. Não podia ir a ninguém, e muito menos à Caroline. Nunca devia inteirar-se. Brigaram tantas vezes ao longo dos anos, inclusive mais nos últimos tempos, quando recriminava Caroline por casar-se com um homem muito mais jovem que ela, em lugar de encerrar-se com decência em sua viuvez. Acabaria em um desastre, e o tinha percebido. Era a verdade. Seria insuportável, uma morte em vida, que Caroline conhecesse os segredos da escuridão enterrada tanto tempo atrás. Preferia morrer e ser enterrada de uma maneira respeitável... inclusive ao lado do Edmund. Isso fariam, provavelmente. Havia-lhes dito que esse era seu desejo. Que outra coisa podia dizer?

Mas ninguém morria por desejá-lo. Sabia muito bem.

Estavam falando outra vez. O ruído zumbia ao redor como um vaso cheio de moscas.

— Era uma Nova Iorque muito diferente depois da guerra? — perguntou Caroline.

Estava inclinada um pouco para frente, com a suave seda borgonha de seu vestido rodeada aos ombros, e expressão de intensa concentração no rosto. Um rosto muito pessoal, que refletia inteligência e vontade, com a forma peculiar da boca. A anciã, a princípio, tinha pensado que era formosa. Agora se conheciam muito para pensar nesses termos. Além disso, a formosura era patrimônio da juventude.

— Mudada de cima abaixo — respondeu Samuel. Uma curiosa expressão cruzou seu rosto, risada nos olhos e algo que podia ser entusiasmo, misturado com tristeza e desagrado, na boca. — A guerra deixou tudo em um estado de mudança permanente.

Passou a descrever seu colorido, violência, corrupção e agitação. Contou-o de uma forma tão gráfica que até a anciã escutava, amaldiçoando cada momento.

— Estou seguro de que não pode imaginar, senhora Ellison, o que significa para um jovem voltar do medo e das penalidades da guerra e descobrir que a vitória era mais amarga do que tínhamos previsto.

Abandonou a vida na cidade e referiu suas aventuras no Oeste.

— Os homens e mulheres que empreenderam o caminho em suas carretas eram as melhores e mais valorosas pessoas que conheci – disse com admiração.— As penalidades que suportaram sem queixar-se bastariam para fazê-la chorar. Eram de todos os países: alemães, italianos, suecos e franceses, espanhóis, irlandeses e russos, mas também muitos daqui. Encontrei-me com um grupo de ingleses que empurravam todas suas posses em carrinhos de mão, com suas mulheres caminhando ao lado, algumas com bebês nos braços, sem parar até Salt Lake Valley. Deus sabe quantos morreram no caminho.

— Não posso imaginar isso – disse Caroline.— Não sei de onde as pessoas tiram tanta coragem.

Caroline olhou Samuel e pensou na noite anterior, no teatro, e no muito diferente que tinha sido. Via em sua mente a vívida figura de Cecily Antrim no palco, o cabelo como uma auréola sob as luzes, cada gesto uma mensagem de paixão e desespero contidas. Desejava muito mais do que tinha. Seria capaz essa mulher de imaginar o que era lutar só para sobreviver?

Ou as emoções eram as mesmas e só diferia o objeto do anseio? Desejava-se o amor, a liberdade de agir com sinceridade, sem deixar-se influir pelas expectativas sociais, com a mesma ferocidade que se desejava a liberdade religiosa ou política, até o ponto de entrar a pé em uma terra imensa e desconhecida, habitada só por uma raça estranha que considerava você um invasor?

Cecily Antrim lutava contra uma sociedade complexa e sofisticada com o fim de conseguir a liberdade de expressão. Caroline se sentia ameaçada por ela. Admitiu-o enquanto olhava ao Samuel quase sem escutá-lo. Estava acostumada a um mundo em que certas coisas não se diziam. Era mais seguro. Havia coisas que não desejava saber, sobre os outros e sobre si mesma. Havia emoções que não queria pensar que outros compreendessem. Deixar-na-iam nua de uma forma perigosa, e muito vulnerável.

Cecily Antrim era muito valente. Nada parecia assustá-la o suficiente para dissuadi-la. Era parte do que Joshua admirava tanto; isso, e sua formosura. Era única, embora não se tratava de uma beleza muito visível, muito apaixonada e livre de compromissos. Seu rosto possuía simetria e equilíbrio na suavidade dos traços, os olhos grandes e imperturbáveis. Movia-se com extraordinária graça. Conseguia que Caroline se sentisse muito vulgar e velha, como uma traça em lugar de uma mariposa.

E o pior é que não se limitava ao físico. Cecily possuía vigor e coragem para lutar pelo que acreditava, e Caroline cada vez estava mais insegura de suas crenças. Desejava

concordar com Joshua em que a censura era um engano. A única forma de acessar a liberdade e a maturidade, a tolerância, era permitir que todas as ideias se expressassem e todas as perguntas se formassem, cômodas ou não. E para mudar as leis era preciso despertar as emoções das pessoas, assim como sua solidariedade com paixões e crenças distintas das suas.

Isso era o que lhe dizia sua mente. Mas no fundo existia a convicção de que não se devia falar de certas coisas, talvez nem sequer sabê-las.

Era covardia?

Estava certa de que essa seria a opinião de Cecily Antrim, e por isso a desprezaria, embora mal importasse. Preocupava, sim, era o que pensava Joshua. Descobriria também que se estava abrindo um abismo entre eles, entre os valentes de coração e de mente, os suficientemente fortes para olhar de frente tudo que a vida oferecia, e aqueles como Caroline, que queriam ficar em um lugar seguro, onde podiam negar e ocultar todas as fealdades?

Samuel continuava falando, mas olhava sobre tudo a Caroline. A senhora Ellison continuava muito rígida, com os olhos negros fixos, o rosto tão tenso como se estivesse lutando com algum temor.

Pela primeira vez, Caroline se perguntou o que sabia a anciã da primeira senhora Ellison. Devia haver-se informado de que existia uma predecessora. Teriam tido lugar procedimentos legais e possivelmente também religiosos. Que classe de mulher era a mãe do Samuel, que tinha renunciado ao Edmund Ellison, a Inglaterra, e cruzado o Atlântico sozinha?

De um ponto de vista social, um desastre. Na Inglaterra de 1828, que uma mulher abandonasse ao marido era um delito, com independência do que ele tivesse feito ou deixado de fazer, com independência dos desejos da mulher. A lei, se o marido tivesse ido a ela, tê-la-ia devolvido pela força. Cabia deduzir que não o tinha desejado. Possivelmente até se havia sentido aliviado de livrar-se dela, embora a julgar pelas palavras de Samuel tivesse sido uma mãe excelente, e o amor por ela se refletia em seu rosto cada vez que a mencionava. Acaso desconhecia as circunstâncias, ou lhe tinha contado os fatos desde seu ponto de vista, sem se ater à verdade objetiva?

Samuel estava olhando Caroline enquanto falava de sua viagem no vapor através do Atlântico, de seu desembarque em Liverpool, e da primeira vez que tinha visto Londres. Seus olhos dançavam com suas lembranças, e Caroline não pôde reprimir um sorriso.

Sua companhia era muito agradável. Sua conversa, muito interessante. Havia visto muitas coisas e as contava com amenidade e engenho. Entretanto, não se sentia ameaçada como ontem, no camarim do Cecily Antrim. Tinha bastante experiência em saber discriminar entre as boas maneiras e a amizade para estar certa de que gostava de Samuel, e era uma sensação muito agradável. Havia admiração em seus olhos quando ele a olhava, e era como sentir calor depois de experimentar um frio profundo. Não a achava aborrecida, nem convencional. Não se sentia superada por mentes mais ousadas, velozes e ágeis, e (confessou-se a palavra por fim) mais jovens.

Constituía a idade a medula da questão, e nem tanto a sofisticação e a beleza física? Tinha dezessete anos mais que Joshua. Dizer isso era como remover uma ferida sem possível cicatriz. Talvez a anciã, apesar de seu aspecto vingativo, tinha razão e ela tinha cometido uma loucura ao casar-se com um homem pelo qual estava apaixonada de uma maneira absurda, que a fazia rir e chorar, mas que ao final não poderia deixar de achá-la aborrecida.

Essa seria a dor definitiva: fidelidade devida à compaixão.

— ... e no teatro meu anfitrião me comentou que conhecia a senhora Fielding – estava dizendo Samuel.— E que tinha sido a senhora Ellison até seu recente matrimônio. Já pode imaginar minha alegria. Bem... não. – se corrigiu.— Tenho a sensação de que de certa maneira voltei para minhas raízes, a meu lar.

— Me alegro que ache Londres tão divertida – disse Mariah com certa brusquidão. – Tenho certeza de que seus novos amigos desejarão mostrar-lhe tudo: a Torre, os parques, os passeios pelo Rotten Row, talvez pelo Kew Gardens... Há muitas coisas que ver, e muitas pessoas refinadas a que conhecer. Temo que nós já não conhecemos ninguém.

Olhou de esguelha a Caroline. Era uma despedida, expressa de tal forma que comunicava a inutilidade de voltar em um futuro próximo. O dever se cumprira.

Caroline se sentiu furiosa e decepcionada. Maldita fosse a senhora Ellison. Dedicou um sorriso radiante ao Samuel quando este se levantou.

— Muito obrigado por nos proporcionar uma das tardes mais interessantes e deliciosas que lembro – disse com calidez.— Foi uma viagem a outro país sem os perigos e inconvenientes da travessia. Sei que tem milhares de coisas que ver, mas espero que volte de novo. Quase o podemos exigir, porque somos família, e agora não devemos nos perder.

— Não seja ridícula! – A anciã virou em redondo para ela. – O senhor Ellison nos visitou, e isso é tudo o que podíamos esperar dele. É absurdo imaginar que um homem

que combateu em uma guerra e dominado selvagens se divertirá tomando o chá com umas anciãs em um salãozinho.

— Eu não julgo às pessoas por sua idade, senhora Ellison – replicou ele.— Algumas das pessoas mais interessantes que conheci superam os setenta anos, e aprendi que elas têm uma sabedoria muito maior que a minha. Os jovens cometem um engano ao dar por sentado que só possuem beleza e paixão, e eu também sou muito velho para cair de novo nesse engano. Espero voltar a ser convidado.

Olhou Caroline brevemente. Seu significado não precisava de mais circunlóquios. A senhora Ellison franziu o sobrecenho, apertou os lábios e não disse nada. Caroline ficou em pé também e caminhou para a porta para acompanhá-lo ao menos até o vestíbulo.

— Quanto ao convite – disse com um sorriso— , considere que sempre será bem-vindo.

Ele aceitou imediatamente, e depois de despedir partiu.

Quando Caroline voltou para a saleta, sua criada a informou que a anciã se retirara a seu quarto, e que não reapareceria em toda a noite, nem daria mais sinais de vida.

Capítulo 5

Pela manhã, Pitt e Tellman voltaram para a zona da Battersea, próxima a casa do Cathcart. Era um dia cinza, e uma fina neblina redemoinhava do rio. Pitt subiu a gola da jaqueta. Tellman caminhava a seu lado com a cabeça encurvada e expressão de desaprovação.

— Não sei o que acredita que vamos achar – disse. – Deve ter acontecido a altas horas da madrugada, quando toda a gente decente dorme.

Pitt estava de acordo com ele, mas a teimosia do Tellman era irritante, e se negou a deixar ganhar.

— Este é o bairro do Cathcart – respondeu. – Como não sabemos com exatidão onde o assassinaram, e não sabemos por que ou quem, lhe ocorre algo melhor?

Tellman grunhiu.

— Como vai à senhora Pitt em Paris? – perguntou a modo de desforra. Olhou de soslaio ao Pitt. Decifrava-lhe muito bem.

— Está passando muito bem – respondeu Pitt. – Diz que é uma cidade muito bonita e muito emocionante. As mulheres se vestem com gosto e são muito elegantes. Dá a impressão de que o conseguem sem o menor esforço.

— Bem, são francesas, não? – disse Tellman. – Era de se esperar – acrescentou.

Pitt sorriu.

— Se Cathcart era a metade de inteligente do que disse essa mulher – comentou Tellman, voltando para seu tema de discussão – , é provável que se acreditasse mais esperto que alguém, e possivelmente experimentou a chantagem. Eu diria que os fotógrafos são como criados e vêem muitas coisas. Possivelmente as pessoas acreditam que carecem de importância, e falam diante deles. Frequentava muitas casas importantes, dentro do ambiente, mas sem pertencer a ele, já sabe a que me refiro. Descobriu algo por acidente e quis aproveitar a oportunidade.

A rua estava molhada e o orvalho brilhava nas sebes. O lúgubre som de uma sereia se ergueu da água.

Pitt afundou as mãos nos bolsos.

— Isso nos deixa um campo muito amplo – disse com ar pensativo. – Eu gostaria de saber quanto ganhava com suas fotografias, e quanto gastava.

Tellman não se deu ao trabalho de perguntar o motivo.

— E se herdou essa casa e seus móveis – continuou Pitt, pensando nas obras de arte que tinha visto, ao mesmo tempo em que tentava efetuar um cálculo mental de seu valor.

— É muito valiosa? – perguntou Tellman.

Conhecia falsificações de bilhetes de banco e letras de crédito, e a distribuição clandestina de artigos caseiros e faqueiros, mas não arte daquela qualidade.

Pitt não albergava dúvida de que tudo o que tinha visto em casa do Cathcart era autêntico, inclusive o vaso destruído, e quase com toda segurança o outrora formoso tapete que tinham pescado no rio.

— Sim...

— Mais do que ganharia tomando fotos da classe alta?

— Não me surpreenderia.

Tellman ergueu o queixo.

— Perfeito! – disse mais animado. – Em tal caso, será melhor que passamos a averiguar algo mais a respeito do Cathcart – separaram-se.

Tellman foi perguntar nos comércios da zona. Pitt retornou a casa do Cathcart e, enquanto a senhora Geddes olhava-o com ar de proprietária, julgou o valor das obras de arte que pôde ver. Depois revistou a escrivaninha do Cathcart e examinou as faturas que continha. Abrangiam os últimos três meses. Dava a impressão de que Cathcart não se privava de nenhum capricho. As faturas de seu alfaiate eram grandes, mas todas se pagaram em poucos dias após serem apresentadas. Sua agenda consignava viagens a cidades comunicadas por trem: Bath, Winchester, Tunbridge Wells, Brighton, Gloucester. Não havia indicação de que tivesse ido em viagem de prazer ou de negócios.

Pitt se reclinou na elegante poltrona e leu a lista dos clientes que Cathcart tinha fotografado durante os seis meses anteriores. Tomou nota das últimas cinco semanas. Dava a impressão de que Cathcart se preparava a fundo antes de fazer os retratos. Dedicava tempo para descobrir a personalidade de seus sujeitos e a lhes sugerir diversas possibilidades.

A seguir repassou as faturas dos materiais que utilizava nas fotografias, muito caros. Além disso, tinha que pensar nos disfarces, para não falar do gerador das luzes.

Devia averiguar se Cathcart tinha herdado a casa e seus bonitos tapetes, quadros, móveis, vasos, etc. Até nesse caso parecia viver ao limite de seus ganhos, a menos que contasse com outra fonte.

Também devia descobrir se Cathcart tinha deixado um testamento. Tinha muito que legar, disso não cabia dúvida. Pitt revistou de novo a escrivaninha com o fim de averiguar quem era o homem que dirigia seus assuntos, o qual estaria informado.

Encontrou-o justo antes que Tellman retornasse, com aspecto sombrio.

— Não comprava muito por aqui – disse, enquanto se sentava com cuidado em uma poltrona Sheraton, como se tivesse medo de romper seus pés. – Pelo visto, a senhora Geddes se ocupava de comprar quase tudo. Enviava à lavanderia a roupa branca, os trajes, tudo. Caro. – Grunhiu. – De qualquer modo, suponho que manter criados lhe custaria muito, e possivelmente preferia que não houvesse muitas pessoas em sua casa.

— Quais são os rumores? – Pitt se reclinou na poltrona da escrivaninha.

— Pouca coisa – respondeu Tellman. – Além da impressão geral de que tinha dinheiro e era um pouco estranho. Alguns empregaram uma palavra menos caridosa, mas todo se reduz ao mesmo. Um tipo do bairro vem duas vezes à semana e cuida do jardim, mas parece que Cathcart gostava de frondoso e artístico. Não podia suportar filas de coisas, e não lhe podia incomodar com hortaliças ou coisas úteis.

— Talvez em sua profissão se utilizem mais as flores – sugeriu Pitt. – Rosas nos arcos e as pérgolas, o salgueiro inclinado sobre a água.

Tellman reprimiu um comentário.

— Descobriu algo?

Sempre se tinha aborrecido em chamar "senhor" a Pitt, e fazia tempo que tinha abandonado o costume, exceto quando queria ser sarcástico.

— Dirigia muito dinheiro – respondeu Pitt. – Mais do que ganhava como fotógrafo, a menos que seus livros estejam falseados. Mas tenho que saber se herdou a casa e seu conteúdo... que deve valer mais que o imóvel.

Tellman olhou ao redor e enrugou a fronte.

— Supõe que o mataram por isso? Há gente que mataram por muito menos, mas não disfarçou e acorrentou a sua vítima. Isso é algo... muito pessoal.

— Sim, sei. De todo modo, temos que averiguar.

— O que fazemos agora? – perguntou Tellman enquanto seus olhos se desviavam repentinamente para o vaso chinês que descansava sobre o aparador da lareira, e depois até uma placa azul com figuras brancas de crianças que dançavam. Pitt supôs que era do

Renascimento italiano, obra da Dela Robbia, ou uma boa cópia. Tinha visto algo parecido recuperado de um roubo.— Quanto vale? – perguntou Tellman.

— Acredito que sim. Averiguaremos se a herdou. E quem a herdará agora. – Pitt dobrou o papel em que tinha tomado notas e o guardou no bolso, junto com a barafunda que já albergava, e se levantou. – Iremos ver o senhor Dobson, do Phipps, Barlow e Jones. Deveria poder nos responder a ambas as perguntas.

O senhor Dobson era um homem de maneiras suaves e rosto longo e diferente. Adotou uma expressão de seriedade muito apropriada a sua visita.

— Disse polícia?

Examinou a figura desalinhada do Pitt com receio. Catalogou Tellman imediatamente. Pitt tirou seu cartão e o estendeu.

— Ah! – Dobson exalou um suspiro, na aparência satisfeito. – Entrem, cavalheiros. – Indicou seu escritório e fechou a porta. – Sentem-se, por favor. No que posso lhes ajudar?

— Viemos em relação ao senhor Delbert Cathcart. Acredito que é um de seus clientes – disse Pitt.

— Com efeito – admitiu Dobson, ao mesmo tempo em que se sentava e convidava-os a fazer o mesmo.— Mas seus negócios são confidenciais, é claro, e pelo que sei, completamente legais, inclusive dignos de louvor.

— Não se inteirou de sua recente morte? – perguntou Pitt, e o observou com atenção.

— Morto? – Dobson ficou estupefato. – Disse morto? Tem certeza?

— Temo que sim.

Dobson entreabriu os olhos.

— E o que o traz por aqui? Foi em circunstâncias suspeitas?

Era evidente que os jornais ainda não tinham informado que o cadáver do Horseferry Stairs já tinha sido identificado, mas era questão de tempo. Pitt lhe resumiu os detalhes.

— Oh. É espantoso. – Dobson meneou a cabeça. – Como posso ajudá-los? Não sabia nada nem sei nada que me pareça importante. O responsável terá sido um louco. Aonde irá parar o mundo?

Pitt decidiu expressar-se com sinceridade.

— Ocorreu em sua casa, senhor Dobson, de modo que é muito provável que conhecesse o assassino.

O rosto do Dobson expressou dúvidas.

— O senhor Cathcart herdou sua casa de Battersea? – perguntou Pitt.

A expressão do Dobson revelou que não esperava aquela pergunta.

— Não. Santo céu, por que o pergunta?

— Adquiriu?

— É claro. Deixe-me pensar... Fará uns oito anos. Em agosto de 83, diria eu. Não houve nada irregular na transação, asseguro. Eu mesmo me ocupei dos trâmites.

— E os objetos de arte, e os móveis?

— Não tenho nem ideia. São... de origem duvidosa?

— Não, pelo que sei. Quem os herdará, senhor Dobson?

— Diversas instituições de caridade. Nenhum indivíduo.

Pitt ficou surpreso, embora não tivesse concedido credibilidade à ideia de que tinham matado Cathcart pela herança, assim como Tellman. Entretanto, a informação jogava nova luz sobre os ganhos do Cathcart, e o fato de que tivesse comprado a casa e as obras de arte. Pitt reparou que Tellman se removia inquieto em sua poltrona.

— Obrigado. – Suspirou e olhou ao Dobson.— Sabe se recebeu algum legado, de algum cliente agradecido, por exemplo? Ou de um parente falecido?

— Não sei nada a respeito. Por que o pergunta?

— Para excluir certas possibilidades sobre o motivo de seu assassinato – respondeu Pitt de uma forma algo oblíqua. Não desejava revelar suas suspeitas sobre a origem dos ganhos do Cathcart.

Pouco mais tinha que averiguar ali, de modo que cinco minutos mais tarde partiram.

— Acredita que poderiam ser roubados? – perguntou Tellman assim que estiveram na rua. – Entrava-se na casa de todos esses personagens elegantes e falava com eles antes de tomar suas fotos, estaria em uma posição ideal para saber o que tinham e onde o guardavam.

— E quando fossem a seu estúdio para fotografar-se, estariam em uma posição ideal para voltar a vê-lo – indicou Pitt, enquanto se desviava de um montão de excrementos quando cruzaram a rua.

Tellman saltou ao meio-fio da calçada e grunhiu. Teve que correr para alcançar Pitt. Estava acostumado, mas ainda lhe incomodava.

— Suponho que todos esses se conhecem mutuamente.

— É provável – admitiu Pitt.— Não podia correr o risco, mas suponho que deveríamos comprovar se se produziram roubos. Tenho uma lista de seus clientes.

Mas as investigações não deram fruto, tal como esperava. Tampouco existiam informem de objetos de arte ou móveis desaparecidos que coincidissem com a descrição das peças de Battersea. Chegou à conclusão de que Cathcart contava com uma segunda - e talvez mais importante- fonte de ganhos, além de suas fotografias, por excelentes que fossem permitiu-se um bom ágape em uma casa de comidas próxima, mas não o desfrutou muito, e voltou para casa para sentar-se à mesa da cozinha durante um momento. Não havia cartas de Paris.

Deitou-se cedo e, para sua surpresa, dormiu bem.

Tellman e ele dedicaram os dois dias seguintes a investigar a vida do Cathcart e a visitar os clientes que constavam em sua agenda durante as seis semanas anteriores a sua morte.

Lady Jarvis, em cuja casa se apresentou Pitt no meio da tarde, era típica. Recebeu-o em uma saleta carregada de adornos. Cortinas de brocado caíam do teto até o chão, rodeadas com excelentes metais para segurá-las que falavam de riqueza. Pitt pensou, com inveja, que protegeriam das correntes de ar invernais, embora agora também excluía a luz dourada do outono. Os móveis eram maciços, e nos pontos onde aparecia a madeira se via que eram de carvalho lavrado, escurecido por infinitas capas de polimento. As superfícies estavam ocupadas por pequenas fotografias de pessoas de diferentes idades. Todas posavam para a imortalidade em tinta sépia. Em alguns casos se tratava de cavalheiros embelezados com engomados uniformes, a vista cravada na lonjura.

Lady Jarvis teria uns trinta e cinco anos, era de uma beleza convencional e suas sobancelhas bem delineadas, como asas delicadas, dotavam a seu rosto de mais imaginação do que parecia à primeira vista. Suas roupas eram caras e na moda, feitas a medida, com anquinha discreta e ombreiras. Pitt teria gostado de comprar para Charlotte um vestido como aquele. E lhe teria assentado melhor.

— Diz que vêm pelo senhor Cathcart, o fotógrafo? — disse. — Alguém apresentou uma denúncia?

— Quem acredita que poderia fazê-lo? — perguntou Pitt. A oportunidade de saborear fofocas picantes era muito agradável para deixá-la passar, embora fosse perigoso.

— Talvez lady Worlingham — disse a mulher, não de todo convencida. — O retrato que tirou de sua filha menor, Dorothea, ofendeu-a muito. De fato, acredito que a captou bastante bem, e a moça ficou muito agradada. Embora suponha que era um pouco indecoroso.

Pitt esperou.

— Todas essas flores – continuou lady Jarvis, ao mesmo tempo em que movia a mão com delicadeza.— Muito... voluptuosas, suponho. Ocultavam seu vestido até deixar sua existência à imaginação... em certos lugares. – Esteve a ponto de rir, mas se conteve. – Queixou-se? Nem me ocorreu que fosse assunto da polícia. Não existe nenhuma lei, não é verdade? – encolheu os ombros.— Em qualquer caso, embora existisse. eu não tenho motivos de queixa.

Uma expressão nostálgica cruzou fugazmente seu rosto, como se o tivesse permitido, e Pitt vislumbrou uma vida de inalterável correção, em que uma fotografia com muitas flores tivesse sido excitante.

— Não, não existe nenhuma lei, senhora – respondeu.— E pelo que sei, lady Worlingham não se queixou. O senhor Cathcart a fotografou? – Deixou que seu olhar vagasse pela sala para indicar que não via sua imagem.

— Sim. – Não havia emoção em sua voz. Pelo visto, não era uma questão de flores. – Está no estúdio de meu marido. Querem vê-la?

Pitt sentia curiosidade.

— Eu gostaria muito.

A mulher se levantou e conduziu-os através do gélido vestíbulo até um estúdio em consonância com a sombria magestosidade da saleta. Uma enorme escrivaninha dominava a estadia. Uma estante transbordava de volumes e jogos. Uma cabeça de cervo pendia em uma parede, com os olhos frágeis cravados no vazio, um pouco como as fotografias dos militares na outra sala.

Na parede oposta à escrivaninha pendia um grande retrato de lady Jarvis, vestida com traje de tarde. Suas feições estavam iluminadas suavemente da janela a que olhava, os olhos claros e enormes, com o arco das sobrancelhas acentuado. Não se viam móveis, nem adornos, e a sombra dos cristais georgianos caía em forma de barrotes sobre seu corpo.

Pitt sentiu um calafrio, a certeza do brilhantismo do Cathcart, aterradora e triste ao mesmo tempo. A foto era soberba, formosa, frágil, cheia de solidão, um ser que começava a dar-se conta de que estava encarcerado. Entretanto, não era mais que o retrato de uma mulher encantadora, tirado de tal maneira que possivelmente só tentava ressaltar seu caráter. Era possível captar o significado oculto, ou não. Não havia motivos de queixa, só era questão de gostos.

Lamentou que Cathcart tivesse morrido e já não pudesse exercer sua arte.

Lady Jarvis estava olhando-o com curiosidade.

O que devia dizer? A verdade? Seria uma rabugice e não serviria de nada. Tinham sido amantes Cathcart e ela? O assassinato era fruto de alguma forma de paixão doentia. Voltou-se de novo para o retrato. Não era a imagem que um homem criava da mulher que amava. A percepção era muito afinada, e a compaixão impessoal.

— Notável — disse com tato. — É único, e muito belo. Era um gênio.

O rosto da mulher se iluminou. Estava a ponto de responder, quando a porta principal se abriu e uns passos cruzaram o vestíbulo. A porta se abriu e ambos se voltaram.

O homem que apareceu era magro, de meia estatura, e ao vê-los seu rosto aprazível e algo inosso se encheu de alarme.

— Passa-se algo? — perguntou enquanto passeava a vista entre os desconhecidos. — Meu mordomo diz que são policiais. É isso certo?

— Sim, senhor. — respondeu Pitt — Vim pela morte do Delbert Cathcart.

— Cathcart? — O rosto do Jarvis não expressou culpa, aflição ou ira, nem sequer compreensão. — Quem é Cathcart?

— O fotógrafo — esclareceu lady Jarvis.

— Ah! Morreu? Que pena. — Meneou a cabeça com tristeza. — Um tipo preparado. Muito jovem. No que podemos lhe ajudar? — Seu rosto se escureceu de novo. Não entendia nada.

— Foi assassinado — disse Pitt.

— Seriamente? Santo Deus! Por que ia alguém assassinar a um fotógrafo? — Meneou a cabeça. — Tem certeza?

— É claro.

Pitt não sabia se valia a pena aprofundar no assunto. Nunca tinha visto alguém que parecesse menos culpado que Jarvis. Não obstante, se não perseverava, sempre ficaria o remorso de ter deixado algo pela metade.

— Não o viu na terça-feira de noite?

— Na terça-feira? Não, temo que não. Estava em meu clube e fiquei até bastante tarde. Demorei-me em uma partida de... bom, em uma partida. — Olhou ao Pitt com os olhos arregalados. — Estava jogando, você sabe. E de repente levantei a vista e me dei conta de que eram duas da madrugada. Freddie Barbour. Muito bom. Não vi o Cathcart, certamente. Nem a nenhum membro. Um clube antigo, em realidade. Algo peculiar.

— Entendo. Obrigado.

— Lamento não lhe ter podido ajudar.

Pitt se despediu e se foi. Seria muito fácil comprovar suas asseverações, em caso necessário, mas não cabia dúvida de que Jarvis carecia de motivos para assassinar ao Cathcart.

Estava-se fazendo tarde, e Pitt preferiu voltar para casa e deixar os restantes nomes da lista para o dia seguinte. Estava cansado, não achava que fosse averiguar nada valioso e talvez o estivesse esperando uma carta de Paris.

Abriu a porta, procurando não alimentar em excesso suas esperanças, se por acaso não houvesse nada. Só tinham transcorrido dois dias desde a última carta. Charlotte estaria se divertindo em uma cidade emocionante. Aproveitaria todas as ocasiões. Teria pouco tempo para lhe escrever, sobre tudo porque contaria tudo quando retornasse.

Baixou a vista. Ali estava. Reconheceria sua caligrafia florida onde fosse. Sorriu, recolheu o envelope e o abriu enquanto fechava a porta a suas costas com o pé.

Querido Thomas:

Estou passando maravilhosamente. O bois do Boulogne é terrivelmente formoso, tão francês e elegante. Teria que ver como se vestem!

A seguir descreverei os objetos de vestir com bastante detalhe.

O que me devolve de novo ao Moulin Rouge. Não paro de ouvir falatórios. O pintor Toulouse-Lautrec é um dos clientes habituais. Senta-se a uma das mesas e faz esboços das mulheres. É anão, sabe? Ao menos suas pernas não estão desenvolvidas por completo, e é muito baixinho. Pelo visto, o baile das coristas é muito vulgar e excitante. A música é maravilhosa, os vestidos indecentes, e não levam roupa interior, embora levantem as pernas por cima da cabeça, ou isso dizem. Por isso Jack disse que não podíamos ir. Nenhuma mulher decente menciona esse lugar. (Todas o fazemos, claro. Por que não? Procuramos que os cavalheiros não nos ouçam, e eles fazem o mesmo conosco. Não lhe parece uma estupidez? Só podemos jogar. Quanto menos fazemos, mais complicadas são as normas.) Ali se forjam e perdem reputações.

Penso em você muito frequentemente, pergunto-me como está, como se arruma Gracie na praia com as crianças. Tinham tanta vontade de ir. Espero que não tenham se sentido decepcionados. Minha viagem é muito satisfatória. Melhor assim, porque estarei preparada para voltar para casa quando chegar o momento.

Estou sentada, descansando, ao final de meu longo dia, e me pergunto como irá com seu cadáver do barco. Suponho que todas as cidades têm seus crimes e escândalos. Aqui todo mundo fala do caso que já lhe comentei, o do jovem cavalheiro acusado de

assassinato, embora jura que estava em outro lugar e não é culpado. O problema é que esse "outro lugar" é o Moulin Rouge, na mesma hora em que a Goulue, a escandalosa bailarina, estava dançando o canção. Ninguém quer confessar que o viu para não admitir que estava no local. Suponho que quase todo mundo sabe, mas dizê-lo é diferente. As "damas" podem fingir que não sabemos, porque se sabemos temos que reagir. Não nos está permitido passá-lo, portanto temos que mostrar nossa desaprovação. Pergunto-me quantas situações similares existirão. Tomara estivesse aqui para poder falar com você. Não há ninguém a quem pode confiar minhas opiniões, nem vice-versa.

Querido Thomas, sinto falta de você. Contar-lhe-ei muitas coisas quando voltar a casa. Espero que não se aborreça muito em Londres. Posso lhe desejar um caso interessante? Ou seria tentar ao destino?

Em qualquer caso, passa-o bem, seja feliz, mas sinta minha falta! Até logo.

Com todo meu amor,

CHARLOTTE

Dobrou a última página, sem deixar de sorrir, e se dirigiu à cozinha. Devia ter ficado levantada até muito tarde para escrever a carta. Sentia sua falta. Seria uma estupidez lhe confessar até que ponto. Em certo modo, alegrava-se de que partira. Era positivo tomar consciência do muito que a queria. O silêncio da casa rodeava-o, mas em sua mente podia ouvir sua voz.

Às vezes, o ausente reconhece por escrito aqueles sentimentos que não expressa com palavras durante a rotineira vida cotidiana. Isso era o que estava ocorrendo agora.

Deixou a carta sobre a mesa enquanto alimentava a lareira e punha a bule no fogo para preparar-se um pouco de chá. Archie e Angus ronronavam, ao redor de suas pernas, e deixavam pêlos em suas calças. Falou com eles como se fossem pessoas e lhes deu de comer.

Não se incomodou em encontrar-se com Tellman antes de ir ver lorde Kilgour, outro cliente do Cathcart.

— Sim! Sim, li nos jornais — admitiu Kilgour, de pé em sua magnífica saleta do Eaton Square, banhado pelo sol. Era um homem bonito, alto e muito magro, de delicadas feições aquilinas e bigode loiro. Seu rosto estava bem cinzelado, mas carecia de energia. Não obstante, parecia gozar de bom humor e havia inteligência em seus vivos olhos azuis.—

Dizem que ocorreu faz cinco ou seis dias. No que posso lhe ajudar? Tomou minha fotografia. Um artista maravilhoso com a câmara. Não imaginará que se trata de rivalidade profissional, não é? – Um fugaz sorriso iluminou seu rosto.

— Acha possível? – perguntou Pitt.

Kilgour arqueou as sobrancelhas.

— Jamais ouvi falar de fotógrafos que se matassem mutuamente porque a pessoa era melhor que outros. Entretanto, reduziria a concorrência. Suponho que, adiante, qualquer que queira fazer um retrato terá que acudir ao Hampton, Windrush, ou a algum pelo estilo. Não poderão contar com o Cathcart, certamente, pobre desgraçado.

— Era o melhor? – Pitt queria saber a opinião do Kilgour.

O homem não vacilou.

— Oh, sem dúvida. Possuía um peculiar talento para lhe captar – encolheu os ombros, e o humor voltou para seu rosto— como mais você gostasse de ver-se, tanto se era consciente como se não. Tinha olho para as verdades ocultas. Nem sempre era adulator, é claro.

Olhou ao Pitt para ver se o entendia.

Pitt o entendia muito bem, depois de ter visto o retrato de lady Jarvis. Permitiu que Kilgour se desse conta.

— Gostaria de ver meu retrato? – perguntou Kilgour com olhos brilhantes.

— Muitíssimo.

Conduziu-o até seu estúdio.

Pitt compreendeu imediatamente por que o retrato pendia ali e não em uma das salas de recepção. Era soberbo, mas muito perspicaz. Kilgour posava disfarçado, por dizê-lo de algum jeito, vestido com o uniforme e o manto de um imperador austríaco de meados do século. O uniforme era matizado, magnífico, quase se impunha a seu rosto esbelto e cabelo loiro. A coroa descansava sobre uma mesa, a sua direita e um pouco atrás dele. Um lado se apoiava sobre um livro aberto, e dava a impressão de que ia cair ao chão. Na parede do fundo havia um espelho de corpo inteiro, que refletia uma silhueta imprecisa do Kilgour, assim como a luz e as sombras da sala. O conjunto possuía uma qualidade ilusória, como se o homem estivesse rodeado por algo desconhecido. Kilgour estava de frente à câmara, com olhos penetrantes e claros, um esboço de sorriso nos lábios, como se compreendesse muito bem onde estava e fosse capaz de rir e chorar por tal motivo. Como exercício fotográfico era brilhante, mas como retrato era uma obra prima.

Não havia palavras para descrevê-lo.

— Bem, entendo – disse Pitt. – Um artista que inspira sentimentos apaixonados.

— Com efeito. Poderia lhe nomear meia dúzia de suas obras tão brilhantes como esta. Algumas pessoas ficaram emocionadas, mas não eram do tipo que lhe tivessem feito mal. Suponho que salta à vista, verdade? São as que têm algo que reprovar-se quem pensariam em matá-lo por suas revelações, não os seres encantadores, valentes, divertidos e demais.

Pitt sorriu.

— E seus rivais?

— Oh, estou certo de que o odiavam. – Kilgour saiu ao corredor e fechou a porta do estúdio. – Tenho o quadro onde trabalho. Possuo suficiente sentido da autocritica para desfrutá-lo, e quando me desiludo de minha importância é um aviso muito saudável. A minha mulher gosta porque não vê minha debilidade, nem capta o que Cathcart está dizendo. Mas minha irmã sim, descobriu o que revelava e me aconselhou que o conservasse oculto. – Deu de ombros. – Como se eu não me tivesse dado conta. Claro que é minha irmã mais velha. Era de se supor.

Voltaram para a saleta e conversaram um pouco mais.

Pitt partiu por fim com vários nomes apontados na lista, tanto clientes como rivais do Cathcart. Dedicou o resto do dia a visitá-los, mas não averiguou nada mais sobre a vida do Cathcart.

Pela manhã se reuniu com o Tellman e comentaram o caso na cozinha enquanto tomavam chá.

— Nada de nada – disse Tellman desalentado. Não deixava de olhar para a porta, como se esperasse que Gracie aparecesse a qualquer momento. Ouviu o Archie trotar pelo corredor e o viu olhar com ansiedade para Pitt, e depois, ao ver que não reagia, foi até a cesta da roupa e se meteu dentro. Enovelou-se em cima de seu irmão e dormiu.

— Eu tampouco – respondeu Pitt. – Era brilhante, e um de seus competidores o reconheceu.

— Não se assassina ninguém porque tenha o talento que lhe falte – comentou Tellman. – Pode difundir calúnias ou criticar sua obra – meneou a cabeça, com a vista fixa na xícara sem-vazia – , mas isto foi algo pessoal. Não foi por dinheiro. Jurá-lo-ia.

Pitt pegou o bule e voltou a encher sua xícara.

— Sei — disse. — Alguém que só queria livrar-se dele não faria isto, mas não descobri nada em sua vida capaz de provocar esta reação. Não estamos procurando no lugar adequado.

— Bem, eu me dediquei a investigar sua vida cotidiana — disse Tellman na defensiva, e ergueu um pouco os ombros. — Vivia muito bem! Tinha que gastar muito mais do que ganhava fazendo fotos. Além disso, sabemos que comprou essa casa. De onde tirou o dinheiro? Chantagem, se quer saber minha opinião.

Pitt se sentiu inclinado a lhe dar a razão. Já tinham investigado a possibilidade do roubo, posto que Cathcart era versado em arte e conhecia as posses de seus clientes. Mas nenhum cliente tinha admitido a menor perda.

— Terá comprovado a opinião de muitas pessoas. — Olhou Tellman.— O que lhe disseram dele?

Tellman pegou o bule.

— Gastava muito dinheiro, mas pagava todas as faturas. — Suspirou. — Gostava das coisas boas, as melhores, mas sabia tratar às pessoas, não como certas pessoas. Seu trato sempre era agradável. Ordenava que lhe trouxessem montões de coisas, ou saía para comprar ele mesmo. Trabalhava muito.

— Quanto? — perguntou Pitt, enquanto repassava em sua mente a lista de clientes.

Tellman compôs uma expressão de perplexidade.

— Horas? — animou-o Pitt. — Só aceitava um cliente por semana, por termo médio. Ia a sua casa duas ou três vezes, e depois lhes pedia que fossem a seu estúdio para fazer a fotografia. Isso não supõe dez horas ao dia.

— É verdade. — Tellman franziu o sobrecenho. — Não explica o tempo que se ausentava, e que as pessoas supunham que dedicava a seu trabalho. Possivelmente fazia outras coisas. Não seria o primeiro homem que afirmasse estar trabalhando sem ser verdade.

— Fizesse o que fizesse, ganhava dinheiro — disse Pitt com semblante sombrio. — Temos que saber o que era. — acabou seu chá e se levantou. — É a única coisa que temos.

— A menos que não fosse Cathcart, mas o francês — respondeu Tellman ao mesmo tempo em que ficava em pé. — Isso o explicaria tudo.

— Exceto onde está Cathcart.

Pitt deixou um pouco de leite ao Archie e Angus, e comprovou que tivessem comida. Angus cheirou o leite, meio adormecido, e despertou. Estirou-se e ronronou.

— Bem, se for Cathcart, onde está o francês? – continuou Tellman.— Não subiu ao navio do Dover, voltou de trem a Londres, mas não está aqui.

— Enquanto os membros da embaixada francesa afirmem que sabem onde está, não é nosso problema. – Pitt comprovou que a porta traseira ficava fechada com chave. – Vamos ver uma vez mais à senhorita Monderell. Talvez ela saiba onde passava Cathcart o resto de seu tempo.

Uma criada lhes abriu a porta e disse que a senhorita Monderell não recebia visitas e que, se não se importassem voltar dentro de uma hora, perguntaria à senhorita Monderell se podia recebê-los.

Tellman respirou fundo e conseguiu esperar que Pitt respondesse. Eram dez, menos um quarto. Em sua opinião, refletida sem dissimulações em seu rosto, qualquer que não estivesse doente já se teria levantado fazia tempo.

Um sorriso irônico se insinuou na boca do Pitt.

— Quer fazer o favor de informar à senhorita Monderell que o superintendente Pitt quer falar com ela a respeito da morte do senhor Cathcart, e de que por desgracia não posso esperar? – Seu tom indicou que era uma ordem.

A criada, informada que era a polícia, e de que devia falar sobre uma morte que, a estas alturas, já devia saber que se tratava de um assassinato, ficou sem argumentos. Entretanto, os fez esperarem no vestíbulo.

Lily Monderell desceu a escada vinte minutos mais tarde, exibindo um bonito vestido vermelho debruado de fitas negras, que exibia sem dissimulações sua esplêndida figura. As mangas não eram exageradas, e a saia se amarrava a uma discreta anquinha. Recordou ao Pitt as modas que Charlotte havia descrito em sua carta. Não distinguiu nenhuma ruga, nem mancha, e se perguntou se era novo.

— Bom dia, senhor Pitt – disse com um sorriso deslumbrante. Olhou ao Tellman e conseguiu colocá-lo nervoso.— Bom dia, querido. Dá a impressão de que passou a noite em claro. Vamos tomar uma xícara de chá e nos sentar. Faz frio lá fora, não é?

Pitt reprimiu a risada ao ver a expressão do Tellman, mistura de fúria e desgosto. Estava claro que desejava indignar-se, mas lhe tinha roubado essa oportunidade. A mulher se negava a ser intimidada ou ofendida, a perceber sua desaprovação. Guiou-lhes até a sala de jantar, enquanto suas saias rangiam e uma baforada de perfume impregnava o ar.

A sala de jantar era pequena, mas de uma elegância deliciosa. O papel das paredes era amarelo, com chão de carvalho e móveis de mogno, talvez originais dos Adam, ou cópias impecáveis. Um vaso com crisântemos adornava o aparador, e a criada já estava dispondo dois serviços mais na mesa.

Lily Monderell lhes convidou a tomar assento.

A criada entrou com um fumegante bule de prata georgiana. Deixou-o sobre a mesa com cuidado, e Pitt teve a impressão de que era novo.

— Bem – disse Lily Monderell. – É linda, não é verdade?

Pitt caiu na conta de que um dos quadros que tinha observado enquanto esperava no vestíbulo não estava na vez anterior, ou o tinham trazido de outro aposento. Alguém guardava quadros de tanta qualidade em uma estadia que os convidados não visitavam? As coisas iam muito bem para Lily Monderell desde a morte do Cathcart. Entretanto, não a mencionava no testamento. Sabia ela? Estava gastando muito dinheiro apoiando-se em meras especulações? Era ridículo sentir pena por ela, e entretanto sentiu.

Pitt contemplou o bule.

— É muito bonito. É novo?

Observou-a para perceber a sombra de uma mentira antes que saísse de seus lábios. A mulher vacilou um segundo.

— Sim. – Sorriu e estendeu a mão para o bule.

— Um presente? – Pitt não afastou os olhos dela.

A mulher já tinha decidido o que devia dizer.

— Não. A menos que se refira a um auto-presente.

Devia dizer algo, em lugar de permitir que Lily se aprofundasse em dívidas até o pescoço apoiando-se em falsas esperanças? Não era problema seu. Entretanto, possivelmente o era averiguar de onde tirava o dinheiro. Se Cathcart tinha chantageado a seus clientes, possivelmente ela sabia. Até podia tê-lo substituído em tal atividade depois de sua morte. O dever de Pitt era acautelar o delito, tanto se fosse chantagem, como um assassinato. E a ideia de achar Lily Monderell estendida em uma posição grotesca, meio nua, em um bote à deriva pelo frio Tâmisa, envolta na névoa, era particularmente repelente. Não importava o que tivesse feito para provocar esse desenlace. Era uma mulher tão viva, que matá-la constituiria num sacrifício.

Sorveu o chá. Era aromático e estava muito quente.

— Fui ver o encarregado dos negócios do senhor Cathcart – disse, sem lhe dar importância.

— Para saber quando comprou a casa? – perguntou ela.

— Entre outras coisas. Para averiguar também se a tinha herdado, assim como suas obras de arte, e quanto dinheiro tinha.

Lily ergueu a taça e bebeu com delicadeza. Seu chá também estava muito quente.

— Caridade – disse ao cabo de um momento.— Ao menos, sempre dizia que faria isso.

Pitt experimentou surpresa e depois alívio. Teria que ter se sentido decepcionado. Os gastos da jovem não se apoiavam em suas expectativas de converter-se na herdeira do Cathcart. Ainda ficava a chantagem.

Estava olhando-o, à espera.

— Sim, exato – respondeu Pitt. Seu olhar posou no bule. – Vi no vestíbulo uma nova aquarela de vacas, muito bonita. Parecem desfrutar de uma tranquilidade absoluta. – Imaginou que ela retesava os ombros?

— Obrigado – respondeu Lily.— Agrada-me que goste, querido. Quer uma torrada? Tomaram o café da manhã, ou estiveram fazendo perguntas pela rua toda a manhã? – Sua voz era cálida, como se estivesse preocupada com eles.

Tellman pigarreou, incomodado. Tinha fome, mas não desejava aceitar sua hospitalidade. Agradá-la, embora fosse em algo tão insignificante, criar-lhe-ia remorsos.

— Obrigado – aceitou Pitt, porque gostava, mas sobre tudo porque lhe proporcionaria uma desculpa para continuar falando com ela.

A jovem fez soar uma campainha de cristal, e quando a criada acudiu, pediu torradas, manteiga e geléia para os três. O desconforto do Tellman a divertia, como se notava na curva de seus lábios e no brilho de seus olhos. À luz do dia não era bonita, suas feições eram muito marcadas, em especial a boca. Não tinha nada de frágil nem recatada, mas era uma das mulheres mais atraentes que Pitt tinha conhecido, cheia de humor e vitalidade. Admirou Cathcart, por seu gosto em relação a ela, mais que pela beleza de sua casa.

— Não averiguamos grande coisa – disse. – Perdemos vários dias fazendo perguntas, sem descobrir quase nada... exceto que Cathcart gastava muito mais dinheiro do que ganhava em sua profissão. – Vigia os olhos de Lily na previsão da menor intimação, mas não esteve seguro de vê-la. Tampouco soube como interpretar. Tinha o amado? Sentia dor, ou só um decente desagrado pela violência e a perda que supunha a morte? Não cabia dúvida de que tinha sentido afeto por ele, tanto se lhe tivesse querido, como se não.

A jovem baixou os olhos.

— Era muito inteligente. Não era só um fotógrafo, mas um artista dos pés a cabeça.

— Sim, sabemos – disse Pitt muito a sério. – Vi vários retratos seus. Não acredito que "gênio" seja uma palavra exagerada.

A mulher levantou a vista e voltou a sorrir.

— Era, não é? – Havia lágrimas em seus olhos.

Nem o agrado, nem o desagrado deviam nublar-lhe o raciocínio, disse-se Pitt.

— Possuía um talento inigualável para captar a essência de uma pessoa e plasmá-la em uma imagem – continuou. – Não só o que queriam ver, mas grande parte do que não desejavam revelar. Não só vi rostos retratados, porém tolice ou vaidade em seu interior, as debilidades combinadas com a beleza ou a energia.

— Isso é a arte de retratar – disse ela em voz baixa.

— Possivelmente é perigoso também – observou Pitt.– Nem todo mundo deseja despir seu caráter ante olhos estranhos, e ainda menos nos olhos daqueles que lhe querem, ou ante quem são vulneráveis.

— Acredita que um cliente assassinou-o?

A mulher pareceu sobressaltar-se.

— Estou seguro que o assassino seja alguém a quem conhecia – respondeu Pitt.– E que albergava sentimentos desencontrados por ele.

A mulher não disse nada.

— Acredita que pôde ser um crime motivado pela cobiça? – perguntou Pitt. – Não pôde ser em defesa própria. A menos que estivesse chantageando a alguém... – Calou, à espera de sua reação.

Os olhos de Lily se dilataram apenas, de forma que o Pitt não esteve seguro de ter vislumbrado tal reação. Por quê? Teria que haver se sentido sobressaltada, inclusive ofendida. Tinha insinuado que seu amigo era culpado de um dos delitos mais repugnantes.

— Com que motivo? – perguntou Lily, medindo suas palavras. – Por que pensa que sabia algo de... alguém?

— Sabia?

— Se é verdade, não me disse isso.

— Ele teria feito?

A mulher se sentia muito perturbada. Ocultou-o muito bem, só uma leve pressão de sua mão sobre a delicada porcelana da xícara, uma muito leve sacudida que moveu a superfície do chá. Devia saber que o detetive ia perguntar-lhe se conhecia o segredo que

havia custado à vida de Cathcart, e se ela o estava utilizando da mesma maneira, coisa que podia desembocar no mesmo final.

— Não sei. – forçou-se a sorrir. – Não o fez. Mas tampouco estou segura de que tivesse algo que dizer.

Era verdade? De onde tinha saído o dinheiro do Cathcart? Onde tinha encontrado Lily a quantidade suficiente para adquirir o quadro do vestíbulo e o bule de prata? Era muito dinheiro para gastar em uma semana. Procurou-se um novo e generoso amante? Ou tinha retornado a casa de Cathcart para tirar alguns bens, com ou sem o consentimento da senhora Geddes? Podia ser que, ao não existir um herdeiro concreto, a senhora Geddes tivesse colaborado e se reservado algumas coisinhas. Saberia alguém? Não era provável, a menos que Cathcart guardasse uma lista de suas posses em algum lugar, mas, a julgar pelo que Pitt tinha averiguado de sua vida, era improvável. Não existia tal lista entre seus papéis. Não desejava pensar em Lily Monderell rebuscando entre as posses do Cathcart e apoderando-se do que gostava. Podia compreendê-lo, mas não era uma ideia agradável.

Seu silêncio a incomodou.

— Quer um pouco mais de chá, querido? – perguntou a jovem, e estendeu a mão para o formoso bule.

— Obrigado – aceitou Pitt, enquanto contemplava o brilho que projetava a superfície do bule. Era como se lhe estivesse incitando a formular a pergunta que menos desejava.

— Voltou para sua casa desde que o mataram? – perguntou.

A mão de Lily se fechou com brutalidade e teve que endireitar o bule com a outra.

Pitt esperou. Até o Tellman estava imóvel, com uma torrada cheia de geléia suspensa no ar.

— Sim – admitiu Lily.

— Para que?

A mulher lhe serviu chá, e também um pouco mais ao Tellman, e por fim voltou a encher sua xícara, até que já não pôde demorar mais a resposta. Cravou a vista no Pitt.

— Prometeu-me algumas das fotos que ia vender. Fui buscá-las. Daí saiu o dinheiro.

— Já as vendeu?

— Por que não? Eram boas. Sei aonde devo ir.

Estava nervosa. Pitt ignorava o motivo. Não estava seguro de que fosse sincera, mas a história era razoável. Tinha sido a amante do Cathcart. Pitt tinha se surpreendido que Cathcart não lhe legasse algo de uma forma mais oficial. Não tinha descendentes, de

modo que nenhuma razão, legal ou moral, o impedia. O lógico seria que tivesse legado as fotos em questão à Lily.

Por que estava tão nervosa? Que tipo de fotos eram? O meio de exercer chantagem? Tinha-as revendido às vítimas? Ou as guardava como futura fonte de ganhos? Quase todo mundo faria este último. Uma ideia muito desagradável.

Mas Lily Monderell precisava sobreviver, e sua beleza não se prolongaria de forma indefinida. Não tinha marido que a mantivesse e suas habilidades deviam reduzir-se às de uma amante, sem outras que lhe permitissem continuar com o nível de vida a que estava acostumada.

E todos esses argumentos eram desculpas, não razões.

— Fotos de quem? – perguntou Pitt sem esperar uma resposta sincera, só para ver algo em seu rosto.

A jovem não pestanejou. Estava preparada para a pergunta, e Pitt se deu conta.

— Modelos de artista – respondeu. – Acredito que não conhece nenhuma. Só eram fotos formosas. Utilizava-as para ensaiar quando ia fotografar a um cliente...para definir o traje e a luz. Mas pessoas como essas... Estão tão bem feitas que valem um montão. – Suspirou e desviou a vista para o bule.

Devia lhe perguntar a quem as tinha vendido? E se o dizia, comprovaria que dissesse a verdade? Obtê-lo-ia? Possivelmente se tratava da típica transação em efetivo, da qual não constava fatura, um benefício rápido obtido da obra do artista falecido. Ou possivelmente as tinha vendido às pessoas que Cathcart chantageava, e tampouco existiria fatura.

— Senhorita Monderell – disse com tom sério—, você era íntima do Cathcart, talvez lhe falou de seus negócios, inclusive de seus clientes. Foi assassinado por alguém que o odiava de uma forma muito pessoal, e com uma fúria que era incapaz de controlar.

A cor abandonou seu rosto.

— Vá com cuidado, senhorita Monderell. – Pitt desceu a voz. – Se souber algo a respeito de sua morte, por pouco que seja, seria uma imprudência de sua parte não me contar isso com todos os detalhes. Não quero ter que investigar sua morte à semana que vem... ou a outra.

Olhou-o em silêncio, enquanto seu exuberante busto subia e descia, incapaz de controlar a respiração.

Pitt se levantou.

— Obrigado por sua hospitalidade.

— Não sei nada sobre sua morte.

Lily olhou para Pitt.

Teria gostado de acreditar nela, mas não pôde.

Capítulo 6

Enquanto Pitt tentava averiguar algo mais sobre a vida do Delbert Cathcart, Caroline havia convidado de novo Samuel Ellison, e teve uma grande alegria quando aceitou. O que foi evidente para Mariah, quando Caroline entrou na sala com Samuel atrás. Parecia radiante.

— Boa tarde, senhora – disse Samuel à anciã, inclinando a cabeça. – Alegro-me de vê-la tão bem. Foi muito amável ao me receber outra vez tão logo.

Era logo, muito logo, na opinião da anciã, embora dizê-lo seria inaceitável. Entretanto, não podia permitir que seu desagrado passasse despercebido por completo.

— Boa tarde, senhor Ellison – respondeu com frieza, e olhou-o de cima abaixo com um desgosto que não pôde reprimir. Parecia-se tanto a seu filho Edward que era como se seu fantasma tivesse retornado. Talvez o mais desconcertante naquele momento era que se parecia com seu pai. Ele não podia sabê-lo, mas ela sim. Era como se, paralela a esta tarde de outono de 1891, houvesse centenas de outras tardes em outros anos, quando Edmund Ellison tinha entrado, cortês como este homem, com palavras semelhantes, sem que ninguém soubesse o que acontecia em sua mente.

— Atrever-me-ia a dizer que deseja aproveitar ao máximo o tempo que passa em Londres – continuou. Devia deixar claro que não podia continuar vindo. – Terá que fazer muitas visitas. E depois voltará para os Estados Unidos. Não cabe dúvida de que ali lhe esperarão obrigações.

— Nenhuma, absolutamente – respondeu Samuel com um sorriso.

— Sente-se, por favor – convidou-o Caroline. – Servirão o chá dentro de meia hora.

Ele ocupou a cadeira indicada, cruzou as pernas e se reclinou. A anciã pensou que sua desenvoltura era ofensiva.

— É uma pena que não tenha podido encontrar o senhor Fielding – disse com brusquidão. Desejava que Caroline tomasse consciência de certa deslealdade ao seu marido ao convidar a Samuel, que era mais ou menos de sua idade e não cabia dúvida de que a achava atraente, a uma hora em que Joshua estava fazendo o que quer que fosse a que se dedicava. Ignorava no que ocupava seu tempo, e nunca lhe tinha ocorrido perguntá-lo. Provavelmente se tratava de algo que ela preferisse não saber. Os homens

deviam guardar suas indiscrições, e uma mulher com o mínimo bom senso não devia fazer perguntas. — Estou segura de que também lhe teria agradado sua companhia — acrescentou, para que não se notasse tanto que não gostava de vê-lo. Criticar Caroline era uma coisa, mas não desejava parecer grosseira, se pudesse evitá-lo.

— Confiava em que estivesse — replicou Samuel, risonho. — Pensei que a tarde era um bom momento. Pelo visto, equivoquei-me.

Um leve rubor tingiu as faces de Caroline.

— Costuma estar a estas horas. Foi ver um amigo que está escrevendo uma peça e quer que lhe aconselhe sobre a montagem.

O rosto do Samuel se iluminou de interesse.

— Isso é fascinante! Saber que instruções dar para criar a ilusão perfeita, despertar os sentimentos e a compreensão das pessoas, formar um mundo aberto à observação, mas fechado em si mesmo. Conhece a peça?

Caroline respondeu com uma detalhada descrição da peça em cena e o argumento. Mariah se reclinou na cadeira, ainda rígida, mas expressando com sua postura que se sentia excluída da conversa. Estavam falando de teatro uma vez mais, e não o aceitava. Casar-se com um ator era uma catástrofe social que nenhuma mulher decente devia considerar. Mas agora que Caroline fazia sua cama, devia deitar-se nela. Devia a Joshua certa lealdade, e sorrir. Mas estar pendente de cada palavra do Samuel Ellison, era desleal.

Samuel estava falando do Oscar Wilde, nada menos. Caroline o escutava com atenção, os olhos acesos. Mariah repassou o que podia fazer para desfazer-se de Samuel antes que dissesse algo que despertasse as suspeitas de Caroline e começasse a pensar, a perguntar. Já tinha ensaiado indiretas tão óbvias que qualquer homem decente teria compreendido. Era evidente para todo mundo, exceto para um imbecil, que se sentia atraído por Caroline, e ela desfrutava isso. Intolerável.

— Acabo de ler O retrato de Dorian Gray e me fascinou — disse Samuel com entusiasmo. — É um escritor brilhante. Eu adoraria conhecê-lo.

— Seriamente? — perguntou a senhora Ellison com frieza. Não tinha querido participar da conversa, mas aquilo era muito. — Pensava que era a classe de pessoa com a qual nenhum homem respeitável queria relacionar-se. Acredito que "decadente" é o termo que se aplica a ele e aos de sua estirpe.

— Isso acredito — admitiu Samuel. — Temo que meu desejo de experimentar a vida intensamente me conduziu a lugares duvidosos e a frequentar companhias que não

aprovaria, senhora Ellison. Não obstante, encontrei honra, valentia e compaixão em alguns lugares inverossímeis, nos quais não esperaria descobrir nada, nem sequer redenção. É maravilhoso ver beleza na escuridão, do que parece perdido sem remissão.

Havia uma espécie de luz em seu rosto que a desafiava a seguir desaprovando. Parecia-se tanto a Edward que era inquietante, mas ao mesmo tempo era muito diferente, e isso também era perturbador, porque era inapropriado, mas também agradável. O desejo de que nunca tivesse vindo quase a deixou sem fôlego.

Caroline a salvou da necessidade de responder.

— Nos explique a que se refere – pediu. — Nunca irei a América, e embora o fizesse não iria ao oeste. Nova Iorque é como Londres... quero dizer, agora? Têm teatros, óperas e concertos? As pessoas da sociedade se preocupam com a moda, de quem vêm com quem? Ou superaram esses estúpidos preconceitos?

O homem lançou uma gargalhada, e depois lhe falou da sociedade de Nova Iorque.

— Os "quatrocentos" originais são soberbos – disse. — Embora corra a voz de que agora são mil e quinhentos, no mínimo, se deve dar crédito aos que afirmam ser descendentes.

— Não vejo que se pareçam conosco em nada – atravessou com acidez Mariah. — Não conheço ninguém que afirme ter chegado de navio de onde seja. Não imagino por que quereriam fazê-lo. — Desejava com toda sua alma que mudasse de assunto, que deixasse de falar da América e de navios. Se pudesse expulsá-lo a pontapés, fá-lo-ia.

— Guillerme o Conquistador! – exclamou Caroline.

— Perdão?

— Ou, se ainda quer ser mais importante e antigo, Julio César – acrescentou Caroline.

Se estivesse sozinha, a anciã teria negado todo conhecimento do que estava dizendo, e de toda a conversa, mas a ignorância não era uma resposta satisfatória para Samuel Ellison. Acreditaria, e ela teria que explicar-se, longamente certamente.

— Não tenho nem ideia de se meus antepassados vieram com Guillerme o Conquistador, com Julio César, ou se já estavam aqui antes deles – respondeu, ao mesmo tempo em que respirava fundo. — Meia dúzia de gerações deveriam ser suficientes para qualquer um.

— Estou de acordo com você – disse Samuel, inclinando-se para ela. — O que importa é o que é um homem, o que era seu pai. Bons homens têm maus filhos, e maus homens bons filhos.

Mariah quis dizer algo para dar por concluído o tema antes que desembocasse em uma catástrofe, mas de repente tinha a garganta muito seca para falar.

Caroline olhava Samuel com ternura e preocupação. Tinha captado um significado mais profundo em suas palavras, ou possivelmente o tinha imaginado. Mariah estremeceu. Aquilo era espantoso. O que sabia Samuel? Quanto? Tudo! O que contaria uma mulher a seu filho? Uma mulher decente, nada absolutamente. Como pôde fazê-lo? Era inexprimível, literalmente. Devia desfazer-se dele! Tirá-lo de casa para sempre. Caroline devia dar-se conta de que aquilo era incorreto.

Mas de momento, devia deixar que seu coração se acalmasse, que deixasse de estrangulá-la. Tudo isto era desnecessário. Sua escolha de palavras era desafortunada, mas se tratava de um acidente, nada mais.

Caroline estava falando outra vez.

— Bicicletas! – disse deleitada. – Que interessante! Montou em uma?

— É claro! São maravilhosas e alcançam uma velocidade incrível – se entusiasmou o homem. – Estou falando de artefatos para cavalheiros, é claro.

— Estou segura de que as damas poderiam ser igualmente velozes se levássemos as roupas adequadas – replicou Caroline. – Acredito que as chamam bombachas.

— As bombachas não são "roupas adequadas" para nada! – exclamou a anciã. – Por Deus! Que mais vai lhe ocorrer? Se por acaso sua afeição ao teatro não fosse suficiente, quer vestir-se como um homem e brincar de correr pelas ruas sobre rodas? Nem sequer Joshua o permitiria! – Sua voz se ergueu, penetrante e aguda. – Caso lhe importem as opiniões do Joshua. Quando estava tão louca por ele, suponho que teria saltado ao mar do mole de Brighton se tivesse pensado que assim o agradava.

Caroline a olhou com seus grandes olhos, fixos e sem pestanejar. Por um momento, o descaramento que iluminou neles alarmou à anciã.

— Acredito que seria uma ideia agradável em uma calorosa tarde do verão, uma dessas aborrecidas em que todo mundo troca intrigas e fala sandices – respondeu com malícia Caroline. – Mas não para agradar a Joshua, seria por mim.

Isso foi tão revoltante, uma idiotice de tal calibre, que por um momento a anciã ficou sem uma réplica adequada.

Pelo visto, a ideia divertiu ao Samuel, e não só que Caroline o pensasse, mas sim o dissesse em voz alta. Claro que não tinha que viver com ela.

Então, a resposta perfeita saltou a sua língua.

— Se atuar para agradar a si, Caroline – brocou com o olhar a sua ex-nora– , talvez acabe não agradando a ninguém mais. Mas como, para uma mulher em sua situação, seria catastrófico. – Pronunciou a última palavra com deleite.

A recompensa foi uma expressão de vulnerabilidade sobressaltada em Caroline, quase como se tivesse vislumbrado o abismo de solidão que se abria ante ela, embora a anciã não experimentasse a satisfação que esperava. Era quase uma vitória, mas os sentimentos de isolamento, insuficiência, culpa e vergonha eram muito familiares, e desejava deixá-los tão atrás que nunca voltasse a pensar neles, nem padecidos por Caroline, nem por ninguém. Era intolerável que Caroline, de entre todas as pessoas, os recordasse.

— É vulgar falar tanto das pessoas mesmo – se apressou a dizer. Voltou-se para o Samuel.– Quanto tempo pensa ficar em Londres? Suponho que desejará ver o resto do país. Acredito que Bath é ainda muito atraente. Antes o era, e muito elegante. Qualquer um que tivesse a menor aspiração de chegar a ser alguém, ia para lá, na estação adequada.

— Oh, sim. – Devia haver-se dado conta de que era um convite a partir, mas se obstinada em seguir com elas. – São banhos romanos, verdade?

— Sim, eram-no. Agora são de todo ingleses, se é que cabe dizer isso de algo.

— Nos fale mais de seu país, por favor. – Caroline serviu mais chá e passou a bandeja de sanduíches. Parecia ter esquecido a decência. – Até que parte do oeste chegou? Viu índios?

A tristeza nublou o rosto do Samuel.

— É claro que sim. Até onde? Até a Califórnia e a costa do Pacífico. Conheci homens que foram procurar ouro na febre de 49, homens que viram os imensos rebanhos de búfalos que escureciam as planícies e faziam tremer a terra quando saíam em correria. – Seus olhos estavam cravados na lonjura, e uma profunda emoção transparecia em seu rosto. – Conheço homens que fizeram florescer o deserto, e homens que assassinaram aos habitantes originais e destroçaram o que era selvagem e belo. Às vezes o fizeram por ignorância e outras por cobiça. Vi os homens brancos proliferarem e os pele-vermelhas, morrerem.

Caroline quis dizer algo, mas mudou de opinião. Continuou sentada em silêncio, com a vista cravada nele, consciente de que não era momento de interrupções.

Samuel lhe sorriu.

O entendimento entre eles se fez tangível na silenciosa habitação.

— Caroline, serve mais chá, por favor! – exigiu Mariah.

Como podia fazer que partisse? Se aduzia uma enxaqueca, teria que retirar-se, e o homem podia ser tão torpe para ficar a sós com a Caroline. E ela era bastante estúpida para permiti-lo. Era incapaz de ver algo mais além de seu nariz. Desde o falecimento do pobre Edward ia de desastre em desastre.

— É claro – disse Caroline. Pegou o bule e o fez. – Quer outro sanduíche, Samuel?

Ele aceitou, embora falasse mais do que comia ou bebia. Estava-se exibindo, e o fazia bem. Como era possível que Caroline não se desse conta? Devia fazer o mesmo com todas as mulheres que cometiam a estupidez de lhe escutar. E aí estava Caroline, pendente de cada uma de suas palavras, como se a estivesse cortejando. Joshua se irritaria e ela perderia até o pouco que restara, que era melhor que nada. Aonde iria? Uma mulher caída em desgraça! Repudiada por imoralidade, na sua idade, sem meios de sustento nem reputação.

Caroline estava olhando outra vez ao Samuel.

— Tal como fala, tenho a sensação de que foi uma tragédia. Sempre ouvi dizer que foi uma empreitada valente e emocionante, cheia de durezas e sacrifícios, mas sem desonra.

Intuíra nele uma verdadeira ferida, e desejava compreender, inclusive compartilhá-la em uma ínfima parte. Esporeava uma emoção da qual não era consciente, mas precisava afirmar sua confiança em si mesma, achar equilíbrio e certezas, e a dor do Samuel a atraía. Se alguém não pode achar consolo, ao menos pode dá-lo. Tampouco recordava quando tinha gostado de alguém com tanta rapidez e facilidade, à exceção do Joshua, mas agora não desejava pensar nisso.

Esquadrinhou seu rosto em busca de uma resposta, evitando os olhos de Mariah. A anciã demonstrava um estado de ânimo incomum, inclusive para ela. Se Caroline não soubesse que era impossível, haveria dito que tinha medo. Estava irritada, certamente, mas Caroline sempre tinha percebido nela uma fúria soterrada. Sempre estava disposta a agüentar culpas, a criticar, a ofender, como se ferir outra pessoa liberasse algo em seu foro interno.

Mas hoje era diferente. Era solidão, a dor ao que se referia tão frequentemente, porque ficara viúva fazia muito tempo? Ainda chorava ao Edmund? Estava zangada com o mundo porque as pessoas seguiam sua vida, apesar do fato de que Edmund Ellison estivesse morto?

Caroline tinha querido a seu marido, mas quando morreu a dor não foi inconsolável. O tempo não lhe tinha roubado a necessidade de afeto. De vez em quando ainda sentia falta dele. Mas a ferida tinha cicatrizado, como a momentânea solidão sem ele.

Agora, é claro, tinha Joshua, que significava um mundo novo: emocionante, às vezes muito divertido e aterrador, cheio de risadas e de novas ideias perturbadoras.

Talvez nem todas fossem boas, ao menos não para ela.

Gostava muito de Samuel Ellison. Era por sua personalidade, ou porque lhe recordava todo o bom de Edward, e um passado menos ameaçador, menos perigoso para sua segurança, sua auto-estima, em uma época em que se respeitavam as ideias e valores aos que se acostumara?

Samuel lhe estava falando com expressão de certa preocupação, talvez porque sabia que, em realidade, não o estivesse escutando.

— ... tudo pela terra. Os índios não consideram a terra como nós, não acreditam que tem que pertencer a um ou outro indivíduo. A tribo a possui em comum, para caçar, para viver e protegê-la. Não entendemos seu modo de vida, nem quisemos fazê-lo. Eles não compreenderam o nosso. A tragédia foi que nos acreditaram quando dissemos que os alimentaríamos e protegeríamos, em troca de que nos permitissem estabelecer.

— Não o fizeram? – perguntou Caroline, embora sua expressão já lhe tivesse revelado a resposta.

— Alguns sim. – Tinha a vista cravada na lonjura de suas lembranças. – Mas mais pessoas emigraram ao oeste, e depois ainda mais. Assim que vimos aquelas férteis terras quisemos tomar posse delas, cercamo-las, não deixamos entrar ninguém. A história dos índios é um rosário de tragédias contínuas.

Caroline não o interrompeu quando relatou a traição infligida à tribo Modoc. Ignorava se a senhora Ellison estava escutando. Continuava sentada com seus olhos negros entreabertos, a boca apertada, mas era impossível dizer se desaprovava as guerras Índias, ao Samuel Ellison, ou a outra coisa muito diferente.

Caroline se emocionou quando viu lágrimas nas faces do Samuel. Estendeu a mão sem pensar e lhe tocou, sem dizer nada. As palavras teriam sido inúteis, uma demonstração de sua incapacidade de compreender, um esforço de comunicar o incomunicável.

Ele sorriu.

— Sinto muito. Não é uma história apropriada para a hora do chá. Esqueci-me por completo.

— Não se trata de uma visita normal – disse Caroline. – Se não se pode falar com a família de coisas importantes, com quem se pode? Com desconhecidos, para não ter que pensar nisso de novo, ou viver com aqueles que sabem o que dissemos e sentimos?

Mariah Ellison ardia em desejos de lhe dar a razão, as palavras se amontoavam em seu interior, mas o medo as continha. Seria excessivo, muito precipitado. Uma vez fora, já nada poderia devolvê-las ao silêncio, e possivelmente a delatariam.

Samuel sorriu.

— Pois claro que não – respondeu a Caroline. – Mas falo muito.

— Na Inglaterra é costume falar de coisas menos pessoais – interveio com ênfase a senhora Ellison. – Para não incomodar às pessoas, ou lhes causar vergonha ou confusão. Supõe-se que a hora do chá tem que ser agradável, um pequeno interlúdio social no dia.

Samuel pareceu desconfortável. Era a primeira vez que Caroline o via desconcertado, e se sentiu protetora imediatamente.

— E deve-se evitar criticar o comportamento e os comentários de outros – disse com brusquidão.

— Assim como o desgosto da família – replicou a anciã. – A falta de respeito – continuou. – Ou qualquer forma de comportamento incorreto, excessiva familiaridade ou estupidez. – Não olhava para Samuel, mas para Caroline. – Consegue-se que a pessoa deseje não ter vindo, e partir assim que a urbanidade o permita.

Samuel passeou a vista entre as duas mulheres, vacilante.

Caroline não sabia o que dizer.

A anciã pigarreou. Continuava muito rígida, com os ombros tão tensos que punham esticado o fustão do vestido negro. As contas de azeviche que pendiam de seu colar de luto tremeram um pouco. Caroline estava rasgada entre o ódio e a lealdade. Não tinha nem ideia de que emoções atormentavam à anciã. Fazia muitos anos que a conhecia e nunca a tinha compreendido, salvo de uma maneira superficial. Ambas se detestavam por igual.

— Obrigado por nos visitar, senhor Ellison – disse a senhora Ellison. – É muito amável por sua parte nos conceder o tempo que deveria empregar em outros compromissos. Não deve desperdiçar a oportunidade de ir ao teatro e ver os monumentos de Londres, ou o que mais goste.

Samuel se levantou.

— Foi um prazer, senhora Ellison – respondeu. Voltou-se para Caroline, despediu-se dela e agradeceu a ambas por sua hospitalidade.

Quando saiu, e antes que Caroline pudesse falar, a anciã também ficou em pé, apoiando-se com força na bengala, como se a necessitasse para sustentar-se, e deu meia volta.

— Tenho uma enxaqueca espantosa. Vou a meu quarto – anunciou. – Diga à criada que me suba o jantar. Deveria dedicar o resto da tarde a pensar em seu comportamento e na lealdade para o marido com quem escolheu se casar. Claro que nunca seguiu nenhum conselho. Mas fez sua cama... será melhor que se deite nela, antes que caia e fique sem cama. Está se pondo em ridículo. Na intimidade de sua casa é uma coisa, mas se derrete-se por ele em público desta maneira, provocará um escândalo, e com toda razão. Uma mulher que perde sua reputação perde tudo! – Baixou a voz e olhou fixamente a Caroline. – Reza para que seu marido não se inteire. Pense na sua situação!

Com esta última descarga saiu da sala e Caroline ouviu seus passos pesados cruzarem o vestíbulo em direção à escada. Sentia frio por dentro... e irritação.

Não havia nada que dizer. Tampouco estava segura do que teria dito, se a anciã estivesse escutando. De fato, alegrava-se de estar sozinha. As palavras feriam porque se deu conta de que pensava coisas indisputáveis até uns dias antes, assuntos de lealdades, convicções e sentido de posse.

Olhou-se no espelho que havia sobre o aparador da lareira. A essa distância era bonita, cabelo escuro de tom lustroso, apenas veteado de cinza, pescoço e ombros esbeltos, feições quase formosas, talvez muito pessoais para satisfazer os gostos mais estritos. Mas se se aproximava, sabia que distinguiria os sinais da idade, as finas rugas que cercavam os olhos e a boca, a curva da mandíbula. Fixava-se nisso, Joshua, cada vez que a olhava com atenção?

Não voltaria para casa até a noite. Estava atuando em uma peça, e ela ia jantar sozinha com os Marchand. Não tinha o menor desejo de sair e ter uma cortês conversa sobre trivialidades, mas seria melhor que ficar só em casa e fazer-se perguntas sobre si mesma, sobre o Joshua, sobre como a via comparada com alguém como Cecily Antrim.

Pôs-se tanto em ridículo como a anciã tinha afirmado? Teria sido melhor, mais fácil, mais decente, casar-se com alguém de sua idade, com as mesmas lembranças e convicções, não alguém como Samuel Ellison?

Mas não o tinha feito. Apaixonara-se por Joshua e tinha acreditado nele quando dizia que compartilhava seus mesmos sentimentos. Tinha-o desejado tanto, tinha sido o mais importante do mundo para ela. Era tão cega como uma colegial, tal como havia dito a senhora Ellison? Poderia perder tudo?

Voltou-se, impaciente, e subiu para seu quarto para refletir sobre o que usaria para jantar. Nada conseguiria que se sentisse formosa, encantadora ou jovem.

Os Marchand receberam Caroline com afabilidade. Eram encantadores e sempre proporcionavam uma cordial bem-vinda a seus convidados.

— Me alegro muito de vê-la – disse a senhora Marchand, que se achava de pé perto de uma mesinha com flores da saleta.

A noite não era fria, mas ardia um fogo na lareira e a estadia estava confortável com o brilho das chamas refletido no guarda-fogo e o balde de cobre, assim como nas tenazes de latão e cobre. As pesadas cortinas eram de um rosa antigo, e os móveis maciços e cômodos. Almofadões bordados, quadros bordado e um álbum aberto de cartões postais e recortes indicavam que era desde há muito tempo o coração do lar, embora muito ortodoxo.

— Me alegro muito de que tenha decidido vir, embora fosse sem Joshua – acrescentou o senhor Marchand, de pé diante da poltrona maior, da qual acabava de levantar-se. Sorria amplamente. Era um homem tímido, e o comentário era inaudito nele.

Caroline se sentiu agasalhada em um ambiente familiar e prazenteiro. Eram pessoas como essas que tinha conhecido e compreendido toda sua vida. Não era preciso fingir com eles, nem fazer o menor esforço para manter uma conversa engenhosa ou trocar opiniões profundas.

— Estou muito contente de ter vindo – disse com sinceridade. – É muito estimulante poder conversar sem perguntar-se quando soará a campainha do teatro ou com quem deveria falar.

— Exato! – concordou a senhora Marchand. – Eu adoro o teatro, e também os concertos e as festas, mas não há nada como a aprazível companhia dos amigos. Venha sentar-se um pouquinho e nos conte como está.

Caroline o fez, e falaram uns minutos de moda, fofocas, conhecidos mútuos e outras coisas tão agradáveis como triviais.

Pouco antes que se servisse o jantar, a porta se abriu e um jovem de uns dezesseis anos entrou. Já era alto e magro. Tinha herdado os grandes olhos azuis e o cabelo escuro de sua mãe. Ainda era imberbe; demoraria algum tempo em começar a barbear-se. Era tranqüilo, mas os torpes movimentos de suas mãos traíam seu acanhamento. Nisso recordava seu pai, e Caroline não custou a imaginar Ralph Marchand em sua idade.

— Encantado de conhecê-la, senhora Fielding – disse quando lhes apresentaram.

Caroline queria animá-lo a conversar para que não tivesse que procurar algo que dizer. Que classe de temas interessavam a um menino de sua idade? Não devia parecer condescendente ou indiscreta, nem lhe dar a impressão de que o estava examinando.

O moço a olhava fixamente, porque lhe tinham ensinado que era grosseiro não olhar nos olhos de seu interlocutor quando falava com alguém, mas Caroline percebeu seu desconforto, à espera do momento em que pudesse desculpar-se e partir.

Ela sorriu. O único que lhe ocorreu foi recorrer a mais absoluta sinceridade.

— Alegra-me muito que se tenha unido a nós, Lewis, mas a verdade é que não sei o que lhe dizer. Tenho certeza de que não lhe interessam os últimos nascimentos, mortes e matrimônios ocorridos em sociedade, nem tampouco as modas. Não sei bastante de política para discutir com ninguém, salvo da maneira mais superficial. Temo que me tornei bastante singular em meus interesses, o que me converte em uma pessoa muito aborrecida.

O moço tomou fôlego para recitar a negativa que a cortesia exigia, mas interrompeu-o.

— Não sinta a necessidade de ser educado, por favor. Diga-me de que tema você gostaria de falar, se fosse você quem devesse iniciar a conversa.

— Oh! – O menino pareceu surpreso, e um pouco adulado. Um rubor tingiu suas faces, mas não fez a menor tentativa de fugir. – Papai me disse que o senhor Fielding é ator. É isso verdade?

— Ainda continua sendo cortês? – perguntou Caroline com gentileza. – Seriamente deseja falar da única coisa que me interessa? Ou tenta que me sinta confortável, como eu faço com você? Se esse for o caso, é muito educado para sua idade. Obterá um êxito enorme em sociedade. As damas o adorarão.

O rubor do moço adquiriu um tom escarlate. Abriu a boca para dizer algo, mas não lhe ocorreu nada adequado. Seus olhos brilhavam, e Caroline compreendeu que estava realizando um enorme esforço para olhar só ao rosto, sem permitir que seu olhar se desviasse para seu pescoço ou ombros, e muito menos até a suave pele que preludiava seu busto.

O senhor Marchand pigarreou como se fosse falar, mas não disse nada. A senhora Marchand piscou.

Caroline foi consciente de um silêncio opressivo. O súbito crepitar do fogo soou quase como uma explosão.

— Sim, é ator – disse com mais brusquidão do que desejava. – Você gosta do teatro? Suponho que estuda algumas peças.

— Oh, sim – admitiu o menino. – Sobre tudo Shakespeare, temo. Nada muito moderno. Tudo isso é muito... bem, algumas são atrocidades. Oh! Sinto muito. Não queria insinuar que o senhor Fielding...

— Não o fez – se apressou a lhe tranquilizar Caroline. – Imagino que Shakespeare foi considerado atroz em seu tempo, ao menos por alguns.

— Acha isso? – perguntou Lewis. – Tudo parece tão... histórico e inócuo. As histórias eram verídicas... e agora sabemos.

Caroline riu.

— Suponho que o senhor Ibsen será um clássico algum dia, e inclusive inócuo. – Sabia que Joshua teria dito isso. – Mas não sabemos o que ocorreu em realidade, só o que Shakespeare nos conta em seus dramas.

O jovem ficou surpreso.

— Acredita que não eram verídicas? – Era evidente que alguma vez o tinha pensado. – Suponho que não necessariamente, não é? Talvez então ninguém se opusesse aos libelos e as blasfêmias. Claro que em Shakespeare não aparecem... talvez fossem eliminados pela censura, ou porque descobrimos que eram falsos e já não nos damos conta.

— Eu diria que nos acostumamos tanto a eles que agora os consideramos verídicos – respondeu Caroline, e se perguntou se estava falando com muita liberdade. Ao fim e ao cabo, só era um menino. – Pode ser que tenha razão – corrigiu. – A longo prazo, somos juízes competentes do que está bem. – Confiou em que Joshua lhe perdoaria semelhante estupidez. – O que está estudando?

— Julio César – disse o moço.

— Maravilhoso! Minha favorita... embora todos os personagens importantes sejam homens. – O moço pareceu surpreender-se. – O que acha de Hamlet? Você gostaria, e talvez o compreendesse. – Estava segura de que conhecia as cenas fundamentais, quando não toda a obra. – Ofelia dá muita pena, verdade?

O moço expressou sobressalto, logo vergonha e, por um fugaz momento, Caroline acreditou perceber repugnância em seus olhos.

— Oh... sim. – Desviou a vista, com as faces tintas de rubor. – É claro. – esforçou-se por achar algo mais que dizer, para fugir de um tema que na aparência o perturbava.

Ralph Marchand mal se moveu.

Caroline pressentiu que pisava em um terreno muito perigoso.

— Talvez no futuro – disse com tom risonho. Voltou-se para a senhora Marchand.— Intirei-me que estrearam uma nova sátira política. Não sei se quero vê-la ou não. Às vezes, são tão óbvias que não vale a pena, e em outras tão abstrusas que não tenho nem ideia de sua intenção.

A tensão se dissipou. Falaram durante uns minutos de temas inofensivos. Lewis, depois de ter apresentado seus respeitos à convidada, desculpou-se e deixou que os adultos se dispusessem para jantar.

Era um menu tradicional, mas cozinhado com um gosto excelente. Transportou Caroline para a segurança do passado, quando tantas coisas eram familiares, com a tranqüilidade que proporcionava o fato de compreendê-las, de saber as perguntas e as respostas, e de estar segura de seu lugar. Agora, produziam-se incontáveis situações em que devia espremer os miolos, sopesar suas respostas. Tinha a impressão de que dedicava a metade de seu tempo a esforçar-se para dizer algo apropriado, a tentar manter o equilíbrio entre ser sincera a suas convicções e não parecer insensível, antiquada e possuidora daquela intolerância que seus novos amigos desprezavam. Embora fosse Joshua a única pessoa que lhe importava. Até que ponto o tinha decepcionado? Era muito bondoso para procurar defeitos ou expressar críticas que não serviam de nada. Esta certeza lhe provocou um nó na garganta, e se dispôs a dizer algo para eliminá-la.

A senhora Marchand estava falando da censura. Atrás dela, o rosto de seu marido estava sombrio, com o corpo tenso enquanto escutava.

— ... e temos que proteger aos inocentes da escuridão mental que com tanta facilidade os pode ferir de maneira permanente – estava dizendo.

— Escuridão mental?

Caroline não tinha ouvido o princípio e ignorava a que se referia.

A senhora Marchand se inclinou um pouco sobre a mesa. O bordado de pérolas de seu vestido refletiu a luz.

— Querida minha, pensa nessa obra que vimos à outra noite, por exemplo. É assombroso o que pode chegar a ser aceitável se se vir com certa frequência, e em público. Há ideias que você e eu consideramos horrendas, que escavam aos valores que mais respeitamos, e se estivéssemos entre nossos amigos de confiança todos nos sentiríamos livres para expressar nossa indignação quando se mofam deles ou os transgridem. – Seu rosto expressava determinação. – Entretanto, quando se faz com engenho e nos provoca gargalhadas, é diferente. Ninguém deseja aparentar que carece de

humor, ou que é um ser antiquado e pomposo. Todos rimos. Ninguém olha a ninguém. Ninguém sabe quem se sente envergonhado ou ofendido. Cedo ou tarde, acostumamos ao que seja, e já não nos ofende. Cada vez é mais difícil dizer algo. Sentimo-nos isolados, como se a opinião geral nos tivesse deixado atrás, sós.

Caroline sabia muito bem a que se referia. Tinha razão. A pessoa se volta menos sensível à vulgaridade, ao ordinarismo de ideias ou percepções, inclusive à dor de outros. A comoção inicial se dissipa. A ira se apaga. Entretanto, ouviu-se dizer o que Joshua teria respondido, se estivesse presente.

— E assim é. Por isso temos que explorar sem cessar as fronteiras e achar novas formas de dizer as coisas, para que as pessoas não se acostumem a elas e se tornem indiferentes.

O senhor Marchand franziu a fronte.

— Não estou certo de entendê-la. Que coisas novas temos que dizer? – O homem deixou sobre a mesa a taça de vinho, com expressão muito controlada e os olhos cravados nela. – Admito que sou antiquado. Acredito que os ideais de meu pai e de meu avô eram elevados, e não albergo o menor desejo de vê-los questionados, e muito menos ludibriados. Achavam que um homem estava comprometido com sua honra, e que se desse sua palavra não podia voltar atrás. – Sua voz adquiriu um tom mais entusiasta. – Consideravam sagrado o dever, pensavam em outros antes que em si mesmos, e contemplavam o serviço ao próximo como a vocação suprema. Tratavam a todas as mulheres com gentileza, e não só consideravam um dever proteger as da família de toda violência, ordinarismo de pensamento ou palavra, ou vulgaridade, mas também um prazer. Isso é o amor, o desejo sobre todas as coisas, não importa o que custe, de protegê-las e lhes proporcionar uma vida feliz e segura. – Olhou-a com seriedade, sem pestanejar.

Caroline pensou no Edward e no Samuel Ellison, e ouviu a voz do Joshua em seus ouvidos. Por estranho que fosse, também ouviu Pitt.

— É um tipo de amor – respondeu. – É o que deseja para você?

Uma sombra cruzou o rosto de Ralph.

— Perdão?

— É o tipo de amor que desejaria para você?

— Querida minha, nossas circunstâncias são por completo diferentes – disse o homem. – Minha missão é proteger, não ser protegido. As mulheres são muito vulneráveis. Se se expuserem ao que a vida tem de violento e destrutivo, ao que desvaloriza a inocência, a reverência pelo belo e refinado, pela intimidade e emoções mais delicadas,

transmiti-lo-ão a nossos filhos, e então o que fica? Tem que existir um lugar imune ao escárnio do sagrado, ao desprezo da ternura, à propensão a ofender ou aproveitar-se, onde o espiritual sempre transcenda o carnal.

Caroline experimentou uma estranha e dolorosa mescla de vergonha e frustração, e ao mesmo tempo de consolo.

— É claro – admitiu de todo coração. – Tomara soubesse conservá-lo sem fechar ao mesmo tempo meus olhos a todo o desconforto ou inquietação. Como posso conservar a inocência e ser adulta ao mesmo tempo? Como posso lutar pelo bem se não tiver nem ideia do que é o mal?

— Não deveria ter que lutar, querida – disse o homem com determinação, ao mesmo tempo em que se inclinava para ela com expressão fervorosa. – Deveria ser protegida dessas coisas! É o dever da sociedade, e se aqueles que mandam cumprissem seu dever, a pergunta não se suscitaria. Tal como estão as coisas, o primeiro camareiro se comporta com grave descuido e permite circular toda classe de material perigoso, muito perigoso. – Olhou Caroline com as faces acesas. – Não tem nem ideia das coisas terríveis que se permitem. Rogo a Deus que não chegue a conhecê-las. – Seu rosto se crispou. – O dano é irreparável.

— Não se esforça o suficiente – corroborou a senhora Marchand. Voltou-se para ele com cenho. – Acho que deveria lhe escrever, querido, dizer que muitos de nós estamos muito preocupados com a exibição de emoções privadas nos palcos, capazes de sugerir a mentes influenciáveis que as mulheres, em geral, talvez possuam a classe de... apetites insinuados pelo personagem da senhorita Antrim...

— Já o fiz, querida – respondeu seu marido.

A mulher relaxou um pouco e um leve sorriso retornou a seus lábios.

— Me alegro. Pensa na espécie de efeito, as espantosas ideias que poderia aturar nas mentes de jovens como... como Lewis! Como poderiam amadurecer com a ternura e respeito desejáveis por suas esposas e filhas, para não falar de suas mães?

Caroline entendia muito bem a que se referiam. Não pensava nela, mas em suas filhas. Recordava com dor, inclusive agora, tantos anos depois, o muito que Sarah tinha sofrido antes de sua morte, o medo e a desilusão provocados pelo comportamento de seu marido. Qualquer censura era melhor que a desventura que tinham padecido.

— É claro – disse, mas uma vozinha a envenenava no fundo de sua mente, uma voz que condenava a covardia e lhe dizia que estava sacrificando a sinceridade em nome da comodidade. Sossegou-a e continuou com o jantar, embora fosse consciente de que a

senhora Marchand se tranqüilizara com mais facilidade que seu marido. Este tinha sido amável com ela, desejava lhe proporcionar um consolo que ele não podia compartilhar.

Quando chegou em casa, Joshua estava na saleta, sentado em sua poltrona preferida, com um livro aberto sobre o regaço e a luz de gás acesa ao máximo para poder ler. Refletia-se nas escassas nervuras cinza de seu cabelo castanho e nas sombras de cansaço que rodeavam seus olhos. Fechou o livro, sorriu e ficou em pé devagar.

— Uma noite agradável com os Marchand?

Avançou para ela e a beijou na face. Caroline sentiu sua calidez e o tênue aroma de maquiagem, assim como aquele aroma indefinível a teatro: suor, emoção, tecido, pintura. Dez anos antes lhe teria sido tão estranho como um país estrangeiro. Agora era algo familiar, um conglomerado de lembranças de risadas e paixão. Tomou consciência, um pouco confusa, de que ainda estava muito apaixonada por Joshua, como se fosse uma adolescente e ele seu primeiro romance. Era absurdo, ridículo em uma mulher de sua idade. Convertia-a em um ser vulnerável.

— Sim, muito agradável – respondeu, e se obrigou a sorrir como se tudo fosse indiferente. – Apresentaram o seu filho. É um menino muito tímido.

Aproximou-se do fogo. Não fazia frio na rua, mas estava tremendo um pouco. Tampouco estava preparada para a intimidade de retirar-se à cama. Sua mente ainda bulia de pensamentos conflitivos, Edward e o passado, o sorriso do Samuel Ellison, suas histórias, o medo de Hope Marchand à propagação de ideias novas, o empenho em proteger aos jovens da intrusão da violência e a degradação de coisas que precisavam considerar puras, a previsão e o temor ao futuro do Ralph Marchand. Estava certo ao acreditar que, quando perdia a capacidade de sentir reverência, perdia quase tudo.

Pensou em suas filhas quando tinham sido pequenas. Joshua não a compreenderia. Não tinha filhos. A necessidade de proteger era tão profunda, que era muito mais elementar que o pensamento ou a razão, era o núcleo da vida. E não se tratava só de um amparo físico... era uma necessidade de insuflar em seu coração tudo que era formoso, de lhes proporcionar felicidade. Quem desejava que seu filho fosse incapaz de sentir fé nos valores essenciais do amor, da honra e da alegria?

— Caroline?

Percebeu certa ansiedade na voz do Joshua. Tinha percebido a distância que ela tinha criado entre eles.

Girou em redondo para ele e se sentiu sobressaltada de emoção. Viu confusão em seu rosto, e cansaço depois do esforço físico e mental da função, mas estava preocupado por ela. Sentiu-se muito egoísta. O que importava esta noite o tema da censura, ou o que os Marchand achavam dela?

— A estúpida conversa do jantar me fatigou.

Desprezou-a com um sorriso e se lançou em seus braços. Era mais fácil abraçá-lo que olhá-lo nos olhos.

Notou sua magreza e sua força. Era muito considerado. E já era muito tarde para perguntar-se se tinha tomado a decisão acertada ao casar-se com ele, tanto se seu comportamento era absurdo ou não. Podia seguir os impulsos de seu coração ou negá-los. Nada mudaria o compromisso forjado em seu interior.

Mas na manhã seguinte, a censura adquiriu uma importância capital. Leu-o no rosto de Joshua antes que sua vista caísse sobre os jornais.

— O que acontece? – perguntou alarmada. – O que aconteceu?

Joshua ergueu o jornal.

— Suspenderam a peça de Cecily! Proibiram-na! – Parecia estupefato, derrotado.

Caroline não entendia nada.

— Como é possível? O primeiro camareiro concedeu a permissão... – Calou. Ignorava os detalhes do procedimento, mas o princípio estava claro. Algo no rosto de Joshua a conteve. – O que?

— Não é... assim. – mordeu o lábio. – Nunca teria concedido a autorização – admitiu. – Porque suscitava perguntas, punha desconfortáveis às pessoas. – Deu de ombros. – Há formas de saltar a permissão... enviar o libreto tarde e confiar que não o lerá com atenção. Isso quase nunca funciona, porque é muito esperto e suspeita de algo apresentada dessa forma, e a lê com maior atenção ainda. A outra é representar uma peça nova sob o título de uma antiga que já recebeu autorização. É o que fizeram desta vez...

— Mas todo mundo devia sabê-lo! – protestou Caroline. – Sobre tudo o diretor do teatro!

— Exato. Bellmaine é tão esperto como Cecily. Está disposto a correr o risco, a pagar a multa em caso necessário. Vale a pena para dizer o que pensa, para suscitar perguntas, para sacudir a maldita complacência! Se fôssemos capazes de agitar a opinião pública, poderíamos reformar todas as leis antiquadas e injustas. – inclinou-se para diante, com as faces acesas. – Mais que isso, mudar as atitudes injustas, os preconceitos que ferem... e mutilam. Não entende quão terrível é isto? Algumas leis de censura são absurdas. Sabia

que nem sequer podemos representar um sacerdote nos palcos? Nem sequer de uma forma positiva! Como podemos questionar algo?

— O ocorrido influirá no projeto de lei de lorde Warriner? – perguntou Caroline.

— Sempre tão prática – disse Joshua com um leve sorriso de pesar. – Quer que as mulheres possam obter o divórcio por abandono ou desventura? – Sua expressão era impenetrável, irônica, humorística, triste e insegura.

— Não sei – respondeu ela. – Nunca o tinha pensado até que vi a obra. Mas essa deve ser a questão. Deveria ter pensado nisso.

Joshua apoiou a mão sobre a sua, quase sem tocá-la.

— Sim, essa é a questão. E sim, o mais provável é que a afete. É possível que Warriner se desanime. Muitos de seus amigos se desanimarão. Terão compreendido por onde vão os tiros, e lhe retirarão o apoio.

— Sinto muito – disse Caroline em voz baixa. Ergueu a cabeça e lhe apertou a mão. Permaneceu assim um momento, e depois pegou o jornal.

Um pouco mais abaixo do artigo sobre a retirada da obra havia uma carta de Oscar Wilde, eloqüente, engenhosa e informada, carregada da mesma indignação que sentia Joshua. Escrevia sobre a censura como um ato de opressão do espírito, executado por covardes tão temerosos do que aninhava em seu interior como qualquer um.

— O que mais me indigna – disse Joshua –, não é a restrição do que posso ou não dizer, mas sim do que posso ou não escutar. Que execrável arrogância impulsiona o primeiro camareiro a acreditar que tem direito a ditar se devo escutar a opinião deste ou aquele sobre fé e religião? Até é possível que esteja de acordo com ele! De onde procede o conceito de blasfêmia?

— Da Bíblia. Há muitas pessoas para as quais falar em tom depreciativo ou vulgar de Deus representa uma grande ofensa.

— O Deus de quem? – perguntou Joshua, enquanto escrutinava seus olhos.

Caroline ficou desconcertada.

— O Deus de quem? – repetiu Joshua. – O seu? O meu? O do vizinho? O de quem?

Caroline tomou fôlego para responder, pensando que sabia com exatidão o que ia dizer, mas de repente se deu conta de que não era assim. Devia haver tantas ideias sobre Deus como pessoas que opinavam sobre o assunto. Nunca lhe tinha ocorrido.

— Não existe uma espécie de... consenso?

Nunca tinham falado de religião. Conhecia a moralidade de seu marido, mas não sua fé, a parte calada que governava seu coração. Nunca tinham falado de sua herança judia, embora ele quase nunca a arejasse. Talvez fosse uma parte sensível de Joshua?

Como se lesse seus pensamentos, ele a olhou com um sorriso torcido.

— Não crucificaram a Cristo como blasfemo? – perguntou. – Tinha pensado que, como cristã, albergaria certa tolerância para os blasfemos.

— Não acredito que o tenha pensado – replicou Caroline, um pouco surpreendida. De repente estavam falando de uma realidade indisputável. – Sabe muito bem. Não albergamos a menor tolerância. Nós adoramos nos queimar na pira mutuamente por uma diferença de opinião, e nem falaremos dos estrangeiros que professam outra religião.

— É mais fácil que se queimem mutuamente que aos estrangeiros – indicou Joshua. – Entretanto, de vez em quando, novas ideias abrem passagem através do derramamento de sangue, da fumaça e da fúria. Que as pessoas correntes lessem a Bíblia era um pecado que se pagava com a morte; agora, respira-se sua leitura. Alguém tinha que ser o primeiro em desafiar a esse exemplo monumental de censura. Agora todos aceitamos que o conceito de negar a palavra de Deus é monstruoso.

— Bem... talvez não concedo importância à blasfêmia – disse Caroline a contra gosto, pensando uma vez mais nos Marchand. – Mas o que me diz da obscenidade? E do dano que podem fazer as novas ideias?

Antes que Joshua pudesse responder, a porta se abriu e a senhora Ellison entrou, apoiada em sua bengala.

Joshua ficou em pé.

— Bom dia, senhora. Como se encontra?

A anciã respirou fundo.

— Tão bem como cabe esperar – replicou.

Joshua a ajudou a sentar, antes de voltar para seu lugar.

Caroline lhe ofereceu chá e torradas, que ela aceitou.

— De que dano estão falando?

Pegou a manteiga e a geléia de amoras. Seu apetite era excelente, embora naquela manhã parecesse mais pálida que de costume.

Os olhos de Joshua se desviaram para Caroline antes de responder.

— Há um artigo sobre a censura no jornal... – começou.

— Bem! – interrompeu a anciã, enquanto engolia a torrada meio mastigada para poder responder. – Ultimamente se dizem muitas coisas sem se ater à decência. Quando

eu era jovem estas coisas não se passavam. O mundo atual está cheio de vulgaridade. Degrada a todos. Alegro-me de estar chegando ao final de minha vida. – Pegou a manteiga e se serviu. – Ao menos, alguém se preocupa em lutar por certos princípios.

— É um protesto contra a censura – a corrigiu Caroline, e imediatamente se perguntou se não teria sido mais prudente mudar de assunto.

— Alguma atriz, suponho. – A senhora Ellison arqueou as sobrancelhas. – Pelo visto, não há nada que as mulheres não possam dizer ou fazer nestes dias, e em público, para que todo mundo veja. – Dirigiu à Caroline um olhar significativo. – A moralidade está em declive em todas as partes... inclusive onde menos se espera.

— Está de acordo com a censura? – Se Joshua estava irritado, ninguém o teria adivinhado. Mas sua profissão era a de ator, e se destacava nela. Caroline tinha que recordar-se muito frequentemente.

A anciã lhe olhou como se lhe tivesse perguntado sobre sua prudência.

— É claro! – respondeu indignada. – Qualquer pessoa prudente e civilizada sabe que certas coisas não podem dizer-se sem que corrompam nosso modo de vida. Quando não existe reverência pelo sagrado, pelo lar e o que abrange, e nem sequer a mente se encontra a salvo, toda a nação se derruba. Não lhe ensinaram história no lugar do qual procede? Terá ouvido falar de Roma, suponho.

Joshua se continha de uma forma soberba. Até havia uma sombra de diversão em seus olhos.

— Londres – respondeu. – Procedo de Londres, do outro lado do rio, a oito quilômetros daqui. E ouvi falar de Roma, é claro, assim como do Egito, Babilônia, Grécia e a Inquisição espanhola. Pelo que sei, Grécia tinha o melhor teatro, embora o Egito contasse com uma poesia excelente.

— Eram hereges. – A anciã agitou a mão, que roçou a jarra de leite. – Os gregos acreditavam em toda classe de deuses que se comportavam de uma maneira horrível, se tivermos que acreditar em determinadas histórias. E os egípcios eram piores. Adoravam animais. Inimaginável!

— Houve um faraó que fundou uma nova religião, que acreditava e adorava um só deus – disse Joshua com um sorriso.

A anciã se sobressaltou.

— Oh... Bem, eu diria que é um passo adiante. Não durou, não é?

— Não – admitiu. – Acusaram-no de blasfêmia e acabaram com tudo o que tinha feito.

A mulher fulminou-o com o olhar. Não demorou para recuperar a fala.

— Não estavam falando de blasfêmia. Caroline falou de "obscenidade".

— Isso também depende do ponto de vista – disse Joshua. – O que é formoso para um pode ser obsceno para outro.

— Fofocas! – O rosto da anciã se tingiu de púrpura. – Toda pessoa decente sabe o que é obsceno, ofensivo para as vidas e sentimentos privados de outros, e que limites não se podem transpassar, coisa que só faria a pessoa mais vulgar e depravada.

— Há... – começou Joshua.

— Bem! – A palavra soou como uma tranca ao fechar-se.– concluímos a discussão. Meu chá está frio. Faça o favor de me pedir mais.

Caroline agitou a campainha. Viu a ira que bulia dentro de Joshua, mal dissimulada sob uma fina capa de cortesia, devido à idade da mulher e que tinha sido a sogra de Caroline e era uma convidada em sua casa, embora a contra gosto.

Caroline se descobriu dizendo o que Joshua desejava.

— Todo mundo está de acordo em que há coisas que não deveriam dizer-se; a questão é saber que coisas são.

— Todas as coisas que zombam da moralidade e desprezam a sensibilidade decente de homens e mulheres – replicou Mariah Ellison. – Você talvez tenha perdido a perspectiva de quais são, mas a maioria não. Pergunta a quaisquer de seus antigos amigos. Graças a Deus o primeiro camareiro vela por nós.

Caroline conteve a língua com dificuldade, só porque sabia que era inútil continuar discutindo.

Veio a criada e lhe pediram mais chá. Joshua se desculpou, beijou Caroline na face e desejou bom dia à anciã.

Caroline pegou o jornal de novo e olhou um artigo sobre Cecily Antrim. Em cima, havia um desenho dela tirado de um pôster de teatro, que a retratava formosa e intensa. Foi a primeira coisa que chamou sua atenção.

Ontem, a senhorita Cecily Antrim protestou vigorosamente contra a decisão do primeiro camareiro de censurar sua nova obra, O amor da senhora, cujas representações foram suspensas devido a sua indecência e tendência a degradar a moralidade pública, assim como a causar indignação e angústia.

A senhorita Antrim percorreu o Strand em uma e outra direção hasteando uma placa e provocando perturbações, até que chamaram à polícia para obrigá-la a desistir. Afirmou

depois que a peça era uma obra de arte positiva que punha em questão ideias equivocadas sobre os sentimentos e as crenças das mulheres. Disse que negar-se a permitir sua representação era negar às mulheres a liberdade reconhecida aos homens para explorar uma melhor compreensão daquelas facetas de sua natureza que são profundas, e com frequência a origem de atos controvertidos.

O senhor Wallace Albright, do escritório do primeiro camareiro, disse que a peça tinha como propósito dinamitar os valores sobre os que se apóia nossa sociedade, e era contraindicada para ser representada em público.

A senhorita Antrim não foi acusada de escândalo público, e lhe permitiram retornar a sua casa.

Caroline ficou contemplando a página. Sentia-se cheia de uma raiva irracional, mas confusa. Por que podia um homem decidir o que as pessoas deviam ou não ver? Quem era? Que espécie de homem? Quais eram seus preconceitos, segredos, sonhos, temores? Via ameaças onde só havia investigação inteligente, um desafio à intolerância e ao domínio de uma pessoa sobre as ideias e crenças de outra?

Ou estava protegendo aos jovens e vulneráveis dos ataques da pornografia e da violência, dos efeitos embrutecedores que supunha para a sensibilidade ver plasmados como aceitáveis os abusos de outros, da erosão dos valores derivados dos escárnios e brincadeiras, de maneira que se necessitava mais coragem para defender a bondade e a reverência que para negá-las?

Olhou à anciã, com seu rosto sulcado por rugas de amargura, e viu algo que por um momento acreditou medo. Era muito perturbador: despertou seus próprios temores, e algo próximo à piedade.

Capítulo 7

O agente estava de pé diante de Pitt, no escritório do superintendente, quase em posição de firmeza.

— Sim, senhor, isso foi o que disse.

Era a primeira hora da manhã, o sol brilhava no exterior, esquentava as paredes e os paralelepípedos das ruas, um pouco apagado pela fumaça de incontáveis lareiras. O ar era seco e morno, impregnado dos aromas da cidade.

— Viu Orlando Antrim e Delbert Cathcart discutindo no dia da morte do Cathcart – repetiu Pitt. – Tem certeza?

— Sim, senhor. Isso – disse ele, e parece que o deixava muito claro.

— Devia conhecer esses dois homens, este tal... como se chama?

— Hathaway, senhor. Peter Hathaway. Não sei, senhor, embora suponha que sim, do contrário não teria sabido quem eram. Dois cavalheiros discutindo podiam ser qualquer um.

— Exato. Onde posso localizar ao senhor Hathaway?

— No 26 do Arkwright Road, senhor. Hampstead.

— Informou disto a Bow Street? – Pitt estava surpreso.

— Não, senhor, ao Hampstead. Comunicaram-nos isso... por telefone.

O agente ergueu um pouco mais a cabeça. Estava orgulhoso da nova tecnologia e albergava grandes esperança de que servisse para apanhar criminosos, inclusive para evitar delitos antes que se produzissem.

— Entendo. – Pitt ficou em pé. – Bem, suponho que devo ir falar com o senhor Hathaway.

— Sim, senhor. Talvez esse senhor Antrim seja nosso homem, pois parece que a discussão foi muito violenta. – Parecia esperançoso, com os olhos dilatados e brilhantes.

— Talvez – admitiu Pitt com certa decepção. Tinha admirado Orlando Antrim. Tinha algo que gostava, uma sensibilidade, uma acuidade de percepção. Mas não seria a primeira vez que uma pessoa capaz de assassinar a outra era simpática para Pitt. – Diga ao sargento Tellman onde fui, por favor – disse da porta.

Quando chegou ao Arkwright Road, a criada lhe disse que o senhor Hathaway não estava em casa. Fazia um dia esplêndido e tinha saído com sua câmera, sem dúvida em direção a seu clube, e se os cavalheiros tinham ido ao campo, podiam estar em qualquer lugar. Entretanto, depois de insistir um pouco mais, facilitou-lhe o endereço do lugar onde se achavam, e o porteiro do edifício lhe disse que os membros do clube tinham ido a um páramo próximo, com o fim de fotografar cenários naturais.

— São muito bons nesse tipo de fotografia – acrescentou com ar aprovador. – Fazem fotos excelentes. Vê-las levanta o ânimo.

Pitt lhe agradeceu e retornou ao Hampstead Heath para iniciar a busca do clube dos fotógrafos e do senhor Peter Hathaway. O que Hathaway tinha visto carecia de valor. As pessoas podiam discutir sem entregar-se à violência, e muito menos ao assassinato. Mas a morte do Cathcart era um crime melodramático perpetrado por uma pessoa muito apaixonada e imaginativa, e provavelmente familiarizada com a arte, para imitar com tanto detalhe o quadro da Ofelia pintado pelo Millais. A menos que tivesse sido casual, em lugar de uma cópia alimentada por uma paixão primária.

Era agradável caminhar sob o sol sobre a erva seca. O vento mal acariciava as folhas, o aroma da terra impregnava o ar, em lugar do fedor a fumaça, excrementos e pedra poeirenta. Cantavam os pássaros, mas não os pardais onipresentes, mas os melros, com seu cântico agudo, persistente e doce.

Viu um jovem e uma mulher, com as saias desdobradas ao redor, meio estendidos no chão, com uma cesta de piquenique sem abrir. Riam juntos, ela flertava, ele alardeava algo. Levantaram a vista quando Pitt se aproximou.

— Perdoem – se desculpou Pitt. Teria preferido estar fazendo o mesmo que eles, saborear os últimos ecos do verão, desfrutar do momento sem pensar em ontem ou amanhã, sem preocupar-se de quem tinha assassinado Delbert Cathcart, ou por quê.

Quando Charlotte voltasse de Paris tomaria um dia livre e os dois iriam ao campo para passear, sem fazer nada em particular. Não seria difícil, e os trens eram baratos se não se deslocava muito longe.

— Sim? – perguntou o homem.

— Viram um grupo de homens carregados com câmeras? – perguntou Pitt.

Foi a garota quem respondeu.

— Fará uma meia hora. Foram muito sérios, falando entre si.

— Por onde foram?

Olhou-o para ver se também levava uma câmara.

— Estou procurando um amigo – explicou Pitt. – Por onde foram?

A garota não estava interessada em bisbilhotar mais.

— Por ali.

Assinalou um arvoredo. Raízes nodosas se retorciam sobre a terra em formas belas e intrincadas.

— Obrigado.

Despediu-se com a cabeça e partiu na direção indicada.

Demorou vinte minutos mais para alcançá-los, e quando já estava acalorado e com falta de fôlego, viu uma dúzia de jovens vestidos com jaquetas, coletes, calças, e todos, exceto dois, com chapéu de feltro. Cada um levava sua própria equipe, incluindo uma variedade de estojos de couro e caixas que variavam em tamanho, desde muito pequenos até bastante grandes para conter a roupa necessária para um fim de semana, assim como bagageiro. Os tripés erguiam-se sobre a erva com uma estranha elegância angulosa. Sobre eles descansavam as câmaras, com a lente apontada para um ramo, uma armadilha ou alguma formação de árvores e folhas.

— Bom dia. – Pitt interrompeu sua concentração.

Ninguém respondeu.

— Perdoem! – Experimentou de novo, em voz um pouco mais alta.

O jovem mais próximo, voltou-se, surpreso pela intrusão.

— Senhor – disse, ao mesmo tempo em que levantava a mão como se fosse deter o tráfego

— A menos que necessite ajuda com urgência, rogo-lhe que não interrompa este momento. A luz é perfeita.

Pitt desviou a vista para a que todos pareciam estar olhando, e na verdade os raios do sol brilhavam com notável luminosidade através das folhas de um grande carvalho, mas duvidou que se traduzisse em algo espetacular sem o verde e dourado da realidade. Como podia comparar a tinta sépia com o que o olho tinha visto? Não obstante, esperou enquanto doze câmaras registravam o instante.

— Sim, senhor – disse o jovem por fim. – Bem, o que podemos fazer por você? Deseja fazer uma fotografia? Ou possivelmente é um aficionado que deseja unir-se a nós? Traga-nos algumas de suas obras e tomaremos uma decisão. Somos muito generosos, asseguro. Só desejamos melhorar nossa arte, alongar as fronteiras do que pode alcançar-

se. O seguinte serão as cores. – Elevou a voz, entusiasmado. – Refiro a cores reais! Vermelhos, azuis, verdes, todos!

— Seriamente?

Por um momento, a ideia invadiu a mente do Pitt. Primeiro pensou na beleza, e depois em quão útil seria para a polícia. Se podiam tomar-se fotografias de coisas com suas cores verdadeiras, as possibilidades eram ilimitadas, não só para identificar pessoas, mas também para seguir o rastro de objetos roubados, quadros, obras de arte, como as que haviam na casa de Delbert Cathcart. As descrições verbais nunca lhes fariam justiça. Os agentes de polícia não tinham por que ser poetas.

— Será maravilhoso – admitiu – , mas vim falar com o senhor Hathaway. É membro do clube, conforme acredito.

— Oh, sim, e muito bom. Possui um grande talento. – Esteve a ponto de perguntar o que desejava, mas reprimiu sua curiosidade bem a tempo. Inclinou a cabeça para um jovem de cabelo loiro bastante longo, que continuava olhando com fascinação a luz das folhas. – Esse é Hathaway.

— Obrigado – disse Pitt, e se afastou antes de deixar-se arrastar pelo entusiasmo que despertavam as invenções fotográficas do futuro.

Hathaway levantou a vista quando a sombra do Pitt caiu sobre sua câmera.

— Sinto muito – desculpou-se Pitt. – Você é Peter Hathaway?

— Sim. Posso fazer algo por você?

— Superintendente Pitt, da delegacia de polícia do Bow Street. — E lhe ofereceu seu cartão.

— Oh! – Hathaway ficou sério e engoliu a saliva. – É pelo informe que apresentei à polícia? Escute, podemos falar disto um pouco mais longe? – Fez um gesto brusco com o braço livre. – Importa-se de fingir que veio por um assunto de negócios ou algo assim? É um pouco... bem, delicado. Não quero que as pessoas pensem que sou um fofoqueiro que vai repetindo por aí tudo o que sabe. É que... bem, com o Cathcart morto e tal... já sabe. – Um brilho de pesar cruzou seu rosto. – Era um fotógrafo muito bom. Quase o melhor, diria eu. Não posso permitir que o assassinem e ficar de braços cruzados... sobre tudo porque presenciei a discussão.

— Me conte exatamente o que viu, senhor Hathaway – lhe animou Pitt. – Em primeiro lugar onde ocorreu. Descreva-me a cena, por favor.

— Ah... sim. Bem, foi na terça-feira anterior a seu assassinato, como já disse. – Hathaway recriou a cena com os olhos quase fechados. – Estávamos junto a Serpentine,

tentando captar a luz do amanhecer sobre a água, assim deviam ser às oito da manhã. Uma hora um pouco inoportuna, certo, mas deve se seguir à natureza, não ao contrário. Fizemos um bom trabalho, um trabalho excelente. – Desviou a vista. – Não tem nem ideia do cego que se pode ser às glórias da luz e a sombra, as complexidades da forma, até que as vê através de uma lente. Descobre o mundo através de um olho novo. Perdoe a obviedade, mas é verdade. Deveria fazer fotografias, senhor, asseguro. Um pouco caro, suponho, mas a maioria dos prazeres o são, e sem o mérito artístico ou a elevação espiritual de captar um instante da glória da natureza e imortalizá-lo para compartilhá-lo com toda a humanidade. – Sua voz transmitiu mais entusiasmo. – É uma janela no tempo, senhor. Uma espécie de imortalidade.

Pitt percebeu um brilho do que Hathaway queria dizer. Era certo, uma fotografia capturava o momento mais que uma pintura, e o convertia, se não em eterno, ao menos em algo de duração inimaginável. Mas Delbert Cathcart tinha sido um grande fotógrafo, ao mesmo tempo em que um mortal comum, e estava morto. O dever do Pitt era descobrir como e por que, e pelas mãos de quem. Haveria tempo para pensar em capturar a beleza.

— É maravilhoso – reconheceu. – Suponho que não tirou fotografias do senhor Cathcart e o senhor Antrim enquanto estavam brigando.

Hathaway expressou decepção pelo fato de que Pitt pensasse em algo tão mundano, mas era muito entusiasta para não reconhecer as possibilidades. O interesse iluminou em seus olhos, e seu rosto se acendeu.

— Tomara! Seria maravilhoso, não é? Uma prova incontestável. Tudo chegará, senhor! Tudo chegará. A câmera é uma testemunha de cujo testemunho ninguém pode duvidar. Oh, o futuro está cheio de maravilhas que mal podemos imaginar. Pense em...

— O que estava fazendo o senhor Cathcart no Serpentine? – interrompeu-lhe Pitt. As especulações sobre quão prodígios reservava o futuro podiam continuar indefinidamente, e por mais fascinante que fosse, era um luxo que não podia permitir-se naquele momento.

— Né... não sei. – Hathaway parecia surpreso. – De fato, era muito estranho. Pelo que sei, só faz retratos. Não tinha vindo para nos dar lições... o qual teria sido maravilhoso, é claro. Mas não nos falou. Imagino que estava olhando lugares para utilizar como recursos. Isso seria a única coisa sensata.

— Mas você o viu?

— Oh, sim, e com muita clareza.

— Falou com ele?

— Não. Teria sido como... uma intrusão. É, era, um grande homem... uma espécie de ídolo para um aficionado como eu. – ruborizou-se um pouco. – É horrível que o tenham assassinado, um ato bárbaro. Por isso custa tanto entendê-lo. Claro que os grandes artistas são caprichosos, às vezes. Possivelmente foi por culpa de uma mulher.

— Possivelmente. O que estava fazendo Orlando Antrim? Também é um fotógrafo aficionado?

— Oh, sim, muito bom. Prefere figuras também, é claro, mas era de esperar. Ao fim e ao cabo, o teatro é sua arte.

— Me diga exatamente o que viu, senhor Hathaway.

Um par de jovens passou a seu lado levando suas câmaras e tripés, enquanto falavam muito animados e tentavam gesticular com os braços carregados. O chapéu de feltro de um se inclinou de uma forma peculiar, mas o jovem parecia não haver se dado conta. Detiveram-se na sombra de uma árvore, apoiaram seus tripés e começaram a examinar a zona com interesse.

— Vi-os discutir – respondeu Hathaway com cenho. – Dava a impressão de que Antrim estava suplicando ao Cathcart, que tentava lhe convencer de algo. Parecia muito categórico, e movia muito as mãos.

— Ouviu o que disseram?

— Não. – Seus olhos se dilataram. – Não, isso é o estranho. Nenhum dos dois ergueu a voz. Soube que estavam discutindo pelos gestos furiosos e as expressões iracundas. Antrim tentava convencer ao Cathcart de algo, e este se negava cada vez com maior veemência, até que ao final Antrim partiu feito uma fúria.

— Cathcart ficou?

— Só uns momentos. Depois, pegou a câmara, pregou o tripé e partiu.

— Na mesma direção?

— Mais ou menos, mas é lógico. Ia para a estrada, é a saída natural.

— Observou algo mais neste diálogo?

— Não sei. Tendo a ensimesmarme no que faço. Temo que perdi alguns amigos por culpa desta obsessão. Fixei-me neles porque estava passeando a vista em busca de um motivo decorativo que servisse de fundo para fotografar a uma amiga minha, uma jovem loira. Imaginei que a vestiria de branco e...

Pitt sorriu, mas interrompeu sua explicação.

— Sim, compreendo. Foi-me de grande ajuda, senhor Hathaway. Pode me dizer algo mais sobre este encontro? Viu os dois juntos em alguma outra ocasião? Conhece algum dos dois em pessoa, talvez como membros do clube?

Hathaway deu de ombros.

— Sinto muito. Muito recentemente que sou membro. Conheço três ou quatro sócios: Crabtree, Worthing, Ullinshaw, Dobbs... Dobbs possui um especial talento para captar a luz sobre pedras, grades e coisas assim, e é muito bom com os pássaros. — Sua voz se ergueu de novo por causa do entusiasmo. — É o primeiro que me ensinou a utilizar filme em cilindro, em lugar de placas. Foi incrível. Não pode imaginar! Inventou-o um tal senhor Eastman, dos Estados Unidos. Seis metros de comprimento. — Gesticulou com as mãos. — Todo enrolado para tomar cem fotos, uma atrás da outra. Imagine! Uma atrás da outra... assim simples. São redondas e medem quase seis centímetros de diâmetro.

— Redondas? — perguntou Pitt. Todas as fotos que tinha visto em casa do Cathcart eram retangulares, assim como os retratos que havia em casa de seus clientes.

— Sim — sorriu Hathaway. — É para aficionados, é claro. Os profissionais usam as quadradas, mas estas são muito boas. Quando estão todas feitas, ele envia a câmera, processam o filme e lhe devolvem a câmera carregada de novo. Todo custa uns cinco guineus. — Fez uma careta. — Como já disse, é bastante caro, mas é meu passatempo favorito. — Adiantou o queixo, como desafiando ao Pitt que dissesse que estava esbanjando o dinheiro.

— Muito interessante — disse Pitt. — Obrigado por sua informação, senhor Hathaway. Se recordar algo mais, rogo-lhe que me informe. Bom dia.

Pitt falou com outros membros do clube, mas ninguém pôde ajudar. Um jovem tinha presenciado a discussão, mas só podia descrever aos participantes, cujo nome ignorava.

— Oh, sim — admitiu. — Muito acalorada. Em um momento dado pensei que chegariam às mãos, mas o homem mais alto se foi, e o outro ficou muito perturbado e avermelhado.

Pitt não pôde averiguar nada mais, salvo numerosos detalhes sobre as maravilhas da fotografia. Os avanços técnicos mais recentes e o milagre do cilindro de filme do senhor Eastman, embora ao que parecia só podia utilizar-se ao ar livre e com luz natural. O que explicava por que Delbert Cathcart, que estava acostumado a trabalhar com luz difusa ou dentro de aposentos, ainda utilizava as antigas placas.

Todos os membros do clube eram masculinos, e não lhes tinha ocorrido comentar que não havia mulheres entre eles, mas manifestaram sua mais ardente admiração pelas

fotógrafas e não duvidaram de qualificá-las de grandes artistas na especialidade, possuidoras de uma excelente compreensão e domínio das técnicas. Seus comentários não ajudaram em nada à investigação do Pitt, mas apesar de tudo se sentiu interessado.

De Hampstead, Pitt foi ver Orlando Antrim. O seguinte passo seria lhe perguntar qual tinha sido o motivo da discussão, e onde e quando tinha visto por última vez ao Cathcart. Pitt temia o momento em que talvez devesse acusá-lo de assassinato. Mas algum tipo de confrontação era inevitável.

Encontrou Orlando no teatro, ensaiando seu papel em Hamlet, que ia representar uma semana depois.

O porteiro exigiu para que Pitt mostrasse sua identidade antes de deixá-lo entrar.

— Estão ensaiando – disse o ancião enquanto o olhava com olhos de lince. – Não os interrompa. Espere até que possa falar com ele. O senhor Bellmaine lhe dirá quando é seu turno. Não deve incomodar aos atores, é injusto. Melhor dizendo, inadmissível.

Pitt aceitou a reprimenda e caminhou nas pontas dos pés pelos poeirentos corredores. Acabou, depois de algumas desorientações, em um bastidor do enorme palco, vazio à exceção de dois biombos recamados e uma cadeira. Um homem alto e magro estava na parte dianteira, a uns dois metros do fosso da orquestra e um pouco à esquerda. Seu rosto cadavérico estava transido de emoção, e tinha o braço erguido como se saudasse alguém.

Então Pitt a viu, quando saía das sombras do bastidor oposto à luz do palco: Cecily Antrim, vestida de um cinza azulado ordinário, uma simples blusa e uma saia, e uma discreta anquinha. Tinha preso seu cabelo com algumas forquilha, mas estava muito atraente. Parecia informal e jovem, cheia de energia.

— Ah, querida! – disse o homem alto com ternura. – Preparada para a morte do Polonio? Desde o começo. Onde está Hamlet? Orlando!

Orlando Antrim saiu detrás de sua mãe. Também vestia roupas comuns: calças, uma camisa sem colarinho e um colete que não combinava com nada. Levava umas botas decrépitas, e o cabelo revoltado. Uma intensa concentração nublava seu rosto.

— Bem, bem – disse o homem alto. Pitt supôs que era o senhor Bellmaine. – Hamlet, da direita. Gertrudis, você e eu da esquerda. Esta é a tapeçaria em questão. Começemos.

Saiu do palco e seus passos ressoaram nas pranchas, e depois voltou ao lado de Cecily.

— Virá agora mesmo – começou. – Ataque a fundo... – Sua voz soava como se estivesse conversando, mas enchia o palco e a platéia. – Rogo que lhe falem claro!

— Mãe, mãe, mãe! – gritou Orlando do bastidor.

Cecily se voltou para o Bellmaine.

— Asseguro isso; não temam por mim. Retire-se; ouço que vem.

Bellmaine deslizou atrás do biombo, com um ágil movimento para alguém de sua idade.

Orlando saiu para o palco.

— Olá, mãe! O que há?

— Hamlet, tem ofendido muito a seu pai – respondeu Cecily com sua voz melodiosa.

O rosto de Orlando estava tenso, com os olhos dilatados e escuros. Transparecia uma emoção contida, mas ao mesmo tempo estava tão atormentado que estava a ponto de vir-se abaixo.

— Mãe, têm ofendido muito a meu pai.

Pitt contemplava fascinado as pessoas que tinha visto em personagens muito diferentes, e que agora encarnavam papéis familiares para todas as gerações desde há quase trezentos anos. Tinha estudado Hamlet na sala de aula da propriedade de sir Arthur Desmond. Tinha lido o solilóquio com o Matthew e o tinha esmiuçado em seus diferentes elementos. Entretanto, diante dele se convertia agora em uma história de pessoas com vidas tão reais como a sua. Viu a culpa da rainha, a morte de Polonio, a tortura de Hamlet, tudo recriado com voz e gestos sobre um cenário nu, e depois destruído em um instante quando os atores pararam e voltaram a ser eles mesmos.

— Muito rápido – criticou Bellmaine a Orlando. – Sua acusação empana as palavras. Hamlet está furioso e indignado, mas o público tem que ouvir a substância de sua acusação. É muito realista.

Orlando sorriu.

— Sinto muito. Deveria vacilar antes de "inflama o rosto dos céus"?

— Tenta- o – aceitou com entusiasmo Bellmaine. Voltou-se para Cecily.– Está suplicando. A culpa é mais irada. Esforça-se muito em ganhar as simpatias do público.

A atriz deu de ombros a modo de desculpa.

— Outra vez – ordenou Bellmaine. – Desde a entrada do Hamlet.

Pitt contemplou a repetição da cena uma segunda vez, e uma terceira, e uma quarta. Maravilhou-se de sua paciência, e ainda mais da energia emocional que lhes insuflava paixão em cada ocasião, a metade de cena, com suas mudanças de humor. Só duas

vezes necessitaram estímulo, e logo se inundaram no drama. Pareciam capazes de criar a ilusão de todo um mundo mediante o poder de sua convicção, ao mesmo tempo em que se apropriavam das palavras do autor.

Por fim, Bellmaine lhes permitiu um descanso, e Pitt reparou pela primeira vez que tinham aparecido vários atores e atrizes, dispostos a ensaiar seus papéis. Tentou imaginar eles vestidos com a indumentária de uma época pretérita, e vê-los encarnar seu personagem. Pensou que uma jovem de cabelo loiro e fronte limpa devia ser Ofelia, e assim que a reconheceu a imagem do Delbert Cathcart foi a sua mente, espatarrado no barco, com o vestido de veludo verde em uma paródia de êxtase e morte.

Levantou-se da caixa onde se sentara.

— Desculpe...

— Meu querido amigo – lhe interrompeu Bellmaine. – Agora não tenho tempo para audições. Vá ver o senhor Jackson. Ele falará com você. Se for capaz de ser pontual, for exatamente aonde lhe dizem, manter-se sóbrio e falar só quando lhe dirigirem a palavra, receberá um guineu por semana e terá começado sua carreira nos palcos. – Sorriu e um súbito encanto iluminou suas feições. – Nunca se sabe aonde lhe conduzirá. Venha girar conosco por províncias, interprete um pequeno papel e lhe pagaremos até vinte e cinco xelins... trinta e cinco com o tempo. Agora seja bom menino e vá procurar Jackson. Estará por aí atrás, ocupado com a cenografia e a iluminação.

Pitt sorriu.

— Não aspiro a uma carreira nos palcos, senhor Bellmaine. Sou da delegacia de polícia do Bow Street... superintendente Pitt.

Cecily ergueu a vista da borda do palco.

— Deus Santo, é o policial amigo do Joshua. Polonio está vivo e abanando o rabo, asseguro.

Como Bellmaine se achava entre ambos, era uma verdade incontestável.

— Não me atreveria a deter o Hamlet, senhora – prometeu Pitt. – A nação nunca me perdoaria isso.

— Nem o mundo, senhor Pitt – respondeu a atriz. – Mas me agrada que possua um sentido das prioridades tão excelente. Balbuciamos algumas linhas, mas nossa atuação não pode qualificar-se de delitiva. – Dobrou um joelho. – O que o traz por aqui? Não será por meus protestos contra o primeiro camareiro, não é verdade? Bem, se ler em minha mente o que eu gostaria de fazer a esse canalha, talvez deva me deter.

— Não poderei detê-la até que tenha cometido o delito, senhorita Antrim – indicou Pitt enquanto tentava ocultar sua diversão. Não era o momento adequado, mas tinha surgido.

A atriz entendeu-o na hora. Um sorriso encantador iluminou seu rosto.

— É você muito amável. Muito obrigado.

Bellmaine se interpôs entre eles.

— Veio por algo, senhor. O que é? Não podemos nos permitir uma demora excessiva. Talvez você não se dê conta, mas é nossa maneira de ganhar a vida, e é muito mais dura do que parece.

Pitt se voltou para ele.

— Parece extremamente dura, senhor Bellmaine – disse. – Tenho que falar com o senhor Antrim. Serei o mais breve possível. Há alguma cena que possam ensaiar sem ele?

— Hamlet sem o príncipe? Brincas, senhor? Ah... suponho que sim. Seja breve. Laertes, Ofelia! Venham! Não temos tempo que perder. Cena três. Desde o começo, por favor. Comecem com "Minha bagagem está já a bordo". Prestem atenção!

Pitt caminhou para Orlando. Seus passos soaram fortes e solitários por um momento, até que a chegada do Laertes e Ofelia os apagou, e o drama começou com vozes educadas e paixão acesa, como se toda a história que conduzia até aquela cena se desprezara um momento antes.

— O que acontece? – perguntou Orlando com cenho. – Está relacionado com a censura? Protestei, mas de forma pacífica.

— Não, senhor Antrim, não tem nada que ver com a censura. Pelo que sei, não violou nenhuma lei nessa matéria.

Entrou com Orlando em um bastidor e passaram atrás do palco, onde paredes de tijolo nu se perdiam na escuridão, e enormes panos de fundo pintados para uma dúzia de mundos pendiam ou descansavam amontoados.

— Pois então, o que? – Orlando encarou-o, com uma graça tão arraigada que o fez sem pensar.

— Pertence a um clube masculino de fotógrafos perto do Hampstead? – perguntou Pitt.

— O que?

Pitt começou a repetir a pergunta.

— Sim! – interrompeu-lhe Orlando. – Sim, com efeito... Ao menos vou de vez em quando, não muito frequentemente, mas sou membro. Por quê?

— Reuniu-se com eles perto de Serpentine terça-feira passada, numa boa manhã? – Esquadrinhou o rosto de Orlando, e a tênue luz não conseguiu precisar se tinha empalidecido.

— Sim... – disse Orlando, na defensiva. Engoliu a saliva e tossiu. – Sim, fiz isso. Por quê? Não se passou nada de inusitado, pelo que lembro.

— Encontrou-se ali com o senhor Delbert Cathcart, e sustentou uma acalorada discussão com ele.

— Não... – Parecia perplexo, como se a pergunta lhe tivesse pilhado de surpresa. – Refere-se ao fotógrafo que assassinaram? Se estava ali, eu não o vi.

— Mas você esteve ali.

— Sim, é claro. Era uma manhã excelente, com essa espécie de luz um pouco esbranquiçada, e havia pouca gente. Não tinha que ensaiar e não me tinha deitado tarde de noite. Quem lhe disse que Cathcart estava ali?

— Conhece-o?

— Não. – A resposta foi muito precipitada. Os olhos de Orlando não se desviaram do Pitt, cravados com uma fixidez anormal. Mas sabia que Cathcart tinha sido assassinado. Qualquer pessoa normal estaria nervosa. – Não – repetiu. – Era um profissional, um dos melhores, ao menos isso diz todo mundo. Eu sou um simples aficionado. Eu gosto, mas acredito que terei que deixá-lo. Não tenho tempo.

Pitt acreditou. Nem sequer podia imaginar a energia mental e emocional que se necessitava para interpretar um papel como o do Hamlet, para não falar do desgaste físico.

— Naquela manhã discutiu com alguém e partiu muito zangado. Se não era Cathcart, quem era?

Orlando se ruborizou. Vacilou antes de responder, e quando o fez desviou a vista.

— Um amigo – disse com tom algo desafiante. – Um tipo ao que conheço faz tempo. Preferiria não misturá-lo nisto. Foi um simples desacordo, nada mais. Atrever-me-ia a dizer que pareceu mais violento do que foi. Não havia má vontade, só uma... diferença de opinião. Nada capaz de acabar com uma amizade, ou de degenerar em uma briga de murros.

Pitt não gostava do que devia fazer, mas evitá-lo seria uma irresponsabilidade, embora acreditasse pela metade em Orlando.

— Outras pessoas identificaram ao homem como o senhor Cathcart. Se não era ele, tenho que verificá-lo. O nome de seu amigo?

Orlando vacilou de novo, e logo se reafirmou.

— Sinto muito. — Esperou para calibrar a reação do Pitt. Deve ter intuído que não ia se render com tanta facilidade. — Além disso, está fora da cidade, e não poderia ficar em contato com ele. Portanto, é inútil que lhe dê seu nome... ou seu endereço.

— Se estiver fora da cidade, senhor Antrim, isso tampouco lhe prejudicaria, não é verdade? — disse Pitt com suavidade.

— Bem, não acredito assim. Poderia danificar sua reputação, e ele não estaria presente para protegê-la.

— Senhor Antrim, a única coisa que desejo é confirmar que foi ele a pessoa com quem você discutiu na manhã do dia em que assassinaram ao senhor Cathcart, nada mais.

— Bem, não posso, porque não está no país. De qualquer modo, se um homem da fama e importância do Cathcart tivesse estado no clube de fotógrafos, algum outro membro poderia confirmá-lo.

Isso era certo. Também era certo que poderiam lhe confirmar a identidade do homem com o que Orlando Antrim tinha falado de forma tão acesa. Por que queria ocultá-lo?

— Nesse caso terei que perguntar no clube — aceitou Pitt com a vista cravada em Orlando. — Não cabe dúvida de que eles o viram também, e se for um membro, saberão seu nome. Tudo seria mais fácil se você me dissesse isso, mas se tiver que interrogar a outros membros, o farei.

Orlando não pareceu agradado.

— Já vejo que não vai render se. Juro-lhe que não está relacionado com seu caso. Era um diplomata da embaixada francesa... a situação é delicada.

— Henri Bonnard — colaborou Pitt.

Orlando ficou rígido, ergueu um pouco o queixo e arregalou os olhos, mas não falou.

— Onde está, senhor Antrim?

— Careço de autorização para revelá-lo. — A expressão de Orlando, embora desventurada, era decidida. Pelo visto, não ia dizer nada mais, por mais pressão que recebesse. — Dei minha palavra. — Não daria seu braço a torcer, dissesse Pitt o que dissesse.

Aparentemente, Bellmaine tinha terminado o ensaio da cena a sua inteira satisfação, ou não queria continuar ignorante do que Pitt desejava de seu ator principal. Apareceu ante eles e passeou a vista entre ambos.

— "A arte é longa e a vida curta", superintendente — disse com um sorriso irônico. — Se na verdade podemos ajudá-lo, estamos a sua inteira disposição. Mas se não se trata de um assunto urgente ou importante, possivelmente poderíamos continuar com o Hamlet.

Olhou para Orlando, talvez para valorizar se estava tão transtornado para prejudicar sua concentração. Pareceu moderadamente satisfeito do que viu. Voltou-se para Pitt e esperou sua resposta.

Dava a impressão de que a aparição do Bellmaine tinha aliviado um pouco Orlando, que avançou um passo para ele.

Bellmaine apoiou uma mão em seu ombro.

— Trabalhem, meu príncipe – disse sem deixar de olhar ao Pitt.— Se o superintendente o permitir!

Pitt não ia tirar nada mais a limpo. Estava rompendo seu ritmo criativo sem motivo algum.

— É claro – cedeu. – Obrigado por seu tempo.

Orlando deu de ombros.

Bellmaine abriu as mãos em um gesto elegante e eloqüente, e depois voltou para o palco, onde todo mundo os estava esperando. Pitt dirigiu um último olhar aos atores, dispostos a reintegrar-se a seu mundo e perder-se nele. Deu meia volta e partiu.

Viu Tellman uns minutos e lhe contou o que tinha averiguado.

— Essa embaixada oculta algo – respondeu Tellman, sentado em uma cadeira do outro lado da escrivaninha do Pitt, semeada de papéis. – Ainda acredito que está relacionado com eles. Só a senhora Geddes afirma que o cadáver era do Cathcart. E se não o for? Talvez seja o francês. A coisa cada vez aponta mais para atores e estrangeiros.

— Para paixão e cobiça, diria eu – respondeu Pitt. – Em qualquer caso, qualquer pessoa é capaz disso, não só os franceses e os excêntricos.

Tellman lhe dirigiu um olhar de desdém.

— Voltaremos para a embaixada pela manhã – concedeu Pitt. – Temos que saber o que foi feito de Henri Bonnard, embora só seja para eliminá-lo da investigação.

— Ou o que foi feito de Cathcart – acrescentou Tellman.

— Acredito que sabemos o que foi que aconteceu com ele – disse Pitt com tristeza. – Foi assassinado em sua própria casa e enviado Tâmis a abaixo em uma última e tenebrosa viagem. O que não sabemos é quem o fez e por quê.

Tellman não disse nada.

Entretanto, Villeroche se mostrou tão obstinado como a primeira vez que o viram, só que desta vez conseguiu fazer a entrevista na privacidade de seu escritório.

— Não! Não, de maneira nenhuma! – repetiu. – Nem retornou, nem enviou nota alguma, e tenho feito o impossível para saber o que lhe aconteceu. – Tinha o rosto congestionado e agitava as mãos para sublinhar seu desgosto. – Passou mais de uma semana, e nem rastro dele. Seu trabalho está acumulando, e só me disseram para não me preocupar. Estou morto de preocupação! Quem não o estaria?

— Pôs-se em contato com sua família na França? – perguntou Pitt.

— Na França? Não. Vivem no sul, na Provença, acredito. Não se deslocaria até ali sem me dizer isso se tivesse produzido uma crise, nada seria mais fácil que solicitar uma permissão. O embaixador é um homem razoável.

Pitt não insistiu. Tellman já tinha comprovado que Bonnard não tinha embarcado no paquete que cruzava o Canal, mas que tinha retornado de Dover a Londres.

— Poderia ser uma relação romântica? – insinuou.

Villeroche deu de ombros.

— E por que não dizê-lo? Não tomou uma permissão normal, nem umas férias, isso é certo. Que espécie de homem embarca em um romance secreto abandonando um emprego onde o respeitam e apreciam, e desaparece em...? Deus sabe onde! E sem dizer uma palavra a ninguém...

— Um homem obcecado por alguém o faria – disse Pitt com um leve sorriso. – Um homem dominado por uma paixão intensa perde todo sentido do decoro ou do dever para seus colegas.

— Um homem que não deseja conservar seu emprego – respondeu Villeroche. – Para assim poder casar-se com seu amor secreto. – mordeu o lábio. – Suponho que temos que falar de uma relação ilícita, com uma mulher casada ou a filha de alguém que não o considera um pretendente apropriado. Ou uma mulher de classe baixa com a qual não podia casar-se. O...

Não mencionou a última alternativa, mas tanto Pitt como Tellman sabiam o que estava pensando.

— Seria isso possível? – perguntou Pitt sem olhar ao Tellman. O vestido de veludo verde estava gravado em sua mente.

Villeroche franziu o sobrecenho.

— Não! – Estava surpreso inclusive de que se contemplasse a possibilidade. – Absolutamente. Sei que nunca se chega a conhecer alguém tão bem como imaginamos,

mas Bonnard me parecia um homem muito normal. – Meneou a cabeça. – Tomara pudesse achá-lo. Estava preocupado antes de partir, como afligido por... alguma dificuldade, alguma pressão, embora ignore qual. Temo que lhe tenha acontecido algo de mau.

Pitt obteve uma lista de clubes e outros lugares que Bonnard freqüentava, e que sem dúvida visitaria se estivesse em Londres. Agradeceu a Villeroche, e partiram.

— Bem, o que tirou a limpo? – perguntou Tellman assim que saíram à rua, varrida pelo vento.

Um ônibus passou por seu lado. As mulheres sentadas na plataforma descoberta seguravam seus chapéus. Um homem que caminhava pela rua segurou o chapéu de feltro.

Um vendedor de jornais gritava manchetes sobre um projeto de lei governamental e a iminente visita de um rei de segunda categoria a Londres, fazendo o impossível para que parecesse interessante. Um ancião lhe sorriu e sacudiu a cabeça, mas comprou um jornal e o encaixou sob o braço.

— Bendito seja, chefe! – exclamou o vendedor.

Tellman estava esperando, com expressão interessada.

— Acredito que deveremos nos esforçar mais por localizar ao Bonnard – disse Pitt à contra gosto. – Talvez se trate de um romance que, por algum motivo, guardou em completo segredo.

— Não acredita ser isso! – Tellman lhe olhou com desdém. – Villeroche é amigo dele. Estaria informado de algo assim. De qualquer modo, que classe de homem abandona tudo e vai atrás de uma mulher sem dizê-lo a ninguém? Não é um poeta ou um ator. É um homem acostumado a tratar com governos. Já sei que é francês, mas mesmo assim...

Pitt lhe deu razão, mas não havia alternativa. Foram visitar os lugares da lista do Villeroche e fizeram perguntas com a maior discrição possível.

Ninguém sabia onde estava Bonnard, nem lhe tinham ouvido falar que fosse abandonar Londres. Ninguém sabia que tivesse algum interesse romântico particular. Tinha dado a todo mundo a impressão de que desfrutava da companhia de certas jovens, de reputação duvidosa algumas delas. O matrimônio era quão último tinha em mente naquele momento. O prazer romântico era algo reservado para o futuro.

— Henri não – disse com veemência um jovem, e lançou um risinho nervoso. – É muito ambicioso para enredar-se em um mau matrimônio, e muito menos para perseguir a esposa de outro homem, e ainda por cima em um país estrangeiro. Oh, não. – Passeou a vista entre o Tellman e Pitt. – Era, é, o tipo de homem que gosta de divertir-se, talvez nem

sempre com a descrição desejável em um diplomata, mas sem má intenção. Durante um tempo... a verdade é que não sei como descrever...

— Gosta de jogar, mas sem comprometer-se – colaborou Pitt.

— Exato – corroborou o homem. – Um homem do mundo... ou possivelmente deveria dizer um homem de cidade: as luzes brilhantes, a música, embora não tão perito como deveria.

Pitt sorriu. Todo mundo tentava evitar a expressão descarnada que descrevia as preferências do Bonnard.

— Obrigado. Acredito que entendi. Foi-nos muito útil. Bom dia, senhor.

Visitaram várias pessoas da lista do Villeroche, mas nenhuma acrescentou nada de novo. No meio da tarde começaram a visitar os diversos clubes que freqüentava.

Eram já às nove e meia. Estavam cansados e desalentados quando chegaram ao Ye Olde Cheshire Cheese, em uma ruela próxima a uma alfaiataria e uma barbearia.

— Vale a pena? – protestou Tellman enquanto enrugava o nariz em sinal de desagrado. A luz de gás alongava suas sombras sobre os paralelepípedos.

— Provavelmente não – respondeu Pitt. – Começo a aceitar que, ou foi ao campo com um romance que conseguiu manter oculto até de seus melhores amigos, ou está envolvido em algo sinistro, talvez ilegal, inclusive no assassinato do Cathcart, embora não vejo a menor relação. Vamos, acabaremos aqui. É provável que nosso homem esteja em uma cama confortável com alguém inadequado, passando bem, enquanto chutamos meia Londres nos perguntando o que aconteceu com ele.

Abriu a porta e se achou em uma atmosfera fechada e quente, que cheirava a vinho e tabaco. Jovens e alguns homens de maior idade estavam sentados ao redor de mesas, com copos ou jarras; muitos falavam sem parar e outros escutavam, inclinados para frente para não perder nada.

Pitt tinha um aspecto algo boêmio com suas roupas desalinhadas e o cabelo necessitado dos cuidados de um barbeiro, e ninguém questionou sua presença. Não estava certo se lhe agradava ou não. Não tinha dúvida de que seus superiores não achariam este fato agradável.

Tellman atraiu alguns olhares, mas como ia com Pitt, ninguém pôs objeções a sua presença. Respirou fundo, meteu os dedos dentro do colarinho da camisa, como se lhe apertasse muito e não lhe deixasse respirar, e se lançou ao interior.

Pitt passou ante a primeira mesa, onde se desenvolvia uma conversa tão animada que interrompê-la não teria despertado a simpatia dos envolvidos. Na segunda, onde a

companhia estava mais relaxada, viu um rosto que lhe foi familiar, embora não soubesse onde o tinha visto. Era gordo, de cabelo castanho e espesso, e olhos escuros.

— Os homens inferiores sempre criticarão o que não compreendem – dizia o homem com veemência. – É sua única maneira de pensar que, de algum jeito, dominam o assunto, embora na verdade só exibiram o fracasso de não estar a sua altura. Nunca deixa de me assombrar que, quanto mais idiota é alguém, mais se sente impulsionado a revelar a todo mundo sua curteza de vista.

— E isso não o irrita? – perguntou um jovem loiro, de olhos grandes e brilhantes.

O homem moreno arqueou as sobrancelhas.

— Meu querido amigo, com que objetivo? Para alguns homens, a obra de arte de outro homem não é mais que um espelho. Vêm-se refletidos nele, segundo sua obsessão do momento, e depois a criticam com todas suas forças, que são muito escassas, porque não gostam do que revela. Em consequência, o senhor Henley acredita que defendo o amor à beleza acima de tudo, precisamente porque ele não a ama. Assusta- o. É transparente, mas inacessível, sua natureza esquiva zomba dele. Ao atacar O retrato de Dorian Gray está encontrando uma arma para atacar seu inimigo pessoal.

Outro membro do grupo parecia muito interessado.

— Seriamente acredita nisso, Oscar? Poderia fazê-lo em pedaços se quisesse. Conta com todo o necessário, o engenho, a percepção, o vocabulário...

— Mas não quero – disse Oscar. – Admiro sua obra. Nego-me a lhe permitir que me converta em algo que não quero ser... ou seja, um artista que perdeu a perspectiva da arte e se rebaixa a criticar em público, para desforrar-se, o que admira em privado. Ou pior ainda, me negar o prazer de desfrutar com o que criou porque é tão idiota para negar o prazer do que eu criei. Isso, querido amigo, é uma estupidez. E quando um ignorante ou um homem assustado me chama imoral, ofende-me, mas posso suportá-lo. Entretanto, quando um homem sincero me chama estúpido, deveria considerar a possibilidade de que tenha razão, e isso seria espantoso.

— Vivemos em uma época de filisteus – disse outro jovem, enquanto afastava a franja. – A censura é uma morte progressiva, o princípio da necrose da alma. Uma civilização só pode amadurecer com novas ideias, e qualquer homem que asfixia uma nova ideia é um assassino do pensamento e inimigo das gerações futuras, porque lhes roubou um pouco de vida. Diminuiu-as.

— Bem dito! – aplaudiu Oscar.

O jovem corou de vaidade.

Oscar lhe sorriu.

— Perdoe, senhor Wilde... – Pitt aproveitou a pausa na conversa para interromper.

Wilde olhou-o com curiosidade. Não havia hostilidade em seus olhos, nem sequer cautela ante um desconhecido.

— Está de acordo, senhor? – perguntou com amabilidade. Olhou Pitt de cima abaixo e seus olhos se detiveram um momento no cabelo revoltado e o colarinho torcido da camisa, ainda mais descuidado na ausência do Charlotte. – Deixe-me adivinhar. Você é um poeta ao que algum crítico teimoso e inculto censurou? Ou um artista que pintou sua visão da alma do homem e ninguém o quer pendurar em público porque desafia as convenções da sociedade?

Pitt sorriu.

— Equivoca-se, senhor. Sou Thomas Pitt, um policial que extraviou um diplomata francês e se pergunta se você saberia onde está.

Wilde compôs uma expressão de estupefação e logo estalou em gargalhadas, enquanto golpeava a mesa com o punho. Demorou vários segundos em controlar-se.

— Por Deus, senhor, tem você um seco sentido do absurdo. Eu gosto. Por favor, sente-se conosco. Tome um copo de vinho. É horrível, algo assim como vinagre com açúcar, mas não pode apagar nosso bom humor, e se tomar bastante, já não lhe importará. Traga também seu lúgubre amigo.

Assinalou uma cadeira vazia. Pitt pegou e se sentou com eles. Tellman também o fez.

Um jovem e pálido irlandês, ao que seus companheiros chamavam Yeats, cravou a vista na distância com semblante sombrio. A presença dos recém chegados parecia lhe desgostar.

— Não façam conta. – Wilde lhes dedicou toda sua atenção. – Pessoal ou profissionalmente, se me permitir à pergunta?

Pitt se sentiu um pouco perturbado. Conhecia a fama do Wilde e não desejava que o interpretasse mal. Tellman estava muito confuso, o que se plasmava no rubor de suas faces e a expressão teimosa da boca.

— Profissionalmente – respondeu Pitt olhando-o nos olhos.

— Serve-lhe qualquer diplomata francês? – perguntou o jovem da mecha, e lançou um risinho. – Ou só um em particular?

Tellman soprou.

— Eu gostaria de um em particular – respondeu Pitt. – Henri Bonnard, para ser exato. Um de seus amigos denunciou seu desaparecimento, e dá a impressão de que se

não reaparecer logo corre o perigo de perder seu emprego, o qual me faz temer que sofreu algum percalço.

— Percalço? – Wilde passeou a vista pela mesa. Voltou-se para o Pitt. – Conheço o Bonnard, mas pouco. Não tinha nem ideia de que tinha desaparecido. Confesso que não o vi desde... – Pensou um momento. – Ah, sim... Um par de semanas, mais ou menos.

— Foi visto pela última vez faz nove dias – explicou Pitt. – Pela manhã, perto do Serpentine. Teve uma briga com um amigo e se foi bastante irritado.

— Como sabe? – perguntou Wilde.

— Certas pessoas o viram. Era um clube de fotógrafos que estavam tomando fotos com as primeiras luzes da alvorada. Os dois homens eram membros.

Tellman se removeu na cadeira, desconfortável.

— Prefiro plasmar minha visão em palavras.

Yeats perdeu todo interesse e voltou à cabeça.

— Uma poesia de luz e sombra – observou o homem da franja. – Um grande número de fotografias em branco e negro e sombras cinza. Melhor que Whistler, não?

— Mas não tão bom como Beardsley – saltou alguém. – Um fotógrafo só captará o evidente, o superficial. Os desenhos do Beardsley captarão a alma, a essência do bem e do mal, a pergunta eterna, o paradoxo de todas as coisas.

Pitt não tinha ideia do que estava falando o homem. A julgar pela expressão do Tellman, este já nem sequer tentava entender.

— É claro – admitiu o da franja. – O pincel, nas mãos de um gênio possuído pela coragem de pintar o que deseja, sem nenhum censor fanático que lhe detenha, é capaz de refletir a tormenta ou a vitória interior. É capaz de plasmar algo que ouse pensar.

Alguém se inclinou com entusiasmo e esteve a ponto de derrubar com o cotovelo um copo de vinho.

— A imediatez disso – declamou olhando Wilde. – Seu Salomé, seus desenhos, as ideias de negro, dourado e vermelho eram brilhantes! A Bernhardt teria se encantado. Imagina? Teríamos dado passagem a uma nova era da inteligência e sentidos. O primeiro camareiro estaria acabado!

— Este homem é policial! – advertiu um homem bonito, assinalando ao Pitt. Golpeou a mesa com o punho e fez saltar os copos.

— Não o deterá por expressar uma opinião civilizada – tranqüilizou-o Wilde, e olhou para Pitt com um sorriso. – É um bom tipo, e sei que vai ao teatro porque agora recordo

onde o vi antes, quando aquele matreiro juiz foi assassinado em seu camarote. Tamar MacAuley estava em cena, e Joshua Fielding.

— Exato – reconheceu Pitt. – De fato, você me proporcionou a informação que indicava a verdade.

Wilde se mostrou agradado.

— Seriamente? Maravilhoso. Tomara pudesse lhe ajudar a achar o pobre Henri Bonnard, mas não tenho nem ideia de onde está ou por que se foi.

— Disseram-me que o conhece, é verdade?

— É claro. Um tipo encantador...

— Aqui ou em Paris? – perguntou o homem da franja.

— Conheceu-o em Paris? – perguntou Pitt.

— Não, absolutamente. – Wilde desprezou a pergunta do Pitt, divertido. – Fui para uma viagem curta. Visitei umas quantas coisas. Uma cidade soberba, pessoas encantadoras... ao menos quase todos. – Moveu os braços. – Em qualquer caso, Bonnard não veio de Paris. Acredito que sua família vive no sul da França.

— Têm ideia de por que abandonou Londres tão de repente?

Pitt passeou a vista ao redor da mesa.

Tellman concentrou sua atenção de novo.

Yeats franziu o cenho.

— Poderia ser algo, de uma mulher até uma dívida – respondeu. Deu a impressão de que ia dizer algo mais, mas logo trocou de opinião.

— Tinha muito dinheiro – disse o da franja para desprezar a ideia.

— Tampouco é o tipo de homem que renuncia a tudo por um romance – opinou outro homem.

— Que triste – murmurou Wilde. – Deveria existir ao menos uma coisa na vida pela qual alguém sacrificaria tudo. Proporciona à vida uma espécie de unidade, de plenitude. E depois, passa a vida se debatendo entre a esperança e o terror a não ter que fazê-lo nunca. Saber que não o fará seria tão horrível como saber que o fará. Tome um copo de vinho, senhor Pitt. – Agarrou a garrafa. – Temo que não possamos ajudá-lo. Somos poetas, artistas e sonhadores... e às vezes grandes políticos teóricos, dentro da órbita do socialismo, é claro, exceto Yeats, que tem comprometida sua alma com os problemas da Irlanda, e isso carece de um nome que um inglês não poderia pronunciar. Não temos nem ideia de onde está Bonnard. Espero que retorne são e salvo, e se tiver que ir buscá-lo, que

seja em algum lugar de clima agradável, de pessoas que sempre tenham ideias novas, e onde o último censor tenha morrido de aborrecimento faz um século.

— Obrigado, senhor Wilde – disse Pitt. – Tomara pudesse começar por Paris, mas sabemos por desgraça que não embarcou no pacote de Dover que tinha reservado, e temo que neste momento tenha entre mãos algo mais feio e urgente que não posso atrasar mais.

— Outro juiz? – perguntou Wilde.

— Não, um homem que acharam morto em um barco, junto ao Horseferry Stairs.

Wilde pareceu entristecer-se.

— Delbert Cathcart.

— Sinto-o muitíssimo. Quando achar ao que lhe assassinou, não se esqueça de acusá-lo de vandalismo, além de assassinato. O grande imbecil destruiu um gênio.

Tellman se encolheu.

— Essa classe de vandalismo não é delito, senhor Wilde – disse Pitt em voz baixa. – Por desgraça.

— Conhecia também ao senhor Cathcart? – Tellman falou pela primeira vez, e sua voz soou um pouco rouca e muito diferente das do grupo.

Todos o olharam com assombro, como se uma cadeira lhes tivesse dirigido a palavra.

Tellman corou, mas não baixou os olhos.

Wilde foi o primeiro em recuperar a compostura.

— Não... só o vi uma vez, em alguma festa. Mas vi muitas de suas obras. Não é preciso conhecer um homem que é artista para conhecer sua alma. Se não estiver no que cria, então o enganou, e pior até, enganou-se a si mesmo. – Ainda segurava a garrafa de vinho. – Talvez isso, e a crueldade, são os piores pecados. Nunca falei com ele, nem ele comigo, no sentido ao que você se refere.

Tellman parecia confuso e abatido.

Pitt lhes agradeceu de novo, declinou o convite para tomar vinho, e os dois partiram.

Quando saíram ao escuro beco, Tellman respirou fundo e passou a mão pelo rosto.

— Tinha ouvido que era estranho – disse em voz baixa. – Não sei o que opinar. Acredita que essa turma tem algo que ver com o Bonnard e Cathcart?

— Nem sequer sei se Bonnard e Cathcart estão relacionados – disse Pitt mal-humorado.

Subiu a gola da jaqueta quando avançou pelo beco, enquanto os passos do Tellman produziam um ruído oco a suas costas.

Capítulo 8

O pesadelo era tão real que, inclusive quando a anciã despertou, teve a impressão de que o quarto onde se achava era o mesmo em que tinha passado sua vida de casada. Transcorreram uns momentos antes que sua vista se clareasse e caísse na conta de que não havia nenhuma porta à esquerda que conduzisse ao quarto de Edmund. Não havia motivos para assustar-se. Não se abriria porque era uma parede lisa, coberta de papel pintado, sem fissuras. Mas em tons rosados. Deveria ser amarela. Estava acostumada ao amarelo. Onde estava?

Tinha os pés frios. Filtrava-se luz entre as cortinas. Ouviu passos lá fora, rápidos e firmes. Uma criada.

Subiu os lençóis até o queixo para esconder-se. Viu as mãos, de dedos inchados e tensos, umas mãos de velha, com veias azuis, a pele salpicada de manchas e coladas aos ossos, a magra aliança de ouro que escorregava com tanta facilidade. Em outro tempo tinham sido suaves e esbeltas.

O passado se retirara. Mas onde estava? Aquilo não era Ashworth House.

Então recordou. Emily e seu marido estavam em Paris, de farra uma vez mais. Estavam trocando a instalação sanitária do Ashworth House e tinha precisado alojar-se com Caroline. Odiava ser dependente. Era o pior de ser viúva. De fato, em alguns aspectos era a única coisa insuportável. Agora não devia prestar contas a ninguém. Uma viúva despertava certo grau de respeito e compaixão, o último sobrevivente de sua geração na família.

Mas tudo isso mudaria agora que Samuel Ellison tinha chegado da América. Quem teria imaginado que isso poderia acontecer? Alys tinha tido um filho. Edmund nunca o soube. Teria ficado... deteve-se. Não tinha nem ideia de qual teria sido sua reação. Agora não importava. Na realidade, só importava uma coisa, e o controle sobre isso estava lhe escapando em marchas forçadas.

Onde estava Mabel? Do que servia trazer uma criada do Ashworth House se a mulher não estava quando a necessitava? A anciã puxou a corda da campainha com tal força que quase a arrancou.

Mabel demorou uma eternidade em acudir, mas o fez levando uma bandeja com chá quente. Deixou-o sobre a mesinha de noite, abriu as cortinas e deixou entrar o sol. Foi como se a lucidez tomasse posse das coisas mais uma vez, os ruídos tranqüilizadores de cada dia: passos, cascos de cavalos na rua, alguém que gritava, um balde que caía, uma garota que ria.

Talvez encontrasse uma forma de conservar o controle...

Tinham passado oito dias desde que Caroline havia voltado do teatro dizendo que Samuel Ellison tinha aparecido.

O café da manhã foi satisfatório, se podia dizer-se isso de uma refeição tomada em silêncio e a sós, a não ser pela presença de Caroline. Esta se mostrou ainda mais reservada que de costume. Às vezes parecia quase desventurada, o que era inaceitável em uma mulher de sua idade, que tinha pouco que oferecer, salvo bom caráter, a experiência de saber comportar-se em qualquer companhia e a capacidade de dirigir uma casa. Como Caroline já não tinha casa e já não freqüentava a sociedade, seu único valor era uma natureza tranqüila.

Aquela manhã seu comportamento projetava entusiasmo e uma presunção insuportável, como se soubesse de algo divertido que se negava a compartilhar. Isso era ainda mais improcedente. Já era intolerável em uma juvenzinha devido à falta de experiência, a qual se podia corrigir. Em uma mulher com netos, era ridículo.

A razão de sua satisfação se manifestou no meio da tarde. Samuel Ellison apareceu de novo. Caroline não tinha tido o bom senso de dissuadi-lo, inclusive depois do que Mariah havia dito, e dava a impressão de que era insensível a toda classe de insinuações, por mais claras que fossem. Desta vez trouxe flores e uma caixa de geléia belga. Em teoria eram para ela, mas sabia muito bem que em realidade eram para Caroline. A etiqueta proibia que fosse tão explícito.

A anciã as aceitou por pura formalidade, e inclusive pensou em chamar a criada para que as subisse para seu quarto e Caroline não pudesse prová-las. Não o fez, e depois se irritou consigo mesma por sua falta de têmpera. Teria servido de lição aos dois.

Antes que trouxessem o chá e Samuel Ellison recebesse as boas-vindas formal, a anciã pensou em desculpar-se. Uma enxaqueca ou algo neste estilo bastariam. Nem Caroline, nem Samuel tentariam convencê-la para que ficasse. Sua ausência lhes agradaria em grau supremo. Ficariam sem acompanhante, é claro. Teriam a decência de

protestar? Nem sequer podia confiar nisso. A honra familiar exigia que ficasse, como também o instinto de conservação. Ao menos se estava presente poderia exercer certo controle sobre os acontecimentos. Samuel não se atreveria a falar dela se estivesse sentada diante das duas. Sim, por mais penoso que fosse, o melhor era ficar. Não podia permitir-se o luxo de fugir.

Depois do habitual intercâmbio de trivialidades, Caroline interrogou Samuel sobre seus primeiros tempos em Nova Iorque.

— Não posso imaginar o que deveram sofrer você e sua mãe, sós em uma cidade infestada de imigrantes, muitos dos quais não possuíam outra coisa que não esperanças – disse.

— Esperanças e desejos de trabalhar – respondeu Samuel. – De trabalhar todo o dia e parte da noite, enquanto pudessem manter-se acordados. Falavam com idiomas diferentes...

— Babel – disse a anciã.

— Com efeito – admitiu Samuel com um sorriso, e olhou Caroline. – É assombroso o bem que se compreendem as pessoas quando compartilham os mesmos sentimentos. Todos experimentávamos esperança e medo, às vezes fome, júbilo, a sensação de estar muito longe de algo conhecido...

— Pensava que tinha nascido ali! – exclamou a anciã.

— Assim foi, mas para minha mãe foi horrível abandonar todo aquilo ao que estava acostumada e começar de zero, sem nada, rodeada de desconhecidos.

Mariah teria se dado murros. Que estupidez tinha cometido! Topou-se com uma situação perigosa e a tinha convertido em um desastre. Engoliu a saliva quando o medo se apoderou dela. Revelava-o seu rosto? Sabia Samuel?

Sua expressão era tão lambida e imperturbável como sempre. Mariah não queria olhá-lo nos olhos.

Caroline estava falando. Por uma vez, a anciã se alegrou.

— Não sabe quanto admiro a valentia de sua mãe – disse. – É aterrador e estimulante ao mesmo tempo saber que existem pessoas assim. Admito que me faz sentir como se tivesse feito muito pouca coisa.

Querida Caroline! Como ousava ser tão intuitiva? Como se atrevia a traduzir em palavras tão deliciosas a compreensão existente entre Alys e outras mulheres, entre Alys e Mariah?

Teve a impressão de que a sala se apagava a seu redor. Notava o rosto quente, as mãos e o estômago frios.

— Obrigado – disse Samuel com suavidade, sem afastar os olhos de Caroline. – Acredito que era maravilhosa. Sempre o pensei... mas é que a queria, claro. – Piscou. – Mas estou certo de que aqui também ocorreram coisas extraordinárias e emocionantes. Tenho a impressão de que não parei de falar de mim. – Meneou a cabeça. – Contem-me algo do ocorrido na Inglaterra durante estes anos. Acredito que receberam mais notícias de nós, do que nós de vocês. Somos propensos a nos concentrar em nossos assuntos. Sou norte-americano de nascimento e de educação, mas inglês por herança. – reclinou-se na cadeira e olhou à senhora Ellison. – O que acontecia aqui, no centro do mundo, quando eu era um moço em Nova Iorque?

Mariah devia aceitar a provocação, tomar as rédeas da conversa, recordar todas as coisas que ocorriam fora da cidade, no campo. Não pensar na casa, nem na história. Seria bastante fácil.

Contou-lhe todo tipo de coisas, enquanto as lembranças iam a ela. O homem escutava com aparente interesse.

— De fato, foi no ano anterior à morte do antigo rei e à coroação do novo – concluiu com esforço. – E o duque do Wellington se demitiu.

— Não sabia que os duques podiam se demitir – disse Samuel. – Pensava que era para toda a vida.

— Não como duque – disse a anciã com desdém. – Como primeiro-ministro!

Samuel corou.

— Ah... sim, é claro. Não foi o general que ganhou a batalha do Waterloo?

— Certamente. – A anciã se obrigou a sorrir. Ao fim e ao cabo era um tema inofensivo. – Quase toda a gente que vive hoje não conheceu a guerra – se gabou. Era uma ideia peculiar. Sorriu com o queixo um pouco levantado.

Samuel estava olhando para ela com interesse, à espera de que continuasse.

Mas era a juventude de Mariah, e era doloroso pensar nisso. Tratava-se de outra vida, outra pessoa, quando era uma moça cheia de esperanças, abençoada com uma inocência que lhe doía só de recordar, sabendo o que tinha acontecido depois. Até aquele momento não lhe tinha ocorrido perguntar-se que segredos horrendos ocultavam as mulheres atrás de seus rostos serenos. Talvez nenhum. Talvez estivessem tão só como se sentia.

O silêncio se fez opressivo. Tomou consciência dos ruídos do exterior, do outro lado das janelas, os cavalos que passavam pela rua. Caroline rompeu a tensão.

— Tudo o que sei do reinado de Guilherme IV está relacionado com os irlandeses. Dezenas de milhares emigraram para América. Suponho que terá conhecido a alguns.

Uma profunda compaixão se refletiu nos olhos do homem.

— É claro. Nem sequer saberia dizer quantos desembarcaram em Nova Iorque, abatidos, com a roupa pendendo sobre o corpo como se fossem espantalhos, os olhos cheios de cansaço, procurando conservar a esperança, afligidos pela nostalgia da pátria.

— Sua mãe devia sentir o mesmo – disse Caroline com suavidade, e seu rosto revelava que estava imaginando os sentimentos da mulher, que tentava ficar em seu lugar e compreender.

Samuel percebeu, e a dor se insinuou em seu sorriso.

Mariah tentou imaginar. Não sabia nada de Alys, salvo que tinha ido embora. Edmund nunca a havia descrito. Mariah ignorava se tinha sido bonita ou vulgar, loira ou morena, esbelta ou com em carnes. Não sabia nada de sua personalidade ou de seus gostos.

Mas Alys se fora. Isso era o que se erguia como uma montanha em sua mente, e a convertia em um ser tão diferente de Mariah como se tivesse sido de outra espécie. Por isso tinha odiado Alys durante todos esses anos, e também a tinha invejado, por isso se negava a dizer que a admirava, porque era certo.

Queria saber mais dela? Queria vê-la em sua mente como uma mulher de verdade, de carne e osso, de risadas e lágrimas, tão vulnerável como qualquer outra? Não... porque então deixaria de odiá-la. Veria-se obrigada a pensar nas diferenças entre ambas e a perguntar-se por que ela ficara.

Samuel estava falando dela. Caroline lhe tinha feito uma pergunta. É claro, Caroline... sempre Caroline!

—... suponho que um pouco mais alta que o normal – estava dizendo o homem. – Cabelo castanho claro. – Sorriu com certo acanhamento. – Sei que não sou objetivo, mas eu não era o único que a considerava formosa. Possuía uma elegância inata, uma espécie de serenidade interior, como se nunca duvidasse de que amava, e estivesse disposta a lutar como uma tigresa para protegê-lo. Podia irritar-se sobremaneira, mas nunca ouvi levantar a voz. Acredito que me ensinou melhor que ninguém o que significa ser um cavalheiro.

A Caroline não lhe ocorreu comentar nada que parecesse adequado, e se calou.

Mariah conhecia a amargura que estava se acumulando em seu interior. Como era possível que Alys fora uma dama tão perfeita? Não estava destroçada por dentro também, destroçada e ferida como uma menina frágil, só na escuridão? Por que sua ira se dissipava em um momento, e era capaz de conservar a serenidade e comportar-se com uma dignidade tão sublime e ser querida? A ira de Mariah era profunda, estava alojada em suas entranhas e a tinha despojado de dignidade, e já quase nunca tentava conservar a serenidade. Por que Alys era tão valente, alegre e viva? Acaso era uma mulher melhor? Era assim, simples? De onde tinha tirado a coragem?

—... mas quero saber mais de todos vocês – estava dizendo Samuel, com seu olhar cravado em Caroline; logo desviou a vista para a senhora Ellison.— São vocês que me interessam. Onde viviam? O que faziam? Aonde foram? Do que falavam entre si? Você é meu único vínculo com um pai a quem nunca conheci. Possivelmente precise saber mais dele, para poder compreender a mim mesmo.

Mariah respirou fundo e esteve a ponto de afogar-se. Demorou vários segundos em poder falar.

— Tolices! – Tossiu com violência. Caroline a estava olhando. – O que quero dizer... é que cada um é como é, com independência de quem tenha sido o pai.

Aquela frase era terrível. Devia dizer algo para não despertar as suspeitas do Samuel. Não lhe ocorreu nada.

Caroline foi ao resgate.

— Meu sogro era um encanto – disse, como se pensasse que a anciã tossia para dissimular sua emoção (o qual era certo), mas pensava em dor, não em uma frieza e um medo aterradores.— Era alto, mais ou menos como você, diria eu. E vestia-se muito bem. Tinha um relógio de ouro com corrente. Gostava das botas de qualidade e sempre as levava bem lustradas, podia ver seu reflexo nelas. – Havia nostalgia em seus olhos. – Não sorria com muita frequência, mas escutava com toda sua atenção. Nunca experimentava a sensação de que estava esperando que você se calasse para poder dizer algo, sem ser grosseiro.

Tudo era verdade. Mariah viu Edmund enquanto Caroline falava. Quase pôde ouvir sua voz. Surpreendeu-lhe que, depois de tanto tempo, pudesse lhe recordar tão bem. Viu-lhe cruzar o vestíbulo com passos firmes e decididos. Sempre que cheirava a rapé ou notava o roçar de um bom tweed, pensava nele. Costumava deter-se ante o fogo para se esquentar e conservar o de outras pessoas. Edward fazia o mesmo. Perguntou-se se

Caroline se fixara como ela, e se a tinha incomodado. Ela nunca o tinha comentado, como prescreviam as normas.

Caroline estava falando de Edmund outra vez, contava a Samuel algumas histórias que gostava, que às vezes cantava e que queria muito às meninas, Sarah, Charlotte e Emily, sobre tudo a Emily, porque era bonita e ria com facilidade quando ele fazia brincadeiras.

Era assim como Caroline o recordava, como o tinha visto quando estava bêbado? Por que não? Era verdade, ao pé da letra. Em realidade, o que sabemos dos outros?

— Sua mãe deve ter lhe falado dele – exclamou Caroline. – Fossem quais fossem as razões de que emigrasse, ela sabia que era seu pai, e que portanto você devia pensar nele.

Não acrescentou que ele teria feito perguntas, mas a implicação pendeu no ar.

Mariah podia ouvir os batimentos de seu coração. Estava contendo o fôlego, como se assim pudesse silenciar a resposta. Seu pior pesadelo ressuscitava, já não era um sonho, mas tão real como o chá e as torradas, os passos da criada na escada, os aromas de sabão e lavanda, ou os jornais da manhã. Imbricaria-se em sua vida, tão inelutável como no passado, mas pior, porque a ferida tinha cicatrizado. Ocorreria pela segunda vez, sem possibilidade de escape, e já não tinha forças. Na primeira vez não soube o que se avisinhava e a ignorância a protegeu. Desta vez sabia, e o medo precedente seria tão horrível como o fato em si, e também na manhã posterior. Só que não haveria um depois. Nunca pararia. Enquanto Caroline soubesse, vê-lo-ia em seus olhos cada vez que se encontrassem.

E diria a Emily e Charlotte, e isso converteria a vida em insuportável. Emily talvez contasse a Jack. A anciã imaginou a compaixão, e depois a repulsão, em seus grandes olhos escuros.

Samuel estava falando outra vez de sua mãe, de Alys, seu rosto iluminado com a mesma ternura de antes, e seus olhos brilhavam.

—... as pessoas cometeram o engano de pensar que, como se comportava como uma dama, carecia de valentia para dizer o que pensava e ser conseqüente com suas opiniões – disse. – Mas nunca conheci uma mulher mais valente.

Mariah se encolheu por dentro como se a tivessem esbofeteado. Ele sabia! Devia saber. Proclamavam-no suas palavras, justo debaixo da superfície. Se era consciente de tudo sobre Alys, também era consciente de tudo sobre Mariah. Ele saberia, como qualquer um. A pessoa não muda.

Como tinha ocorrido à Alys dizer-lhe. Como tinha sido capaz?

O que teria acontecido se tivesse dito a Edward? Só de pensá-lo, seu rosto se inflamou. Teria acreditado nela? Se lhe tivesse repugnado tanto como a ela, teria sido incapaz de aceitá-lo, e não só a teria considerado louca, mas perigosa.

Mas se tivesse herdado a mesma semente corrupta e teria acreditado, e nunca teria tornado a olhá-la da mesma maneira. A imagem da "mãe" teria se esfumado, e outra horrível a teria substituído.

À Caroline aconteceria o mesmo. A anciã se negou a pensar nisso. Arrebatá-la-iam até o último pinga de dignidade, de valores humanos, e ficaria grotescamente nua, como nenhum ser vivo merecia. Seria melhor estar morta. Mas não tinha a coragem para isso. Essa era a questão, era uma covarde... não como Alys.

Samuel continuava falando de Alys, de quão formosa e valente era, de que todo mundo a admirava e procurava sua companhia. Era diferente, arrebatadora, incrivelmente diferente, e sabê-lo era como se removessem uma faca da velha ferida, até tocar o osso.

Continuavam falando do passado. Caroline referia-se a uma anedota acontecida anos antes. Falava como se tivesse sido ontem. Aquilo não podia continuar. Só era questão de tempo para que surgisse a verdade. Tinha que evitar a qualquer preço.

Mas nada do que dissesse a anciã serviria. A única maneira de deter a conversa era obrigar Samuel a partir. Se se retirasse da sala, teria que ir-se. Como dizia que admirava tanto a sua mãe, teria que comportar-se como um cavalheiro.

— Perdoem – interrompeu, em voz mais alta do que queria. – Sinto-me um pouco enjoada. Acredito que se chamar a minha criada, Caroline, retirar-me-ei a meu quarto. Ao menos até o jantar. Já veremos como me sinto então. – obrigou-se a olhar ao Samuel. – Perdoe que interrompa sua visita com tanta brusquidão. Já não gozo da mesma boa saúde de antes.

Caroline pareceu abatida.

— Sinto muito, mãe. Quer que lhe subam uma infusão?

Estendeu a mão para a campainha enquanto falava.

— Não, obrigada. Acredito que um pouco de lavanda será suficiente. É um dos inconvenientes da idade, já não temos a energia de antes.

Samuel se levantou.

— Espero não havê-la aborrecido, senhora Ellison. Foi muito desconsiderado por minha parte ficar tanto tempo.

Olhou-o sem dizer nada. Aquele homem parecia insensível às insinuações.

A criada abriu a porta e Caroline lhe pediu que fosse procurar à criada da anciã.

Samuel partiu. Não tinha outra alternativa. Mas enquanto a anciã subia a escada pouco a pouco, sem necessidade de fingir rigidez ou mãos trêmulas sobre o corrimão (eram muito reais), ouviu que Caroline o convidava a voltar e reatar a conversa, e que ele aceitava. Foi aquilo o que ratificou sua decisão.

Como havia dito que se sentia doente, estava obrigada a ficar em seu quarto durante o resto da tarde. O que era irritante, porque não tinha nada que fazer, e deveria ficar deitada e fingir que descansava. O que daria rédea solta a pensamentos que a atormentariam, ou deveria inventar uma tarefa qualquer e ater-se a ela. Não queria encarar-se com sua decisão... ainda não.

Esteve deitada durante quase uma hora, o suficiente para recuperar-se, e depois, como se sentia sozinha e torturada por ideias e lembranças inúteis, subiu ao pequeno quarto onde as criadas remendavam a roupa branca e faziam pequenos trabalhos de costura quando era necessário. As mulheres acomodadas razoáveis tinham três ou quatro vestidos para a tarde, tinham o mesmo para a noite e ordenavam que as criadas remendassem os outros. Era mais barato, e se a criada era boa, um método muito eficaz. Sabia que Mabel estava fazendo algo para ela, porque era infatigável. Emily lhe subministrava com generosidade de tecido, contas, fitas e outros enfeites.

— Encontra-se melhor, senhora? – perguntou Mabel, muito ocupada com sua agulha.

– Quer algo mais?

— Não, obrigada – disse a anciã.

Fechou a porta a suas costas. Sentou-se na outra cadeira. Mabel continuou costurando. Estava escurecendo e as luzes da rua já se acenderam. A luz de gás se refletia na agulha de prata, como se fosse um brilho de luz. Mabel também estava ficando velha. Tinha os dedos inchados por causa do reumatismo. Não caminhava com tanta agilidade como antes. Como sempre, o pano que costurava era negro. A anciã tinha se vestido de negro desde a morte do Edmund. Como a rainha, exibia seu luto. Era o que lhe tinha parecido apropriado no momento. O luto era uma emoção aceitável, muito apropriada. Todo mundo compreendia e simpatizava. Era melhor que a culpa, embora aos observadores externos parecesse o mesmo. Podia chorar refugiar-se na privacidade ou pedir algo, que lhe seria concedido. Era o centro da atenção, e ninguém perguntava.

Caía com facilidade no costume de estar "aflita". Nunca parecia o momento conveniente de dizer adeus à cor negra, e depois já era muito tarde. As pessoas

imaginavam que estava destroçada pela morte de Edmund. E ela lhes dava a razão, dizia-lhes o que queria que acreditassem e depois tentava acreditar nela. Assim era melhor.

Agora, Samuel Ellison tinha surgido de Deus sabia onde, e tudo estava desmoronando.

Mabel estava trespassando contas negras na agulha, e as costurava no peitilho do vestido novo.

Por que demônios estava obrigada a levar luto por Edmund durante o resto de sua vida? Ele devia estar gargalhando no inferno na qual tivesse ido parar. O luto nunca tinha lhe assentado bem, e menos agora, velha e de pele amarelada. E, se passava ruge, parecia um cadáver borrado. Um cadáver borrado! Assim sentia-se, morta por dentro, mas ainda dolorida, e ridícula.

Teve vontade de dizer a Mabel que tirasse tudo, que fizesse algo de outra cor, talvez púrpura. Isso era semi-luto. Mas lavanda tampouco lhe assentaria bem; de fato ficaria pior.

Tinha medo de mudar. Todo mundo perguntaria por que, e não queria mencionar Edmund para nada, e muito menos dar explicações. Sentou-se em silêncio, inquieta. Doía-lhe a cabeça.

Não queria descer para jantar. Aterrava-lhe escutar Caroline tagarelar sobre Samuel Ellison, e pior ainda, possivelmente falasse de Edmund, fizesse perguntas, incitasse lembranças. O que Caroline recordava dele era o rosto que todo mundo conhecia, é claro, o rosto que a anciã tinha perpetuado de forma deliberada. Podia falar de sua bondade, de seu encanto, de seu talento para narrar histórias e dotá-las de vida. Podia recordar o Natal, quando foram juntos à igreja na Véspera de natal, sob a neve, quando cantava velhas canções com sua esplêndida voz.

Doía-lhe a garganta. Escorriam lágrimas por suas faces. Tomara tivesse sido assim!

Quem tinha culpa? Ela? Ela era diferente, discordante, fria, obstinada em uma fantasia infantil sobre o mundo, uma mulher que tinha envelhecido, mas não amadurecido? Nesse caso não havia remédio. Agora já não podia mudar.

Mas isto era insuportável. Preferia estar morta.

Mabel foi a seu quarto e levou a bandeja do jantar, o prato meio consumido. Não disse nada. Tinha servido à anciã durante vinte anos. Conheciam toda classe de intimidades mútuas, detalhe físicos, costumes, passos, uma tosse, a textura da pele e o cabelo. Entretanto, no fundo eram estranhas. A anciã nunca tinha lhe perguntado o que pensava ou esperava da vida, o que a despertava de noite, e Mabel não tinha nem ideia dos terrores que espremiavam por dentro a sua ama, como uma mão fria.

Não podia continuar assim. Devia fazer algo, agora, antes que fosse muito tarde. Caroline nunca devia sabê-lo. Não ficava alternativa. Tinham retornado o pânico e o desespero, aquela escuridão interior tão conhecida, que lhe roía o coração e a encerrava em uma solidão absoluta.

Maldito fosse Samuel Ellison por vir dos Estados Unidos. Maldita fosse Alys por ser bonita, valente e de vontade férrea. Ela tinha ido tão alegre, mas Mariah não podia ir a nenhum lugar. Não era jovem e saudável, com um rosto adorável. Era velha, acartonada, frágil, e estava aterrorizada. O que faria a encantadora e inteligente Alys se estivesse em seu lugar?

Faria algo! Não ficaria sentada esperando que a tocha caísse sobre sua cabeça. A anciã não só seria desprezada pelo que chegassem a saber, mas sim ela mesma se desprezaria por ter permitido que acontecesse. Pior ainda, odiar-se-ia.

Mas como podia impedi-lo?

Encheu-se de toda sua coragem para descer para tomar o café da manhã, mas não podia passar o resto de sua vida no quarto. Tinha que fazer um ato de aparição em algum momento. Joshua estaria em casa a essa hora do dia, e isso impediria que Caroline tagarelasse sem cessar sobre Samuel Ellison, e a anciã pensaria em como falar com ele a sós. Devia fazê-lo. Não se atrevia a adiar mais.

Uma vez formulado as habituais saudações e perguntas, obrigou-se a tomar chá e uma torrada.

— Sabe um pouco de Thomas? – perguntou Joshua a Caroline.

— Não, há mais de uma semana – respondeu ela. – Imagino que está muito ocupado com o caso do homem que acharam no Horseferry Stairs. Os jornais voltaram a falar disso. Parece que era um fotógrafo de sociedade muito famoso.

— Delbert Cathcart – disse Joshua. Pegou outra torrada e a geléia de damasco. – Era brilhante.

— Pergunto-me por que o mataram – continuou Caroline, enquanto passava a faca da manteiga a Joshua. – Inveja? Talvez ciúmes por um assunto privado?

— Quer dizer uma amante? – perguntou ele com um sorriso. – Por que é tão delicada?

Caroline ruborizou levemente.

— Mais ou menos – admitiu.

A anciã não desperdiçou a oportunidade.

— Quando a pessoa pratica a imoralidade, costuma a acabar em desastre – disse. – Se a pessoa o recordasse, conseguiríamos nos desfazer da metade da mentira do mundo.

Surpreendeu-lhe a amargura que ouviu em sua voz. As palavras foram dirigidas a Caroline, mas continham um ódio que teria preferido não revelar.

Joshua estava olhando para ela perplexo.

Ela desviou a vista.

— Pode ser que se trate de um simples roubo – disse Caroline com calma. – O pobre homem ia pela rua a altas horas da noite, e o que em princípio foi uma simples tentativa de lhe arrebataram o relógio ou a carteira se complicou. Possivelmente resistiu.

— Insinua que ele o buscou? – perguntou Mariah. – Resistiu e, portanto, merecia acabar assassinado? – Não queria seguir por aquele caminho. – Às vezes suas ideias do bem e o mal me confundem. – O comentário ia dedicado a Caroline.

— Não estou falando do bem e do mal – disse Caroline. – Só de uma probabilidade.

— Isso não me surpreenderia – replicou a anciã enigmaticamente. A expressão de confusão de sua ex-nora a satisfez.

O café da manhã continuou em silêncio durante um momento.

— Warriner retirou seu projeto de lei – disse por fim Joshua.

Mariah não tinha nem ideia do que estava falando, mas a julgar por sua expressão deduziu que o desgostava. Não fez perguntas.

— Sinto-o – disse Caroline em voz baixa. – Suponho que era de esperar.

Joshua fez uma careta.

— Por uma parte, penso que é providencial. Deveriam esperar um momento melhor. Pela outra, opino que é uma covardia e que nós deveríamos fixar os prazos. Poderíamos esperar eternamente.

Mariah sentiu curiosidade. Em uma ocasião diferente teria perguntado do que estavam falando. Agora levava entre mãos assuntos mais urgentes. Devia conseguir falar a sós com o Joshua. Uma coisa que havia dito era certa: a pessoa devia fixar seus prazos. Se esperava indefinidamente a intervenção de outros, o fracasso estava assegurado.

Sua mente era um bulir de ideias. Que desculpa podia dar para falar a sós com Joshua? Não podia lhe pedir conselho financeiro. Obtinha-o de Jack. De um assunto familiar teria falado com Caroline, de uma ameaça ou um extravio, com o Pitt. Para uma simples tarefa teria chamado um criado. Mal conhecia Joshua. Nunca tinha ocultado que o desaprovava, a ele e ao seu matrimônio. Que motivo podia utilizar?

Talvez pudesse obrigar Caroline a partir. Uma tarefa doméstica. Mas qual? Se se tratasse de algo rotineiro esperaria que Joshua partisse.

Devia sair e pilhar Joshua no vestíbulo. Não era muito satisfatório, mas não podia esperar que surgisse algo melhor. Levantou-se e deixou o guardanapo no prato. Deixava a metade de seu chá, mas não havia outro remédio.

— Me perdoem — disse com voz aguda. Era ridículo. Devia controlar seus nervos. — Tenho que fazer um recado.

Saiu sem dar mais explicações. Ninguém fez o menor comentário. Não sentiam curiosidade por sua pressa, o que obteve que se sentisse muito sozinha.

Devia dominar seus pensamentos. Tinha chegado o momento de entrar em ação. Joshua iria sair logo, e tinha que aproveitar a oportunidade de surpreendê-lo a sós. Se Caroline saísse para o vestíbulo para despedir-se dele, perderia tal oportunidade, a menos que ela saísse à rua ao mesmo tempo. Parecia-lhe muito excessivo. Não poderia aduzir um encontro casual. Mas não podia permitir o luxo de esperar um dia mais. Samuel Ellison não devia voltar para aquela casa! Assim que o dissesse, já seria muito tarde. Quando algo se sabe, já não se pode esquecer.

Foi até a porta principal e a abriu. O ar era fresco, o sol esquentava, a atmosfera cheirava a pó e cavalos. No parque, a cem metros de distância, as folhas começavam a mudar de cor. A erva ainda estava molhada. Um mensageiro assobiava. Uma mulher ia de bicicleta, com roupas muito indecentes, a excessiva velocidade. Mariah a invejou. Parecia tão livre e feliz.

Devolveu a atenção a sua tarefa imediata. Quanto tempo demoraria Joshua? Tampouco tinha se assegurado de que fosse sair àquela manhã, mas costumava fazê-lo, não cedo como quase todos os homens, porque tinha chegado tarde à noite anterior. Toda a casa se levantava tarde.

Passeou de cima abaixo pela calçada, sentindo-se cada vez mais o alvo de todos os olhares. De repente, viu que Joshua descia pelo atalho. Como ela estava de costas, não o tinha visto. Deu meia volta e correu para ele.

— Senhora Ellison... — Pareceu surpreso e deu a impressão de que ia dizer algo, mas se absteve.

Devia aproveitar a oportunidade, por mais que lhe custasse achar as palavras e ele a considerasse uma louca. Sua sobrevivência dependia disso.

— Joshua! Eu... devo falar com você... em privado.

— Passa-se algo? — perguntou ele, ao dar-se conta de sua agitação.

— Sim – disse Mariah. – Temo que sim. Mas é possível endireitá-lo e evitar males maiores.

Não parecia bastante alarmado. Como devia expressá-lo para que acreditasse? Tinha-o ensaiado durante incontáveis horas de insônia, mas ainda não lhe soava perfeito.

— O que acontece? – perguntou Joshua com parcimônia, sem alarmar-se.

Mariah queria afastar-se da porta, se por acaso Caroline aparecesse em uma janela e os visse. Começou a caminhar, e ele a seguiu. Devia começar.

— É Samuel Ellison – disse, depois de achar por fim a voz. – Sabe, sem dúvida, que ele vem com muita assiduidade a esta casa, de tarde. Fica muito mais tempo do que exige uma visita de cortesia.

— É da família – respondeu Joshua. – Parece-me muito natural.

— Natural, possivelmente. – Ouviu a acritude em sua voz e tratou de desterrá-la. – Mas se comporta de uma forma-desafortunada.

— Seriamente? – Não houve troco em sua expressão.

Era pior do que a anciã esperava. Que homem mais obtuso! Agora teria que ser direta. Por que Joshua não utilizava sua imaginação? Era um ator. Não sabia pensar?

— Toma muita confiança! – replicou com brusquidão.

— Com você? – Joshua arqueou as sobrancelhas, como se considerasse incrível a ideia. – Bem, se acreditar que é grosseiro e não pode lhe parar os pés, será melhor que peça que Caroline fale com ele.

— Comigo não! – grasnou, e calou no último momento o "idiota" que lhe saía da alma. – Com Caroline! É evidente que a acha atraente e não sente a necessidade de dissimulá-lo. É... pior que incorreto. É causa de preocupação.

Ele ficou um pouco obstinado.

— Estou certo de que Caroline é muito capaz de lhe recordar qual é o comportamento correto – disse, com certa frieza. – É norte-americano. Talvez ali os costumes sejam mais relaxados.

— Se ele for um exemplo, é claro que são relaxados – respondeu a anciã com uma nota de desespero. – Falo porque estou preocupada com a reputação de Caroline. E pelo seu bem...

Pelo amor de Deus, não entendia o que estava dizendo? Acaso era estúpido? Ou talvez não lhe importasse? Que horrível pensamento... deixou-a gelada, como se alguém tivesse aberto uma porta para mais forte do inverno. Possivelmente as pessoas de teatro

se comportavam assim e esperavam o mesmo dos outros. Possivelmente a imoralidade não significava nada para ele.

Não! Isso não podia ser verdade. De maneira nenhuma.

Joshua sorriu levemente.

— Estou certo de que Caroline o repreenderá com delicadeza, se transpassar certos limites. Mas obrigado por sair em sua defesa. Alegro-me de que a acompanhe, o que me proporciona a segurança de que ninguém falará mal dela. Bom dia.

Despediu-se com a cabeça e continuou até o final da rua, onde se deteve para parar um cabriolet.

A anciã ficou furiosa e derrotada. Mas só de momento. Não devia render-se. Samuel Ellison voltaria, e a próxima vez, ou a seguinte, diria algo que Caroline entendesse, e proporcionaria alguma pista que conduziria à verdade, às trevas que consumiriam tudo.

Voltou sobre seus passos e entrou na casa. Sua mente bulia de ideias. Tinha tentado, mas não tinha sido suficiente. Mostrou-se delicada, sutil, arrojando toda a culpa sobre Samuel, mas não tinha servido de nada.

Cruzou o vestíbulo e passou ante uma criada provida de uma dessas novas máquinas para aspirar o chão. Em outros tempos havia meia dúzia de criadas e os tapetes se polvilhavam com folhas de chá úmidas e se varriam e sacudiam duas ou três vezes por semana. Então sim, se cuidavam das casas como era devido!

Subiu a seu quarto e fechou a porta. Devia estar sozinha para pensar. Não havia tempo a perder. Fizesse o que fizesse, devia ser hoje. Outra visita de Samuel podia ocasionar a ruína.

Só lhe ocorria outra forma de obter que esse homem não voltasse jamais. Se Joshua não acreditava, devia receber uma demonstração que limpasse todas suas dúvidas. Não lhe tinha deixado alternativa.

A questão era como consegui-lo. Devia considerar com supremo cuidado um sem-fim de detalhes. Não podia permitir-se enganos. Como aquela manhã tinha fracassado, só restava uma oportunidade. Devia triunfar.

Sentou-se junto à janela, banhada pelo sol do outono, e pensou até no último detalhe. Devia escolher o momento com perfeição. Sabia qual seria o custo e lamentava que fosse tão alto. Se Joshua abandonasse Caroline, ficaria sozinha, com a reputação arruinada e sem meios de sustento, mas Emily se encarregaria de lhe proporcionar um teto. Se fosse viver em Ashworth House seria muito perturbador, mas havia suficiente espaço para que Caroline e Mariah se evitassem. Se necessário, uma das duas podia viver na casa de

campo. Caroline, provavelmente, porque a sociedade lhe daria as costas. Seria uma pena, e não entrava dentro dos cálculos de Mariah, mas a sobrevivência era peremptória. Não existia outra solução.

O melhor era pôr mãos à obra imediatamente. Pensar muito podia debilitar sua resolução. Agora que os passos tinham sido planejados com precisão, escritos com bela e florida caligrafia, não havia nada mais que preparar. Já conhecia os planos de Caroline para os dois dias seguintes. Estaria em casa esta noite, e Joshua iria ao ensaio. Era perfeito, como de propósito.

Escreveu a primeira carta.

Querido Samuel:

Não imagina o muito que desfrutei de sua companhia e da amizade que me ofereceu. Contribuiu a minha vida com algo de que não era consciente e que sentia muita falta. Suas histórias dos Estados Unidos não só são emocionantes, mas muito mais que isso. Tens olhos para ver a beleza que outra pessoa passaria por cima, para ver as risadas e sentir compaixão de uma forma estranha e maravilhosa, o qual acorda em mim uma avaliação pela vida que mal achava possuir.

Era muito forte ou pouco claro? Era de supor que Samuel o entendesse. Mariah tinha visto a letra de Caroline ao longo dos anos, em contas da casa e em convites, e foi fácil imitá-la. Nunca se tinham escrito cartas. Não houve ocasião. Teve que inventar o estilo. Mas como Caroline tampouco tinha escrito a Samuel Ellison, o homem não se daria conta.

Mariah não devia deixar lugar para dúvidas, ou o plano fracassaria por completo. Era sua única oportunidade. Ou ganhava, ou perdia tudo. Continuou:

Antes que vá de Londres e viaje pelo país, queria que me visitasse com a maior frequência possível. Sentirei muito menos quando retornar a Nova Iorque. A vida parecerá vulgar de novo.

Era bastante direto, inclusive para um norte-americano?

Rogo-lhe que venha nos visitar esta tarde, por volta das cinco, se puder. Sou consciente de que estou me comportando com uma urgência improcedente, mas com você posso falar como com ninguém mais. É um familiar, um vínculo com o passado que para

mim desapareceu. Temos muito em comum, que ninguém mais compartilha. Como terá observado, é muito difícil falar com minha sogra de outra coisa que não sejam trivialidades.

Devia acrescentar algo sobre a solidão? Não. Era explícita. Não devia parecer histérica, porque talvez afugentasse o homem, e isso era quão último desejava, a menos que fosse por completo. E duvidava de poder fazê-lo. Era sua última oportunidade, como quando se jogam os dados. Ganhar ou perder.

Espero vê-lo.

Sua muito afeiçoada,

CAROLINE

Devia relê-la? Ou perderia a têmpera e fracassaria no último momento? Não. Dobraria e enviaria. Agora. Ou devia lê-la?

Vacilou, com a carta nas mãos. Uma vez enviada, seria irremediável.

Mas a situação também era irremediável desde que Samuel Ellison tinha entrado pela porta.

Dobrou a missiva, guardou-a no bolso, escreveu o endereço e colou o selo.

Desceu e saiu ao sol quente. A caixa estava ao final da rua. Recolheriam o correio dentro de meia hora. Se Samuel retornasse a tempo para seu hotel, receberia-a muito antes das cinco.

Vacilou de novo, junto à caixa vermelha.

Mas se não a enviasse, Samuel viria uma tarde, talvez quando houvesse pessoas em casa, e a conversa derivaria para Alys, como sempre. Caroline perguntaria por ela e tudo sairia à luz, agora ou amanhã, ou depois de amanhã. Sentiu frio sob o sol quando recordou a dor, o conflito, a ira repelida como uma onda, a não defesa, a certeza de que não podia lutar, não podia escapar, não podia negar-se, nem sequer podia consumir-se na misericórdia do esquecimento. Tinha tentado isso, tinha tentado morrer, mas ninguém morria de desventura.

Introduziu a carta e a ouviu cair sobre as demais. Estava feito. Agora, era voltar para casa e proceder com o resto do plano. Alys teria feito algo neste estilo... se fosse para proteger-se.

Depois só restaria esperar. Caroline já havia dito que não tinha a intenção de sair. Talvez confiasse que Samuel Ellison aparecesse. Era possível.

A anciã passou um dia espantoso. Pensou que era o momento mais tenso e desventurado de sua vida. Não tinha mais desculpa para encerrar-se em seu quarto, a menos que fingisse uma indisposição, e não queria comportar-se de forma incomum para não levantar suspeitas. Ninguém devia saber o que tinha feito.

Porém mal era capaz de olhar para Caroline. Seus pensamentos a consumiam. Talvez fosse mais fácil se fosse para casa de alguém, mas devia permanecer na casa, se por acaso ele chegasse logo, ou Caroline mudasse de opinião e decidisse sair. Necessitaria de todo seu engenho para impedir.

Essa tarde compensaria todos os anos do passado, quando não tinha feito outra coisa que agüentar, como uma covarde. Apagaria tudo, como se nunca tivesse existido. Desfar-se-ia disso. Pensar nessa liberdade era como descarregar-se de um grande peso. Nunca mais se desprezaria, nem sentiria a ofensa da vergonha, como uma laje em sua alma.

Teria gostado de falar de algo corriqueiro, manter ocupados os seus pensamentos, mas não lhe ocorria nada, e além disso teria sido inaudito. Caroline e ela nunca falavam como amigas. Continuou sentada em silêncio enquanto Caroline escrevia para Charlotte em Paris, e na sala só se ouvia o crepitar das chamas, a queda ocasional de algum pedaço de carvão, o roçar da pena sobre o papel.

Aconteceu de repente. A criada foi à porta.

— É o senhor Ellison, senhora. Digo-lhe para?

Caroline se surpreendeu.

— Oh! Sim, por favor.

Sorriu. Estava muito elegante com seu traje de tarde, e havia um leve rubor em suas faces.

A porta se abriu de novo e entrou Samuel, cujos olhos se cravaram em Caroline. Não podia dissimular o ardor de seu rosto. Mal olhou para Mariah.

— É um prazer vê-lo – disse Caroline. – É um pouco tarde para o chá. Quer um refresco?

— Obrigado – aceitou ele, ao mesmo tempo em que entrava na sala. – Espero que não seja uma hora inconveniente. – Ao menos, reconheceu a presença da anciã. – Boa tarde, senhora Ellison.

Tudo ia muito bem. Não teria podido planejá-lo melhor. Levantou-se.

— Me perdoem – disse, e pegou sua bengala. – Volto em seguida.

Saiu da sala sem mais explicações. Devia enviar a outra carta imediatamente. Já estava escrita. Havia um **faeton** na casa. Entregaria-a se lhe desse dinheiro para a carruagem de aluguel. Também tinha preparado. Subiu para seu quarto e pegou a carta. Sabia de cor. Era muito simples.

Querido Joshua:

Faça o favor de voltar para casa assim que receba isto. Não vacile. A situação é grave, e só sua presença pode evitar o desastre.

Sinto-o na alma,

MARIAH ELLISON

Pegou o envelope e alguns pennies e entregou ao criado.

O homem pareceu surpreender-se.

— Leve isto imediatamente ao senhor Fielding – ordenou a anciã. – É muito urgente, um assunto da máxima importância.

— Está ensaiando, senhora – protestou o homem. – Não quer que lhe interrompam.

— Claro que não, mas ainda desejará menos o desastre que se avizinha se não lhe entregue isto quanto antes e lhe peça que leia. Se sentir por ele alguma lealdade, faça o que lhe digo.

— Sim, senhora.

O homem obedeceu, perplexo e angustiado.

Mariah voltou para seu quarto, consultou o relógio do aparador e se perguntou quanto tempo teria que esperar.

Possivelmente deveria descer, se por acaso Samuel se dava conta de que ficaram sem acompanhante e partia, ou se por acaso Caroline tomava consciência do inapropriado da situação e lhe pedia que se fosse.

Voltou sobre seus passos, ainda insegura.

Deteve-se no alto da escada e viu que a criada cruzava o vestíbulo com uma bandeja sobre a que descansavam uma garrafa de uísque e um copo. Excelente! Ficaria até ter tomado sua bebida, no mínimo.

Desceria dentro de cinco minutos, ou de dez. Quanto demoraria o criado em ir ao teatro, esperar que Joshua lesse a carta e voltasse? Joshua viria, sem dúvida. Se não o fazia, seria porque já suspeitava de algo e não se importava. Isso não era verdade. Era um ator, certamente, mas também um homem decente, educado, justo com frequência. Ela o

tinha observado. Por desgraça, defendia certas ideias liberais, mas em essência era leal e bondoso. Preocuparia-se muito. Ninguém podia ser traído sem que lhe doesse.

Negou-se a pensar nisso. Era uma estúpida, por permitir que sua mente se demorasse nesses pensamentos.

Consultou o relógio. Oito minutos, e já não podia suportar a tensão. Desceu a escada pouco a pouco, aferrando o corrimão. Chegou ao pé e cruzou o vestíbulo.

E se ele tinha falado da carta, tinha mostrado ela à Caroline e esta o tinha negado? E se tinham adivinhado a verdade e lhe estava falando naquele momento de sua mãe e do motivo de sua fuga? O vestíbulo deu voltas ao redor da anciã. Lutou para recuperar o equilíbrio.

Não podia entrar. Não podia suportá-lo! Não podia escapar para nenhum lugar. Seu coração pulsava com tal violência que seu corpo tremia. Ouvia-o em seus ouvidos.

Ficou paralisada. Os segundos transcorreram. Ou eram minutos?

Tinha que averiguar. Nada podia ser pior que isto. Era tão ruim como saber, mas de vez em quando cintilava uma esperança que a deixava aturdida. A certeza, inclusive o desespero, seria pior.

Caminhou para a saleta e abriu a porta. Era como um sonho, como mover-se sob a água.

Samuel estava sentado na poltrona favorita de Joshua, e Caroline estava muito rígida na da frente. Tinham-lhe subido as cores, e os dois se voltaram assim que ouviram a porta.

Mariah olhou Samuel. Não queria encontrar-se com os olhos de Caroline. O homem não parecia diferente. Perplexo sim, mas não desdenhoso, irritado ou em posse da verdade. Não compreendia... ainda não.

A anciã respirou fundo e soltou o ar pouco a pouco.

— Tenho uma... leve... enxaqueca – disse com dificuldade. Tinha tentado falar com naturalidade, mas não controlava a voz como teria desejado.

Samuel murmurou algo.

— Se não se importe – prosseguiu Mariah—, sairei um momento para o jardim. O ar me fará bem.

Sem esperar que nenhum dos dois respondesse, cruzou a saleta e saiu pelas portas envidraçadas para uma pequena extensão de ervas, desceu os degraus e desapareceu.

Passaram outros eternos quinze minutos antes que ouvisse as vozes e subisse os degraus para escutar através das portas.

Joshua tinha entrado na saleta. Samuel estava ao lado da lareira, e Caroline se interpunha entre eles. Inclusive de onde estava, Mariah distinguiu o rubor que cobria as faces de Caroline.

— Faça o favor de nos deixar, Caroline – disse Joshua com suavidade. A julgar por seu tom e seus gestos, estava-se repetindo.

Ela disse algo, um protesto. Dava as costas à janela, e Mariah não entendeu suas palavras.

Joshua não respondeu, mas sim permaneceu imóvel, com o rosto frio e os olhos fixos.

Caroline se dirigiu para a porta e saiu.

— Foi bem-vindo em nossa casa, senhor Ellison – disse Joshua com voz tensa, embora sem levantá-la. – Mas suas repetidas visitas, e o fato de que passe tanto tempo a sós com minha esposa é incorreto e compromete sua reputação. Lamento lhe pedir que não volte mais. Não me deixou alternativa. Bom dia, senhor.

Samuel estava muito quieto, com o rosto escarlate. Esteve a ponto de dizer algo, hesitou, e depois caminhou para a porta. De novo, deu a impressão de que ia dizer algo.

— Bom dia, senhor – repetiu Joshua.

— Bom dia – respondeu Samuel, e abriu a porta.

Pronto. Samuel Ellison se fora e não voltaria. Já não poderia dizer nada.

Mas Mariah não experimentava alívio. Tinha frio sob o sol da tarde, e não podia suportar a ideia de entrar na saleta. Deu meia volta, encaminhou-se à porta da copa, atravessou a cozinha sem olhar para nenhum lado e subiu para seu quarto, onde se sentou na cama e chorou profusamente.

Capítulo 9

Caroline estava no patamar, confusa e aflita. Toda a cena com Samuel tinha sido muito violenta, e não tinha nem ideia do que tinha produzido a mudança em sua atitude. Tinha sido franco e cordial desde o começo, muito mais que um inglês nas mesmas circunstâncias. Ela o tinha considerado como uma baforada de ar fresco, e nada deslocado. Não o tinha confundido com atrevimento, e considerava que tinha reagido de forma adequada.

Hoje, ele tinha chegado à uma hora inusitada, comportando-se como se o tivesse convidado. Mais ainda, como se seu convite insinuasse algo íntimo e peremptório.

Espremeu os miolos para pensar o que podia haver dito que tivesse dado vasão ao mal-entendido, mas não lhe ocorreu nada. Tinha escutado todas suas histórias com interesse, possivelmente superior ao que a cortesia exigia. Mas eram extraordinárias e a fascinavam. Qualquer um teria feito o mesmo. Era muito mais que um bate-papo de salão. Além disso, era um parente surgido do nada, um cunhado cuja existência desconhecia. Era tão parecido com Edward que possivelmente lhe tinha devotado uma amizade mais intensa e natural do que o normal, mas não tinha dado a entender outra coisa.

Ou sim?

Sentiu-se culpada ao dar-se conta do muito que tinha desfrutado sua companhia. Não, não só de sua companhia, mas sim das adulações que lhe tinha dirigido ao sentir-se tão à vontade com ela, da tácita insinuação de que a achava interessante, encantadora, atraente. Era um contraste tão marcado com o sutil ar de suficiência de Cecily Antrim, que se tinha deleitado nele. Faziam-na sentir-se feminina, em controle de si mesma e da situação.

Agora, tinha perdido o controle por completo, porque nem sequer conseguia entender o que tinha se passado.

O que Joshua achava que tinha feito? Por que tinha interrompido um ensaio para voltar para casa correndo, e com ira contida tinha ordenado para que ela saísse da sala, e depois tinha expulsado Samuel da casa? Acaso não a conhecia bem? Pensava que se citava na sua própria casa? Na casa dele! Absurdo! Tudo se devia à coincidência de que a

senhora Ellison não estava na sala com eles, como de costume. E para anciã não passava nada por alto. Era veloz como um raio, e o dobro de malvada.

Devia tentar explicar-se? Samuel tinha partido, mas sua valentia fraquejou ao pensar em ir falar com Joshua. Nunca o tinha visto encolerizado, e a machucava mais do que imaginava. Não, não era a palavra correta. Assustava-a. De repente vislumbrou o que podia perder, não por causa de Cecily Antrim, mas sim por ter cometido alguma estupidez imoral sem pretendê-lo. Não era que Joshua considerasse Cecily mais fascinante e atraente, mas considerava Caroline desprezível, indigna de confiança em todos os sentidos.

Isso lhe destroçou o coração.

E não era verdade. Se existia algo de verdade nisso, devia-se a omissão, descuido, mal-entendido... mas não tinha sido intencional.

Desceu o primeiro degrau, mas Joshua saiu da saleta, atravessou o vestíbulo e saiu à rua sem olhar para atrás. Nem sequer tentou falar com ela. Era como se já não lhe importassem suas opiniões.

Uma nova espécie de escuridão tinha começado, uma dor interna que lhe parecia muito incurável.

Voltou para seu quarto, mas não ao dormitório conjugal, mas a sua sala de estar de cima, onde poderia ficar sozinha. Era incapaz de jantar, e muito menos de confrontar os olhos observadores e jubilosos da anciã. Tinha-lhe advertido que isto aconteceria. Agora se sentiria exultante.

Caroline se deitou pouco depois das dez. Joshua não havia voltado. Tinha pensado se convinha esperar acordada, por mais tarde que chegasse, mas temia a confrontação. O que ia dizer? Pode ser que só piorasse as coisas. Joshua estaria cansado. Nenhum dos dois seria capaz de fingir que não tinha acontecido nada.

Talvez tivesse considerado a possibilidade de dormir no quarto livre, e talvez o tivesse feito, mas estava ocupado pela senhora Ellison.

A pior possibilidade era que Joshua não voltasse para casa. Era um pensamento muito doloroso para demorar-se nele. Desprezou-o. Isso poderia significar a morte da confiança durante um tempo (inclusive um tempo prolongado), mas não o final do matrimônio. Joshua não podia pensar que ela tinha cometido alguma indiscrição.

Permaneceu deitada na escuridão, com ânsia de dormir, e cada som a sobressaltava, se por acaso fossem seus passos. Por fim, à meia-noite, sumiu na inconsciência.

Despertou, ignorante da hora que era, e soube imediatamente que ele estava a seu lado. Tinha entrado, deitara-se e adormecera sem incomodá-la, sem falar, nem tocá-la.

Escutou sua respiração. Estava na beira da cama. Mal sentia seu calor. Estava tão afastado dela como se fossem desconhecidos, reunidos por acaso em um lugar público. Jamais havia se sentido tão desesperadamente sozinha.

Em parte, desejou despertar e dissipar a terrível tensão, provocar uma decisão, para o bem ou para mal. Seu estômago se revolia ao pensar na pior possibilidade. Seriamente pensava isso dela? Não a conhecia bem? Recordou os momentos de ternura, as risadas, a cumplicidade, a vulnerabilidade de Joshua, e cálidas lágrimas alagaram seus olhos.

Não desperte agora, pensou. Seria infantil. Espera. Pela manhã falaria com Joshua e lhe explicaria tudo. Mas quando despertou, com dor de cabeça e ainda cansada, ele já se fora.

A anciã também dormiu pouco, apesar de seu triunfo. Nada dissiparia a frieza interior que sentia. Saía de um pesadelo para entrar em outro. Estava sozinha em um pântano de gelo. Gritava e ninguém a ouvia. Rostos cegos e desumanos olhavam e não viam. Ódio. Tudo estava cheio de ódio. A culpa lhe provocou suores frios, e começou a tremer sob os lençóis.

Quando Mabel apareceu por fim às oito e meia com chá quente, a anciã dormiu uma vez mais, e agradeceu o fato de despertar em um quarto iluminado pelo sol e ver a figura familiar e rechonchuda de sua criada, cujo rosto vulgar não expressava alarme nem acusações.

Nunca tinha gostado de mais do chá. Embora quase queimasse, era aromático e aliviou sua boca ressecada e a cabeça dolorida. Não albergava o menor desejo de levantar-se, vestir-se e confrontar a manhã, mas seguir na cama com seus pensamentos seria insuportável.

— Encontra-se bem, senhora Ellison? – perguntou Mabel.

— Eu... não dormi bem. Acredito que ficarei aqui em cima.

— Oh, Deus. – Mabel compôs a expressão de pesar adequada.

A anciã se perguntou, de repente, o que pensava Mabel dela. Era pouco mais que a fornecedora de uma boa posição, alguém a quem cuidar até que morresse, porque Mabel estava segura em Ashworth House, sempre com boa temperatura, sempre bem alimentada e tratada com respeito? Sentia algo pessoal por ela? Possivelmente seria melhor não

saber. Possivelmente a detestava. E se queria ser sincera, tinha dado escassos motivos à Mabel para que sentisse outra coisa. Não tratava os criados como amigos. Nem o esperavam, nem o desejavam, pois seria embaraçoso. Mas sempre havia graus de consideração, e a ocasional palavra de agradecimento. Em geral, a criada de uma dama podia esperar receber, como parte de sua remuneração, as roupas de sua senhora quando já as tinha utilizado o bastante. Entretanto, desde que Mariah se vestia de luto (o quarto último de século), para Mabel não serviam de grande coisa suas roupas, mas nunca se queixara, ao menos pelo que a anciã sabia.

— Obrigada – disse.

Mabel pareceu surpreender-se.

— Por seus cuidados – esclareceu anciã com azedume. – Não me olhe assim, como se tivesse falado em grego!

Dispôs-se a levantar-se, mas uma navalhada de dor a atravessou. Lançou um gemido.

— Quer que chame um médico? – perguntou Mabel.

— Não, obrigada! Dê-me seu braço.

Aferrou-o e se içou da cama até ficar em pé com dificuldade. Não se sentia nada bem. Não tinha nem ideia de que seu plano provocaria esta reação. Teria que haver se sentido liberada de um peso, mas ainda parecia mais aflita. Ao fim e ao cabo, Samuel Ellison se fora. Estava a salvo. Tinha obtido o que desejava, não, o que necessitava. Tinha sido uma questão de sobrevivência.

Aquele homem tinha ameaçado destruí-la, talvez sem sabê-lo, mas destruí-la, ao fim e ao cabo. Mas isso não dissipava as trevas. De fato, quase não tinha feito efeito.

Vestiu-se com a ajuda de Mabel. Uma pena, usar apenas negro. Mabel não herdaria nada decente quando chegasse o momento. Talvez, já não faltasse muito. Para que se aferrava à vida? Era velha, estava cansada e carecia de amor. Possivelmente vestiria algo lavanda ou azul escuro.

— Mabel!

— Sim, senhora Ellison?

— Quero três vestidos novos... ou talvez dois vestidos novos e um traje... uma saia e uma jaqueta.

— Estou fazendo um, senhora. Vai incluído nos três?

— Esse não! Três mais. Deixa, de momento, o que está fazendo. Quero um azul escuro, um lavanda e... um verde! Sim... verde.

— Verde? Disse um verde, senhora?

— Está ficando surda, Mabel? Eu gostaria de um vestido verde, um azul escuro e um lavanda. A menos que você não goste do lavanda, em cujo caso, faça-o de outra cor... bordô, talvez.

— Sim, senhora Ellison – disse com incredulidade a criada. – Irei procurar alguns modelos para que os olhe.

— Não se incomode, faz o que considere necessário. Confio em seu bom gosto.

Que o céu a protegesse se escolhesse algo extravagante e a anciã vivesse o suficiente para ter que usá-lo!

Mas um vestido inapropriado era a última coisa que a preocupava nesse momento. Ontem só teria sido irritante, duas semanas antes teria sido uma catástrofe. Agora não significava nada.

— Encarregue-se disso – acrescentou com firmeza. – Dar-lhe-ei o dinheiro agora mesmo.

— Sim, senhora Ellison – disse Mabel em voz baixa, com os olhos arregalados.

Foi uma manhã asquerosa. Era impossível concentrar-se em nada, embora tampouco a esperassem tarefas importantes. Nunca as tinha tido. Toda sua vida era uma ronda de nimiedades domésticas.

Não queria passar a manhã com Caroline. Não suportaria vê-la; além disso, cedo ou tarde comentaria algo sobre os desastrosos acontecimentos do dia anterior. O que podia responder? Tinha pensado que agüentaria bem, responderia com evasivas ou inclusive diria a Caroline que ela mesma tinha procurado pelo desfecho. Mas agora que estava feito, não sentia outra coisa, se não um negro desespero e o peso de uma dolorosa culpa.

Entreteve-se em pequenas tarefas domésticas, para irritação das criadas. Em primeiro lugar, reuniu vários pedaços de corda usada e desfez os nós, ao mesmo tempo em que dava instruções à criada mais jovem sobre como devia fazê-lo no futuro.

— Nunca puxe corda de qualidade! – disse.

— Está cheio de nós! – indicou a moça. – Não posso desfazê-los! Não vale a pena martirizar os dedos.

— Isso é porque não sabe fazê-lo – replicou a anciã. – Olhe. Vá me buscar uma colher de madeira. Depressa!

— Uma colher de madeira?

A moça, que teria uns treze anos, estava perplexa.

— Está surda, menina? Faz o que lhe disse! E depressa! Não fique aí parada durante o dia todo.

A moça desapareceu e retornou ao cabo de uns momentos com uma colher de sopa de madeira. A estendeu pelo cabo.

— Obrigada. Agora olhe e aprenda. — A anciã pegou o primeiro pedaço de corda atada, deixou-o sobre a mesa e golpeou o nó várias vezes com a colher. Depois extraiu umas diminutas tesouras do bolso e introduziu as pontas na metade do nó. Foi abrindo pouco a pouco. — Aqui está! — disse com tom triunfal.

— Agora faz você o seguinte.

A moça obedeceu com entusiasmo. Golpeou os nós e os desfez. Era uma vitória considerável.

A seguir lhe ensinou a limpar o assoalho do vestibulo com suco de limão e sal, a tirar brilho do latão da saleta com azeite de oliva, e depois a enviou em busca de cerveja na saleta dos criados, e ordenou a Cook que a deixasse sobre a lareira para esquentar uns minutos. Com isso, ensinou-a a limpar a madeira escura do aparador.

— Ensinar-lhe a limpar diamantes com genebra² — disse com azedume—, se a senhora Fielding tivesse diamantes.

— Ou genebra — acrescentou a menina. — Nunca tinha conhecido a ninguém que soubesse tantas coisas! — A admiração se refletia em seus olhos. — Sabe tirar as marcas da prancha? Deixamos uma terrível ontem na camisa do senhor, e a senhora se zangará quando se inteirar.

— Se servisse de algo, saberia fazê-lo — disse Mariah com satisfação. Na parte posterior da casa não podia ouvir as carruagens que passavam, nem os passos que iam e vinham. Não queria ver Caroline, nem Joshua se voltasse para casa. — Vinagre, terra, insípida para lavar e uma cebola pequena cortada muito fina — continuou. — Já deveria saber! Não se pode jogar fora uma boa peça de roupa branca porque ficou a marca da prancha. Faz uma massa, estende-a sobre a mancha e deixa-a secar. Escove no dia seguinte.

— Quanto vinagre? — perguntou a moça.

— Como?

— Quanto vinagre, senhora?

Respirou fundo e revelou à moça as proporções.

² Bebida destilada de cereais, contendo zimbro.

O resto da manhã transcorreu com outras tarefas menores, desculpa para encher o tempo. Não comeu. Era como se sua garganta se fechara.

No meio da tarde já não podia evitar Caroline sem uma boa desculpa. Pensou em dizer que estava doente, ou inclusive que caíra da escada e estava muito dolorida para levantar-se da cama. Mas Caroline enviaria alguém a procura do médico, tanto se ela quisesse como se não, e isso provocaria toda classe de desastres. Ficaria como uma mentirosa. Não. Melhor pôr em jogo a valentia e o autodomínio. Teria que fazê-lo durante o resto de sua vida. Essa tarde era um momento excelente para começar.

Colocou um traje negro de tecido de algodão com contas de azeviche na blusa, e um bonito broche que não tinha utilizado em trinta anos. Não era um broche de luto, mas uma bela peça de cristal com pérolas.

Desceu a saleta, e não encontrou ninguém.

A manhã de Caroline começou igualmente mal, mas estava procurando alguma atividade para evitar que sua mente parasse nos mesmos pensamentos desventurados, quando ouviu o criado falar com a criada.

— O que podia fazer? – dizia o homem, indignado. Estavam junto ao aparador da sala de jantar, e a mulher contemplava o faqueiro com desagrado. – Essa velha do demônio me fez sair com toda pressa, como se a casa se estivesse queimando. Tinha que fazê-lo. Disse que era urgente, questão de vida ou morte, poderia dizer-se.

— Fez você sair? – perguntou a mulher, arqueando as sobrancelhas. – Aonde?

— A procura do senhor Fielding – respondeu o criado. – E ele voltou para casa correndo e expulsou esse cavalheiro norte-americano que nos visita tão frequentemente. Depois partiu.

— Que pena. – A criada meneou a cabeça. – Era muito amável, mas suponho que vinha com excessiva frequência. De qualquer modo, não tenho tempo para continuar aqui mexericando, nem você. Será melhor que se encarregue em seguida destas facas, e depressa, ou Cook o perseguirá. Está muito atrasado!

— Também estaria atrasada, se tivesse tido que sair correndo até o teatro e voltar! – replicou o homem ao mesmo tempo em que pegava as facas e abandonava a estadia, deixando a porta aberta.

Caroline ficou paralisada, enquanto sua cabeça dava voltas. Joshua não tinha vindo para casa por acaso. A anciã o tinha enviado para procurá-lo, sabendo que Samuel estava em casa. Por quê? O que lhe disse?

Que mais tinha feito? Tinha provocado de algum jeito para que Samuel se apresentasse às cinco, sem ter sido convidado? Por isso, ele tinha achado que Caroline o chamou.

Enquanto continuava no vestíbulo, uma certeza se forjou em sua mente. Devia averiguar a verdade dos lábios do próprio Samuel.

Se Charlotte ou Emily estivessem em Londres, pediria a uma delas que a acompanhasse. Nas circunstâncias atuais, devia ir sozinha. Tinha que fazê-lo sem perder mais tempo, antes que a coragem a abandonasse. Joshua nunca o compreenderia. Possivelmente pioraria ainda mais as coisas. Pensaria que estava perseguindo Samuel, depois que tinha proibido ele de voltar para sua casa.

O que pensaria Samuel? Sentiu um calafrio.

Mas deixar as coisas como estavam seria pior. Era inútil perguntar à anciã. Nunca admitiria a verdade.

Colocou o chapéu e a jaqueta, informou à criada de que saíria, e foi.

O trajeto foi terrível. Esteve a ponto de perder a coragem meia dúzia de vezes e de dizer ao cocheiro que desse meia volta, mas a certeza dos dias e semanas de solidão que se avizinhavam, se não fosse capaz jamais de compreender ou de dizer a verdade a Joshua, bastou para ajudá-la.

Chegou ao hotel onde Samuel se alojava e se aproximou do balcão de recepção. Perguntou por ele e lhe disseram que estava no salão. Permitiu que o recepcionista a guiasse.

Samuel estava lendo o jornal. Havia outros três homens na sala, todos absortos em suas leituras. Caroline se obrigou a manter a calma e caminhou para ele.

Samuel ergueu a vista e se ruborizou.

Era muito tarde para fugir. Por um momento, Caroline mal pôde respirar.

Samuel se levantou.

— Bom dia, senhora Fielding – disse com tensão.

Ela notou o calor de seu rosto.

— Bom dia, senhor Ellison. Lamento interrompê-lo desta maneira, sobre tudo depois de nossa última separação. – Era uma peculiar descrição do ocorrido. – Mas há muitas

coisas que não compreendo, e temo que minha sogra se intrometeu com a intenção de causar problemas. Ainda não sei por que.

Ele pareceu confuso e bastante envergonhado.

— Eu... se... é claro. Se acreditar que posso ajudá-la...

— Sim. — sentou-se sem esperar a que a convidasse e alisou sua saia com acanhamento, muito consciente de sua presença a poucos metros dela. Perguntou-se se ele era tão consciente como ela.

— Sinto muito. — Samuel se desculpou por ter esquecido suas maneiras, e se sentou com brusquidão.

Era horroroso.

Ambos começaram a falar ao mesmo tempo, ela para perguntar por que tinha ido a sua casa. Nunca soube o que ele ia dizer.

Ambos se calaram.

— Sinto muito...

Samuel corou violentamente, sem afastar os olhos de seu rosto.

Ela olhou as mãos.

— Por que veio ontem à tarde? Tive a impressão de que pensava que eu o esperava.

— Teve a impressão? — Sua voz expressou incredulidade.

— Sim. — Caroline não ergueu a vista. — Estava equivocada?

Ouviu o ranger do papel e o viu diante dela.

Leu-o com um horror que a deixou gelada. Exclamou com voz rouca:

— Eu não escrevi isso! — Santo Deus, tinha que acreditar nela. Entretanto, seu primeiro pensamento foi rezar para que Joshua não tivesse lido. Sentiria-se tão ferido, tão... traído. — Eu não escrevi isso! — Olhou ele nos olhos, furiosa. — Foi minha sogra quem enviou o criado para procurar o meu marido para que voltasse. Também acredito que foi ela quem escreveu esta nota. — Espremeu-a em sua mão e se levantou. — Sinto muito. Acredite-me, por favor. Você me agrada, agrada-me sua companhia, mas fossem quais fossem meus sentimentos nunca teria escrito uma nota semelhante. Lamento que um membro de nossa família o engane, e também a vergonha que ocasionou. Volto para casa para solucionar o problema. — Não perguntou se podia guardar a carta. Não tinha a menor intenção de devolvê-la. — Obrigada por me receber — acrescentou. Ia lhe dar bom dia, mas considerou que era absurdo.

Olhou-o uma vez mais, deu meia volta e partiu.

Mariah estava sentada no salãozinho, dizendo-se que o perigo tinha passado, e que só tinha feito o necessário, quando Caroline entrou. Estava muito pálida, e havia sombras ao redor de seus olhos. A dor que refletia seu rosto não exigia mais explicações. Nesse momento, a anciã teria dado tudo que possuía para emendar o acontecido no dia anterior, mas era impossível. Um último pensamento se apagou em seu interior, e a escuridão foi completa.

— Não estamos em casa – disse Caroline para a criada, atrás dela. – Para ninguém. Compreendeu?

— Sim, senhora Fielding, para ninguém.

— Bem. Não nos interrompa.

— Não, senhora.

Caroline fechou a porta e se voltou para a anciã.

— Bem! – disse com semblante sombrio. – Vai-me explicar isso tudo! – Estendeu carta amassada em sua mão.

A anciã levantou a vista. Não havia o menor sinal de rendição em seu rosto, e seus olhos não se comoveram.

— Explicar? – repetiu com lábios ressecados.

— Não finja ignorá-lo. Samuel recebeu esta carta em que eu o convidava para vir a esta casa ontem à tarde. É uma carta muito sugestiva, e veio com a esperança... de Deus sabe o que! Depois, você enviou Joseph ao teatro em busca de Joshua, para que ele aparecesse e interpretasse mal a situação. – Ergueu a carta no ar. – Alguém utilizou meu nome. Só pode ser você.

A anciã foi negá-lo, mas soube que Caroline não ia acreditar nela. O momento era decisivo. Um negro abismo de ódio se abriu ante ela. Já não havia nada que perder. Já não se tratava do passado, mas sim do presente. Autodestruíu-se.

— Estou esperando! – urgiu-a com brutalidade Caroline. – Isto exige uma explicação. Por que enviou esta carta a Samuel, assinada com meu nome?

Podia negá-lo? Dizer que tinha enviado a carta para impedir que Caroline se envolvesse em uma relação que destruiria seu matrimônio? Caroline acreditaria? Não. Era uma mentira, e ambas sabiam.

O pesadelo definitivo se materializou por fim. Era o momento em que a verdade começava a abrir passagem. Podia atrasá-la, mas ao final tudo se saberia. O mais simples

seria dizê-la agora, como uma morte rápida. Já não havia nada que perder, salvo as formas.

Caroline continuava olhando-a, implacável. A anciã respirou fundo.

— Sim, enviei-lhe uma carta assinada com seu nome. Sabia que viria por você...

Em qualquer outro momento, o rubor de Caroline teria proporcionado satisfação à anciã. Agora, mal se deu conta.

— Suponho que me explicará o motivo – disse Caroline com frieza.

— É claro. – A anciã engoliu a saliva e sentiu uma dor interior. – Minha intenção era que Joshua os encontrasse juntos, expulsasse-o e o proibisse de voltar.

Caroline se sentou, como se suas pernas lhe falhassem. As saias se desdobraram a seu redor.

— Por quê? O que fez para que lhe desagrade tanto, salvo...? – Não soube o que acrescentar. Já não entendia nada.

Não havia alternativa. Caroline devia saber. Ainda seria mais difícil se calava. Tinha chegado o momento. Meio século de dor secreta estava a ponto de revelar-se, sem consolo, nem clemência.

— Porque sabe. Tem que saber isso! – disse a anciã com voz rouca. – Pensava que não poderia viver assim. Agora, tenho que confessá-lo.

— Que sabe o que? – Caroline meneou a cabeça. – O que sabe? Para ter chegado tão longe...

Por fim, o pesadelo era real. Tinha escapado do abismo de sua alma. Embora a anciã pudesse esquecê-lo, sequer por um dia, outros a recordariam sempre. De algum jeito, tinha perdido o controle de tudo.

Caroline se inclinou para diante em sua cadeira.

— Mãe! O que você acha que Samuel sabe? – umedeceu os lábios. – Você não estava casada com papai Ellison?

A anciã teve vontade de rir. Isso teria sido vergonhoso, é claro, e significaria que seus dois filhos eram ilegítimos. Mas parecia corriqueiro comparado com o que ia revelar.

— Sim, casei-me com ele. Divorciou-se de Alys conforme à lei, e eu conhecia sua existência. Meu pai se encarregou disso.

— Então, o que? – perguntou Caroline. – Tem que estar relacionado com Alys, do contrário Samuel não poderia saber.

— Está certa. Está relacionado com o motivo de que ela se fora. Alguma vez se perguntou por que fez algo tão radical, tão perigoso, tão inaceitável do ponto de vista legal e social?

— Sim, claro que sim. Mas não podia perguntá-lo. Supunha que fugiu com outro, que logo a abandonou, e não quis voltar para o avô. Deve ter ido sabendo que estava grávida. Ninguém poderia duvidar de que Samuel é filho de Sr. Ellison.

— Isso é o que qualquer um daria por assentado – admitiu Mariah em voz baixa. – Mas não foi o que aconteceu.

Algo em sua voz impressionou Caroline de uma maneira que comunicava uma tragédia. Mal se moveu, mas apareceu ternura em seus olhos, uma atenção livre de preconceitos.

— Por que se foi? – sussurrou.

Tinha chegado o momento. Era como inundar-se em águas negras e profundas.

— Porque ele a obrigava a submeter-se a práticas anormais, dolorosas, degradantes para qualquer ser humano... – Era como se escutasse a voz de outra pessoa.

Caroline respirou fundo, como se a tivessem esbofeteado. Seu rosto estava tão branco como seus lábios. Foi falar, mas gaguejou e guardou silêncio. Começou a menear a cabeça.

— Pensava que não me acreditaria – disse a anciã em voz baixa. – Ninguém acreditaria em mim. É algo que não pode se dizer... a ninguém... nunca.

— Mas... você não conhecia Alys! – protestou Caroline. – Samuel não lhe disse... – interrompeu-se de novo. Cravou a vista nos olhos da anciã. Nunca tinha visto um olhar tão sincero em todos os anos que a conhecia. Caroline respirou fundo e exalou um suspiro. – Quer dizer... – levou a mão aos lábios para sossegar as palavras seguintes. – Quer dizer que ele... que você...

— Não o diga! – suplicou Mariah. Era absurdo, inútil. Ardia em desejos de que acreditasse, e, entretanto, estava suplicando a Caroline que não pronunciasse a verdade.

— Anormais?

Caroline lutou com a palavra.

Mariah fechou os olhos.

— Acredito que os homens o fazem entre si... ao menos alguns. Conhece-se como sodomia. É mais doloroso do que pode imaginar... contra sua vontade. É sua dor o que... o que lhes dá prazer. – A raiva e a humilhação cobriram seu corpo de suor. – Obrigava-me a me despir por completo, de quatro patas, como um animal...

— Basta! – A voz de Caroline roçou a histeria. – Basta! Basta!

Estendeu as mãos para rechaçar as palavras.

— Não pode imaginar seu sogro assim, não é verdade? – sussurrou Mariah. – Nem a mim. Juntos no chão como cães, e eu chorava de dor e humilhação, desejando morrer, e ele se excitava mais a cada momento que passava, gritava, incapaz de controlar-se até que tinha terminado.

— Basta! – Caroline tampou a boca com os dedos. – Basta, por favor!

— Não pode escutar? – A anciã s estremecia com tanta violência que mal podia falar sem gaguejar.

– Vivi dessa maneira durante anos... toda minha vida de casada. Morreu de uma apoplexia em um desses momentos, nu, sobre o chão. Eu rezava para que morresse... e assim foi! Afastei-me engatinhando dele e me lavei, porque me fazia sangrar frequentemente, e depois voltei a olhá-lo. Estava morto, estendido de bruços. Lavei-o e lhe vesti com sua camisola antes de pedir ajuda.

Havia horror nos olhos de Caroline, mas a compaixão começava a substituir ao rechaço.

— Você sempre disse... disse que lhe queria... – começou. – Que era um homem... maravilhoso. Disse que tinham sido felizes!

A anciã sentiu o amargo calor da vergonha em suas faces.

— O que haveria dito você? – respondeu. – A verdade?

— Não... – Havia lágrimas na voz de Caroline. – Claro que não. Não sei... não sei... – Calou que não era verdade, mas o transmitia sua voz, seu rosto, a tensão de seus ombros.

— Não pode acreditar nisso, não é verdade?

Era um desafio, que deixava nua sua humilhação e covardia de todos aqueles anos. Ninguém acreditaria que Alys se partiu, toda valentia e dignidade, e Mariah ficara, para ser utilizada como um animal.

— Eu... – Caroline ergueu as mãos em gesto de impotência.

— Por que não fui... e Alys sim? – As palavras saíam rasgadas, como arame de espinheiro. – Porque sou uma covarde.

Já estava, o pior de tudo, o ódio, o asco de si mesma, não só o fato de que a tivessem reduzido à bestialidade, de que a tivessem despojado de sua dignidade humana, mas sim que tivesse ficado e permitido que acontecesse. Pensasse o que pensasse Caroline dela, não poderia igualar ao desprezo que sentia por si mesma.

Caroline observou o rosto da anciã, tenso e enrugado por anos de dor e amargura. O desprezo de si mesma e o desespero se refletiam em seus olhos.

Rechaçou a ideia. Era obscena. Entretanto, possuía uma repugnante lógica. De fato, já começava a acreditar nela. Mas se era verdade, destroçava grande parte de seu mundo, seus ideais e as pessoas em quem tinha confiado. Se detrás de suas maneiras serenas, do sorriso e das orações dominicais, Edmund Ellison tinha sido um sádico sexual que submetia a sua esposa a cruéis humilhações na intimidade de seu dormitório, quem era como aparentava? Se inclusive o familiar rosto de seu sogro ocultava uma monstruosidade que sua imaginação se negava a assimilar, quem estava a salvo... onde fora?

Não obstante, quando olhava à anciã não podia negar a verdade. Algo terrível tinha acontecido. Algo que tinha precipitado os anos de ira e crueldade que tinha exercido sobre a família. O ódio que parecia sentir pelo mundo, por todos os seres humanos, ia dirigido em realidade contra si mesma. Via o pior em outros porque o via em seu coração. Durante anos tinha desprezado sua incapacidade de lutar contra isso, de defender sua humanidade da degradação e da dor. Era covarde, e sabia. Submetera-se e tinha resignado, em lugar de fugir para o desconhecido e perigoso como Alys, sozinha, sem um penny, sem outra bagagem que sua valentia e seu desespero. Não era de estranhar que Samuel admirasse tanto sua mãe.

Mariah tinha ficado com seu marido, tinha vivido com seu pesadelo, noite após noite, de dia com aspecto risonho e sereno, e depois subia a seu dormitório sabendo o que ia acontecer... ano após ano, até que ao final ele tinha morrido e a tinha libertado. Só que não era livre, estava tão encarcerada como quando ele vivia, por culpa das lembranças e do ódio encravado em seu coração.

— Seriamente achava que Samuel o contaria a alguém? – perguntou Caroline, sem saber por que iam a seus lábios aquelas palavras.

Havia lágrimas nos olhos da anciã, embora ninguém jamais saberia se eram de dor, raiva ou auto- compaixão.

— Sabia... – de repente, a dúvida apareceu em seus olhos. – Acredito que sim. Possivelmente disse, mas eu não podia viver com a incerteza de que ele...

Caroline esperou.

A anciã fungou.

— Lamento o que lhe fiz. Não merecia isso. Tomara não tivesse feito.

Caroline tocou com dedos vacilantes a mão da anciã, que descansava sobre a saia negra. Sentiu-a rígida e fria sob seus dedos.

— Há muitas espécies de valentia – disse com suavidade. – Fugir é uma delas. Ficar é outra. O que teria sido de Edward e Suzanne se você se fosse? Não teria podido levá-los a América. A polícia a teria açoitado.

— Poderia havê-lo tentado! – Suas palavras eram iradas, ásperas.

— E piorar sua situação – indicou Caroline. – Partir foi valente, mas ficar e procurar que seus filhos fossem felizes também foi.

Uma diminuta faísca iluminou nos olhos da anciã, uma chamazinha de esperança.

Detestaram-se cordialmente durante anos, vivendo sob o mesmo teto, em um ambiente de frieza e, às vezes, aberta hostilidade. Agora tudo isso parecia insignificante. Viviam uma realidade que se impunha ao passado. O que importava era o momento atual, sob uma nova luz, com um novo conhecimento.

— Tive medo de ir. – A anciã disse com cautela, sem deixar de olhar para Caroline.

Esta falou com sinceridade. Não era difícil, o que a surpreendeu.

— Talvez Alys tivesse medo de ficar?

A anciã vacilou. Era evidente que não tinha pensado nisso. Em sua mente, Alys sempre tinha sido a mulher valente, a que tinha feito o correto. Vislumbrava esperança de uma perspectiva que nunca tinha contemplado.

Caroline sorriu fugazmente.

— É necessária muita fortaleza para agüentar e não dizê-lo a ninguém, sem fugir. Permitiu alguma vez que Edward e Suzanne soubessem?

A anciã se enrijeceu.

— É claro que não! Essa pergunta é monstruosa.

— Ocultou-o por você, mas também por eles.

— Eu... ocultei-o... – O esforço para ser sincera era doloroso. – Não sei. Ocultei-o por mim... não podia suportar que meus filhos soubessem que eu... que tinha sido... ver-me como... – Por fim, as lágrimas escorriam por suas faces e começou a tremer.

Caroline estava horrorizada. Por um momento ficou paralisada. Logo a compaixão apagou todo o resto. Não podia querer à anciã (tinha que esquecer muita crueldade, anos de críticas e queixa), mas sentiu o infinito pesar em seu interior, a culpa e o ódio por si mesma e a solidão insuportável. Inclinou-se e a rodeou com seus braços.

Ficaram uns momentos assim, sem falar, até que Caroline sentiu que um manto de paz se posava sobre elas, embora talvez só fosse esgotamento emocional. Depois, soltou-a e continuou sentada em sua cadeira.

Podia dizer algo mais para consolá-la, algo que se calava agora e não recordaria depois? Deviam pensar em improvisar uma história que mais tarde contariam a Joshua? Seu marido tinha que saber.

Experimentou uma pontada de medo.

Olhou à anciã, que continuava cabisbaixa. Como podia explicar a carta? A pessoa que tinha utilizado seu nome tinha que ser alguém da casa. Samuel e ela nunca tinham sido vistos em público, exceto no teatro o dia em que se conheceram. Nenhuma amante de Samuel, caso existisse uma, podia estar ciumenta por isso. Caroline era a viúva de seu irmão. A quem melhor podia ir em uma cidade desconhecida?

Mas devia dar uma explicação a Joshua. Isso era fundamental.

Olhou à anciã e sentiu compaixão, mas ela o tinha procurado. Seus atos o tinham feito inevitável. Caroline não ia ferir Joshua, e a si mesma, para salvar Mariah Ellison. Não podia acreditar que Alys tivesse contado a seu filho algo tão terrível. Mas embora soubesse, Samuel não se comportara como se pensasse revelá-lo. O que devia dizer a Joshua?

Tomou uma decisão. Ficou em pé e saiu da sala, fechando a porta a suas costas. Viu a criada no vestíbulo.

— À senhora Ellison quer estar um momento a sós – disse à moça. – Ocupe-se de que não a incomodem durante um tempo, meia hora no mínimo. A menos que a chame.

— Sim, senhora.

Caroline subiu para seu quarto, abismada em seus pensamentos. Seria muito difícil dizer a Joshua. Possivelmente poderia lhe economizar os detalhes. Nunca lhe tinha guardado um segredo. Acostumara-se com a descrição durante sua vida de casada com Edward, mas Joshua era diferente... ou o tinha sido, antes disto.

Possivelmente poderia lhe dizer que existia um segredo doloroso e humilhante, mas não qual era. Talvez ele não perguntasse.

Foi para o seu dormitório. Nenhum propósito em particular a animava, só o desejo de estar sozinha. Sua mente estava muito aflita para concentrar-se em tarefas domésticas.

Fechou a porta e se sentou na cadeira da penteadeira, com suas bonitas flores de calicó. Amava esse aposento. Era o que tinha desejado durante anos, nos tempos de Edward, mas ele não teria gostado. Teria opinado que as flores eram muito grandes e gritantes, e o conjunto pouco digno.

Tentou recordá-lo com clareza, conjurar sua presença na mente, tudo que tinha de bom e gentil, a realidade de seus sentimentos. Quanto tinha chorado por Sarah. Para

começar, Pitt tinha lhe desagradado muito. Nunca tinha chegado a conhecê-lo bem. Como muitos homens, tinha querido a suas filhas, embora não o demonstrasse, e não havia homem bastante bom para casar-se com elas e cuidar delas como mereciam. O primeiro marido de Emily tinha dinheiro e linhagem, mas Edward sempre temeu que não lhe fosse fiel. E Pitt, é claro, não tinha nada. Como podia dar a Charlotte o que Edward pensava que merecia?

E a forma com que Dominic tinha tratado a sua amada Sarah era uma antiga dor já esquecida. Sarah estava morta, e nada podia remediá-lo.

Seus pensamentos se desviaram para Edward, e a senhora Attwood, cujo rosto adorável visualizou com facilidade, inclusive depois de tantos anos. Recordava exatamente como havia se sentido quando compreendeu que era a amante de Edward, não a viúva inválida de um velho amigo, como ele afirmava. Tinha descoberto uma parte de Edward que desconhecia. Que mais existia que ela ignorava?

Começava a sentir certa frieza interior. Suas mãos tremiam. Seu sogro a tinha enganado por completo. Ela só lhe tinha visto como um homem digno que a recebia na saleta, presidia a mesa familiar e rezava as orações. O outro homem, o ser que a senhora Ellison descrevia, era um monstro que vivia no mesmo corpo, e ela não tinha visto, nem intuído nada especial. Como tinha sido tão cega, tão insensível?

A que mais estava cega? Não só se equivocara com respeito a seu sogro, mas também sobre si mesma. Toda essa crueldade, a desventura e a humilhação, inclusive a dor física, existiam sob as máscaras alvas, e ela não tinha visto nada.

Em que outros rostos havia visto só o que tinha desejado? O que tinha pedido Edward à senhora Attwood que alguma vez pedia a Caroline? Até que ponto conhecia seus próximos? Inclusive Joshua...

Não tinha nenhuma vontade de sair aquela noite, mas era a estréia da nova peça de Joshua. Sempre acudia, fossem quais fossem as circunstâncias. Não ir supunha uma declaração que não podia permitir-se.

Tomou um jantar ligeiro a sós (a anciã continuava lá em cima), e depois vestiu um esplêndido vestido azul cobalto. Acrescentou o camafeu que Joshua lhe tinha presenteado e uma capa longa de veludo. Depois subiu na carruagem para ir ao teatro. Sentia-se gelada, trêmula e insegura. Joshua não podia ter mais medo daquela noite do que ela. Não podia depender tanto de seu êxito ou fracasso.

Durante um momento, o ambiente se apropriou dela e não pôde pensar em outra coisa que em saudar amigos e conhecidos. Felicitaram-na por Joshua e esperaram com impaciência a reação do público. Caroline desejava com desespero que fosse um êxito, que recebesse louvores, mas que não plasmasse nenhuma das inquietantes paixões que tinha visto na de Cecily Antrim.

Quando as luzes se apagaram, o público aguardou em silêncio e o pano de fundo se levantou.

A obra era soberba, sutil, inteligente e divertida. Em várias ocasiões Caroline se descobriu rindo as gargalhadas. Durante o primeiro descanso viu os senhores Marchand, sorridentes e relaxados. Estava muito longe para ler sua expressão, mas seus gestos denotavam que se sentiam agradados.

Não queria incomodá-los. Gostava deles e os compreendia, desejava sua amizade, cujos valores e limitações percebia. Entretanto, a complacência era uma espécie de morte. Algo que não agitava pensamentos, despertava novas emoções ou desafiava as ideias preconcebidas era complacente, mas nada mais. E sabia que Joshua se desprezaria se só fizesse isso. Não só desejava divertir. Por isso, em parte, admirava tanto Cecily Antrim. Tinha a valentia de dizer o que pensava, tanto se seu interlocutor o compartilhava, como se não.

O segundo ato foi mais emotivo, e quase tinha terminado quando Caroline se deu conta de que a removia emoções mais profundas que o primeiro, e era mais complexo. Foi doloroso, mas veio acompanhado de uma espécie de alívio. Começou a pensar de novo em Mariah Ellison, e em que o repentino descobrimento da causa de seus sofrimentos e raiva de tantos anos tinha mudado sua vida.

Vinte e quatro horas antes não teria acreditado que a pessoa civilizada pensasse sequer nas coisas que, segundo a anciã, Edmund Ellison a obrigou a fazer durante quase todas as noites de sua vida matrimonial. Não obstante, sentada naquele delicioso teatro, espectadora de um drama interpretado e representado com perfeição, rodeada na semi penumbra de centenas de pessoas vestidas com elegância, acreditou. Essa escuridão talvez espreitasse atrás dos rostos serenos e compostos de alguns espectadores. Nunca saberia.

Pensou na anciã, apressada pelo terror cada vez que Samuel vinha, e logo planejando sua terrível e destrutiva escapada. Tinha pensado nas consequências de que Joshua abandonasse Caroline, repudiasse-a por imoralidade? Certamente. Mas não tinha conhecido mais que amargura e humilhação em seu matrimônio, e não podia viver com o

temor de que sua família, em cujo seio tinha perpetuado a mentira durante tantos anos, acabasse inteirando-se.

Que terrível isolamento, que solidão e medo, e Caroline nem os tinha imaginado, pois aquele horror nunca tinha entrado em sua mente.

Talvez fosse necessário dizer algumas coisas, remover sentimentos e formular perguntas dolorosas, com o propósito de que um fio de compreensão se tecesse entre pessoas que nunca experimentariam por si mesmas as coisas que torturavam as outras sentadas a escassos metros de distância.

Concentrou-se para ver o terceiro e último ato da peça.

Depois, dirigiu-se ao camarim de Joshua, como sempre fazia depois de uma grande interpretação. Estava tão nervosa como se fosse sair ante o público e não soubesse seu papel.

Tinha ensaiado uma dúzia de vezes o que ia dizer, mas e se ele não quisesse vê-la? E se não quisesse escutá-la? Teria que obrigá-lo, insistir. Podia ser tão decidida como Cecily Antrim ou quem fosse. Amava Joshua com todas suas forças, e não ia perdê-lo sem lutar até o final.

A porta do camarim estava fechada. Ouviu risadas dentro. Como podia rir, quando tinha partido pela manhã sem falar?

Bateu com os dedos. Não ia entrar sem que a convidasse. Podia ver algo que não lhe fizesse graça. Esse pensamento era como gelo em seu interior.

Ouviram-se passos e Joshua abriu a porta de roupão, a meio vestir. Pareceu surpreender-se, e sua expressão se suavizou um pouco. Abriu a porta de par em par, sem dizer nada. Havia duas pessoas dentro, um homem e uma mulher.

Caroline experimentou alívio, e culpa. Não estava só com uma mulher.

Eram atores que conhecia de outras peças, e lhe deram boas-vindas. Ela felicitou a todos pela representação. Mal dava crédito à normalidade de sua voz.

Não paravam de falar. Alguma vez iriam partir? Podia dizer algo para insinuá-lo? Não, isso seria uma grosseria imperdoável.

Finalmente disse:

— Me alegro de ter vindo, porque foi uma função muito melhor do que esperava. Há algo irrepetível em uma estréia. E estive a ponto de não poder vir. — Evitou os olhos do Joshua. — Minha sogra se aloja conosco estes dias, e hoje não se achou muito bem. Algo... desgostou-a mais do que eu considerava possível.

Outros expressaram preocupação.

Caroline olhou Joshua, por fim.

— Está doente? – perguntou ele. Sua voz era indecifrável.

Os outros dois se desculparam e partiram.

— Está? – repetiu Joshua.

— Não – respondeu Caroline. Estava cansada, e a situação era muito delicada para brincar com palavras. – Fez algo espantoso, e hoje descobri, e quando a enfrentei me disse por quê.

— Espantoso? – perguntou Joshua.

Devia continuar.

— Sim, acredito que sim. Escreveu uma carta muito explícita a Samuel Ellison, convidando-o a vir ontem à tarde, e assinada com meu nome. – Por que ele não dizia algo? Apressou-se a continuar. – Quando chegou, ela saiu de propósito da sala, coisa que nunca tinha feito, e ordenou a Joseph que fosse buscá-lo.

— Por quê? – perguntou Joshua. – Sei que me desaprova porque sou ator e judeu, mas até tal ponto?

As lágrimas agulhoavam seus olhos, e sentia a garganta dolorida.

— Não! – Queria lhe tocar, mas seria um equívoco. Podia confundi-lo com pena. – Não! Não tem nada que ver com você. Tem medo de que Samuel Ellison saiba algo sobre sua mãe. que também é verdade, no caso de Mariah, algo horrível, pelo que está tão envergonhada que não suportaria que outros soubessem. Temia que ele me dissesse isso, e queria que o expulsasse de casa para que não voltasse nunca. Desse modo seu segredo ficaria a salvo. Estava tão aterrorizada que não lhe preocupou se arruinava minha vida. Faria algo para impedir que eu soubesse, e o resto da família, é claro. Pensava que seria incapaz de viver se descobríssemos.

Joshua olhava assombrado. Estava pálido, mas não havia ira em seu rosto, a não ser horror.

— Sei o que é – disse Caroline em voz baixa. – E acredito que posso perdoá-la pelo que fez. Se não se importar, preferiria não lhe contar o que padeceu, mas o farei se for necessário.

O rosto do Joshua relaxou. Estava cansado, possivelmente muito para sorrir, mas projetava uma bondade inconfundível.

— Não – disse com ternura. – Não quero saber. Que continue sendo seu segredo.

As lágrimas escorriam pelas faces de Caroline. Fungou e engoliu a saliva.

— Quero-o – sussurrou, e voltou a fungar.

Joshua se levantou e estendeu uma mão vacilante. De repente, ela compreendeu sua imensa dor. Tinha duvidado... temido.

Rodeou-o com seus braços e o rodeou com tanta força que notou encolher-se.

— Sinto que meu comportamento não fosse bastante claro para você— disse contra seu ombro.

Os braços de Joshua a estreitaram com tanta força como ela. Não disse nada, só moveu os lábios por seu cabelo, pouco a pouco.

Capítulo 10

Pitt e Tellman continuavam investigando a discussão de Henri Bonnard com Orlando Antrim. Pitt não tinha certeza de que fossem extrair algo útil de suas pesquisas, embora descobrissem toda a verdade sobre o assunto. Se Bonnard tinha desaparecido por vontade própria, seria preocupante e extremamente irritante para a embaixada francesa, mas não era problema da polícia. A única relação real com a morte do Cathcart era a fotografia. Sua mútua semelhança era casual, e não considerava importante. Estava certo de que o cadáver encontrado no Horseferry Stairs era o do Cathcart, e que foi Bonnard quem brigou com Orlando Antrim.

— Acredita que foi por algo relacionado com as fotografias? – perguntou Tellman, duvidoso, enquanto se dirigiam ao Kew numa cabriolet, onde lhes haviam dito que o clube de fotógrafos estava tomando fotos instantâneas das lareiras tropicais. – É possível que alguém cometa um crime por uma fotografia? Quero dizer – se apressou a acrescentar –, uma fotografia que não fosse de alguém fazendo algo indevido.

— Duvido-o – admitiu Pitt –, mas suponho que poderia ser o início de uma disputa que escapou do controle.

Tellman se inclinou para diante com semblante mal-humorado.

— Pensava que começava a compreender às pessoas e as motivações de seus atos, mas aparece um caso como este e tenho a impressão de que não sei nada.

Pitt contemplou seus ombros angulosos, seu rosto avinagrado de mandíbula quadrada, e leu confusão em sua expressão. Tellman tinha umas ideias muito rígidas sobre a sociedade e as pessoas, sobre o justo e o injusto. Derivavam-se da pobreza de sua juventude, da ira subjacente que alimentava seu desejo de mudar as coisas, de ver o trabalho recompensado e achar uma maior igualdade entre as pessoas trabalhadoras e aqueles que, em sua opinião, não trabalhavam e possuíam muito. Investigar as tragédias privadas de suas vidas transtornava suas ideias preconcebidas e lhe obrigava a experimentar uma compaixão e uma compreensão que não desejava sentir, pois teria sido mais fácil e cômodo sentir puramente ódio.

Agora, as fotografias, que tanto preocupavam esses jovens privilegiados, lhe pareciam muito formosas e corriqueiras ao mesmo tempo, mas não um motivo de um assassinato.

Pitt se sentia inclinado a lhe dar razão, mas nesse momento não contavam com nada melhor que investigar. Nenhum vizinho de Cathcart tinha observado algo revelador, e Lily Monderell não tinha acrescentado nada mais sobre as fotografias que levava e vendera quase imediatamente, obtendo abundantes benefícios. Uma vez mais, voltavam para as fotografias. Dava a impressão de que o motivo estava relacionado com elas.

Chegaram a Kew Gardens e se encaminharam à lareira tropical, uma magnífica torre de cristal que albergava altas palmeiras com folhas de mais de um metro de largura, samambaias exóticas, trepadeiras com flores e bromélias de cores pálidas e brilhantes.

Tellman aspirou fundo, cheirou o calor e a umidade, o rico húmus. Nunca tinha experimentado nada igual.

Pitt foi o primeiro a ver os fotógrafos, que plantavam com cuidado os tripés sobre a superfície irregular do terreno, enfocavam as câmaras para trepadeiras intrincadas ou complicadas configurações de folhas, com a intenção de captar a luz sobre a superfície de uma folha. Sabia que sua interrupção os enfureceria. Também sabia que, a menos que os obrigasse a prestar atenção, teriam que esperar até que a luz se desvanecesse ao final do dia.

Aproximou-se de um jovem loiro de rosto entusiasta, que protegia os olhos para contemplar a copa de uma palmeira.

Pitt olhou para cima e viu trepadeiras sobre o teto, círculos e curvas erráticos contra a geometria do vidro. Era uma lástima interromper, mas a necessidade se impunha. A beleza e a imaginação teriam que esperar.

— Perdoe.

O jovem agitou a outra mão para rechaçar a interrupção.

— Mais tarde lhe concederei toda minha atenção. Volte dentro de meia hora, se for amável.

— Sinto muito, mas não pode ser – se desculpou Pitt. – Sou o superintendente Pitt da delegacia de polícia de Bow Street, e estou investigando o assassinato de um fotógrafo.

O jovem o olhou com grandes olhos azuis.

— Um de nosso clube? Assassinado? Meu deus... Quem?

— Não era de seu clube, senhor...

— McKelar, David McKelar. Disse um fotógrafo?

— Delbert Cathcart.

— Oh! – Pareceu vagamente aliviado. – Oh, sim, é claro. Li no jornal. Atracado e arrojado ao rio, ao que parece. Sinto-o muitíssimo. Era brilhante.– ruborizou-se um pouco.
– Sinto muito, não era minha intenção parecer insensível. Uma morte sempre é terrível, seja quem for. De seu ponto de vista, atreveria-me a dizer que seu talento é irrelevante, mas eu não sei nada a respeito. O que poderia lhe dizer?

— Na manhã em que Cathcart foi assassinado houve uma briga entre Orlando Antrim, o ator, e o senhor Henri Bonnard, da embaixada francesa – explicou Pitt.

McKellar enrugou a fronte.

— Sabe algo disso? – insistiu Pitt. – Pelo visto, o motivo foram umas fotografias.

— Seriamente? – McKellar parecia perplexo, mas não na pobreza.

— As pessoas brigam por fotografias? – perguntou Pitt.

— Bom... suponho que sim. O que tem isso que ver com o pobre Cathcart?

— Você vende as fotografias que faz? – perguntou de repente Tellman. – Ou seja, ganha dinheiro com isso? – Lançou uma olhada para as câmeras montadas sobre seus tripés.

McKellar corou um pouco mais.

— Às vezes. Ajuda a custear os gastos. O material é bastante caro. Não é que... – interrompeu-se, um pouco perturbado.

Pitt esperou.

— Quero dizer... – McKellar procurou as palavras adequadas. – Escute, acredito que não estou me expressando muito bem. Vendo alguma foto de vez em quando, isso é tudo.

— De trepadeiras e folhas? – perguntou Tellman com incredulidade. – As pessoas pagam por isso?

McKellar evitou seus olhos.

— Não... não acredito. Fotos de alguma jovem, talvez umas flores... algo mais... mais pessoal, com mais encanto, esse tipo de coisas.

— Uma jovem com algumas flores – concretizou Pitt arqueando uma sobrancelha. – Com vestido ou sem ele?

— Suponho. Às vezes... não. – Olhou Pitt e continuou com mais veemência. – um pouco... artístico. Nada vulgar!

Pitt sorriu e procurou não olhar para Tellman.

— Entendo. E estas vendas contribuem para ajudar nos gastos de material e tudo isso?

— Sim.

— E as jovens em questão recebem uma parte deste benefício?

— Recebem cópias de... uma ou duas das fotos.

— E sabem que as demais são vendidas... ao público em geral, imagino? – perguntou Pitt.

McKellar engoliu a saliva.

— Acredito que... sim – disse. – Quero dizer... a razão está clara, não?

— Certamente – admitiu Pitt. – Você precisa ganhar um pouco de dinheiro para financiar sua afeição. – Sua voz soou mais fria do que pretendia.

McKellar ficou púrpura.

— Onde se vendem essas fotografias? – continuou Pitt. – O sargento Tellman anotará os nomes e os endereços de todos os vendedores com quem você trata.

— Bem... eu...

— Se não recordar os nomes, acompanharemos você ao lugar onde guarda tal informação.

McKellar se rendeu.

— Tudo é muito inocente! – protestou. – Só... só são fotos!

Pela tarde, Pitt e Tellman começaram a visitar os vendedores de postais.

De entrada, tudo o que viram foi uma variedade de juvenzinhas convencionais que olhavam com seus doces rostos à câmera, algumas com acanhamento, outras com descaramento, sorridentes, inclusive com expressão desafiante. Não continham nada ofensivo, salvo a possibilidade de que lhes negassem uma parte dos benefícios. Claro que, considerando o custo das câmeras, o filme, a revelação, etc, os benefícios deviam ser ínfimos. Os postais se vendiam por alguns pennies e eram de boa qualidade. O maior benefício que se obtinha delas era o prazer da criação e posse.

— É tudo que tem? – perguntou Pitt, sem esperanças de averiguar nada positivo. Era uma questão de costume. Estavam na loja de um vendedor de tabacos e livros no Half Moon Street, ao lado de Piccadilly. As prateleiras estavam abarrotadas e as pranchas rangiam a cada passo. O aroma de couro e rapé impregnava o ar.

— Bem... – disse o homem, vacilante. – Outras muito parecidas com estas. Isso é tudo.

Disse-o de uma forma que chamou a atenção do Pitt. Não estava seguro de que fosse uma mentira, mas intuía que sim.

— Quero vê-las— disse.

Apareceram várias dúzias mais de postais. Tellman e ele as inspecionaram com rapidez. Eram muito variadas, algumas de serenas cenas campestres com garotas bonitas em primeiro plano, algumas quase domésticas, algumas artificiais e com poses muito rebuscadas. Muitas possuíam uma espécie de inocência e eram obra de aficionados. Pitt reconheceu a forma redonda, assim como o tipo de folhagem e pautas de luz e sombra que tinha visto os jovens do clube de fotógrafos estudarem. Acreditou reconhecer, inclusive, paragens do Hampstead Heath.

Havia outras melhores, com uma utilização mais sutil de luzes e sombras, efeitos menos forçados. Deviam ter tomado entusiastas com mais prática e perícia.

— Eu gosto das redondas – observou Tellman enquanto as olhava. – Refiro-me à forma da foto. Mas desperdiça espaço, e em conjunto eu diria que as quadradas são melhores. São diferentes, não como a garota normal da rua, mais como... não sei...

— Quadradas? – interrompeu Pitt.

— Sim, tenho. Há meia dúzia.

Tellman lhe passou quatro.

Pitt olhou. A primeira estava bem feita, mas era vulgar. A segunda era excelente. A garota tinha um cabelo escuro encaracolado que voava ao redor de seu rosto, e estava rindo. De fundo se via um rio, com luz sobre a água e figuras desfocadas, mal sugeridas. A garota parecia feliz, como preparada para algo divertido, o tipo de garota com a qual quase todos os homens queriam passar um dia, ou mais. O fotógrafo a tinha plasmado no momento adequado.

A seguinte era igualmente boa, mas muito diferente. A garota era loira, quase etérea. Não olhava à câmera. A luz convertia seu cabelo em uma auréola, e seus pálidos ombros cintilavam como o cetim onde o vestido tinha escorregado um pouco. Era uma mescla brilhante de inocência e erotismo. Estava inclinada um pouco sobre um pedestal, talvez de gesso, ao redor do qual subia uma trepadeira.

Agitou uma lembrança no Pitt, mas não pôde localizá-la.

A última foto era de uma beleza muito clássica reclinada em uma turca. Tinha visto uma foto do Lillie Langtry em uma pose similar. Mas esta garota olhava à câmera com um leve sorriso, como consciente de uma ironia oculta. Quanto mais Pitt olhava, mais atraente lhe parecia, devido à inteligência de seu rosto.

Então recordou onde tinha visto as colunas da fotografia, porque a turca procedia do mesmo lugar. Pertenciam ao Delbert Cathcart. Pitt as tinha visto em seu estúdio.

— São muito boas – disse com ar pensativo.

— Gosta? – perguntou o homem, farejando uma possível venda. – Farei-lhe um bom preço.

— Comprou-as legalmente? – perguntou Pitt com cenho.

O homem mostrou indignação.

— É claro! Tudo em meu negócio é legal e justo.

— Bem. Então me diga onde comprou estas. Foi a senhorita Monderell que vendeu?

— Não sei quem é. Comprei-as do próprio artista.

— Seriamente? Do senhor Delbert Cathcart?

— Bem... – Olhou Pitt com nervosismo.

O superintendente sorriu.

— De fato, estou investigando o assassinato do senhor Cathcart.

O homem empalideceu e engoliu em seco. Passou o peso de seu corpo de um pé para o outro.

— Ah, sim?

Pitt continuou sorrindo.

— Estou certo de que está ansioso por nos ajudar, senhor Unsworth. Acredito que se tiver estas fotos do senhor Cathcart, pode ser que tenha outras, talvez mais valiosas em termos monetários. E antes que cometa o engano de negá-lo devo lhe advertir que posso ficar aqui tranquilamente falando com você, enquanto o sargento Tellman vai procurar uma ordem de revista. Ou posso chamar a polícia do bairro para que espere aqui enquanto o sargento Tellman e eu vamos A...

— Não... não! – A ideia de um agente uniformizado desarmou por completo Unsworth. Seria muito ruim para o negócio, sobre tudo em relação com aqueles cavalheiros de gostos particulares. – Eu mesmo lhe mostrarei o resto. Um pouco de pimenta na vida é uma coisa, mas eu ponho o limite no assassinato. Isso é muito diferente. Acompanhem-me cavalheiros, por aqui.

Precedeu-os por uma escada desconjuntada.

As fotos que guardava no quarto de cima eram bastante mais explícitas. Muitas mulheres posavam com pouco mais que uns fios de tecido, um leque de penas ou um buquê de flores. Eram mulheres jovens e formosas, de seios firmes e altos, e coxas bem torneadas. Algumas atrás, eram mais eróticas que outras.

— Tudo é inofensivo, na realidade – disse Unsworth com cautela.

— Sim, com efeito – concedeu Pitt, consciente da expressão de desaprovação de Tellman. Em sua opinião, as mulheres que se vendiam para este tipo de fotos eram da mesma classe que as prostitutas, só que estas garotas eram jovens, bem alimentadas, e sem o menor sinal de pobreza ou desespero.

Unsworth relaxou.

— Vê isso?

Pitt as observou. Meia dúzia teriam podido ser do Cathcart. A qualidade estava presente, a sutileza de luz e sombra, a insinuação mais delicada de algo que não só era a carne. Uma mulher segurava um ramo de lírios, ocultando pela metade seus seios. Era uma mistura muito evocadora de pureza e luxúria. Outra mulher, de brilhante cabelo escuro, estava estendida sobre um tapete turco com um hookah de latão atrás, como a ponto de inalar a fumaça de alguma erva acre. Quanto mais olhava, mais seguro Pitt estava de que era obra de Cathcart. O simbolismo estava presente, o talento para a sugestão também, assim como a experiência com a câmera.

Mas nenhuma, por melhor que fosse, valia o que valia o bule de Lily Monderell, e muito menos a aquarela.

— Sim, já vejo – disse. – Bem, o que me diz das outras, as caras? Traz-me isso ou tenho que buscá-las?

Unsworth vacilou.

Pitt se voltou para Tellman.

— Sargento, vá ver se pode achar...

— De acordo! – exclamou Unsworth, com o rosto congestionado e a voz exalando de ira. – Eu mesmo as mostrarei! É um homem intransigente. Que dano podem fazer umas fotos? Não prejudicam a ninguém. Não posa ninguém que não quer. Não são reais!

— As fotos, senhor Unsworth – apressou Pitt com semblante duro. Não ia discutir com aquele homem sobre as realidades da mente.

Unsworth tirou as fotos, a contra gosto, e as jogou sobre a mesa diante de Pitt e logo retrocedeu, com os braços cruzados.

Estas eram diferentes. A inocência tinha desaparecido por completo. Pitt ouviu que Tellman sorvia entre os dentes, e não precisou olhá-lo para imaginar a expressão de seu rosto: asco e indignação. Algumas ainda denotavam qualidades artísticas, embora retorcidas. Nas quatro primeiras, as mulheres exibiam um sorriso zombador, com seus corpos em atitude de semi-éxtases, mas eram vulgares, meramente lascivas. Não havia sugestão de ternura, só de concupiscência.

Olhou-as com toda a pressa. Teria preferido não ter que olhar. Cada uma dessas mulheres tinha sido uma menina não fazia muito tempo, em busca de amor, não de luxúria. Talvez tivessem sido utilizadas mais que protegidas, talvez haviam se sentido sozinhas, assustadas ou aborrecidas, mas ainda tinham estado a salvo do mundo adulto da utilização física e egoísta de uma pessoa por outra, com o único propósito de mitigar sua ânsia.

Exceto as que tinham conhecido os abusos das mesmas pessoas que, em teoria, devia as proteger. E olhar alguns daqueles olhos tristes e acostumados das coisas do mundo, bastava para descrevê-las. Já se insinuava repulsão em algumas, mais dilaceradora que qualquer degradação física.

Outras eram pior ainda, uma paródia da dor infligida por prazer, com a velada implicação de que proporcionava um gozo secreto só ao alcance dos que rompiam todas as barreiras. Algumas eram obscenas, outras blasfemas. Várias mulheres vestiam hábitos religiosos, monjas com as saias rasgadas, jogadas no chão, ou sobre as balaustradas de uma escada, como se a violação estivesse à mesma altura do martírio e se alcançasse uma espécie de êxtase sagrado mediante a submissão à violência.

O estômago de Pitt revolveu-se. Como poderia apagar de sua mente aquelas imagens? Não desejaria, mas assim que visse uma monja recordaria tudo, e seria incapaz de olhá-la nos olhos, se por acaso ela o lia em seu olhar. Algo já tinha sido manchado em seu interior.

E havia outras igualmente desagradáveis, que incluíam homens e crianças. Insinuavam-se rituais satânicos com simbologias de morte e sacrifícios. Em dois ou três aparecia a sombra de uma cabeça de cabrito, gotas de sangue e vinho, brilhos de luz sobre a folha de uma faca.

Tellman emitiu um grunhido apenas audível, mas Pitt percebeu seu desgosto como se tivesse sido um grito.

Entre as fotos reconheceu um rosto formoso, que não era jovem, nem abençoado com a flor impoluta da juventude, senão mais velha, a beleza da curva perfeita da garganta e da face, o equilíbrio de ossos delicados, mas fortes, o halo de cabelo loiro. Era Cecily Antrim, disfarçada de monja, com a cabeça para trás, atada pelos pulsos a uma roda. Um sacerdote estava ajoelhado diante da atriz e seu rosto refletia êxtase.

Era uma foto curiosa, meio pornográfica, meio blasfema, como se ambos os atributos se complementassem mediante a figura do sacerdote. Era uma imagem perturbadora,

mais difícil de esquecer que as eróticas poses. Suscitava perguntas quanto à natureza da prática religiosa, e a decência ou indecência do que significava servir a Deus.

Pitt olhou uma dúzia mais. Quase tinha chegado ao final do montão quando viu. Soube, devido à exclamação afogada de Tellman, que ele também se dera conta no mesmo instante.

Era de novo Cecily Antrim, com um vestido de veludo, estendida de costas em um barco, rodeada de flores. Tinha as pernas meio flexionadas. Seus tornozelos e pulsos estavam presos à embarcação. Era, uma vez mais, a paródia da Ofelia, mas dando a impressão de que as correntes a excitavam, e o princípio do êxtase se refletia em seu rosto com cru realismo.

— Isto é asqueroso! – disse Tellman quase com um soluço. – Como é possível que uma mulher se rebaixe a isso? – Olhou ao Pitt. – Que espécie de ideias inspira isso em um homem? – Assinalou com o dedo o postal acetinado. – Um homem que busca isso... Deus sabe o que! O que vai fazer, diga-me.

— Não sei – disse Pitt em voz baixa. – Talvez pense que isso é o que gostam às mulheres...

— Exato! – A voz do Tellman se quebrou. – É repugnante. Terá que proibi-lo! O que aconteceria a um juvenzinho que entrasse na loja?

— Não vendo fotos a juvenzinhos – interrompeu Unsworth. – Isto só é para clientes especiais, os que eu conheço.

Pitt virou em redondo.

— E sabe exatamente o que fazem com elas, não é verdade? Sabe que cada uma destas fotos está nas mãos de um homem cordato e responsável que trata a sua esposa como a uma apreciada amiga, uma dama, a mãe de seus filhos? – Sua voz se ia erguendo, e não podia evitá-lo. – Ninguém alimenta seus sonhos com elas e as leva a prática? Ninguém as vende a crianças curiosas e ignorantes que jamais viram uma mulher nua?

Recordou o despertar de sua curiosidade com surpreendente nitidez, suas ideias, a certeza de que existiam possibilidades infinitas, aterradoras e maravilhosas.

— Bom... – balbuciou Unsworth.— Bem, não pode me fazer responsável por... eu não sou o guardião do próximo!

— Melhor para ele! Não, senhor Unsworth, talvez sejam as pessoas como o sargento Tellman e eu seus guardiães, e vamos cumprir nossa missão. Tem duas alternativas. Ou nos proporciona a lista de clientes que comprou estas fotos, uma lista completa...

Unsworth negou com a cabeça.

— Ou – continuou Pitt – suporei que as guarda para seu próprio prazer, e como uma delas supõe a prova de um delito, que está protegendo à pessoa que o cometeu...

Unsworth lançou uma exclamação e agitou a mão.

— Ou que você o cometeu – concluiu Pitt. – O que prefere?

— Eu... né... eu... – Apertou os dentes. – Dar-lhe-ei a lista, mas vai arruinar-me. Acabarei no asilo!

— Assim espero – disse Pitt.

Unsworth fulminou-o com o olhar, mas foi procurar uma folha, pena e tinta, e escreveu uma longa lista de nomes, mas sem os endereços.

Pitt leu os nomes e não reconheceu nenhum. Conseguiria uma lista de membros do clube de fotógrafos e as compararia, mas albergava escassas esperanças de que algum nome coincidissem.

— Me diga algo sobre estes homens – disse com rosto de poucos amigos a Unsworth.

O homem meneou a cabeça.

— São clientes. Compram fotos. O que posso saber deles?

— Muito – replicou Pitt sem desviar a vista. – Do contrário, não se arriscaria a lhes vender fotos como estas. Também quero uma lista dos homens que lhe proporcionam as fotos. – Observou Unsworth. – E antes que o negue, uma destas fotos inspirou a morte de Cathcart. – Unsworth empalideceu e sua fronte se encheu de suor. – Uma coincidência seria incrível – continuou. – Sobre tudo porque Cathcart tirou a fotografia. Tenho que saber quem mais a viu. Compreende-me, senhor Unsworth? Você é a chave de um mistério que eu tento resolver. Pode-me dizer isso agora... ou lhe enclausurarei o negócio até que o faça. O que prefere?

Unsworth lhe lançou um olhar de ódio.

— Me diga que foto é, e eu lhe direi quem me trouxe isso e a quem a vendi – cedeu a contra gosto.

Pitt indicou a fotografia de Cecily Antrim no barco.

— Ah. Bem, como você mesmo disse, Cathcart me trouxe essa.

— Direitos exclusivos? – perguntou Pitt.

— O que?

— Possui os direitos exclusivos sobre a foto?

— Pois claro que não!

Era uma mentira. Pitt soube devido à fixidez de seu olhar.

— Entendo. Não saberá os nomes de outros colecionadores que a têm em seu poder, porque não vendeu a eles, verdade?

Unsworth se removeu.

— Exato.

— Me diga tudo o que saiba sobre as pessoas a quem a vendeu.

— Isso levaria o dia todo! – protestou Unsworth.

— É provável – concedeu Pitt –, mas o sargento Tellman e eu temos o dia todo.

– Vocês possivelmente sim, mas eu não. Tenho que ganhar a vida!

— Então será melhor que comece o quanto antes, e não esbanje seu valioso tempo em discussões – raciocinou Pitt.

Passaram várias horas na pequena sala do piso de cima, e a loja esteve fechada o tempo todo, mas não averiguaram nada que parecesse útil para a investigação do assassinato do Cathcart. Saíram ao anoitecer com uma pesada sensação de opressão.

Tellman respirou fundo, como se o ar nebuloso, com sua leve umidade, o aroma de cavalos, ruas molhadas, fuligem e lareiras, fosse mais limpo que o ar da loja.

— Isso é veneno – disse em voz baixa e rouca, trêmula de desgosto e raiva. – Por que permitimos que as pessoas façam essas coisas? – Não era uma pergunta retórica. Queria e necessitava de uma resposta. – Do que serve que só possamos detê-los depois que tenham cometido um delito, se não podermos impedir? – Moveu a cabeça em direção à loja. – Poderíamos deter alguém se pusesse veneno em um saco de farinha.

— Porque as pessoas não comprem sacos de farinha envenenados – respondeu Pitt. – Querem comprar estas coisas. Essa é a diferença.

Caminharam um momento em silêncio, cruzaram a rua entre carretas e carrinhos de mão, carruagens velozes e cabriolets ligeiros, todos com as luzes acesas. O som de cascos de cavalos era intenso, assim como o chiar de rodas, o aroma da névoa e um frio progressivo, à medida em que a escuridão se fechava. Grinaldas de névoa envolviam as luzes e esfumavam a luz.

— Por que o fazem? – perguntou de repente Tellman, que procurava seguir o passo do Pitt, o qual, impulsionado pela ira, caminhava cada vez com mais rapidez. – Ou seja, por que uma mulher como a senhorita Antrim permite que alguém tome fotos como essas? Não necessita do dinheiro. Não morre de fome, não está desesperada, não lhe faz falta para pagar o aluguel. Deve ganhar centenas de libras. Por quê? – Moveu os braços em um gesto de incompreensão. – É uma mulher de categoria! É inteligente!

Pitt percebeu sua confusão e, ainda mais, sua decepção. Entendeu-lhe muito bem. Ele sentia o mesmo. Que perversão conduzia uma mulher formosa e brilhante a tal degradação?

— Supõe que a obrigaram a fazê-lo mediante chantagem? – perguntou Tellman, ao mesmo tempo em que se desviava de um poste.

— Talvez.

Teria que perguntar-lhe. Quase queria que essa fosse a resposta. A decepção que sentia era terrível. Um sonho se quebrou, uma luz se apagou.

— Tem que ser isso – disse Tellman, como se tentasse convencer-se. – É a única resposta.

Para Caroline ainda não tinha se concluído o assunto de Samuel Ellison. Tinha gostado muito dele, não por sua semelhança com Edward ou porque gostasse dela ou a achasse atraente, mas sim por seu entusiasmo e a bondade e a complexidade com que via seu país. Não desejava separar-se dele de uma forma tão brusca.

Joshua e ela estavam sentados à mesa do café da manhã. A anciã ficara em seu quarto.

— Posso escrever a Samuel e lhe dizer que solucionamos o mistério das cartas e nos desculpar pelos mal-entendidos causados? Não sei como fazê-lo sem lhe explicar as razões, e preferiria não fazê-lo.

— Não – disse Joshua com tom decidido, mas com olhos aprazíveis e um sorriso. – De todo modo, sua conduta foi pouco delicada. Admira-a, o qual demonstra seu bom gosto, mas foi muito atrevido...

— Oh...

— Eu lhe escreverei. Explicarei-lhe o que aconteceu, ao menos o que sei. Não posso lhe revelar os motivos da anciã porque os desconheço. Desculpar-me-ei pelo incrível comportamento da senhora Ellison e o convidarei para jantar...

Caroline sorriu agradada.

—... em meu clube – terminou ele com expressão risonha e algo presunçosa. – Depois o levarei ao teatro e apresentarei a Oscar Wilde. Conheço-lhe e é um tipo muito agradável. Não quero que venha aqui. Pode ser que a senhora Ellison seja uma intrometida, mas Samuel está muito prendado de minha esposa para minha paz espiritual.

Caroline sentiu que a cor subia às faces, mas desta vez de puro prazer.

— Uma ideia excelente – disse, com a vista fixa na torrada de seu prato. – Estou certa de que desfrutará muito. Dê-lhe minhas lembranças.

— É claro – respondeu ele, e pegou o bule. – Será um prazer.

Quando Joshua partiu, Caroline subiu e perguntou se a senhora Ellison se achava bem. Mabel lhe disse que ainda não se levantara, e dava a impressão de que não desejava fazê-lo. Mabel estava preocupada, e acrescentou que talvez procedesse chamar o médico.

— Ainda não – replicou Caroline. – Suponho que não é mais que uma enxaqueca e lhe passará sem tratamento, exceto o que você possa lhe administrar, é claro.

— Tem certeza, senhora? – perguntou Mabel, angustiada.

— Acredito que sim. Irei vê-la.

— Não quer que a incomodem, senhora.

— Direi-lhe que me advertiu disso – a tranqüilizou Caroline. – Não se preocupe.

Encaminhou-se para o quarto da anciã e bateu na porta.

Não houve resposta. Bateu de novo e entrou.

A senhora Ellison estava reclinada contra os travesseiros, com o cabelo grisalho esparsa a seu redor, rosto pálido e olhos afundados.

— Não lhe dei permissão para entrar – disse a anciã. – Tenha a decência de partir. Nem sequer tenho o direito de estar sozinha em casa?

— Não. – Caroline fechou a porta e se aproximou da cama. – Vim lhe dizer que ontem de noite falei com Joshua...

Mariah a olhou, e a desventura apagou de seu rosto todo sinal de vida.

Caroline deveria estar furiosa com ela, mas a compaixão se impôs à ira justificada e ao desejo de vingança.

— Disse-lhe que você tinha escrito a carta a Samuel... – Mariah se encolheu como se a tivessem esbofeteado. Mas não lhe disse por que – continuou Caroline. – Disse que era algo que lhe tinha feito muito dano, e ele não perguntou o que era.

Fez-se o silêncio. A senhora Ellison suspirou pouco a pouco e seus ombros se afundaram.

— Ele não...? – sussurrou com incredulidade.

— Não.

De novo se fez o silêncio. Caroline procurou palavras para lhe explicar que a ferida cicatrizaria, que o dano não era irreparável, mas talvez não fosse necessário.

A senhora Ellison começou a dizer algo, mas calou. Seus olhos não se afastaram de Caroline. Estava agradecida, no mais fundo de seu ser, mas traduzí-lo em palavras o faria real, algo sólido entre elas, e ainda não estava preparada para isso.

Caroline sorriu, levantou-se e partiu.

Não voltou a ver a anciã em todo o dia.

De noite, quando Joshua saiu para o teatro depois de uma breve janta, a criada anunciou o inspetor Pitt, e Caroline se alegrou de vê-lo. Muitas noites de solidão mitigavam o prazer de ter Joshua em casa durante parte do dia.

— Thomas! – disse. – Como está? Meu deus, parece esgotado. Sente-se. – Indicou a poltrona perto do fogo. – Jantou?

Era muito consciente de que, com a Charlotte em Paris, ele estava muito só. Parecia ainda mais desalinhado que de costume e tinha um ar aflito. Não foi até que se acomodou e a luz de gás banhou seu rosto, que compreendeu sua imensa desventura.

— O que acontece, Thomas? O que ocorreu?

Pitt sorriu com acanhamento e pesar.

— Sou tão fácil de decifrar?

Tinha sido um dia de sinceridade.

— Pois sim.

Ele relaxou e deixou que o calor lhe invadissem.

— Suponho que é com Joshua com quem queria falar. Teria que me haver dado conta de que não estaria em casa a esta hora.

Calou.

Caroline compreendeu que desejava falar de algo. Fosse qual fosse a causa de seu desgosto, precisava falar dela, e Charlotte não estava ali.

— Direi ao Joshua quando voltar – disse Caroline. – Do que se trata? O teatro, imagino. Está relacionado com o assassinato do fotógrafo?

— Sim. É algo do que não se pode falar com uma mulher.

— Por que não? Sente-se perturbado?

— Não. – Hesitou. – Bem...

Ela pensou com amargura no que sua sogra lhe tinha contado. Aquilo de que Pitt desejava falar não podia ser mais obsceno que isso, nem mais degradante.

— Thomas, não necessito que me protejam das realidades da vida. Se temer que não seja capaz de guardar uma confidência...

— Não é isso! – protestou Pitt, enquanto mexia no cabelo e o revolia ainda mais. – É algo... muito desagradável.

— Já o vejo em seu rosto. Creio que o assassinato do Cathcart está relacionado com o teatro?

— Acredito que é possível. Conhecia a Cecily Antrim... muito bem.

— Refere-se a que eram amantes? Os escrúpulos de seu genro a divertiam.

— Não necessariamente. Isso mal importaria. Estirou as pernas para estar mais cômodo. Tinha o rosto mudado. Resultava-lhe difícil contar o que lhe preocupava.

Caroline pensou naquela noite, quando tinha procurado palavras para falar da senhora Ellison com Joshua, e esperou.

O fogo chispou na lareira. Não se ouvia nenhum ruído na sala, salvo o relógio.

— Encontrei fotografias de Cecily Antrim em uma loja de postais – disse por fim. – Não revelamos aos jornais como encontramos Cathcart, exceto que estava em um barco. – Evitou os olhos de Caroline e suas faces se tingiram de rubor. – De fato, levava um vestido de veludo verde... destroçado... e tinha os pulsos e os tornozelos presos com correntes, como uma espécie de paródia obscena do quadro de Ofelia pintado pelo Millais. Flores a seu redor... artificiais.

Caroline controlou seu assombro com dificuldade, e experimentou um estúpido desejo de rir.

— O que tem que ver isso com o Cecily Antrim?

— Havia vários postais obscenos ou blasfemos nessa loja. Uma delas era muito parecida com essa cena. Não podia ser uma coincidência. Era o mesmo vestido, as mesmas grinaldas de flores. Até parecia o mesmo barco. Assassinaram-no, e depois o colocaram na mesma pose. Quem o fez tinha que ter visto a fotografia.

Um calafrio percorreu Caroline.

— Acredita que ela estava implicada?

Pensou que Joshua se sentiria muito doído. Admirava tanto sua valentia, sua paixão, sua integridade. Como podia essa mulher rebaixar-se à pornografia? Não podia ser por algo tão mesquinho como o dinheiro. Tinha-o feito de bom grado?

Pitt a estava olhando, seu rosto, seus olhos, as mãos enlaçadas sobre o regaço.

— Havia muitas dessas fotos? – perguntou. – É possível que fossem vendidas a muita gente, ou que as utilizassem para chantagear alguém?

— Algumas das atividades retratadas eram... ilegais.

Não deu mais explicações, mas ela adivinhou a que se referia.

— O dono da loja me entregou uma lista dos clientes – continuou Pitt. – Mas não existe a segurança de que seja uma lista completa. Investigaremos-lhe. – Seu rosto estava triste e cansado à luz do abajur.

– Alguns serão vendedores que as revenderão por sua vez. Deus sabe onde terminarão.

Caroline também se sentia esgotada pela crueldade e a sujeira que tinha descoberto de repente, que invadiam seu confortável e alegre mundo com uma obscenidade que não podia ignorar. Achavam-se em parte nas feridas da anciã, tão profundas que se imprimiram em sua alma. Mas o que Pitt estava contando fazia parte do mesmo, a mesma perversidade de mente e coração que sentia prazer na dor.

— O problema é – continuou Pitt – que poderiam terminar em mãos de qualquer um, jovens, crianças ansiosas por aprender algo sobre as mulheres...

Caroline leu em seus olhos que estava pensando nele quando era jovem, que recordava as primeiras pontadas de curiosidade e exaltação, e de ignorância prejudicial. Seria terrível para um moço ver algo como a brutalidade que havia descrito a senhora Ellison, ou as fotos para as que tinha posado Cecily Antrim. Os jovens cresceriam vendo mulheres como essas... acorrentadas por gosto, justo o que o jovem Lewis Marchand teria pensado dela, pervertida e repelente em seu desejo de dor, em sua aceitação da humilhação.

O rubor que se estendeu por seu rosto estava relacionado com algo que Pitt tinha conjurado ao citar Hamlet, com a paródia da Ofelia... ou com a fotografia de Delbert Cathcart? Não ficava outra alternativa moral do que falar com os Marchand para lhes acautelar. A desventura que podia derivar-se não lhe permitia o luxo de evadir-se, por mais perturbador que fosse.

— Deve detê-lo, se puder – disse. – Tem que fazê-lo, Thomas!

— Sei. Requisitamos todas as fotos, é claro. Mas isso não o impedirá de comprar mais. Nunca se pode impedir. Um homem com uma câmera pode fotografar o que lhe agrada. Um homem com um lápis ou um pincel pode pintar o que lhe dê vontade. – Falava com voz rouca, e o asco se refletiu na careta de seus lábios. – A única coisa que podemos

fazer, ou quase, é velar para que não as exiba publicamente. A menos que a pessoa fotografada tenha sido obrigada, em cujo caso atuaríamos.

Não havia vida em sua voz, e Caroline compreendeu que se sentia derrotado.

Pensou em Daniel e Jemima, em seus rostos inocentes que ainda olhavam ao mundo sem ideia da crueldade, sem conhecimento dos estragos ocasionados pelos apetites físicos, ou de como podiam chegar a excessos de depravação que anulavam toda honra ou piedade, e ao final, até o instinto de conservação.

Pensou em Edmund Ellison, e em Mariah quando era jovem, aterrorizada, acorada na escuridão, esperando a dor que se avizinhava, se não esta noite, amanhã ou na seguinte, e a seguinte, enquanto ele vivesse.

Se alguém tivesse feito algo semelhante a uma de suas filhas, o teria matado. Se alguém o fizesse a Jemima, ou ao Daniel, fá-lo-ia, e responderia ante Deus, sem remorsos.

Não sabia que relação guardavam as fotos com o ato, se o incitavam, desculpavam, estimulavam ou substituíam. Estava confusa e não sabia como ajudar. Só tinha certeza de que precisava ajudar.

Continuou sentada em silêncio com Pitt. Os únicos sons da sala procediam do fogo e do relógio, e nenhum deles se sentia impulsionado a romper a cumplicidade com palavras desnecessárias. Passou um longo tempo antes que falassem de Charlotte, sua extasiada recontagem da visita ao Bairro Latino, o café da manhã no Saint Germain, poetas com camisas rosa e outro dia de agradável passeio sob os castanheiros da Índia dos Campos Elíseos.

Capítulo 11

A anciã não desceu pra tomar o café da manhã na manhã seguinte. Caroline perdeu o apetite por torradas e geléias, embora os damascos fossem deliciosos. Joshua levantou a vista.

— O que acontece? Algo vai mal?

Até o momento não lhe havia dito nada. Estava absorto em seu trabalho. Já sabia a estas alturas quão exaustivas eram as primeiras representações de uma obra nova. Todo mundo se preocupava com o recebimento que lhe dispensariam, pela reação do público, pela opinião dos críticos, pela venda de entradas, inclusive pelos comentários dos companheiros de profissão. E se tudo isto ia bem, preocupavam-se com suas interpretações, e sempre pela saúde, sobre tudo pela voz. Uma dor de garganta, algo simplesmente desagradável para quase todo mundo, era ruinoso para um ator. Sua voz era o instrumento de sua arte.

A princípio, Caroline custara compreender e saber como ajudar. Não tinha conhecido nada semelhante durante sua vida com o Edward. Agora sabia ao menos quando devia guardar silêncio, quando era apropriado dar ânimo e quando não, e tinha aprendido a dizer coisas inteligentes. Era a parcela em que Joshua não admitia a falta de sinceridade. Não podia suportar as atitudes paternalistas. Era nesses momentos, quando vislumbrava não só seu mau gênio, mas também sua vulnerabilidade.

— Thomas esteve aqui ontem de noite. Sente falta de Charlotte, é claro... e o caso que está investigando o tem preocupado.

— Como sempre. – Joshua pegou outra torrada. – Não seria um bom policial se não se preocupasse. Sinto o por Cathcart, era um fotógrafo brilhante. Suponho que Thomas ainda não descobriu o que aconteceu.

Até que ponto queria saber a verdade? Toda não... até que fosse necessário.

— Não acredito. Você não o conhecia, não é verdade?

Joshua ficou surpreso.

— A Cathcart? Não. Só de ouvir. Mas conheço sua obra, como todo mundo... Bem, suponho que as pessoas de teatro o conheçam melhor que a maioria. – Olhou-a com olhos entreabertos. – Por quê?

Não conseguiu enganá-lo. Seu marido intuía que estava contando menos do que sabia, embora ignorasse o que fosse. Caroline odiava a sensação de estar ocultando algo, a barreira que estava erigindo entre eles, mas dizer seria egoísta, lhe expor à infelicidade para tranquilizar sua mente. E ele havia se sentido muito ofendido por Samuel Ellison, embora já o tivesse superado.

Conseguiu que seu sorriso fosse mais franco.

— O pobre Thomas se esforça em averiguar mais coisas sobre ele, porque considera que o crime foi algo pessoal, uma questão de ódio depurado. Se souber algo sobre ele, além de sua reputação, poderia lhe ser de ajuda. — Isso soava razoável.

Joshua lhe devolveu o sorriso e se concentrou no café da manhã.

Ela se desculpou e subiu para o primeiro piso. Tenho que solucionar a questão de Lewis Marchand, mas não até a tarde. Agora devia encarregar-se da senhora Ellison.

Como ontem, ainda continuava na cama.

— Não recebo visitas – disse com frieza quando Caroline entrou.

— Eu não sou uma visita – replicou Caroline, e se sentou na beira da cama. – Vivo aqui.

A anciã a transpassou com o olhar.

— Está me recordando que não tenho lar? – perguntou. – Que dependo da caridade dos parentes para ter um teto sobre minha cabeça?

— Isso seria desnecessário – respondeu Caroline com o mesmo tom. – Queixou-se disso tão frequentemente que me custa imaginar que não seja consciente das circunstâncias... ou que as tenha esquecido.

— Não é algo que se esquece facilmente – replicou a anciã. – Nunca me permitem isso, de uma dúzia de maneiras sutis. Algum dia o averiguará, quando for velha, esteja sozinha e todos os membros de sua geração tenham morrido.

— Como me casei com um homem que por sua idade poderia ser meu filho, como você nunca se cansa de me repetir, não acredito que lhe sobreviva – indicou Caroline.

A anciã cravou seus olhos semicerrados nela, com a boca apertada em uma fina linha de desventura. Tinham-na derrotado em seu próprio jogo e não estava segura de como desforrar-se.

Caroline suspirou.

— Se ainda não se sente bem para levantar-se, mandarei chamar o médico. Dir-lhe-emos o que você queira, mas se ele acredita, já é outro assunto. Não é bom que continue na cama. Seu sistema vital se tornará preguiçoso.

— Sou muito capaz de me levantar! Mas não quero! – A senhora Ellison a desafiou com o olhar.

— O que tem a ver o desejo com isso? – respondeu Caroline. – Quanto mais o adie, mais difícil será. Deseja provocar especulações?

A anciã arqueou as sobrancelhas.

— Sobre o que terão que especular? A quem importa o que faça ou deixe de fazer?

Caroline não falou. Toda espécie de pensamentos cruzaram por sua mente, em particular o perto que tinha estado a anciã de destruir sua felicidade. Ainda se encolhia de dor ao recordar sua desgraça e o medo que sempre a tinha acompanhado.

— Vá, por favor. Estou esgotada e prefiro estar sozinha. – Seu rosto era uma máscara de solidão e desespero que a isolava de Caroline e de todo o mundo. – Não o entende. Não tem nem a menor ideia. O mínimo que pode me permitir é a privacidade de sofrer sem ser observada. Não a quero aqui. Tenha a decência de partir.

Caroline hesitou. Sentia a dor da outra mulher como se fora própria e alheia ao mesmo tempo. Desejava consolá-la, curá-la, mas não sabia como. Pela primeira vez, compreendeu o quão profundo era sua dor. As cicatrizes estavam entretecidas na vida de Mariah Ellison, não só pela humilhação de si mesma, mas sim, pela forma como tinha fugido, se negando a enfrentar durante tantos anos. Não só era o que Edmund lhe tinha feito, mas também, o que se fizera a si mesma. Odiou-se durante tanto tempo que já não podia parar.

— Saia de meu quarto! – resmungou a anciã.

Caroline a olhou, encolhida na cama, com suas mãos nodosas aferrando os lençóis, a desventura pintada no rosto, as lágrimas escorrendo por suas faces. Caroline não podia fazer nada por ela, porque a barreira que as afastava se foi construindo ao longo dos anos, reforçada diariamente até fazer-se impenetrável.

Saiu do quarto, fechou a porta a suas costas e se surpreendeu ao descobrir que as lágrimas se amontoavam em seus olhos.

Foi visitar os Marchand o mais cedo que permita a etiqueta, talvez um pouco antes. A senhora Marchand teve uma surpresa ao vê-la, mas pareceu agradada. Sentaram-se na cômoda saleta durante uns minutos, falando de trivialidades, até que a senhora Marchand se deu conta de que Caroline tinha vindo com outro propósito que o de encher uma tarde

vazia. Interrompeu-se a metade de uma frase a respeito de um pequeno acontecimento e o que as pessoas tinham comentado sobre uma noite em particular.

Caroline não estava escutando. Agora que devia traduzir seus temores em palavras, custava-lhe mais do que imaginava. Olhou os grandes olhos azuis da senhora Marchand, seu olhar quase desafiante e suas bonitas feições. Estava muito segura de seu mundo, de suas convenções e regras, e as tinha ensinado com consciência a seu filho. Caroline estava certa de que nunca lhe tinha passado pela cabeça que se aventuraria além de seus valores. Defendia a censura com quase tanta paixão como seu marido, para que os inocentes não se corrompessem. Teria colocado folhas de parra em todas as grandes estatuas clássicas, e se teria ruborizado ao ter contemplado a Vênus de Milo na presença de homens. Não teria visto nela um nu perfeito, mas a indecente exibição de uns seios de mulher.

— Encontra-se bem, querida? – perguntou a senhora Marchand, ao mesmo tempo em que se inclinava para frente com o sobrecenho franzido. – Parece um pouco pálida.

O que queria dizer, na realidade, era "não está escutando, o que te preocupa até o ponto de esquecer suas maneiras?".

Não haveria uma desculpa melhor. Devia aproveitá-la.

— Na verdade, há certos assuntos que têm me muito preocupada ultimamente – começou com certa estupidez. – Lamento a minha distração. Não tinha intenção de ser... descortês.

— Oh, não, absolutamente – desculpou-a a senhora Marchand. – Posso ajudá-la, embora só seja escutando? Às vezes um problema compartilhado parece menos grave.

Caroline olhou seu rosto sério e só viu amabilidade nele. Ia ser pior do que tinha imaginado. A senhora Marchand era muito vulnerável. Ocorreu-lhe inventar algo, evitar o assunto por completo. Talvez estivesse equivocada. Talvez os comentários de Lewis sobre Ofelia, o olhar que tinha visto em seus olhos, eram fruto de sua imaginação, alimentada pela história da senhora Ellison e Pitt lhe tinha contado.

Mas e se não fosse assim? E se Lewis tinha fotografias do Cathcart, montões de postais, imagens que podiam influir em seus sonhos e lhe causar calamidades sem conta no futuro, não só a ele, mas também a alguma jovem tão ignorante como Mariah Ellison meio século antes?

— Meu genro é policial, como sabe... – Não fez caso do leve brilho de desagrado e continuou. – Está trabalhando em um assunto relacionado com um clube fotográfico... – Que ridículo eufemismo! Engoliu a saliva e prosseguiu. – A partir de algo que disse Lewis

no outro dia, quando estive aqui, acredito que talvez topou com uma informação que poderia ser útil. Concede-me permissão para falar com ele?

— Lewis? — A anfitriã não ocultou sua incredulidade. — Como demônios, poderia saber algo? Tem dezesseis anos! Se tivesse visto algo... ruim, teria me dito, ou a seu pai.

— Talvez não soubesse que era mau — se apressou a observar Caroline. — É simplesmente uma informação. Nem sequer tenho certeza de ter razão. Mas se a tenho, prestaria um grande serviço à justiça me contando. Não acredito que deva fazer nada mais que isso. Posso falar com ele... em privado se for possível?

A senhora Marchand parecia insegura.

Caroline esteve a ponto de falar de novo, mas mudou de ideia. Insistir muito poderia levantar suspeitas. Esperou.

— Bem... sim, é claro — disse a anfitriã e piscou.— Estou certa de que meu marido desejaria que Lewis colaborasse no que pudesse. Um clube fotográfico? Não sabia que estava interessado na fotografia.

— Eu tampouco. Acredito que talvez tenha visto uma fotografia em concreto, e poderia me dizer onde, e eu o diria a Thomas sem revelar como o averigüei.

— Ah. Já entendo. — ficou em pé. — Bem, está lá em cima com seu professor particular. Estou certa de que poderemos interrompê-los por algo tão importante.

Fez soar a campainha para que acudisse, e a criada fosse procurar Lewis.

Chegou ao cabo de poucos minutos. Estava repassando os verbos latinos mais abstrusos, e qualquer distração teria sido bem-vinda. Acompanhou com muito gosto Caroline até a biblioteca, e a olhou com interesse. O que fosse lhe dizer, por aborrecido ou prosaico que fosse, seria melhor que as excentricidades do tempo desperdiçado em palavras que nunca em sua vida usaria. Tinham-lhe explicado muitas vezes que não era sua utilidade prática, mas a disciplina mental do exercício, o que lhe beneficiaria, mas ele não acreditava.

— Sim, senhora Fielding? — disse com educação.

— Sente-se, Lewis, por favor — respondeu ela, ao mesmo tempo em que tomava assento na gasta poltrona de couro situada em frente à lareira. — Obrigado por me dedicar seu tempo. Não o teria interrompido se o assunto não fosse de grande importância.

— É claro, senhora Fielding. — sentou-se diante dela.— No que posso ajudá-la?

Desejou nesse momento ter tido filhos, além de filhas. Não sabia como tratar com meninos de dezesseis anos. Seus irmãos eram mais velhos que ela, e sua adolescência tinha constituído um mistério impenetrável para ela. Mas agora não havia escapatória,

salvo o fracasso absoluto... a covardia. Não podia enviar Pitt em seu lugar, embora o tivesse feito melhor. Não era ele quem tinha ouvido os comentários do Lewis sobre Ofelia, nem o que tinha visto aquele fulgor em seus olhos.

Devia ser bastante direta para evitar mal-entendidos e envergonhá-lo, na medida do possível. Não queria humilhá-lo, e tampouco era necessário. Poderia haver algum mal-entendido, com suas intenções. Ao olhar seu rosto sério, educado, não muito interessado, de faces imberbes ainda, inocente de culpa, não achou palavras bastante sutis.

— Lewis, não disse a sua mãe toda a verdade. Terá que contá-la você, se quiser. O caso que meu genro está investigando é muito grave... assassinato.

— Seriamente?

O menino não reagiu com alarme, nem surpresa. Um brilho de fugaz interesse cruzou seus olhos azuis. Claro que tampouco possuía uma compreensão total de tudo o que a palavra implicava em realidade. Conhecia os fatos, mas não o desamparo, o horror, o medo que ocasionava, a sensação de uma escuridão entristecedora.

— Temo que sim.

O moço se endireitou um pouco e ergueu a voz.

— No que posso ajudá-la, senhora Fielding? – repetiu.

Caroline sentiu uma pontada de culpa pelo que ia fazer, e também a certeza de que devia destruir a ilusão de aventura que inflamava ao menino.

— Quando estive aqui faz uns dias e falamos, fez um comentário de que deduzo que possivelmente saiba algo útil – disse.

O moço assentiu.

— Para que possa ajudar – continuou—, tenho que lhe dizer algo a respeito deste crime... algo que ninguém sabe, exceto a polícia e a pessoa que cometeu o crime... e eu, porque a polícia me disse isso. É confidencial, entende?

Lewis assentiu com entusiasmo.

— Sim, sim, é claro. Não o direi a ninguém, juro-o.

— Obrigado. Receio que é muito desagradável...

— Não tem importância – tranqüilizou-a Lewis, ao mesmo tempo em que respirava fundo e se sentava muito rígido. – Não se preocupe, o peço.

Caroline quis sorrir, mas poderia interpretá-la mal. Era jovem e inexperiente.

— O homem assassinado foi golpeado na cabeça – começou com solenidade enquanto escrutinava seu rosto. – Depois lhe puseram um vestido de veludo verde... um vestido de mulher... – Viu que o moço se encolhia com incompreensão. – Depois lhe

depositaram em uma pequena embarcação de fundo plano, um barco, e acorrentaram seus pulsos e tornozelos à amurada. – O moço empalideceu. Seu ofego foi audível. – E o rodearam de flores – terminou. – Mas seus joelhos estavam um pouco levantados, em uma paródia de prazer.

Não havia necessidade de continuar. A julgar pelo tom escarlate de suas faces e seu olhar envergonhado, era evidente que tinha visto a foto, gravada a fogo em sua memória.

— Onde a viu, Lewis? – disse com suavidade. – Tenho que saber. Estou certa de que é consciente de que o assassino também a viu, e não é o tipo de foto que se encontra com facilidade. O menino engoliu a saliva.

— Acredito que sabe – prosseguiu ela. – A pose é muito estudada. Não é a forma em que as mulheres se comportam, mas um pouco fingida para pessoas que obtêm prazer quando fazem mal a outros... – Viu que estremecia, mas não se deteve. – São pessoas de apetites doentios, incapazes de achar satisfação normal, e fazem este tipo de coisas, coisas cruéis e horríveis, sem importar torturar os outros. —interrompeu-se, consciente de que estava pensando mais em Mariah e Edmund Ellison que na foto do Cecily Antrim, mas para ela estavam intimamente relacionadas. – Onde viu a foto, Lewis?

O moço meneou a cabeça. Custava-lhe controlar sua voz, e sobre tudo, não queria humilhar-se chorando diante de uma mulher a que mal conhecia. Sentia-se encurralado. Não havia escapatória.

— Não lhe perguntaria isso se não estivesse relacionado com um assassinato, Lewis – disse ela. – O homem que tomou a fotografia é a vítima. Já vê que é importante conhecer todas as pessoas que a viram.

Lewis engoliu a saliva.

— S... fui. Eu... comprei-a em uma loja. Posso lhe dizer onde está... se quiser.

— Sim, por favor.

— No Half Moon Street, ao lado do Piccadilly, na metade da rua. É uma loja que vende livros, tabaco, tudo isso. Não recordo o nome.

Esteve a ponto de lhe perguntar como conhecia sua existência. Essas fotos não estariam na vitrine. Mas tinha medo de pressionar muito e perder sua colaboração.

— Está bem – disse. – Tenho certeza de que a localizaremos.

O menino não erguia a vista. Caroline teve a impressão de que queria dizer algo mais. E quase tão importante para ela como conseguir a informação para Pitt era convencê-lo de que o que tinha visto era uma aberração, não um comportamento normal das pessoas. Tinha visto a foto da Ofelia, mas ela não tinha ideia de que outras fotos podia

ter visto. Mas como podia fazê-lo sem trair sua confiança e delatá-lo a seus pais, cujas rígidas ideias lhe tinham conduzido a esse método de averiguar o pouco que sabia sobre as mulheres e a intimidade?

— Suponho que tinham mais fotografias – disse.

O menino evitou seus olhos.

— Sim.

— Eram parecidas?... De mulheres?

— Bem... mais ou menos. – Estava ruborizado. – Algumas eram de... homens... fazendo... – Não pôde dizê-lo.

Ela não fez conta, pelo bem de ambos.

— Preferiria ver algo mais... amável? – perguntou. – Algo mais parecido à classe de mulher que um dia você gostaria de conhecer?

O moço abriu os olhos de par em par e a olhou com consternação.

— Refere-se a... uma mulher decente? – ruborizou-se ainda mais e calou.

— Não – disse Caroline, procurando não sentir-se violenta. – Refiro-me... Não estou certa do que me refiro. As mulheres decentes não se deixam tomar nessas fotografias, certamente. Mas todos precisamos saber algumas coisas sobre nomes e mulheres. – Estava divagando. – Esta espécie de coisas que viu... é muito feia, e está mais relacionada com o ódio do que com o amor. Acredito que tem que começar pelo princípio, não pelo final.

— Meus pais nunca o permitiriam! Meu pai odeia... – engoliu a saliva – a pornografia. Dedicou toda sua vida a lutar contra ela. Diz que deveriam pendurar às pessoas que fazem e vendem isso.

Caroline não o discutiu. Sabia que era verdade.

— Se me der permissão para que fale destas fotos, acredito que poderei lhes convencer.

— Não! – Sua voz estava cheia de desespero. – Não, por favor! Deu-me sua palavra de que não o diria!

— E a cumprirei. A menos que me dê permissão. – inclinou-se para ele. – Não acha que, à longo prazo, seria o melhor? Algum dia, seu pai terá que lhe explicar certas coisas. Não quer que seja logo?

— Bem... eu...

Era evidente que se sentia muito perturbado. Um momento antes, ela tinha sido uma amiga; agora, era uma mulher.

— Já as sabe — concluiu Caroline, mas em seguida se arrependeu. E se não soubesse? E se tinha sido sua imaginação febril que lhe tinha impulsionado a comprar as fotos? Depois, ao ver sua expressão angustiada, chegou à conclusão de que não sabia nada. Estava confuso, envergonhado por sua ignorância e sua curiosidade, e seu acanhamento tinha feito que corasse até as orelhas.

—Acredito que deveria falar com seu pai — disse com amabilidade. — Sentir é algo comum a todo mundo. Ele o compreenderá.

Esperava que fosse certo. Confiava menos no Ralph Marchand do que uma hora antes. Levantou-se e abandonou a sala sem dizer nada mais.

Tinha tratado o problema das fotografias com a maior delicadeza possível. Enviaria a endereço do vendedor à delegacia de polícia de Bow Street, à atenção de Pitt, e depois teria que enfrentar de novo à senhora Ellison. Devo despachar o assunto quanto antes.

O dano era tão profundo que não podia fazer nada por aliviá-lo. Fazia muitos anos que tinha mudado o caráter da anciã, e a ira influía em sua visão do mundo. Fazia tanto tempo que se odiava e aos outros, que já não sabia como parar. Se se eliminasse o ódio, ficaria algo?

Era um dia frio e limpo de outono, um sol brumoso banhava as ruas, o tráfico driblava os ocasionais congestionamentos nas esquinas, onde todo mundo parecia reger-se por suas próprias normas. Viu que muita gente passeava por puro prazer, como ela. Ainda não tinha vontade de parar uma carruagem de aluguel. Talvez porque temia o momento de retornar a casa.

A situação não podia continuar assim, dia após dia. Emily voltaria para casa dentro de uma semana. Tinha que solucionar o problema antes. O qual suscitava outra questão que desejava evitar. O que devia dizer à Emily, ou à Charlotte?

Sorriu e saudou duas mulheres que passavam. Conhecia-as, mas não sabia de onde. Exibiam a mesma expressão confusa e educada em seu rosto. Era de supor que pensavam o mesmo.

Não podia contar grande coisa a Emily. De algum jeito devia explicar a mudança operada na anciã. Tudo o que dissesse a Emily seria irradiado à Charlotte.

Imaginou Edmund Ellison tal como o recordava. Era seu sogro, um parente político, mas para suas filhas era o avô, um parente de sangue. Existia uma diferença muito marcada. Não o assumiriam com facilidade.

Que ideias despertariam sobre Edward? Caroline tinha contemplado determinadas lembranças de um ponto de vista diferente, e o tinha conhecido intimamente. Possuía o conhecimento que dissipava todas as dúvidas.

A sinceridade não era a única coisa importante, não é verdade?

Desejou ter alguém com quem falar, alguém a quem pedir conselho, sem descarregar sobre ele um peso imerecido. Não podia consultar Joshua, sobre tudo agora que acabava de estreitar uma obra. De fato, não seria correto em nenhum momento. Não o tinha advertido. Ignorava seu problema familiar, sua complexa perversidade e a dor que implicava.

Não podia acudir à Charlotte, e muito menos Pitt. Era um problema que não desejava discutir com homem algum, sobre tudo com um pertencente a uma geração mais jovem que ela e com quem mantinha uma relação conjugal.

Passou por seu lado um cabriolet de quatro cavalos, um cocheiro com libré e um laçao atrás. Foi um prazer vê-los.

Lady Vespasia Cumming-Gould: essa era a resposta. Possivelmente a consideraria uma rabugenta, uma familiaridade que não permitia sua relação. Mas por outro lado, possivelmente ajudaria Caroline como tinha ajudado tantas vezes à Charlotte.

Parou o seguinte cabriolet e deu ao cocheiro o endereço da Vespasia. Era uma hora da tarde muito aceitável para as visitas.

Vespasia a recebeu com interesse e prazer, e não fingiu que se tratava de uma simples visita social.

— Estou certa de que não veio falar da sociedade ou do tempo. Está preocupada com algo – disse quando estiveram na bem iluminada sala de estar que dava ao jardim. Era uma das estadias mais relaxantes que Caroline tinha conhecido. A sensação de espaço e ventilação, assim como os tons frios, era tranqüilizadora, e se achou sentada comodamente em uma poltrona. – Suponho que não lhe terá ocorrido nada à Charlotte.

— Não!– tranqüilizou-a Caroline. – Está passando muito bem.

Vespasia sorriu. A luz arrancava brilhos prateados de seu cabelo e suavizava seu rosto, formoso tanto por causa de sua idade como apesar dela. Todas as rugas eram ascendentes, as tênues estampagens do tempo fruto da experiência e de uma segurança interior que ninguém tinha visto fraquejar jamais.

— Nesse caso, será melhor que vá ao ponto. Disse a minha criada que não estou em casa para ninguém, mas não gosto dos jogos de palavras. Cheguei a uma idade em que a vida parece muito curta, e o é. Não tenho vontade de desperdiçá-la inutilmente... a menos que seja por diversão. A julgar por sua expressão, não é o caso.

— Não, temo que não, mas agradeceria seu conselho – admitiu Caroline. – Não tenho certeza do que deveria fazer.

Vespasia a olhou sem pestanejar.

— O que fez, até o momento?

Caroline lhe resumiu seu encontro com Samuel Ellison no teatro, as visitas a sua casa, e a crescente tensão da senhora Ellison.

Vespasia a escutou sem interrupções, até que Caroline chegou ao momento em que tinha recuperado a carta, enfrentado à senhora Ellison e exigido saber a verdade. Foi-lhe muito difícil repetir a obscenidade confessada pela anciã.

— Será melhor que me diga – respondeu Vespasia em voz baixa. – Suponho que foi muito desagradável, ou não teria chegado a tais extremos para ocultá-lo.

Caroline olhou as mãos, enlaçadas sobre o regaço.

— Não sabia que pessoas se comportavam dessa forma. Sempre detestei a minha sogra. Nunca o tinha admitido, mas é verdade. – Envergonhava-lhe confessá-lo. – É uma mulher amargurada e cruel. Durante toda minha vida de casada vi que procurava maneiras de ferir os outros. Agora sinto pena dela... e raiva contra mim mesma por não saber como ajudá-la. Está morrendo de fúria e humilhação, e não posso remediá-lo. Não me permitirá isso, e sou incapaz de romper a barreira. – Levantou a vista. – Deveria poder! Não fui eu que foi manchada e degradada.

Vespasia guardou silêncio e Caroline pensou que não ia responder. Possivelmente Vespasia era muito velha para falar desses assuntos.

— Querida – disse por fim Vespasia–, feridas como as que insinua podem curar-se, sempre que se chegue o tempo. Um homem bondoso e carinhoso se teria comportado de uma forma muito diferente, e ela teria averiguado o que é o amor. Com o tempo, teria confinado o passado ao fundo de sua mente, onde não poderia prejudicá-la. Acredito que é muito tarde para sua sogra. Odiou-se durante tanto tempo que já não pode retroceder.

Caroline sentiu um calafrio, as mãos intumescidas. Não era o que desejava ouvir.

— É um absurdo que se culpe de não poder aliviar sua dor – continuou Vespasia. – Não é sua culpa, mas o certo é que jogarem-se as culpas não ajudará a nenhuma das duas. Não quero ser dura, mas é uma espécie de auto-indulgência. Quão máximo pode

fazer por ela é tratá-la com respeito, e não permitir que seu recente descobrimento destruía a escassa dignidade que resta.

— Isso não é nada! – disse Caroline. – Soa a instinto de conservação.

— Querida, descobri que quando ocorre algo espantoso e terá que confrontá-lo, o mais sábio é considerar o problema do ponto de vista mais prático. Já não importa o que é justo ou injusto, mas o que é ou não é. É um desperdício de energia encolerizar-se por uma injustiça que não pode corrigir. Concentra sua atenção na dor que pode acalmar, e pense com cuidado o provável resultado de seus atos. Quando tiver tomado a decisão mais razoável, atua. Quanto ao resto, só o tempo tem a palavra.

Vespasia tinha razão, mas Caroline não pôde reprimir um protesto.

— Isso é tudo? Sinto-me tão... deveria haver...

Vespasia meneou a cabeça.

— Você não pode curá-la, mas sim lhe conceder tempo e espaço para curar-se... um pouco, se ela o desejar. Depois de tantos anos de ira seria um milagre, mas de vez em quando se dão milagres. – Esboçou um tênue sorriso. – Vi alguns. Nunca abandone a esperança. Se ela acreditar que alberga esperanças, talvez aprenda à desenvolvê-las.

— É um magro consolo.

Vespasia se mexeu em sua poltrona.

— O dano provocado por esse tipo de maus entendimentos é muito profundo. Em comparação, a dor física significa pouca coisa. O irrevogável estriba na ferida infligida à auto-estima, ao que alguém acredita de si mesmo. Se for incapaz de se amar, e acredita que é indigna de amor, é impossível querer a outros. – deu de ombros; o sol brilhava na seda de seu vestido. – Quando Jesus Cristo ordenou que amássemos ao próximo como a nós mesmos, a segunda parte é tão importante como a primeira. Esquecemo-nos disto, a custo de um preço terrível.

Caroline refletiu. Pensou também em Pitt, nas fotografias de Cecily Antrim e no rosto do jovem Lewis Marchand. Falou disso a Vespasia com palavras cuidadosamente escolhidas.

Quando terminou, Vespasia sorriu.

— Deve ter sido muito difícil para você – disse com aprovação. – Faça o favor de não se atormentar pelo que não pode mudar. Todos temos um limite, e às vezes nos culpamos de coisas que nos superam. Todos podemos escolher como reagir ante nossas circunstâncias. Ninguém pode nos ensinar isso, nem tampouco é desejável, embora tenhamos a arrogância de acreditar que somos superiores a outros. Podemos suplicar,

argumentar, discutir, rezar, coisa que todos deveríamos fazer, mas ao final só nós podemos nos mudar. Conforme-se com isso. É tudo que receberá, asseguro-lhe. E com isso basta.

— O que me diz das fotos? Falamos com muita liberdade sobre que a arte não deveria censurar-se, mas as pessoas que dizem isso não pensam no dano que podem fazer. Se tivessem visto a rosto do jovem Lewis Marchand, não teriam concedido a sua liberdade tanto valor. São os que não têm filhos... — interrompeu-se ao cair na conta de seu engano. — Sim que têm... ao menos Cecily Antrim. — Franziu o cenho. — Pareço antiquada, reprimida, retrógrada? Ela diria que sou aborrecida e estou envelhecendo! — Suas próprias palavras a feriram. Pronunciá-las em voz alta era pior que as silenciar em sua mente.

— Eu não estou envelhecendo — replicou Vespasia. — Já o fiz, não me cabe dúvida. Não é tão mau como teme... De fato, supõe prazeres diferentes. Leia sir Roubem Browning, querida, e tenha um pouco mais de fé na vida. Quanto ao de ser aborrecida, a bondade e a sinceridade nunca aborrecem. A crueldade, a hipocrisia e a pretenciosidade, sim... até extremos inconcebíveis. Talvez um idiota não seja interessante, mas se for generoso e se interessa por você, chegará a lhe querer, por limitado que seja seu engenho.

— Por que Cecily Antrim posou para essas fotografias? — Caroline seguiu seus pensamentos. — Quando Joshua se inteire, levará um desgosto de morte... — de repente a assaltou um medo terrível de que não fosse assim, de que considerasse ela, Caroline, uma pessoa antiquada, ancorada em velhas ideias.

Vespasia a estava observando. O sol brilhava sobre a erva do jardim, e as árvores se erguiam imóveis contra o céu azul.

Caroline se sentia nua, com todos seus temores e pensamentos expostos.

— Acredito que é um pouco injusta com ele — disse Vespasia. — Claro que se sentirá decepcionado, e desejará julgá-la com a maior bondade possível. A desilusão impregna fundo. Necessitará que esteja segura de si mesma. Acredito que deveria pensar longamente no que mais quer, e se aferrar a isso.

Caroline não disse nada. Já sabia que era verdade: Samuel Ellison o tinha mostrado.

Vespasia se inclinou para diante. Foi um gesto leve, mas transmitiu afeto.

— É maior que ele, e isso a preocupa. Mas ele a escolheu pelo que é. Não o destrua tentando ser outra pessoa. Se perder a uma amiga a que admirou nesta desventurada profissão, necessitará que seja forte, que seja sincera e lute pelos valores que representa para ele. Os anos são acidentes da natureza; a maturidade é algo precioso. Talvez

necessite que seja maior que ele... durante um tempo. – A sombra de um sorriso acariciou sua boca. – Chegará um momento em que possa inverter os papéis e deixá-lo ser mais forte, ou mais sábio, ou inclusive ambas as coisas. Seja sutil, isso é tudo. Às vezes, quando mais necessitamos de ajuda, menos gostamos de saber que a estamos recebendo. Despreza suas dúvidas durante um tempo. Luta como o faria por suas filhas, sem pensar em você. E não perca o controle. Seria muito pouco elegante.

Caroline riu.

Vespasia a imitou.

— Por que não envia uma nota a Thomas com o endereço deste vendedor? Direi a meu cocheiro que a leve a Bow Street. Reconheço que me irrita que Charlotte tenha ido a Paris. Não tenho nem ideia do que está fazendo Thomas, e o aborrecimento me é insuportável! – Deu de ombros, ao mesmo tempo em que puxava seu vestido. – Converti-me em uma viciada na vida detetivesca e acho a sociedade imensamente tediosa. Uma nova geração está fazendo exatamente o que nós fizemos, convencidos de que são os primeiros a pensar. Como imaginam que vieram ao mundo?

Caroline não pôde conter a risada. A liberação era maravilhosa. As lágrimas escorriam por suas faces e não tentou detê-las. De repente se sentiu reconfortada, e surpreendentemente faminta. Tinha vontade de tomar chá... e bolos!

Enquanto Caroline se preocupava com Mariah Ellison e tentava imaginar como consolá-la, Pitt estava sentado à mesa da cozinha, lendo a última carta de Charlotte. Estava tão absorto nela, que o chá esfriara.

Queridíssimo Thomas:

Estou desfrutando de meus últimos dias aqui como nunca. Foram umas férias maravilhosas, e não me cabe dúvida de que, quando for, tentarei gravar em minha memória tudo o vivido. Observo tudo com muita atenção, para poder conservá-lo em minha mente. O reflexo das luzes sobre o rio, o do sol sobre as velhas pedras... Alguns edifícios são de uma beleza assustadora, enraizados na história. Penso em tudo o que ocorreu aqui, nas pessoas que viveram e morreram, nas grandes batalhas pela liberdade, no terror e na glória... e também na crueldade, é claro.

Pergunto-me se as pessoas que vão a Londres a contemplam com a mesma sensação romântica, se os estrangeiros que chegarem a nossa cidade vêem os grandes

fantasmas do passado: Carlos I indo com calma para sua morte depois de anos de guerra civil, a rainha Isabel incentivando as tropas antes de enfrentarem à Armada Invencível, Ana Bolena... por que tantas execuções? O que nos passa? Distúrbios, derramamento de sangue e mortes gloriosas... Suponho que é o sacrifício definitivo.

Por certo, falando de sacrifícios definitivos, embora bom, não há para tanto... mas um jovem diplomata francês chamado Henri Bonnard fez um enorme sacrifício por um amigo. Saiu em todos os jornais, conforme diz madame. Pelo visto, estava destinado em Londres e voltou para Paris para prestar declaração no caso do que já lhe falei, o homem que afirmava sua inocência porque estava em um cabaré no momento do crime. Bem, é certo: estava no Moulin Rouge! E o diplomata acompanhou-o toda a noite. Parece que, assim como todo mundo, ficaram quando a mais descarada das bailarinas, a Goulue, dançou o canção sem roupa interior (como de costume), e depois se dedicaram a afazeres ainda mais desonrosos. Juntos! Jurou- o, a contra gosto, tenho que acrescentar. A seu embaixador não fará a menor graça. Toda Paris ri do assunto. Imagino que a notícia já teria chegado a Londres quando estas linhas chegarem. Ao menos, a determinadas pessoas de Londres, as que preocupam mais ao embaixador. Pobre monsieur Bonnard, pagou um preço muito alto por resgatar um amigo. Espero que não perca seu emprego.

Esta noite vamos à Ópera. Suponho que será muito divertido. Todo mundo irá vestido à última moda. É igual a Londres, as melhores cortesãs desfilam pela parte de trás e escolhem par, embora seja consciente de que não deveria mencionar estas coisas.

É um espetáculo maravilhoso, mas nada me convenceria de viver assim. O melhor é saber que voltarei para casa dentro de poucos dias e estaremos juntos de novo.

Suponho que não terá recebido notícias de Gracie. É que ainda não escreve muito bem, e Daniel e Jemima não lhes terá ocorrido escrever, é claro. Espero que estejam construindo castelos de areia, procurando caranguejos e peixinhos nos atoleiros que há entre as rochas, comendo doces, molhando-se, sujando-se e passando muito bem.

Imagino que está trabalhando muito. O caso que descreve parece macabro. Alguma tragédia terá sido o detonante. Espero que coma como é devido e tenha encontrado as coisas que lhe deixei. A casa está muito silenciosa sem todos nós, ou gozas de uma paz celestial? Confio em que não desatenda ao Angus e Archie. Imagino que não lhe permitirão isso.

Sinto falta de você, e logo voltarei para casa.

Sua para sempre,

CHARLOTTE

Leu-a de novo atentamente, não porque tivesse passado por cima nada, mas para sentir Charlotte mais perto. Quase podia ouvir seus rápidos passos como se fosse abrir a porta e entrar.

A carta também solucionava o mistério do Henri Bonnard. Sorriu. Era agradável saber que tinha desaparecido por um motivo generoso. Confiou que o embaixador em Londres considerasse a lealdade de Bonnard a um amigo como uma qualidade que superava em muito a indiscrição de ter ido a uma sala noturna de duvidosa reputação. Embora fosse um episódio tão sórdido como pintariam os falatórios, era algo que ainda fazia a juventude, embora só fosse por curiosidade e certa arrogância.

Por esse motivo brigaram Orlando Antrim e ele? Orlando tinha tentado convencê-lo de que fosse? Pelo visto, tinha aceitado por fim.

Pitt terminou seu chá, fez uma careta porque esfriara (gostava de muito quente) e se levantou, esquecendo que Archie se deitara sobre seu regaço.

— Sinto muito – se desculpou. – Um pouco mais de café da manhã, Archie. Voltará para sua ração costumeira quando a aminha voltar para casa, não é? Acabar-se-ão os extras. Também terá que voltar para sua cama, você e Angus.

Archie se esfregou contra suas pernas, enquanto ronronava e deixava pêlos brancos em suas calças.

Pitt não tinha outra alternativa a não ser interrogar Cecily Antrim a respeito das fotografias. Gostaria de evitá-lo, para economizar uma desilusão e poder imaginar que proporcionaria uma explicação que a despojaría de toda culpa. Tinham-na chantageado para salvar a alguém, algo que não supusera sua participação voluntária. Tampouco era uma fantasia excessiva. Algumas das fotografias eram ótimas para ser empregadas como meio de chantagem, se o protagonista tinha subido na escala social. E o dinheiro obtido explicaria o tipo de vida do Cathcart, assim como o de Lily Monderell.

Mas não era fácil imaginar Cecily Antrim como vítima de ninguém. Era enérgica, valente, propensa a defender suas convicções até as últimas consequências.

Encontrou-a a primeira hora da tarde no teatro, ensaiando Hamlet. Tellman acompanhou a contra gosto.

— Shakespeare! – resmungou. Não fez mais comentários, mas sua expressão foi muito eloqüente.

Como na vez anterior, deixaram eles entrarem a contra gosto e tiveram que esperar em um lado do cenário até que se produzisse o descanso da pessoa a que desejavam interrogar. Hoje estavam ensaiando o ato 5, no cemitério. Dois homens estavam cavando uma tumba e falavam da suicida que iriam enterrar nela. Depois de brincar um pouco, uma pessoa partiu e o outro ficou só, cantarolando para si.

Hamlet e Horacio entraram, desta vez disfarçados. Não faltava muito para a estréia, e Pitt reparou em seus progressos. Projetavam certo ar de segurança, como se estivessem absortos nas paixões da história e já não fossem conscientes de que alguém os dirigia, e muito menos do mundo exterior.

Pitt olhou Tellman e viu que a luz se refletia em seu rosto enquanto escutava aqueles parlamentos pela primeira vez.

— Ah pobre Yorick! Eu o conheci, Horacio; era um homem de uma graça infinita e de uma fantasia prodigiosa...

Tellman tinha os olhos arregalados. Tinha esquecido Pitt. Tinha a vista cravada na caveira de gesso que Orlando Antrim segurava, e via as emoções que se agitavam em seu interior.

— Vá agora ao toucador de minha dama – disse Orlando com um tom de ironia na voz, transida de dor– e lhe diga que, embora fique o grosso de um dedo de cosmético, tem que vir formosamente a esta linda figura. Experimente fazê-la rir com isso. Diga-me uma coisa, por favor, Horacio.

— Qual é, senhor? – perguntou o outro ator.

Tellman se inclinou para diante. Seu rosto era como uma máscara, não movia nem um músculo, nem seus olhos abandonavam o cenário. As palavras se derramavam a seu redor.

— A que horríveis usos podemos descer, Horacio! Por que não poderia a imaginação seguir as nobres cinzas de Alexandre, até achá-las tampando a boca de um tonel?

Alguém se moveu entre bastidores. Uma expressão de irritação apareceu no rosto de Tellman, mas não se virou para ver quem era.

— O magno César, morto e em barro convertido.

Orlando pronunciou as palavras com suavidade, animadas por séculos de admiração e música, como se tecessem uma magia para ele.

— Um buraco ao vento lhe tampar terá podido. Oh, que um barro, que ao círculo teve em temor eterno, resguardasse os muros do vento norte do inverno! Mas silêncio, silêncio! Afastemos- nos; aí chega o rei...

E dos bastidores avançou uma lenta e triste procissão, embelezada com objetos escuros de magnífica qualidade. Os sacerdotes, o ataúde da Ofelia seguido por seu irmão, depois o rei, e Cecily Antrim, muito bela em seu papel de Gertrudis. Era extraordinária sua capacidade de atrair a atenção de todo o mundo, inclusive quando a cena não girava em torno dela. Havia uma luminosidade em seu rosto, a força de uma emoção impossível de ignorar.

O drama continuou, e nem Tellman, nem Pitt se moveram até que terminou. Pitt avançou.

Tellman seguia transfigurado. Em menos de quinze minutos tinha vislumbrado um novo mundo que tinha banido. As águas mansas de suas ideias preconcebidas tinham sido perturbadas por uma maré, cujas ondas chegaram até as próprias margens, e já o pressentia.

Pitt se aproximou de Cecily Antrim.

— Rogo-lhe me desculpe por interrompê-la, mas há um assunto inadiável de que devo falar com você.

— Pelo amor de Deus, homem! – exclamou indignado Bellmaine. – E não tem alma, nem sensibilidade? O pano de fundo se eleva dentro de dois dias! Seu assunto pode esperar!

Pitt não se moveu.

— Não, senhor Bellmaine, não pode esperar. Não roubarei muito tempo da senhorita Antrim, e ainda menos se me deixar começar agora mesmo.

Bellmaine proferiu coloridas blasfêmias sem repetir-se nem uma vez, mas também agitou as mãos em direção aos camarins. Tellman seguia semelhante em seu lugar, à espera da cena seguinte.

O camarim de Cecily Antrim estava cheio de cabides dos quais pendiam veludos e tecidos bordados. Uma segunda peruca descansava sobre um suporte da longa mesa situada sob o espelho, entre uma massa de potes, escovas, terrinas, pós e rugas.

— E bem? – perguntou com um sorriso. – O que é tão urgente para desafiar Antón Bellmaine? Morro de curiosidade. Nem sequer uma atuação com público teria impedido que lhe abordasse, para averiguá-lo. Asseguro-lhe que ainda não sei quem matou o pobre Delbert Cathcart, nem por quê.

— Nem eu, senhorita Antrim – respondeu Pitt enquanto afundava as mãos no bolso da jaqueta. – Mas sim, sei que o culpado viu uma fotografia concreta de você, que não está ao alcance de quase ninguém, o que me preocupou muito.

Ela parecia intrigada, e seu sorriso era muito alegre para indicar que tinha alguma ideia do que ia mostrar.

— Há montões de minhas fotografias, superintendente. Minha carreira se prolonga mais do que eu gosto de admitir. Nem sequer posso imaginar quem viu qual. — Não lhe disse que era um ingênuo, mas sua voz o transmitiu.

Pitt não gostava do que viria a seguir. Tirou o postal com a paródia da Ofelia e a mostrou.

Os olhos dela se arregalaram.

— Santo Deus! De onde tirou isso? — Ergueu a vista para ele. — Tem toda a razão... Delbert fez esta. Não me vai dizer que o mataram por isso, verdade? Seria ridículo. Pode comprá-la em meia dúzia de lojas. Assim o espero, ao menos. Do contrário, queria dizer que padei espantosos desconfortos por nada. O veludo molhado sobre a pele é repugnante, e lúgubremente frio.

Pitt ficou estupefato. Por um momento não soube o que dizer.

— Mas é impressionante, não acha?

— Impressionante. — Pitt repetiu a palavra como se fosse de um idioma desconhecido. Contemplou seu rosto de boca delicada e feições maravilhosas. — Sim, senhorita Antrim, jamais tinha visto uma foto tão impressionante.

Ela captou a emoção em sua voz.

— Desaprova-o, superintendente. Não há mal que por bem não venha. Ao menos a recordará e o fará pensar. A imagem que não tem poder para perturbar tampouco tem poder para provocar mudanças.

— Mudanças? — perguntou Pitt com voz rouca. — Que mudanças, senhorita Antrim?

Olhou-o sem pestanejar.

— Nas crenças da pessoas, superintendente. Há algo mais que valha a pena mudar? — Sua expressão se encheu de desagrado. — Se o primeiro camareiro não tivesse proibido a obra a que você assistiu, possivelmente Freddie Warriner não teria perdido sua coragem e teríamos apresentado um projeto para igualar mais as leis do divórcio. Desta vez não teríamos triunfado, mas talvez na seguinte, ou na seguinte. O fundamental é comprometer às pessoas!

Pitt tomou fôlego suficiente para uma dúzia de respostas, mas logo que viu a expressão de Cecily Antrim e compreendeu a que se referia.

— Se pode mudar a opinião, pode mudar o mundo — disse ela em voz baixa.

Pitt apertou os punhos.

— E que opinião desejava mudar com esta foto, senhorita Antrim?

A mulher parecia divertir-se. Havia um brilho de humor em seus olhos.

— A opinião de que as mulheres se contentam com um papel passivo no amor — respondeu Cecily Antrim. — Estamos aprisionadas na ideia das outras pessoas, do que somos e o que sentimos, o que nos faz felizes... ou o que nos fere. Nós permitimos que isso acontecesse. Já é bastante grave estar acorrentadas por nossas crenças, bem sabe Deus, mas estar acorrentadas por outras pessoas é monstruoso.

Seu rosto se acendeu enquanto falava. Irradiava uma beleza luminosa, como se pudesse ver além da imagem sobre o papel e a liberdade espiritual que estava procurando, não para ela, mas para as demais. Se se tratava de uma cruzada solitária, estava preparada para ela e sua valentia era superior à causa.

— Não o compreende? — perguntou ao ver que Pitt não respondia. — Ninguém tem direito de decidir o que outra pessoa deseja ou sente! E sempre o fazemos, porque talvez seja o que se espera de nós. — Estava perto dele. Pitt notou seu calor, viu o rubor em suas faces. — Sentimo-nos mais cômodas, alimenta nossas ideias preconcebidas, nossa ideia do 'quase somos'. Ao menos é o que podemos lhes dar, assim decidimos que isso é o que desejam. Deveriam estar agradecidos. É pelo seu bem. É pelo bem de alguém. É o justo ou natural... ou é o que quer Deus. Que monumental arrogância decidir que o que é cômodo para nós, é o que Deus quer.

— Todas as fotos? — perguntou Pitt com secreto sarcasmo. — Algumas me pareceram blasfemas.

— Seriamente? — Seus maravilhosos olhos se dilataram. — Meu querido e prosaico superintendente, blasfemas? O que é a blasfêmia?

Pitt afundou ainda mais as mãos nos bolsos e se ergueu. Não podia permitir que lhe intimidasse porque era formosa, inteligente e segura de si mesma.

— Acredito que é ridicularizar as crenças de outros — respondeu. — Impulsioná-los a duvidar da possibilidade do bem e ridiculariza a reverência. Não importa quem seja Deus. Não é uma questão de doutrina, mas sim de tentar destruir a ideia inata que temos da divindade, de algo melhor e mais santo que nós.

— Oh, superintendente. — Suspirou. — Acredito que acabo de ser superada por um policial! Não o diga a ninguém, por favor... Não sobreviveria. Minhas desculpas. Sim, isso é a blasfêmia... e eu não tinha a menor intenção de cometê-la. Minha intenção é conseguir com que as pessoas questionem estereótipos e nos considerem indivíduos, cada um diferente, que alguma vez volte a dizer "é uma mulher, de modo que sente isto ou aquilo, e

se não for assim deveria senti-lo". Ou "é um sacerdote, deve ser bom, o que diz é certo, não possui esta debilidade ou aquela paixão, e se a possui, é um perverso". – Seus olhos se dilataram. – Compreende-me?

— Sim, compreendo-a, senhorita Antrim.

— Mas não está de acordo comigo. Vejo-o em seu rosto. Pensa que escandalizo às pessoas, e é doloroso. Rompo algo, e você detesta que se rompam coisas. Está aqui para manter a ordem, para proteger aos fracos, para impedir mudanças violentas, ou qualquer mudança que as massas não consintam. – Abriu as mãos, suas lindas e fortes mãos. – Mas a arte tem que guiar, superintendente, não seguir. Meu trabalho é acabar com as convenções, desafiar premissas, sugerir que o progresso nasce da desordem. Se você triunfasse por completo, não teríamos o fogo e muito menos a roda.

— Estou a favor do fogo, senhorita Antrim, mas não de queimar às pessoas. O fogo pode destruir assim como criar.

— Como tudo o que possui autêntico poder – replicou a atriz. – Viu Casa de Bonecas?

— Perdão?

— Ibsen! A obra. Casa de Bonecas!– explicou com impaciência.

Pitt não tinha visto, mas sabia do que estava falando. O dramaturgo tinha ousado criar uma heroína que se rebelava contra tudo que se esperava dela, e ao final abandonava o seu marido por uma liberdade perigosa e solitária. Fazia furor. Alguns a condenaram com paixão por ser subversiva e destruidora da moralidade e da família. Outros a qualificaram de sincera e o símbolo de uma nova liberação. Alguns se limitaram a dizer que era arte brilhante e perspicaz, sobre tudo porque um homem tinha retratado com tanta sensibilidade e penetração a natureza da mulher. Pitt tinha ouvido Joshua elogiá-la com quase o mesmo entusiasmo que agora mostrava Cecily Antrim.

— E então? – perguntou a mulher, e a luminosidade de seu rosto se desvaneceu por causa da exasperação.

— Existem algumas diferenças – disse Pitt, vacilante. – Ir ao teatro é uma questão de livre escolha, mas estas fotos se vendem ao público. Podem cair em mãos de jovens... crianças sem experiência...

A atriz desprezou suas prevenções com um gesto.

— Sempre há riscos, superintendente. Não se podem obter lucros sem certo custo. Nascer supõe o perigo de viver. Atreva-! Humilhe ao demônio da verdadeira morte... a morte da vontade, do espírito! Ah, e não se incomode em me perguntar quem viu a foto. O

diria se pudesse... Lamento muitíssimo que Delbert Cathcart tenha morrido, era um grande artista, mas não posso dizer-lhe mais, porque não tenho a menor ideia.

Deu meia volta e saiu pela porta, deixando-a aberta. Pitt ouviu seus passos afastarem-se pelo corredor.

Só no camarim, deu uma olhada aos adornos da ilusão, a maquiagem e os disfarces que davam uma mão à imaginação. Constituíam uma parte diminuta da verdadeira magia, a que surgia da alma e da vontade, o mundo interior criado com tal paixão que se transbordava, e nenhuma ajuda material se necessitava para impulsioná-lo a saltar de mente em mente. Palavras, movimentos, gestos, o fogo do espírito feito real.

Voltou a olhar a fotografia. Quantas pessoas estavam acorrentadas pelo que outros achavam dela? Esperava ele que Charlotte fosse infiel a sua autêntica natureza ou a seus verdadeiros desejos? Depois pensou em seu primeiro encontro com Caroline. Em alguns aspectos tinha estado encarcerada, mas pela família, a sociedade, seu marido, ou por ela mesma? O prisioneiro que ama seus grilhões é também responsável pelo que se perpetua?

Preferia que Jemima, com sua mente penetrante e inquisitiva, nunca visse uma foto semelhante... ao menos até que tivesse a idade atual de Charlotte.

Com que espécie de homem se casaria? Que ideia tão ridícula! Era uma menina. Visualizou sua carinha cheia de vida, seu corpinho esbelto que já começava a crescer e suas pernas que se alongavam. Um dia se casaria com alguém. Seria compreensivo com ela, concederia-lhe certa liberdade, sem deixar de protegê-la? Seria bastante forte para desejar sua felicidade onde ela queria encontrá-la, ou tentaria conformá-la a seu ponto de vista do correto? Veria-a como era ou como ele queria que fosse?

Em grande parte estava de acordo com o que Cecily Antrim tentava fazer, mas a foto o ofendia, não só porque a tinha visto parodiada na morte, mas sim por sua violência. Era necessário chegar a esses extremos para sacudir o conformismo? Não sabia.

Teria que enviar Tellman para averiguar onde Cecily Antrim tinha estado na noite da morte do Cathcart, apesar de que não achava que o tivesse assassinado. Não tinha visto na mulher medo, sobressalto, nem sentido de implicação pessoal.

Também deveria ordenar a Tellman que averiguasse onde tinha estado lorde Warriner aquela noite, se por acaso seu amor por ela fosse menos platônico do que parecia. Claro que isso era uma formalidade, algo que não devia passar por cima. Ela tinha posado de boa vontade para a foto. De fato, a julgar pelo que havia dito, a ideia tinha

nascido nela. Queria que se vendessem. Quão último desejava era que essa interpretação ficasse sem público.

Guardou a foto no bolso e saiu para o corredor. Avançou entre biombos empilhados, árvores e paredes de atrezzo, e várias peças de madeira belamente esculpidas com grande beleza, até a entrada dos artistas.

Capítulo 12

Caroline chegou em casa com o ânimo renovado e subiu a escada antes de pensar melhor. Bateu na porta da anciã, e como não obteve resposta, entrou.

A senhora Ellison estava meio reclinada na cama. As cortinas estavam corridas e parecia adormecida. Se Caroline não tivesse visto o movimento de seus olhos, teria acreditado.

— Como se encontra? – perguntou, sentando-se na beira da cama.

— Estava adormecida – replicou com frieza a anciã.

— Isso não é verdade. Nem tampouco dormirá até a noite. Gostaria de ir ao teatro conosco?

A anciã arregalou os olhos.

— Para que? Faz anos que não vou ao teatro. Sabe muito bem. O que faria ali?

— Ver a peça que se representa? – sugeriu Caroline. Sorriu. — E ver o público. Às vezes é divertido. O drama que se desenvolve no cenário não é o único.

Mariah vacilou um instante.

— Eu não vou ao teatro – disse com aspereza. — Só representam tolices: lixo barato e moderno!

— É Hamlet.

— Oh.

Caroline tentou recordar as palavras da Vespasia.

— Em qualquer caso – disse –, a atriz que interpreta à rainha é muito bonita, dotada de grande talento e sem papas na língua. Tem-me aterrorizado. Sempre tenho a impressão de que vou dizer uma estupidez ou uma ingenuidade quando a vejo depois da função, coisa que faremos hoje, porque Joshua irá felicitá-la. São grandes amigos.

Aquilo despertou o interesse da anciã.

— Seriamente? Pensava que a rainha de Hamlet era sua mãe. Não é a heroína!

— Joshua gosta das mulheres mais velhas. Pensava que já tinha se dado conta – disse com ironia Caroline.

A senhora Ellison sorriu, apesar de tudo.

— E está ciumenta dela. — Era uma afirmação, mas por uma vez não tinha maldade, mas sim algo próximo à compaixão.

Caroline decidiu justificar-se.

— Sim, um pouco. Parece tão segura de si mesma... ou de tudo em que acredita.

— No que acredita? Pensava que era uma atriz! — Mariah se endireitou um pouco na cama. — No que pode acreditar?

— Em todo tipo de coisas! — Caroline recordou o rosto apaixonado de Cecily, seus olhos vivazes e a firmeza de sua voz. — Na maldade absoluta da censura, na liberdade da mente e do espírito, nos valores da arte... faz-me sentir terrivelmente antiquada e... aborrecida.

— Tolices! — disse a senhora Ellison. — Defenda-se! Já não acredita em nada?

— Parece-me que sim...

— Não seja tão diminuída! De algo estará segura: Não pode ter chegado a sua idade sem uma certeza ao menos. Qual é?

Caroline sorriu.

— Que não sei tantas coisas como pensava. Reúno dados, emito julgamentos sobre pessoas e coisas, e frequentemente aparece algo mais que eu não sabia e, que se tivesse sabido, teria mudado tudo.

Estava pensando na anciã e em Edmund Ellison... mas também havia outras coisas que se remontavam no tempo: temas, decisões, histórias que conhecia pela metade.

A senhora Ellison grunhiu, mas algo de sua ira se dissipou.

— Então é mais sábia que essa mulher, que imagina saber tudo — resmungou. — Vá e diga-lhe.

Caroline não voltou a perguntar se a anciã viria. Ambas sabiam que não, e insistir teria quebrado a frágil trégua entre elas.

Levantou-se e foi para a porta, quando a anciã falou de novo.

— Caroline!

— Sim.

— Divirta-se.

— Obrigada. — Deu outro passo.

— Caroline!

— Sim?

— Ponha o vestido vermelho. Favorece-a.

Caroline não se voltou, nem estragou o momento com lisonjas.

— Obrigada – disse. – Boa noite.

Caroline se vestiu com esmero para a estréia do Hamlet. Hesitou antes de indicar para sua criada que tirasse o vestido vermelho recomendado pela anciã. Tinha uns bordéis subido de tom, muito quente e chamativo. Não estava segura de querer destacar-se. Sentou-se na cadeira na frente do espelho e examinou seu rosto enquanto a criada lhe penteava. Ainda era esbelta (não tinha perdido sua silhueta), mas sabia que todos os signos da velhice estavam presentes, as diferenças entre sua pele atual e a de alguns anos, a leve queda da suave linha do queixo, as finas rugas do pescoço e do rosto.

Carecia da resplandecente vitalidade de Cecily Antrim, da confiança interior que lhe adicionava tanta graça. Não só era uma questão de juventude, mas sim de caráter. Sempre despertaria atenção e admiração, uma espécie de adoração, porque exibia parte de sua mágica vitalidade.

Caroline se sentia vulgar comparada com ela, como o marrom comparado com o dourado.

Pensou no que Vespasia havia dito, e Mariah Ellison. Entretanto, foi pensar no desespero de Mariah o que a impulsionou a endireitar-se, com as costas rígidas, de forma que quase desprende os alfinetes das mãos da criada.

— Sinto muito – murmurou.

— Machuquei-a, senhora?

— Foi minha culpa. Ficarei quieta.

Cumpriu sua palavra, mas seus pensamentos não lhe deram trégua. Perguntou-se como podia comportar-se, o que devia dizer para mostrar-se sincera e generosa, mas não lisonjeira. Apertou os lábios ao imaginar que aparentava querer congar-se com outros, desfazer-se em louvores hipócritas, porque na realidade não sabiam do que falavam. Escutariam-na com educação, mas com desejos de que se calasse antes de provocar vergonha alheia. Ruborizou-se de só pensar.

Seu instinto a convidava a adotar uma silenciosa dignidade, a falar pouco. Mas desse modo pareceria ressentida e, se excluía ainda mais. Em qualquer caso, Joshua se envergonharia dela. De repente, compreendeu que o importante não era o que ela sentisse, mas o que ele sentiria, e como influiria na mudança de suas vidas.

A criada tinha terminado. O penteado era impecável. Caroline sempre tinha tido um cabelo muito formoso.

— Obrigada – disse. Já estava preparada para o vestido.

O teatro já estava abarrotado e teve que abrir caminho com empurrões, enquanto ia saudando as pessoas que conhecia ou achava conhecer. Foi consciente, em diversas ocasiões, de sorrir para completos desconhecidos, que se mostravam confundidos por um momento e lhe devolviam o sorriso, apenas como exigiam as boas maneiras.

Decidiu levar na brincadeira e superar seu acanhamento.

Chegou ao camarote que Joshua tinha reservado para ela. Era melhor chegar cedo e não incomodar ninguém, embora se sentisse sozinha. Matou o tempo observando a chegada de outros. Era como um desfile de personagens. Distinguiu posição social, bons ganhos, aspirações sociais, confiança ou falta dela, gosto, e, muito frequentemente, o que uma mulher pensava de si mesma. Eram as diminuídas, vestidas com cores escuras, azuis e verdes, modestos e bem cortados. Perguntou-se se se teriam posto algo mais ousado se tivessem coragem. Tinham escolhido a sobriedade, ou tinha era a escolha, pelo temor de desagradar seus maridos, ou inclusive suas sogras? Até que ponto uma pessoa se vestia para satisfazer as expectativas de outros?

Depois, havia as que se vestiam com cores berrantes, ansiosas para serem notadas. Era assim seu vestido vermelho, um vestido espetacular que disfarçava a uma mulher insípida?

Não. Como Vespasia havia dito, era livre para escolher o que desejasse. Se fosse uma mulher insípida, eclipsada por Cecily Antrim, teria tomado a decisão de encerrar-se, de ocultar suas opiniões com o fim de agradar os outros e ater-se apenas, ao que se esperava dela.

Não havia necessidade de ser ofensiva, nem muito enérgica. Era inadmissível ser intencional ou meticulosamente grosseira. Mas podia ser fiel a seus valores.

Gostava daquele vestido vermelho. Ficava bem com sua pele.

Também viu as típicas juvenzinhas vestidas com cores claras, de aspecto inocente e virginal, tímidas, mas dispostas a atrair os olhares.

Quase todo o público estava atuando, a seu estilo, tanto como os atores que apareceriam depois.

As luzes se apagaram. O pano de fundo se levantou de Elsinore. Caroline estava nervosa por Orlando Antrim. Era o papel mais importante de sua vida. De qualquer modo,

Hamlet devia ser o papel mais importante para qualquer ator. Acaso não era o sonho de todo intérprete?

Desde o momento em que entrou na segunda cena, Caroline se inclinou para frente, desejosa de que triunfasse, de que recordasse todas suas falas, que lhes infundisse a paixão, a dor e a confusão que o papel exigia.

A princípio pareceu vacilante. Ficaria eclipsado por sua mãe, que parecia dominar todo cenário em que pisava?

Depois, outros saíram, exceto Orlando. Avançou para a luz. Tinha o rosto pálido, inclusive abatido, embora devesse ser efeito da maquiagem. Mas ninguém poderia impor os gestos de seu corpo, nem a agonia de sua voz.

— Oh!... que esta sólida, excessivamente sólida, carne pudesse derreter-se, desfazer-se e dissolver-se em orvalho! Ou que não tivesse fixado Eterna sua lei contra o suicídio!

Recitou todo o trecho sem vacilação. Soou tão natural como se tivesse sido o primeiro a pronunciá-lo, como se tivesse surgido de sua alma.

— Mas se rompe, coração, pois devo refrear a língua!

Por um momento, depois que baixaram o pano de fundo, fez-se silêncio. Os espectadores esqueceram que constituíam um público. Era como se se sentissem olheiros de uma tragédia alheia. De repente recordaram o que eram, e os aplausos ressoaram no recinto.

Desde este momento, uma eletricidade se apropriou do ar, uma carga de emoção tão forte que impregnou toda a representação. A tragédia se desenvolveu. As condenadas relações avançaram de um passo para o seguinte como se ninguém pudesse evitá-lo. A dor de Hamlet podia ser apalpada no ar. A dobra do rei, os sábios conselhos de Polonio que caíam em ouvidos surdos, mas suas palavras tinham chegado a ser familiares ao longo dos séculos, e a voz maravilhosa de Bellmaine enchia o coração e a mente dos espectadores. Durante os momentos em que dominava o cenário até Hamlet ficou esquecido.

— E, sobre tudo, isto: seja sincero com você mesmo, e disso se seguirá, como a noite ao dia, que não pode ser falso com ninguém.

Ofelia mergulhou sem remédio na loucura e na morte, um sacrifício inocente para a ambição, cobiça ou obsessão dos outros. Joshua entrou nas pontas dos pés e se sentou em silêncio, roçando o ombro de Caroline. A rainha Gertrudis forjava seu destino, ignorante até o último gole de veneno.

Apesar do talento e da personalidade dos atores, Hamlet se erguia por cima de todos. Foi sua dor, e ao final a extinção de sua luz, o que lhes deixou em trevas quando o pano de fundo caiu pela última vez.

Quando Caroline se levantou para aplaudir, com Joshua a seu lado, escorriam lágrimas por suas faces, muito emocionada para falar.

Quando os últimos aplausos se extinguíram, as luzes se acenderam de novo e as pessoas se encaminharam para as saídas. Caroline se voltou para Joshua.

Havia uma mescla de alegria e pena em seu rosto. A alegria era a emoção dominante, o entusiasmo e a admiração, mas ela também distinguiu aquela leve sombra, e compreendeu que desejava ter encarnado Hamlet, ser possuidor de um dom que transcendesse o mero talento e roçasse a genialidade. Mas não era assim. Sua arte se apoiava no engenho e na compaixão, em fazer rir às pessoas, frequentemente de si mesmas, e obter que sentissem uma nova bondade para com o próximo. Com os anos poderia interpretar Polonio, mas nunca Hamlet.

Tentou dizer algo sincero, sem condescendência alguma. Isso seria insuportável para ele, assim como para ela.

O silêncio necessitava palavras, mas não as achava.

— Tenho a sensação de nunca ter visto Hamlet até hoje – comentou. — Jamais imaginei que alguém tão jovem pudesse compreender até tal ponto a traição. Sua raiva contra a rainha era descarnada e ao mesmo tempo próxima do amor. A desilusão pode destruir a pessoa.

Pensou em Mariah e Edmund Ellison. Como é possível seguir adiante quando os sonhos jazem pisoteados e não fica nada para tentar reconstruí-los?

Desejava compartilhar seus sentimentos com Joshua. Enquanto o observava, compreendeu que ele só sentiria ternura pela senhora Ellison, nem ódio nem repugnância.

Mas falar disso significava trair sua confiança? A anciã se inteiraria, porque leria em seus olhos, ouviria em sua voz. E estaria à espreita. Esperava que Caroline a traísse.

Portanto, Caroline devia guardar silêncio. Talvez algum dia se permitiria rompê-lo, mas no momento apropriado.

— Vai falar com o Cecily? – perguntou.

Joshua esboçou um sorriso.

— Oh, sim! Não perderia isso por nada do mundo. Esteve muito bem, mas ele a superou. É a primeira vez que alguém a eclipsa, exceto Bellmaine, faz muito tempo,

quando ela era uma principiante. Vai se sentir... – encolheu um ombro– orgulhoso por Orlando... um pai deve sentir-se orgulhoso de seus filhos.

Caroline recordou com uma pontada de dor, que não tinham filhos, e que ele era muito jovem para considerar como suas qualquer uma de suas filhas. Poderia ter filhos, se se tivesse casado com uma mulher mais jovem. Afastou aquele pensamento. Não era momento para a auto-compaixão.

— Nem sempre é fácil – respondeu. – Sua juventude pode despertar inveja, mas também exasperação. Seus enganos lhe fazem sofrer, sobre tudo quando é testemunha deles. Além disso, nunca deixa de se sentir culpado por tudo o que lhes sai mal. Cada defeito de seu caráter, será atribuído a algo que você fez ou deixou de fazer, ou o fez tarde e mal feito.

Joshua a rodeou com um braço.

— Venha. Iremos felicitar Cecily e ter piedade dela, ou o que nos pareça melhor. – Sorriu e as tênues rugas que ladeavam sua boca se apagaram.

O camarim já estava lotado quando chegaram, mas Orlando não estava. Agora era o centro, não a periferia da estrela de sua mãe.

Cecily estava de pé, dando as costas ao toucador e ao espelho. Ainda levava o esplêndido vestido do último ato. Seu rosto estava radiante, seu cabelo era um halo que a emoldurava. A primeira vista, Caroline pensou que tinha sido um engano lhe dar o papel de mãe de Hamlet. Seu aspecto era muito juvenil e vibrante. Mas recordou com um sobressalto, de que na vida real, Cecily era a mãe de Orlando.

Lorde Warriner não se achava com ela nesta ocasião. Era como se tivesse decidido distanciar-se uma temporada do teatro, ou ao menos de Cecily. Dois atores de partilha se achavam mais afastados, com aspecto cansado, mas feliz. Uma mulher vestida de negro com um colar de diamantes mostrava seu entusiasmo, e um homem de idade madura com condecorações no peito lhe dava a razão.

Cecily distinguiu Joshua.

— Querido! – Avançou para ele com os braços abertos. – Alegro-me muito que tenha vindo. Viu o final? – Permitiu que a beijasse em ambas as faces, retrocedeu e viu Caroline.– E a senhora Fielding... Caroline, não é verdade? Foi muito amável por vir.

— A amabilidade está deslocada – respondeu Caroline com um sorriso. Desejou parecer mais cálida do que era. – Vim porque o desejei desde o primeiro momento. E me alegro de ter feito. É o melhor Hamlet que vi em minha vida.

Cecily abriu os olhos de par em par.

— Seriamente? Viu muitos?

Caroline manteve o sorriso radiante.

— Certamente. Desde a escola. Quase todos os atores adequados o interpretaram em um ou outro momento, inclusive alguns que não eram tão bons. Eu diria que vi vinte versões ou mais. Seu filho lhe contribuiu com nova vida e verdade. Deve sentir-se muito orgulhosa dele.

— É claro. Você é muito amável. – Cecily se voltou para Joshua. – Esteve maravilhoso, não é certo? É uma sensação muito estranha ver seu filho começar de baixo, progredir até papéis secundários, e um dia ter o teatro a seus pés. – Riu. – Imagina o que sinto?

Caroline viu que uma fugaz sombra cruzava o rosto do Joshua. Uma semana antes se sentira destroçada por sua impossibilidade de lhe dar filhos. Agora só sentiu ira pelo fato de Cecily ter escolhido defender-se a base de ferí-la.

Interveio antes que Joshua pudesse responder.

— Sempre é surpreendente descobrir que seus filhos se fizeram maiores – disse com doçura. – E que de repente podem eclipsá-la naquela área em que você sempre acreditou dominar... – O rosto de Cecily se petrificou. – Mas se sente entusiasmada por eles – continuou Caroline. – Não poderia ser de outra maneira. Além de lady Macbeth, todas as tragédias de Shakespeare parecem virar ao redor de protagonistas masculinos. Não obstante, acredito que ninguém poderia superar você nos grandes papéis dos dramas clássicos gregos. Eu faria fila toda a noite para conseguir uma entrada e vê-la interpretar Clitemnestra ou Medea.

Fez-se um silêncio absoluto na sala. Todo mundo estava olhando Caroline.

Ninguém ouviu que a porta se abria e Orlando entrava.

— Clitemnestra! – exclamou. – Uma brilhante ideia! É muito inteligente, senhora Fielding. Mamãe nunca interpretou dramas gregos. Seria o princípio de uma nova carreira, e soberba! Não esqueçamos a Fedra! – voltou-se para o Cecily. – É muito velha para a Antígona, mas poderia encarnar a Yocasta... mas a senhora Fielding tem razão. Clitemnestra seria um papel sublime para você.

Cecily olhou Caroline, com a cabeça erguida e os olhos brilhantes.

— Talvez devesse fazer isso, senhora Fielding. Admito-o, estou surpreendida. Nunca pensei que você fosse tão... liberal em sua apreciação da arte. Diga-me, por que acredita que interpretaria bem a Clitemnestra? – Riu. – Suponho que não será só porque tem filhos adultos.

Caroline a olhou com a mesma candura.

— Claro que não, embora isso marque uma diferença na vida. Estava pensando no fato de que é um personagem central da obra, não secundário. É o personagem cujas paixões impulsionam o argumento. O sacrifício de sua filha a afetou profundamente. O assassinato de seu marido não é um ato compassivo, mas muitas mães se identificariam com ele. Necessita de uma atriz de extraordinário poder, para arrastar o público com ela, sem jogar com sua compaixão, nem perder sua dignidade, e sem despertar antipatias devido ao seu poder e a sua vontade de dar o passo definitivo. — Respirou fundo. Ninguém a tinha interrompido nem com o menor movimento. Continuou. — Deveria deixar o espectador exausto emocionalmente e mais rico em experiência, e talvez possuidor de mais compaixão e compreensão do que antes.

Sem querer, seus pensamentos voltaram a Mariah. O horror provocado por uma dor interminável podia mudar a vida de alguém até extremos inconcebíveis.

Pela primeira vez, Cecily a olhou com franqueza.

— É uma mulher surpreendente — disse por fim. — Teria jurado que não tinha nenhuma ideia revolucionária na cabeça, e muito menos no coração. Entretanto, recomenda-me que agitemos a nossa conformista sociedade a base de lhes fazer sentir as paixões de Clitemnestra. — Sorriu. — Provocará correntes de cartas ao Time e a cólera do arcebispo, para não falar da desaprovação da rainha, se sugerir que o assassinato de um marido pode ser aceitável em alguma circunstância. — Sua voz tinha adquirido de novo um tom de brincadeira. E voltou-se para Joshua. — Joshua, querido, trata com cuidado às filhas de sua mulher. — Assinalou Caroline. — Tem filhas, não é verdade?

— Sim, é claro. Uma delas está casada com esse policial de cabelo revoltado.

— Pelo amor de Deus, querido, não as sacrifique aos deuses, ou uma punhalada no coração interromperá bruscamente sua vida. Há um tigre adormecido dentro dessa sua esposa, tão serena e digna.

— Sim, sei — disse com afetação Joshua.

Tinha apoiado brevemente a mão no braço de Caroline, mas era um gesto de posse, e Caroline sentiu uma onda de calor. A porta se abriu e entrou Bellmaine, ainda vestido de Polonio. A maquiagem o dotava de um aspecto ainda mais sério, em lugar de lhe degradar.

— Maravilhoso! — disse radiante a todos, mas tinha os olhos cravados em Orlando. — Maravilhoso, queridos meus. Superaram a si mesmos. Cecily, sua interpretação do Gertrudis foi perfeita. Nunca tinha visto uma luz tão compassiva. Fez-me acreditar que é

inconsciente de seus atos até que é muito tarde, uma mulher apanhada no matagal de suas paixões. Chorei por ela.

— Obrigado – respondeu Cecily sorridente, mas com uma curiosa amargura em seu olhar. – Se se comoveu até as lágrimas por Gertrudis, acredito que poderei fazer algo.

Bellmaine se voltou para Orlando. Sua expressão mudou para uma de pura alegria.

— E você, querido, esteve sublime. Não sei o que dizer. É como se nunca tivesse visto Hamlet até esta noite. Conduziu-me por um novo caminho, mostrou-me uma loucura e uma sensação de traição que transcende a magia das palavras de Shakespeare e o transportou para uma realidade de sentimentos que me deixou exausto. Agora sou um homem diferente. – Abriu as mãos como se não pudesse acrescentar nada mais.

Caroline sabia muito bem a que se referia. Ela também tinha vivido uma nova e mais ampla experiência. Assentiu para mostrar seu acordo. O gesto nascia da sinceridade. Não era para menos.

Cecily se voltou para ela.

— De modo que se sente feliz de ter vivido uma experiência tão intensa, senhora Fielding? A julgar por sua visita anterior, pensava que estava a favor de algum tipo de censura. Salvo a irresponsabilidade de gritar "Fogo!" quando não o há e causar pânico, defender o delito ou falar com falsidade de alguém, acredita que limitar as ideias é uma maldade absoluta? A arte tem que ser livre se o homem aspirar à liberdade. Não amadurecer é o princípio da morte, embora seja uma morte lenta, que talvez se prolongue durante uma ou duas gerações.

Olhou sem pestanejar para Caroline. Era um desafio, e todo mundo o reconheceu como tal. Talvez fosse devido ao êxito de Orlando, à necessidade de auto-afirmação. Ninguém renunciava com facilidade a ser o centro da atenção.

Todos estavam esperando por Caroline.

Olhou para Joshua. Seu marido sorriu. Não ia intervir e lhe tirar a oportunidade de responder. Devia falar com sinceridade. Confiava em não decepcioná-lo nem envergonhá-lo, mas mentir a afligiria. Pensou em suas filhas, em Jemima, na velha senhora Ellison.

— Não amadurecer significa morrer, é claro. – Procurou as palavras adequadas. – Mas amadurecemos com diferentes velocidades, e às vezes, de formas diferentes. Não tente tomar isso como uma justificação de fazer sempre as coisas a sua maneira.

— O preparou! – respondeu na hora Cecily. – Ao fim e ao cabo, vai me dar a razão. Diga-me, o que vai censurar... em geral e em particular? Já disse que autorizará o assassinato de um marido na Clitemnestra, o assassinato de um filho em Medea, e um

incesto em Édipo, que se casa com sua mãe e tem filhos com ela. Santo céu, querida, o que você?

Caroline sentiu que o rubor subia a seu rosto.

— Trata-se de tragédias, em todos os casos. Alguém sente uma pena terrível pela protagonista, e talvez admiração pela valentia ou a sinceridade com que ao final vão ao encontro de seu destino... bom ou ruim.

— Em tal caso, tudo vale enquanto os valores se conservem? – perguntou Cecily com olhos dilatados.

Caroline viu a armadilha.

— Que valores? – perguntou. – Não é isso o que quer perguntar?

Cecily relaxou.

— Exato. Se for me responder que são a sociedade, a civilização, ou inclusive Deus, eu lhe perguntarei o Deus de quem? Que parte da sociedade? A minha? A sua? A do mendigo da rua? A da velha rainha, Deus a abençoe? Ou a do senhor Wilde, cuja sociedade é muito diferente da do resto?

— É você quem deve julgar isso – respondeu Caroline –, mas os valores que nós adotemos serão os que regerão a seguinte geração. Não estou certa se alguém pode decidir por você, mas ninguém pode descarregá-la da responsabilidade do que diga. E quanto melhor o faça, quanto mais bela ou poderosa seja sua voz, maior será sua responsabilidade de utilizá-la com sabedoria e cautela.

— Oh, Meu deus! – exclamou Cecily.

— Bravo! – Orlando lhe dedicou uma reverência em sinal de louvor.

Caroline se voltou para ele. Sua expressão a sobressaltou, porque estava transido de emoção, com os olhos totalmente abertos, os lábios entreabertos e o corpo um pouco rígido.

Joshua a estava olhando.

Bellmaine permanecia imóvel, mas seu rosto traduzia assombro e uma espécie de alívio dolorido. Caroline teve uma surpresa ao ver seus olhos alagados em lágrimas.

— O maior poder reside às vezes em não fazer nada absolutamente – terminou, com voz repentinamente fraca, mas não calou o resto. – É muito fácil utilizar o talento que se possui sem pensar nas consequências. As pessoas se importam, senhorita Antrim. É capaz de agitar nossas emoções e nos levar a reconsiderar nossas crenças. Isso é muito inteligente, mas nem sempre é prudente...

Cecily tomou fôlego para responder, mas olhou Joshua e mudou de opinião. Voltou-se para Caroline com um sorriso radiante.

— Desculpo-me por havê-la considerado tão insignificante – disse. Não cabia dúvida de que falava sério.— Devia tê-la escutado com maior atenção. Prometo que assim o farei no futuro. – voltou-se para os outros.— Bem, pedimos champanha para dar a Orlando? Mereceu todos nossos louvores e todo nosso regozijo. Amanhã todo mundo o felicitará. Sejam os primeiros, nesta mesma noite!

— Quanto antes – acrescentou Bellmaine com ardor. Levantou a mão. – Orlando!

— Orlando, Orlando! – entoaram todos a coro.

Só Orlando estava cabisbaixo. Caroline observou que parecia esgotado. Seu jovem rosto estava pálido, e em seus olhos ainda iluminava a loucura de Hamlet. Não era um papel que se podia encarnar sem pagar um preço por isso.

Teria gostado de lhe consolar, mas não sabia como. Ao fim e ao cabo, era seu mundo, não o dela. Talvez todos os grandes atores se sentissem assim. Era possível compor uma interpretação semelhante só mediante a técnica e o talento, sem entregar-se ao personagem até transmutar-se nele, sequer por um breve lapso?

Olhou Joshua, mas estava falando com um ator, e não quis interrompê-lo.

Um garçom entrou com a champanha e uma bandeja cheia de taças.

Enquanto retornava para casa pelas ruas silenciosas, sentada ao lado de Joshua no cabriolet, Caroline se sentia cansada, mas ao mesmo tempo experimentava uma paz desconhecida há muito tempo. Tomou consciência de quão grande tinha sido esse período. Tinha dedicado muito tempo a olhar-se no espelho e ver o que a desagradava, assustar-se disso e projetar sobre Joshua emoções nascidas desse medo.

Ele tinha suportado com muita paciência seu egocentrismo. Possivelmente não se dera conta? Era uma ideia desagradável. Caroline podia ser tão ofensiva sem que ele notasse?

É claro! Por que não? Ela não tinha pensado em seus sentimentos. Perguntou-lhe em algum momento se era muito duro ser um recém-chegado em sua família, ver suas filhas e netas e saber que nunca poderiam ter descendência própria? Aprenderiam a lhe querer, mas não era o mesmo. Claro que Mariah Ellison tinha baseado uma família, mas tinha vivido toda sua vida adulta encarcerada em um inferno de solidão que Caroline era incapaz de imaginar. Tinha vislumbrado seu horror, mas não suas consequências. O tempo era

uma dimensão impossível de criar na mente. Era mudança, esgotamento, a lenta agonia da esperança.

Compreendia por que a anciã se convertera na pessoa que era, mas por que Edmund Ellison tinha procurado seus prazeres na crueldade? Que demônios tinham invadido sua alma?

Nunca saberia. A resposta estava enterrada com ele, e o melhor era deixar que se perdesse na escuridão do passado, recoberta por uma capa de lembranças.

— Estiveram sensacional, não é verdade? – A voz de Joshua surgiu da escuridão, a seu lado. Notou que seu corpo ficava rígido, apesar do peso de sua capa e a jaqueta de seu marido.

— Oh, sim – admitiu. – Mas me pergunto se isso conseguirá com que se sinta feliz. Joshua aguardou em silêncio.

— O que quer dizer? – perguntou por fim.

Tinha que expressar seu pensamento com as palavras corretas.

— Transmitiram com espantosa realidade a dor de Hamlet – começou. – Orlando se apresentou como se tivesse visto a loucura cara a cara. Não estou certa de que isso possa obter-se só com a imaginação. É possível traduzir um horror na imagem de outro, mas não convocá-lo sem certa experiência, sem ter provado sua realidade. Ainda o acompanhava muito tempo depois de o pano ter caído.

O veículo acelerou na escuridão. De vez em quando se viam as luzes de outras carruagens.

— Acredita nisso?

Sua voz não negava.

Caroline se aproximou mais dele, um movimento tão imperceptível que só ela notou.

— O que minha sogra me disse permitiu que compreendesse muitas coisas. Uma delas é o dano que a crueldade pode infligir, sobre tudo quando a ferida não pode cicatrizar. Ser inteligente é um grande dom, e não existem dúvidas de que o mundo necessita de pessoas inteligentes, mas o que conta é ser bom. Ser inteligente ou dotado fará rir e pensar, e talvez amadurecer em alguns aspectos; mas ser generoso de espírito é o que proporciona felicidade. Não desejaria a nenhum de meus entes queridos que triunfasse como artista se isso significasse um fracasso como ser humano.

Joshua pegou sua mão e apertou.

O cabriolet dobrou em uma esquina.

Joshua se voltou e a beijou nos lábios com ternura. Caroline sentiu seu fôlego na face, e ergueu uma mão enluvada para tocar seu cabelo.

Ele a beijou de novo, e Caroline o abraçou com todas suas forças.

Capítulo 13

Pitt recebeu a carta de Caroline com o endereço do segundo vendedor de fotografias e postais, também no Half Moon Street, e foi em companhia de Tellman ver o homem.

— Não! – protestou o homem, indignado, de pé atrás do balcão e olhando os dois policiais que tinham irrompido em seu negócio e já lhe estavam custando um bom número de clientes. – Não, não vendo fotos indecentes, as minhas se podem mostrar a qualquer dama!

— Não acredito em você – replicou Pitt. – Mas será fácil averiguá-lo. Colocarei em um agente na porta para que examine tudo o que você vende. Se forem tão inocentes como diz, dentro de quatro ou seis semanas saberemos.

O homem entreabriu os olhos.

— E depois lhe pediremos desculpas – acrescentou Pitt.

O homem blasfemou inaudivelmente.

— Bem – disse Pitt –, se der outra olhada a esta foto poderá me dizer quando a adquiriu, quantas cópias vendeu e a quem, senhor...

— Hadfield... E não recordo a quem as vendi! – Sua voz adquiriu um tom indignado.

— Sim, se lembra – insistiu Pitt. – Só vende fotos como esta a pessoas que conhece. Clientes habituais. Claro que se não recordar quem gosta desta classe de coisas, terá que me dar uma lista de todos para que eu vá interrogá-los...

— De acordo! De acordo! – Os olhos de Hadfield lançavam faíscas. – E você um homem malvado, inspetor.

— Superintendente – corrigiu Pitt. – Foi um assassinato malvado. Quero a lista de todos os clientes aficionados a este tipo de fotos. Se deixar um só de fora, imaginarei que deseja protegê-lo, porque sabe que está comprometido. Compreende-me?

— Pois claro que o compreendo! Toma-me por idiota?

— Se tomar por algo, senhor Hadfield, será por cúmplice de assassinato. Enquanto me faz a lista, examinarei o resto de seu estoque, se por acaso encontro algo que possa me dizer quem matou Cathcart e quem conhecia sua existência... e talvez o por quê.

O homem ergueu as mãos, encolerizado.

— Bem, já ouvi! Sabe que não posso impedi-lo. O lar de um inglês já não é uma fortaleza, de modo que podes continuar. O Senhor escolheu a forma mais barata de olhar essas fotos, se quer saber minha opinião.

Pitt começou a examinar as gavetas e prateleiras de fotos, postais e finos volumes de desenhos. Tellman começou pelo outro extremo.

A maioria eram comuns, as detrás que tinha visto uma centena de vezes durante a última semana, garotas bonitas vestidas com uma variedade de roupas favorecedoras.

Olhou Tellman e tomou nota da concentração que refletia seu rosto, e que de vez em quando sorria. Eram o tipo de garotas que podia gostar. Possivelmente era muito tímido para abordá-las, mas as admiraria a distância, e pensaria que eram atraentes e decentes.

Voltou para sua tarefa e abriu uma gaveta que continha livros pequenos. Abriu o primeiro por mera curiosidade. Eram desenhos em branco e preto. Possuíam uma espécie de beleza sensual e imaginativa, e a execução era soberba. Também eram obscenos, figuras de rostos lascivos, com os órgãos sexuais, tanto masculinos como femininos, descobertos.

Fechou-o em seguida. Se tivessem sido desenhados com mais grosseria teriam sido menos efetivos e perturbadores. Tinha ouvido que a natureza podia perverter-se até o ponto de afetar assim às pessoas. Aquilo era um luxurioso comentário artístico sobre os baixos instintos, e se sentiu manchado por ele. Compreendeu por que homens como Marchand lideravam uma cruzada tão acesa contra a pornografia, não só pela ofensa que lhes causava, mas também pela estranha alteração erótica que provocavam, a degradação de todo valor emocional. De algum jeito, despojavam todo mundo de certa dignidade, porque afetavam à humanidade na sua alma.

Não se incomodou em abrir outros livros. Cathcart só se dedicava à fotografia. Passou para a seguinte gaveta de postais.

Tellman grunhiu e fechou uma gaveta com violência.

Pitt viu desagrado no rosto do sargento. Tinha os olhos entreabertos e os lábios apertados, como se sentisse uma dor interna. Apesar de toda sua experiência, estava confuso. Esperava algo mais digno dos artistas. Como muitas pessoas de escassos conhecimentos, admirava a cultura. Achava que erguia os homens sobre sua condição e oferecia uma escapatória da armadilha da ignorância e toda a miséria que a acompanhava. Era uma desilusão que não esperava e nem compreendia.

Pitt não podia dizer nada. Era uma aflição privada. De fato, Tellman o superaria se não soubesse que Pitt percebera esta sua reação.

A seguinte gaveta de fotos era muito parecida com a anterior, agradáveis, algumas ousadas, mas só a arte de jovens empenhados em descobrir até onde eram capazes de chegar na hora de expressar suas fantasias. Algumas eram as típicas placas profissionais retangulares, que exibiam o mesmo uso repetitivo de luzes e sombras, ângulos ou exposições.

Também havia algumas fotos redondas, mais pessoais, embora menos peritas. Eram as típicas coisas dos aficionados, tomadas por entusiastas como os membros do clube de fotógrafos aos quais tinha entrevistado.

Uma ou duas eram boas, embora um pouco afetadas. Reconheceu depois que pareciam tomadas diretamente de um cenário. Havia uma Ofelia, não como a de Cecily Antrim, mas viva e frenética, à beira da loucura. Entretanto, era uma foto fascinante. Aparentava vinte anos no máximo, com cabelo escuro e olhos grandes. Tinha os lábios entreabertos em uma expressão lasciva. Algumas recordaram os pintores pré-rafaelistas, muito românticas. Chamou sua atenção o fundo de uma, mais o uso da luz que um objeto concreto. No centro havia uma jovem ajoelhada. Sobre o altar havia um cálice e uma espada de cavaleiro. Fez-lhe pensar em Joana d'Arc.

Em outra, uma mulher desesperada ficava em pé de um salto, como se fugisse de um espelho, talvez uma alusão à dama de Shalott.

Uma terceira se inspirava no teatro grego clássico, uma jovem a ponto de ser sacrificada. Nas três se utilizava com inteligência a mesma peça de madeira esculpida. Proporcionava-lhes uma rica textura, ao mesmo tempo em que as luzes e sombras acentuavam a pauta repetida.

Pitt já a tinha visto, mas demorou uns segundos para recordar onde. Tinha passado por seu lado quando foi ao camarim de Cecily Antrim até a porta posterior.

— Onde comprou estas fotos? – perguntou.

Hadfield nem sequer levantou a vista da lista que estava escrevendo.

— Que importa? – perguntou. – Com que delito tenta relacionar?

— Onde as conseguiu? – repetiu Pitt. – Quem as trouxe?

Hadfield deixou a pena, derramou tinta sobre a página e xingou. Aproximou-se de Pitt, irritado, e olhou as fotografias.

— Não sei. Algum fotógrafo jovem convencido de que pode ganhar alguns xelins. Por quê? – Sua voz estava cheia de sarcasmo. – Que terrível ofensa para a humanidade e a civilização percebe nelas? Você tem uma mente retorcida. Parecem-me tão inocentes como uma xícara de chá.

— Quem as trouxe? – repetiu Pitt com certa ira, embora em realidade se sentisse aflito. Não queria escutar a resposta que previa.

— Não sei! Acredita que pergunto o nome e o endereço de todos os afeiçoados que vêm aqui com um punhado de fotos? São fotos boas. Não fazem mal a ninguém. Comprei-as e paguei um preço justo. Não tenho nada mais que dizer.

— Descreva-o.

— Descrever? Está louco ou o que? – Estava muito indignado. — Era um jovem aficionado em fotografia, nada mais.

— Alto ou baixo? Moreno ou loiro? Descreva-o!

— Alto! Loiro! Mas não têm nada de mau. Há fotos como estas por toda Londres... por toda a Inglaterra. Que mosca lhe picou?

— Mostrou-lhe outras fotografias, como a de Ofelia acorrentada a um barco?

O homem hesitou. Nesse instante Pitt soube que era Orlando quem tinha levado as fotos, e que tinha visto a fotografia de sua mãe na obra do Cathcart. Até então Pitt tinha se obstinado com a esperança de que tinha sido Bellmaine, ou inclusive, por alguma escura casualidade, Ralph Marchand, em sua cruzada contra a pornografia.

— Sargento Tellman!

Tellman se endireitou e os postais caíram ao chão.

— Sim, senhor?

— Vá em busca do agente mais próximo para deixá-lo de guarda aqui. Devemos continuar esta discussão em Bow Street.

— Muito bem! – gritou Hadfield. – É possível! Não sei!

— Como se chamava?

— Terei que consultar os registros.

— Faça-o!

Hadfield resmungou baixo, voltou para seu escritório e retornou ao cabo de uns minutos, agitando uma folha de papel. Não constava nenhum nome, só uma quantia de dinheiro, uma breve descrição da fotografia e a data: dois dias antes da morte de Cathcart.

— Obrigado – disse Pitt.

Hadfield o fulminou com o olhar.

Pitt lhe estendeu um recibo em troca das fotografias que, tinha certeza, tinha sido feita por Orlando Antrim, e também da fatura de venda com a data.

Lá fora, o ar estava frio.

Tellman lhe dirigiu um olhar inquisitivo.

— Orlando Antrim – respondeu Pitt. – Esteve aqui dois dias antes da morte de Cathcart. Se viu a foto de sua mãe, e talvez algumas mais, o que acredita que sentiu?

O rosto de Tellman transpareceu pesar e um doloroso conflito emocional.

— Não sei – disse, e tropeçou quando desceu da calçada ao meio-fio. – Não sei.

Pitt tentou ficar no lugar de Orlando. Cecily era uma atriz. Sua profissão era despir emoções em público e mexer com todo tipo de paixões. Orlando devia estar acostumado a isso, mas podia aceitar isto?

Pitt via em sua mente a grotesca foto de Ofelia. Era uma mulher presa por correntes, mas que aparentava um paradoxismo de êxtase sexual, como se o cativo a excitasse mais que a liberdade. Insinuava que desejava ser dominada, submetida pela força. A luxúria iluminava seu rosto, estendida no barco, com os joelhos separados, as saias levantadas. Não expressava a menor ternura, nada que pudesse considerar-se amor.

Se Pitt tivesse visto sua mãe assim, pelo motivo que fosse, teria lhe enojado até extremos inconcebíveis. Inclusive agora, enquanto caminhava com passos cada vez mais ligeiros, não podia permitir que sua mente sequer imaginasse isso. Poluía a origem de sua vida. Sua mãe não era esse tipo de mulher. Tinha amado seu pai. Tinha os ouvido eles rirem juntos com frequência, e os tinha visto beijarem-se, fixou-se em sua forma de olharem-se. Conhecia a natureza e os atos do amor.

Mas essa foto não tinha nada que ver com amor, nem com as coisas que homens e mulheres faziam em privado com generosidade, ânsia e intimidade. Era uma brincadeira de tudo isso.

Claro que o mundo estava cheio de pessoas com ideias diferentes, cujos atos teria considerado ofensivos se se tivesse detido para pensar. Mas no seio de sua família era diferente.

Se tivesse visto Charlotte retratada dessa maneira... sentiu que o sangue lhe subia ao rosto, seus músculos se esticaram, os punhos se fecharam. Se algum homem ousasse falar com grosseria com a sua mulher, sentiria o impulso de recorrer à violência. Se alguém a tocasse, Pitt lhe golpearia e pensaria depois nas consequências. E que alguém pensasse em Jemima dessa maneira, e a utilizasse desta maneira, partiria-lhe o coração.

Cecily Antrim possuía uma profunda compreensão de muitos diferentes tipos e condições de pessoas. Como não podia compreender o que sentiria um homem ao ver sua mãe de tal forma? Não imaginava a dor e a confusão que provocaria?

Pensou em Orlando. Se tinha visto a foto, ou qualquer delas, teria saído da loja como um homem cego. Não teria consciência do mundo de calçadas, pedras e céu, fuligem,

ruído de pessoas, aroma de fumaça, bocas-de-lobo e cavalos que o rodeavam. Estaria consumido pela dor, e talvez pelo ódio.

E sobre tudo, faria-se a mesma pergunta de Pitt: por quê? Existia alguma causa pela qual valesse a pena lutar dessa maneira? Pitt podia perguntar, e sentir-se desiludido por uma mulher cujo talento tinha admirado, que o tinha feito pensar, que o tinha emocionado no palco. Como devia sentir-se Orlando?

Pitt estava convencido desde o primeiro momento de que a morte de Cathcart era um crime passional. Mas a forma em que tinham disposto o cadáver de Cathcart, como uma grotesca paródia de Millais ao mesmo tempo, falava de uma ferida impossível de cicatrizar.

— Acredita que sabia quem fez essa foto? – A voz do Tellman, que interrompeu os pensamentos de Pitt, soou rouca e apenas audível.

— Não – respondeu Pitt, enquanto ambos se detinham no meio-fio para deixar passar uma pesada carreta. – Não. Viu dois dias antes da morte de Cathcart. Acredito que demorou esse tempo até localizá-lo.

Cruzou a rua. Nem sequer sabia aonde ia. Nesse momento precisava fazer algum esforço físico, porque não podia suportar ficar quieto.

— Como pôde fazê-lo? – perguntou Tellman, enquanto apertava o passo para não atrasar-se. – Onde começou? Não podia perguntara ela. De fato, se eu estivesse em seu lugar, nem sequer teria conseguido falar com ela.

— É um ator. Suponho que dissimula seus sentimentos melhor do que qualquer de nós. – Caminhou uns metros em silêncio. – Deu-se conta de que era um fotógrafo profissional pelas exposições quadradas. Os profissionais não usam redondas. Só servem para trabalhar com luz de dia. E não as enviaria ao fabricante para que revelasse, como fazem os aficionados.

Tellman grunhiu enojado. Seus sentimentos estavam muito a flor da pele para encontrar palavras. Andava com os ombros tensos e afundados, com o queixo adiantado.

— Teve que investigar que profissional podia ser – continuou Pitt. – Deve tê-lo feito com muita descrição. Já estaria pensando no assassinato... ou ao menos em algum tipo de confrontação. Por onde começaria?

— Se tentava conservá-lo em segredo, não podia perguntar a ninguém. Claro que tampouco podia ir fazendo perguntas sobre fotos como essa.

— Reduziu as possibilidades aos profissionais que utilizam esse tipo de cenografia. – Pitt respondeu a sua própria pergunta. – Estudou-as a partir do estilo. Ele também faz

fotografias. Sabe como colocam as coisas para obter o efeito procurado. É como uma assinatura.

— Como ia estudar o estilo das fotografias de Cathcart? – Tellman se voltou para olhá-lo. – Tem que haver dúzias! Sabia onde investigar?

— Fez isso! – indicou Pitt. – Localizou-o em menos de dois dias, de modo que atuou com eficácia.

— Ou foi um golpe de sorte.

Pitt lhe olhou de esquelha e Tellman deu de ombros.

— Uma exposição – disse de repente Pitt. – Procurou uma exposição de fotografias onde pudesse ver a obra de diferentes artistas.

Tellman acelerou o passo.

— Averiguarei! Conceda-me meia hora.

Quase duas horas depois, Pitt e Tellman se achavam em uma ampla galeria do Kensington, olhando fotografia após fotografia de formosas paisagens, bonitas mulheres, homens vestidos com elegância, animais e crianças de grandes olhos. Algumas fotos eram de uma beleza cativante, um mundo reduzido a tons sépia, momentos de vida capturados para sempre, um gesto, um sorriso. Pitt se deteve em uma. Uns meninos esfarrapados se acocoravam na porta de um beco, as roupas em farrapos, as calças presas com cordas, descalços. Não obstante, suas faces infantis albergavam uma inocência eterna.

Em outras, a luz do sol banhava um campo arado, árvores nuas como filigranas contra o céu. Um bando de pássaros se dispersava no vento, como folhas lançadas ao ar.

Estava procurando um estilo, o uso da água, alguém que visse simbolismo em objetos comuns. Pitt sabia que estava procurando Delbert Cathcart, é claro. Orlando não tinha tido nem ideia de quem estava procurando, ou de por que esse homem tinha utilizado sua mãe. Tinha acreditado que se tratava de uma chantagem? Por força. Qualquer outra coisa teria sido insuportável.

Olhou Tellman, a uns metros de distância, ignorante de que estava dificultando a vista de uma mulher gorda vestida com roupas lavanda e negro, e de sua obediente filha, cuja expressão denotava aborrecimento e o desejo de partir para outro lugar. Tellman estava contemplando a fotografia de uma jovem, uma criada, captada enquanto sacudia um tapete dobrado sobre uma corda de estender em um pátio. Era miúda e ligeira, de rosto risonho. Pitt sabia que recordava Gracie, e lhe surpreendeu que alguém pudesse pensar nela como tema artístico. Mas se orgulhou de que pessoas comuns fossem consideradas importantes para ser imortalizadas, e também lhe confundiu, porque era inesperado e o

fazia sentir-se coibido. Representavam sua própria vida, captada e exposta por sua qualidade de ser única.

Tellman se virou com brutalidade e esteve a ponto de tropeçar com a gorda. Murmurou uma desculpa e se reuniu com Pitt.

— Isto não nos leva a nenhum lugar – disse em voz baixa. – As fotos não me dizem nada.

Pitt se absteve de fazer comentários.

A sala seguinte foi mais útil, e na terceira viram algumas fotos que Pitt reconheceu imediatamente como de Cathcart. A luz e a sombra, a perfeição do enfoque, eram similares às obras que tinha visto na casa de Cathcart e nas de seus clientes. Inclusive havia duas com o rio de fundo.

— Esta é sua – disse Tellman. – Como soube Antrim? Isto não demonstra nada, exceto a obra do Cathcart que se expõe. Era de esperar.

— Temos que demonstrar a relação – disse Pitt. – Antrim descobriu quem era. Deve ter ocorrido assim.

Tellman não disse nada.

Pitt contemplou as demais fotografias, até que achou várias de temática aquática, duas com pequenos barcos, uma com um jardim, meia dúzia que utilizavam flores artificiais, e uma com um vestido de veludo longo.

— Quem fez estas? – perguntou Tellman.

— Segundo o cartão, Geoffrey Lyneham.

— Pergunto-me se Antrim foi vê-lo – refletiu Tellman em voz alta. – Ou se antes foi ver Cathcart. Se o fez, será difícil demonstrá-lo, pois ele não pode nos contar nada e a senhora Geddes não sabe, ou já nos teria dito isso.

— Foi ver primeiro Lyneham – deu por assentado Pitt. – E depois visitou outros lugares. Demorou dois dias para localizar Cathcart. Não acredito que esperasse mais do que o necessário.

— Eu não teria feito! – disse Tellman. – Onde vive esse Lyneham?

Já estava escurecendo, e as luzes iluminavam as ruas, quando subiram a escadaria da casa de Geoffrey Lyneham em Greenwich. Fumaça de lenha se erguia da fogueira de um jardim próximo, e o aroma da terra e das folhas era doce.

Lyneham era um homem baixo de rosto inteligente. Devia ter cinqüenta anos, talvez mais, com as têmporas nevadas. Surpreendeu-se quando Pitt lhe disse quem eram.

— A polícia? Por quê? Não infringi nenhuma lei.

Pitt se obrigou a sorrir. Os horrores ocorridos não eram culpa de Lyneham, e preferia falar do assunto na sala de estar do fotógrafo, junto a um bom fogo.

— É um assunto importante, senhor – respondeu. – Sobre fotografia.

— Ah. – O rosto de Lyneham se iluminou de entusiasmo. Abriu a porta e os deixou entrar. – Entrem, cavalheiros, entrem! Ajudarei-os no que possa. O que desejam saber?

Conduziu-os até a sala de estar, sem deixar de agitar as mãos com vivacidade. Tellman fechou a porta e seguiu-os.

— Vi várias fotografias suas na exposição do Kensington – começou Pitt.

— Ah, sim... sim? – Lyneham esperava os inevitáveis comentários.

— Excelente uso da luz sobre a água – disse Pitt.

Lyneham pareceu surpreender-se.

— Gosta? Considero muito interessante a técnica. Proporciona à obra uma nova dimensão, não acha?

— Sim, claro.

— É curioso que haja dito isso – prosseguiu Lyneham, de costas à lareira. – Um jovem veio ver-me faz um par de semanas e disse quase exatamente o mesmo.

Pitt sentiu um nó no estômago. Tentou manter o rosto imperturbável.

— Seriamente? Quem era? Talvez o conheça.

— Disse chamar-se Harris.

— Alto, loiro, de uns vinte e cinco anos? – perguntou Pitt. – Olhos azuis muito escuros?

— Exato! Conhece-o – disse Lyneham. – Mostrou-se muito interessado. Também era fotógrafo. Muito bom olho, a julgar por seus comentários. Aficionado, é claro. – Moveu a mão com desdém. – Mas muito perspicaz. Desejava saber os lugares que me parecem mais adequados, essas coisas. Perguntou sobre o uso de barcos. Um ponto delicado, de fato. Tendem a mover-se. Um pouco de vento e está tudo afundado, por assim dizê-lo. A luz, o foco e a posição constituem a essência da boa fotografia.

— Sim, entendo. Que lugares lhe recomendou? Ou é um segredo profissional?

— Oh, não, absolutamente. Eu me inclino pelo Norfolk Broads. Há uma luz deliciosa no East Anglia. Não é em vão que tem tantos pintores por lá.

— Sempre os Broads? – perguntou Pitt, seguro da resposta.

— Para mim sim. Tenho uma casa ali. Vale a pena para aproveitar o clima. Chega-se em um piscar de olhos. É um problema se afastar de casa e confiar na sorte. Pode chover no mesmo momento em que chegar. Carregar os tripés e a equipe é muito pesada. Melhor é ter tudo ao alcance da mão. Tenho umas fotos instantâneas muito bonitas de cisnes, uns animais muito formosos. A luz sobre as asas brancas...

— Imagino – disse Pitt. – Alguma vez no Tâmis?

Lyneham adiantou o lábio inferior e meneou a cabeça.

— Não, eu não gosto. Alguns profissionais sim que trabalham no rio. Um tal John Lawless consegue resultados excelentes. Especializa-se em fotos de crianças e pobres. Gente lavando, pessoas jogando, embarcações de recreio e tudo isso. – Sua expressão se nublou. – E o pobre Cathcart, é claro. Tinha uma casa junto ao rio. A oportunidade estava sempre presente. – Franziu o cenho. – Por que quer saber, senhor? Sua visita está relacionada com a morte de Cathcart?

— Temo que sim – reconheceu Pitt. Extraiu um programa de teatro com a foto de Orlando e o mostrou.

Lyneham a olhou só um instante.

— Sim – disse em voz baixa. – É ele. Espero que não esteja comprometido. Parecia um jovem muito decente.

— Qual era seu humor? Pense com atenção.

— Aborrecido. Muito aborrecido – disse Lyneham sem vacilar. – Ele dissimulava bem, mas era evidente que algo o preocupava muito. Não disse o que, é claro. Mas não imagino a um homem matando outro pela fotografia, por mais apaixonados que sejamos alguns. Queria fazer perguntas sobre estilos, essa espécie de coisas... não mencionou Cathcart em nenhum momento.

— Acredito que nesse momento ainda desconhecia seu nome. Para onde o dirigiu, senhor Lyneham?

Lyneham lhe olhou fixamente.

— À exposição do Warwick Square – respondeu. – Cópias, mas muito boas. Pensei que ali poderia ver a melhor utilização da água, a luz e tal. Ajudou... no crime, senhor? Lamento profundamente.

— Não – tranquilizou-o Pitt. – Se não tivesse averiguado por você, outro o haveria dito. Não se atormente por ter sido amável e educado.

— Oh, Deus. – Lyneham sacudiu a cabeça. – Parecia um jovem muito agradável. Sinto muitíssimo!

Pitt e Tellman chegaram à exposição de Warwick Square pouco antes que fechasse. Demoraram só vinte minutos para percorrer a meia dúzia de salas e ver a demonstração de fotografias. As que interessavam eram as fotos de mulheres, extensões de água e o uso de simbolismos e elementos românticos.

— Esse é parecido com os quadros desse pintor que você mencionou em alguma ocasião, não é verdade? – disse Tellman ante a fotografia de uma moça sentada em um barco de remo, com o cabelo solto sobre os ombros e flores flutuando na água.

— Millais – precisou Pitt. – Sim, é.

— Só que está viva, e sentada – acrescentou Tellman.

— O mesmo estilo.

Pitt se afastou. A Orlando Antrim não teria sido difícil achar o nome de Cathcart. Estava escrito em uma polida placa sob meia dúzia de fotografias, com o endereço debaixo, se por acaso alguém desejasse contratar seus serviços. Todas as fotos eram impactantes e muito pessoais, e uma delas utilizava inclusive o mesmo vestido de veludo com seu recamado peculiar, mas intacto, em uma garota esbelta de cabelo longo e escuro.

Pitt tentou imaginar como teria se sentido Orlando, quando soube, por fim, não só quem tinha feito a fotografia, mas onde vivia. Ao ver o mesmo vestido, suas últimas dúvidas se dissiparam. O que fez a seguir?

— É esse, verdade? – Não era uma pergunta, a não ser uma afirmação. – Pobre diabo. – A voz de Tellman estava cheia de compaixão.

— Sim – admitiu Pitt em voz baixa.

— Temos que perguntar se alguém o viu?

Pitt afundou as mãos nos bolsos.

— Sim.

Havia um guarda para impedir manipulações indevidas das fotos, e talvez roubos. Recordava de Orlando Antrim, embora não sabia seu nome. Foi suficiente.

Enquanto procurava um cabriolet para voltar para casa, Pitt tentou ficar no lugar de Orlando. O que faria? Sua mente não descansaria. A dor da ferida seria insuportável, como também a sensação de ter sido traído. Não deve ter culpado Cecily. Tentaria desculpá-la. Para fazer algo semelhante teriam que tê-la aterrorizado ou obrigado. O culpado tinha que ser Cathcart.

Sabia onde achá-lo. Devia decidir o que fazer a respeito. Sua intenção era lhe fazer dano, talvez matá-lo. Devia ser cauteloso.

Averiguaria tudo que pudesse sobre Cathcart, mas com discrição. Possivelmente tinha investigado em jornais ou anúncios o que era mais ou menos de domínio público. Talvez, inclusive, tivesse acertado uma entrevista, para assegurar-se de que Cathcart estivesse em casa.

— Amanhã teremos que averiguar se perguntou a alguém do bairro sobre Cathcart e seus costumes – disse Pitt.

— E onde conseguiu a arma – acrescentou Tellman. – Pode ser que alguém o viu. Suponho que é questão de ser meticoloso.

— Sim, suponho que sim. – Não havia prazer nem satisfação na solução, só uma sensação de tragédia.

Tellman não se incomodou em responder.

Pitt passou uma noite insone e desventurada. A casa parecia fria sem Charlotte e as crianças, embora tivesse conservado acesa a lareira. Era como se estivesse às escuras, e não esperava mais cartas dela porque dentro de um par de dias retornaria, se o permitia o tempo no Canal. Não o tinha traduzido em palavras até então, mas respiraria melhor quando estivesse sã e salva na Inglaterra. E Gracie voltaria com as crianças dois dias depois. A casa voltaria a ser alegre e cálida, sulcada pelo som de vozes e passos, risadas, bate-papos, os aromas de cera de polir, pratos feitos ao forno, roupa limpa.

No momento, deveria seguir os passos de Orlando Antrim e achar a prova de que tinha assassinado Cathcart, e depois, quando tivesse conseguido, ir detê-lo. Sentia por Cecily Antrim uma ira dura e pesada como uma pedra. Sua arrogante certeza de que conhecia a melhor forma de defender sua causa, sem pensar nas consequências, tinha destruído seu filho. Estava furioso com ela pelo que tinha feito, e porque também lhe inspirava uma tremenda compaixão. Havia a possibilidade de que Pitt, sem pensar, na defesa do que considerava a justiça e a verdade, fizesse o mesmo a seus filhos? Seus sentimentos eram igualmente intensos, e talvez as consequências fossem igualmente profundas.

Encontrou-se com Tellman em Battersea, no outro extremo da ponte, depois das nove. Tellman tinha chegado antes que ele, uma figura intratável erguida na madrugada

bruma do rio, com a gola da jaqueta erguida, o chapéu enfiado até os olhos. Pitt se perguntou se teria tomado o café da manhã.

— Estive pensando – disse Tellman quando ouviu os passos de Pitt e levantou os olhos.– Não era preciso perguntar onde vivia. Já sabia. Tampouco queria fazer-se notar muito se tentasse averiguar mais detalhes sobre a casa.

— A casa? – perguntou Pitt.

— Sim. – Tellman estava impaciente e tremia um pouco. – Não vai atacar alguém se souber que um criado vive em sua casa e irá ao resgate, ou suspeita que uma criada se lembre de você e armará um escândalo. Em primeiro lugar, deve ter ido comprovar se havia vizinhos perto, e a melhor forma de entrar e sair.

— Tem razão – admitiu Pitt, ao mesmo tempo em que acelerava o passo. Estava se perguntando se Orlando tinha pensado em utilizar as correntes e o vestido no primeiro momento, ou foi o resultado de uma inspiração quando comprovou que continuavam na casa.

— Que arma pretendia utilizar? – prosseguiu Tellman com semblante sombrio, enquanto caminhavam para o rio e a casa do Cathcart.– Ou foi sem arma e acabou em assassinato?

Pitt não queria confrontar a pergunta, mas era inevitável.

— O momento em que escolheu a arma teremos a resposta.

— Não sabemos o que era – recordou Tellman.– De qualquer modo, a esta altura estará no fundo do rio. Ao menos, é o que eu teria feito.

— É possível que a deixasse cair sem querer na escuridão – respondeu Pitt. – Teria que ter perguntado à senhora Geddes se faltava algo.

Era um detalhe que tinha passado por cima.

— Ainda podemos fazê-lo. Sabemos onde vive essa mulher.

Deviam fazê-lo. Pitt aceitou a sugestão de Tellman.

— Bem! – Tellman endireitou os ombros. – Encontraremos-nos a uma em La Coroa e a Âncora.

Afastou-se a bom passo, enquanto Pitt ia averiguar se Orlando Antrim tinha investigado a vida cotidiana e a administração doméstica de Cathcart.

Voltou para a Battersea Bridge Road, longe do rio e a névoa que se erguia da água com o aroma da iminente maré. O outono impregnava o ar, assim como os aromas de terra removida, fumaça de lenha, crisântemos, a última erva cortada. Quando Orlando tinha tomado aquele mesmo caminho, pensava só em brigar com Cathcart e partir a seguir? Por

quê? Não podia ameaçá-lo com nada, não podia impedir que fizesse algo semelhante tão frequentemente como gostasse, até que Cecily tivesse perdido sua fotogenia, se é que esse momento chegaria alguma vez.

Não teria confiado em achar uma arma na casa, mas a teria procurado antes. Pitt chegou ao centro do vilarejo, as lojas e hospedarias, lugares onde Orlando possivelmente teria iniciado suas pesquisas ou comprado algo que pudesse utilizar como arma.

Devia ser algo de considerável peso para ser um golpe capaz de matar a um homem. Um pedaço de cano serviria, ou possivelmente o cabo de uma ferramenta de jardinagem.

Passou na frente de uma farmácia com frascos de vidro azul na cristaleira, e uma adega. Cruzou a rua. Havia uma pequena fileira de casas frente a uma chapelaria e um fabricante de luvas. Do lado havia um comerciante de vinhos. Orlando teria perguntado ali? Uma garrafa era uma arma excelente.

Tudo que Orlando precisava saber era se Cathcart tinha criados que viviam na casa. Da lavagem de roupa podia encarregar uma mulher que fosse todo dia. Cozinhar era outra questão.

Pitt contava com uma vantagem. Já sabia as respostas. Só havia a senhora Geddes. Talvez Orlando tivesse perdido muito tempo em averiguá-lo. Além disso, Pitt não precisava ser discreto.

Experimentou na lavanderia, na leiteria, na quitanda e no açougue. Ninguém recordava uma pessoa que encaixasse com a descrição de Orlando. Talvez tivesse ali, talvez não. Não sabiam.

Chegou à Coroa e a Âncora antes da uma e pediu um copo de cidra para Tellman enquanto esperava que aparecesse.

— Não era preciso – disse Tellman, enquanto cabeceava em sinal de agradecimento. Bebeu com avidez, com a vista cravada na porta aberta da cozinha, da qual surgia o aroma de filete e bolo de rins. Era muito aficionado aos pratos cozinhados com gordura, igual a Pitt. – Vamos tomar algo?

Não havia necessidade de especificar a que se referia. A primeira hora da tarde começaram a pensar onde Orlando tinha podido achar ou adquirir uma arma conveniente.

— Bem, não será um pouco adequado para fazer mal – disse Tellman, e meneou a cabeça. Parecia abatido, apesar da excelente comida. – Quem teria pensado que pessoas tão inteligentes acabariam matando alguém? Possuem uma espécie de... magia em suas mentes. A verdade é que me impressionou. Procuro as palavras adequadas para expressar o assombro experimentado, o entusiasmo e admiração pelo mundo que lhe tinha

permitido vislumbrar e convidado a entrar. Tinha ido com muito gosto. Não o admitiria ante ninguém da delegacia de polícia de Bow Street, mas talvez um dia fosse ver uma obra de Shakespeare inteira, do princípio ao fim. Apesar do fato de que seus personagens fossem reis, rainhas e príncipes, seus sentimentos eram tão reais como os da pessoa normal e comum, mas eles sabiam traduzi-los em maravilhosas palavras.

Pitt sabia que não era necessária nenhuma resposta. Compreendia os sentimentos de Tellman, e os compartilhava.

Foram primeiro ao ferreiro. Parecia o lugar evidente por onde começar. A loja estava abarrotada de todos os artigos domésticos concebíveis, desde regadores até moldes de geléia, desde aquecedores de pés para carruagens até tampas para frigideiras. Havia lanternas de gás, saca-rolha e gongos de mesa, portas, cestas de bolos, latas para sardinhas, conservadores de manteiga. Também havia pás, enxadas, foices, carrinhos de menino e uma máquina de lavar roupa recém inventada, da qual se afirmava que deixava a roupa branca impecável. Havia banheiras, ferramentas de carpinteiro e uma variedade de facas para todos os propósitos imagináveis. Viu paus de macarrão de amassar, batedores de ovos, facas de açougueiro e um pesado pau de macarrão de amassar de cerâmica.

Falou antes de pensar.

— Uma peça estupenda. Vendeu alguma recentemente?

Agarrou-a e a pesou. Era uma arma perfeita, redonda, dura, pesada, e de fácil manejo.

— É o último que resta, até que cheguem mais – respondeu o ferreiro. – Tem razão, senhor, é um bom instrumento. O deixarei por nove pennies.

Pitt estava certo de que eram nove pennies para todo mundo, mas não disse. Talvez tivesse comprado um novo pau de macarrão para Charlotte, mas esse não.

— Vendeu um faz umas duas semanas?

— É provável. Vendem-se muito. São de muito boa qualidade. – O homem estava decidido a lhe vender algo.

— Não duvido – replicou Pitt com uma súbita onda de ira e aflição. – Mas sou um oficial de polícia que está investigando um assassinato, ocorrido a um quilômetro e meio daqui, e necessito de uma resposta para a minha pergunta. Vendeu um faz duas semanas a um homem alto, jovem e de cabelo loiro?

O ferreiro empalideceu.

— Eu... ignorava que fosse para algo ruim. Parecia muito sereno, falava muito bem. Mas não, não era loiro, mas bem...

— Seu cabelo não importa – disse Pitt, impaciente.— Era alto, magro, jovem, de uns vinte e cinco anos? – Embora Orlando também tivesse podido disfarçar-se, se tivesse pensado.

— Não... não me lembro. De qualquer modo, vendi um nesse dia. Sei por que controlo meus estoques. Nunca fico sem artigos para o lar se posso evitá-lo. Pode-se comprar, compra aqui, no Foster e Filhos.

— Obrigado. Talvez necessite que preste declaração, de modo que não extravie seus livros de contas.

— Não o farei! Fique tranquilo.

Já fora, Tellman olhou Pitt com o rosto sombrio.

— Aqui já não podemos fazer grande coisa. – Era quase uma rendição. – Pode ter esperado que anoitecesse em qualquer destes pubs. Se quiser, irei perguntar em todos, mas eu diria que é desnecessário, agora que encontramos o pau de macarrão.

— Na realidade não – respondeu Pitt. Sorriu e endireitou um pouco os ombros. – Será melhor que tentemos encontrá-lo, embora o mais provável é que esteja no rio. Seria nossa prova. Reproduziremos o crime, para ver como aconteceu.

Tellman subiu a gola e voltaram para a casa do rio, caminhando em silêncio. Deviam fazê-lo antes que escurecesse, e só restavam um par de horas.

Tinham enviado alguém para achar a senhora Geddes, que os esperava na casa e olhou-os com receio quando os viu iniciar no vestíbulo a representação do assassinato. Pitt se fazia de Orlando e Tellman de Cathcart.

Não tinham nem ideia da conversa entre os dois homens, ou da desculpa que Orlando tinha dado para sua visita. Começaram de um ponto que era indiscutível.

— Deve ter parado aqui – disse Tellman, perto do pedestal onde descansava o vaso quebrado, que logo tinham trocado por outro.

— Pergunto-me por que – disse Pitt. – Dava as costas a Orlando quando foi golpeado, o que me leva a perguntar como Orlando ocultou o pau de macarrão. Ninguém vai visitar uma casa com um pau de macarrão de amassar, nem sequer envolvido em papel.

— Disse que acabava de comprá-lo... no caminho? – sugeriu Tellman, e imediatamente rechaçou a ideia com um erguer de cenho.

— Um ator jovem? – Pitt arqueou as sobrancelhas. – Eu não o vejo como pasteleiro, não é?

— Um presente?

— Para quem? Uma jovem? Sua mãe? Imagina Cecily Antrim amassando bolos?

Tellman lhe lançou um olhar avinagrado.

— Deve tê-lo ocultado ou camuflado de algum jeito. Talvez envolvido em jornais, como um maço de fotos ou algo pelo estilo.

— Isso parece mais provável. Se Cathcart se achava onde está você, e Orlando aqui – Pitt fez um gesto –, Cathcart tinha desviado sua atenção para outra coisa, do contrário teria se dado conta de que Orlando desembulhava um pau de macarrão, e haveria se sentido alarmado... É um ato que carece de explicação razoável.

— Pois não o viu. Ia a algum lugar, antes de Orlando. Golpeou Cathcart por trás... isso já sabemos.

Pitt levantou o braço para golpear Tellman. Este caiu de joelhos, com cuidado de não golpear-se com o chão de madeira. Tombou, mais ou menos como Cathcart devia ter caído.

— Agora o que? – perguntou.

Pitt estava pensando nisso. Ignoravam quanto tempo tinha passado Orlando na casa, mas sabendo o que tinha feito, não teve mais tempo para vacilar que uns minutos.

— Se acreditar que vai pôr-me algum vestido... – começou Tellman.

— Silêncio! – replicou Pitt.

— Eu...

Tellman começou a levantar-se.

— Estenda-se! – ordenou Pitt. – Um privilégio do status – acrescentou com ironia. – Prefere trocar-se comigo?

Tellman se estendeu de novo.

— Onde estavam guardados o vestido verde e as correntes? – perguntou-se Pitt. – Aqui embaixo não, certamente.

— No estúdio, o mais provável – respondeu Tellman, com o rosto junto ao chão. – Como as demais coisas que utilizava em suas fotos. O que quero saber é como Orlando descobriu que o barco estava aqui e não em outro lugar. Poderia estar em qualquer lago ou rio. A quilômetros de distância, inclusive em outro condado.

Pitt não respondeu. Sua mente estava começando a gerar uma nova e extraordinária ideia.

— Supõe que subiu antes ao estúdio? – prosseguiu Tellman. – Possivelmente viu ali as correntes e o vestido. – Não esclareceu se ele acreditava.

— E depois desceu, com Cathcart a frente, e Orlando o matou? – disse Pitt, quase como ausente.

Tellman se sentou, carrancudo.

— O que você acha?

— Acho que não foi ao jardim às escuras para ver se o barco estava amarrado à margem – respondeu Pitt. – Opino que tinha estado aqui antes, com suficiente frequência para saber que estas coisas existiam, e onde as achar...

— Mas não é assim – objetou Tellman. – Teve que perguntar onde estava para o dono do pub. Sabemos.

— Ou havia outra pessoa na casa – observou Pitt. – Alguém que sabia... alguém que terminou o trabalho que Orlando tinha começado.

— Mas veio só! – Tellman ficou em pé. – Acredita que havia alguém mais na casa naquela noite, também disposto a assassinar Cathcart? – Seu tom comunicava o que pensava de tal possibilidade.

— Não sei o que pensar – reconheceu Pitt. – Mas não acredito que Orlando Antrim assassinasse Cathcart em um arrebatamento de fúria pela forma que tinha utilizado Cecily, depois ficasse revistando a casa para ver se achava o vestido e as correntes, e o barco, com o fim de realizar uma paródia da fotografia. Para começar, não havia sinais de luta quando a senhora Geddes chegou pela manhã, o que significa que se a revistou, deixou tudo em seu lugar ao acabar. Parece-lhe próprio de um homem preso em um arrebatamento de fúria?

— Não. Mas Cathcart está morto – disse Tellman. – E alguém lhe pôs esse vestido e o acorrentou ao barco, e depois esparramou as flores... e juraria que foi alguém que o odiava, e o odiava por causa de Cecily Antrim.

Pitt não disse nada. Carecia de argumentos.

— Sabemos que Orlando esteve aqui, e que comprou o pau de macarrão – continuou Tellman.

— Será melhor irmos buscá-lo – disse Pitt. – Antes que escureça. Só resta uma hora.

Desceram pelo atalho para o rio, observados da porta lateral pela senhora Geddes.

Estavam empapados por causa da umidade, sujos de barro, e já começava a anoitecer, quando Tellman escorregou na bordado rio, e ali estava a ferramenta, juntou, tirou-a, lavou-a na água do rio e a ergueu em sinal de triunfo.

— Assim não o puxou, ao fim e ao cabo – disse. – Possivelmente o tentou e falhou.

Tiveram que interromper o jantar do ferreiro para que o identificasse. Saiu à porta com o guardanapo encaixado no bordo do colete e uma considerável reticência. Lançou uma olhada ao pau de macarrão de amassar com repugnância.

— Sim, é dos meus. Ponho-lhes minha marca, em azul. Vêem-na? – Assinalou um diminuto desenho azul no extremo do pau de macarrão, perto do cabo. – É o que...? – Não terminou a frase.

— Sim. Vendeu-o a um jovem alto na mesma tarde da morte de Cathcart?

— Sim.

— Tem certeza?

— É claro. Não o diria se não tivesse. Meus livros o demonstrarão.

— Obrigado. Sinto ter interrompido seu jantar.

— Agora o que? – perguntou Tellman quando saíram à escuridão de novo. – É suficiente para detê-lo? – Parecia cansado e vacilante.

Pitt também vacilava. Não tinha dúvida de que Orlando Antrim tinha visto a fotografia de sua mãe e reagido com desagrado. Tinha procurado as fotografias, ido à casa e encontrado Cathcart. Tinha comprado o pau de macarrão de amassar. Mas vestir o cadáver com o traje de veludo verde e o acorrentar ao barco com flores espalhadas não encaixava com tanta facilidade.

Era possível que houvesse outra pessoa? E em tal caso, quem? Sabia que as coincidências existiam, mas não gostava. Quase tudo tinha uma causa, uma cadeia de circunstâncias relacionadas entre si de uma forma compreensível, se conhecia todas, refletiria sobre o assunto longamente.

— Podemos detê-lo? – insistiu Tellman.

— Não sei.

Pitt estremeceu.

— Bem, deve ser ele – disse Tellman. – Esteve aqui, sabemos. Tinha muitos motivos para matar Cathcart. Comprou a arma e a recuperamos. Que mais fica, além de averiguar como soube onde achar o vestido e as correntes?

— E o barco – acrescentou Pitt.

— Bem, alguém o fez. – Tellman estava exasperado. – É indiscutível! Se não foi ele, quem? E por quê? Por que outra pessoa utilizou o barco e as flores? Não desejariam largá-lo o mais rapidamente possível? Deixá-lo onde estava. Por que vestir a um homem morto (que outra pessoa matou) e correr o risco de ser surpreendido?

— Nem tanto risco – disse Pitt. – Ao fundo do jardim, junto ao rio e em plena noite de névoa. Para ter tanto trabalho, devia ter poderosas razões.

— Possivelmente estava chantageando-o? Ou possivelmente foi alguém que odeia essa classe de fotos e o que sugere às pessoas. – Pitt pensou em Ralph Marchand. Era plausível, mas outra ideia estava se formando em sua mente, incerta talvez maluca, mas cada vez mais clara.

Deteve o primeiro cabriolet que passou e para assombro de Tellman não deu o endereço do teatro, mas do médico legista.

— O que quer dele? – perguntou Tellman com incredulidade. – Sabemos como morreu!

Pitt não respondeu.

Quando chegaram, disse ao cocheiro que esperasse, subiu correndo os degraus do edifício e cruzou a porta. Experimentou alívio quando comprovou que o médico continuava em seu posto. Sabia qual era a única pergunta que queria lhe formular.

— Encontrou água nos pulmões de Cathcart?

O médico se surpreendeu.

— Sim, um pouco. Ia dizê-lo na próxima vez que passasse por aqui. – Seus olhos se entreabriram. – Parece de importância para o caso.

— Morreu com golpe na cabeça ou afogado? – insistiu Pitt.

Tellman observava o diálogo como se começasse a compreender. Tinha os olhos cravados em Pitt, e se mantinha imóvel na fria sala, com as aletas nasais um pouco distendidas por causa do desagrado que lhe provocava o persistente aroma, real ou imaginário.

O médico olhou Pitt e mudou o peso de um pé ao outro.

— De um ponto de vista clínico, suponho que a asfixia acabou com ele antes que a ferida. De todos os modos, teria morrido do golpe, ou da exposição aos elementos, ferido, empapado e abandonado no rio. Seria assassinato de todos os modos. O que busca?

— Não estou certo – disse Pitt. – Obrigado. Vamos, Tellman.

Girou sobre os calcanhares.

— Vamos ao teatro? – perguntou Tellman, enquanto se esforçava por não atrasar-se. Pitt já havia voltado a subir no cabriolet.

Percorreram as ruas mal iluminadas sem falar, Pitt inclinado para frente, como se assim pudesse conseguir que o cavalo corresse mais.

Saltou para o chão quase antes que o veículo se detivesse, enquanto Tellman pagava e o seguia. Subiu a toda pressa a escada e entrou no vestíbulo, exibindo seu cartão e anunciando aos gritos quem era, e entrou pela porta giratória na parte posterior da platéia.

Viu com alívio que o cenário ainda estava iluminado, embora fosse o final do último ato. Gertrudis e o rei já tinham morrido, igual a Laertes. Polonio e Ofelia tinham perecido muito antes, ele de forma accidental e ela afogada por vontade própria. Ficavam Hamlet, Fortinbrás, Horacio e Osric entre muitos corpos.

Ouviu-se um disparo.

— Que bélico ruído é esse? – perguntou Hamlet, voltando-se para ele. Parecia tenso como um arame, com os nervos a ponto de romper-se.

Osric lhe respondeu.

Hamlet se voltou para o público, os olhos totalmente abertos em sua agonia, e olhou sem pestanejar para o ponto onde se achava Pitt, no meio do corredor.

— Oh! Morro, Horacio. O ativo veneno subjuga por completo meu espírito. Não posso viver o bastante para saber novidades da Inglaterra, mas auguro que a escolha recairá no Fortinbrás; tem a seu favor minha voz moribunda. Diga-lhe assim com todos os incidentes, grandes e pequenos, que me impulsionaram...

Sua voz rouca chegava ao fundo da alma.

— O resto é silêncio.

Caiu para frente.

Fez-se um silêncio tão absoluto como se o público não existisse, salvo pela tensão que se apalpava no ar.

— Agora explode um nobre coração! – disse Horacio entre lágrimas. – Feliz noite eterna, amado príncipe, e coros de anjos arrulhem seu sono!

Fortinbrás e os embaixadores ingleses entraram e foram pronunciadas as últimas palavras da tragédia. Por fim, os soldados levaram os cadáveres aos lúgubres sons da marcha fúnebre. O pano de fundo desceu.

Um silêncio de morte reinava no teatro, transido de emoção, e depois os aplausos estalaram como ondas. Como impelido por uma única força, todo o público ficou em pé. Sobre a salva de aplausos se ouviram vozes que gritavam "Bravo!" uma e outra vez.

O pano de fundo se ergueu e apareceu toda a companhia alinhada, Orlando no centro, Cecily radiante a seu lado, e Bellmaine com rosto cinzento, como se Polonio houvesse tornado da tumba para agradecer o aplauso dos espectadores.

Pitt desceu pelo corredor, passou por uma porta lateral e se dirigiu às decorações. Tellman se reuniu com ele, mas ainda tiveram que esperar. Os aplausos prosseguiram e abafaram qualquer outro som. Foi impossível falar durante quase um quarto de hora.

Ao fim, o pano de fundo caiu pela última vez e os atores se dispuseram a partir.

Pitt saiu para o palco. Já não podia esperar mais. Tellman o seguiu.

Orlando se voltou para ele. Parecia abatido e esgotado. Avançou um passo, tremendo.

— Veio por mim. — Sua voz era clara e suave. — Obrigado por me deixar terminar.

— Sou um policial, não um bárbaro — replicou Pitt.

Orlando caminhou para ele, com as mãos estendidas à espera de ser algemado. Não olhou para sua mãe.

— O que está acontecendo? — perguntou Cecily enquanto passeava a vista entre ambos. — Superintendente, porque veio? Não é o momento mais apropriado. Orlando acaba de interpretar o melhor Hamlet de todos os tempos. Se acreditar que ainda deve nos perguntar algo, venha amanhã... isso ao meio-dia.

— Não entende, mãe — disse o jovem sem voltar-se. — Nunca entendeu.

Ela começou a dizer algo, mas Orlando a interrompeu.

— O senhor Pitt veio me deter pelo assassinato de Cathcart. Embora eu não o tenha colocado no rio. Juro que não sei como aconteceu.

— Não seja ridículo! — Cecily se dirigiu a Pitt. — Está esgotado. Não sei por que disse isso. É absurdo. Por que ia matar Cathcart? Nem sequer o conhecia!

Orlando se voltou para ela. Tinha o rosto cansado, com escuras olheiras, como se tivesse chegado ao final de uma terrível viagem.

— Matei-o porque o odiava pelo que a obrigou fazer. É minha mãe! E se a degrada também me degrada ...

— Não sei do que está falando! — protestou Cecily. A julgar pelo olhar de seus grandes olhos, Pitt acreditou que ainda não tinha tomado consciência do que tinha feito.

Foi Bellmaine quem disse. Passou junto a Orlando, perto de Pitt, mas se voltou para ela.

— Levou a cabo sua cruzada sem pensar nas consequências para os que lhe queriam, Cecily — disse com voz baixa e contrita. — Fez fotos destinadas a escandalizar às pessoas para fazê-las pensar. Despertou novas e poderosas emoções e as manipulou a seu desejo, porque achava que era bom para as pessoas. Não se deteve para pensar que ao fazê-lo estava destruindo coisas muito queridas para perdê-las sem ficar destroçada. —

Havia lágrimas em seus olhos e uma terrível dor. – Destroçou o seu filho, Cecily. Seu intelecto talvez lhe diga que a pornografia é positiva se acabar com antigos preconceitos, mas o coração não pode aceitá-lo. – Sua voz se quebrou. – O coração só diz: "Essa é minha mãe! O ser que me deu a vida!".

Por fim, Cecily vislumbrou o horror que encerravam aquelas palavras. Uma dor insuportável a embargou e se voltou para Orlando.

Seu filho não respondeu. Seu rosto era a eloquência personificada: toda a ira, o desamparo e a dor estavam desenhados em suas feições gastas. Deu meia volta e estendeu os pulsos para Pitt.

— Não. – Bellmaine lhe tocou com infinita ternura. – Você o golpeou, mas não o matou. Eu o fiz.

— Você? – perguntou Cecily. – Por quê? – Mas já estava começando a compreender a terrível implicação.

— Porque o odiava por chantagear-me – disse Bellmaine com voz cansada – com uma fotografia que fiz faz anos... quando necessitava de dinheiro. Se se fizesse pública agora, arruinar-me-ia. Um ator depende de sua imagem. Mas sobre tudo para proteger meu filho...

— Seu filho... – começou Pitt, mas olhou Cecily, Bellmaine e Orlando e o viu em seus rostos. Orlando tinha o cabelo e os olhos de sua mãe, mas também se parecia com o Bellmaine. E o silêncio de Cecily o confirmava.

Orlando o ignorava. Isso também estava claro.

— Como soube que Orlando tinha ido ali? – perguntou Pitt.

Bellmaine deu de ombros.

— Que importa agora? Sabia que estava muito aborrecido na noite anterior. Não sabia por que. No dia de sua morte, Cathcart me enviou uma mensagem para me avisar que não fosse a sua casa para lhe entregar a quantidade mensal, porque ia receber um novo cliente, alguém que lhe tinha pedido uma entrevista para aquele dia. Um jovem chamado Richard Larch.

— Quem é Richard Larch? – perguntou Cecily, já sem ira, quase sem vida. Seu fogo interior se extinguiu.

— O primeiro papel que Orlando interpretou – respondeu Bellmaine. – Já não se lembra? Então soube. Ao menos, temi-o. Eu também vi a foto da Ofelia. Por isso o vesti... – Engoliu a saliva e cambaleou um pouco. Recuperou o equilíbrio com dificuldade. – Por isso o vesti dessa maneira e o pus no barco. Ainda estava vivo, mas sabia que o frio e a

água acabariam com ele... havia... – ofegou – uma espécie de simetria. Eu também fui um bom Hamlet faz muitos anos. Não tão bom como Orlando. Então Cecily era minha Ofelia.

Pitt viu que sua testa se enchia de suor, e compreendeu. Alegrou-se de não ter tido tempo para impedi-lo.

Bellmaine caiu de joelhos.

— Oh! Morro, Horacio – disse com voz rouca. – O ativo veneno subjuga por completo meu espírito... O resto é... é...

Não terminou.

Cecily fechou os olhos e as lágrimas escorriam por suas pálidas faces.

Orlando não foi para ela. Olhou Pitt um momento e depois se inclinou sobre o corpo imóvel de seu pai.

— Feliz noite eterna, amado príncipe – sussurrou—, e coros de anjos... – Mas ele tampouco pôde terminar sua frase, que rasgava seu coração.

Pitt se voltou e saiu, seguido de Tellman, com lágrimas nos olhos.

Fim



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**